



# PUC RIO

MONICA DE VASCONCELLOS DIAS

A CONSTRUÇÃO DO CASAL: UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES CONJUGAIS  
CONTEMPORÂNEAS

TESE DE DOUTORADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, Abril de 2000.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

**Monica de Vasconcellos Dias**

**A construção do casal: um estudo sobre as relações conjugais  
contemporâneas.**

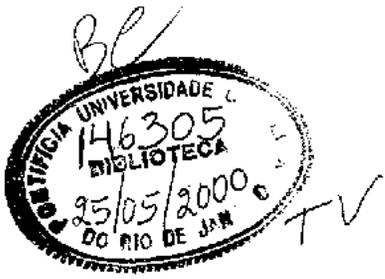
Tese apresentada ao Departamento de  
Psicologia da PUC-Rio como parte dos  
requisitos para a obtenção do título de Doutor  
em Psicologia Clínica.

Orientadora: Profa. Dra. Terezinha Féres  
Carneiro

Departamento de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 18 de Abril de 2000

99203



150  
D54!  
TESE UC

## Meus agradecimentos

- A Terezinha Féres Carneiro, orientadora da tese, pelo apoio, carinho e confiança sempre presentes.
- A Ricardo Pessoa Arrais, meu companheiro, pelo incentivo nessa jornada.
- A meus pais, pelo carinho e estímulo.
- Aos entrevistados nesta pesquisa, que, gentilmente, abriram espaços em suas agendas cotidianas e se dispuseram a compartilhar comigo as suas vivências, possibilitando que esse trabalho fosse realizado.
- Aos amigos que colaboraram no "recrutamento" dos entrevistados.
- Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), pela ajuda financeira recebida durante o curso.
- Aos colegas e professores do programa de pós-graduação, pela troca de idéias na elaboração desse trabalho.
- A Marize e Verinha, secretárias da pós-graduação, pelo apoio nas rotinas administrativas.
- Aos funcionários da biblioteca da PUC, pelas inúmeras horas de ajuda nas buscas bibliográficas.

## Resumo

Este trabalho pretende abordar as relações conjugais contemporâneas a partir da discussão de suas características peculiares, dos princípios que orientam os casais nos seus relacionamentos e da repercussão destes na construção da conjugalidade. Partimos da premissa de que, nos relacionamentos contemporâneos, existe uma tensão constante entre a busca de individualização dos parceiros e as necessidades de integração da relação. Os ideais que orientam os casais na construção de seus relacionamentos apontam para uma maior valorização dos indivíduos e da satisfação de suas necessidades. Contudo, a vida em comum cria demandas que diminuem a atuação do indivíduo e favorecem o contexto compartilhado. Desta forma, para viabilizar os seus relacionamentos, os casais têm que conciliar as demandas de autonomia e auto-realização dos seus membros com a construção de um universo comum. Sendo assim, para verificar como os casais contemporâneos estão enfrentando as dificuldades e os dilemas inerentes à construção de um relacionamento com demandas contraditórias, realizamos uma pesquisa de campo com 14 casais da classe média carioca. Nessa pesquisa, pudemos constatar que, entre as principais dificuldades para a construção do relacionamento conjugal, está a busca de equilíbrio entre as necessidades individuais e as demandas conjugais; verificamos que, os entrevistados se esforçam para construir um espaço comum de interação, mas querem, também, manter as suas diferenças individuais. A necessidade de integração dos cônjuges e a percepção de suas diferenças os leva a delimitarem espaços para assegurar as suas vivências em comum e a expressão de suas individualidades. O respeito às diferenças individuais é um pressuposto básico na construção do relacionamento e os parceiros buscam se relacionar baseados no conhecimento das peculiaridades de cada um. Isso requer dos cônjuges uma disposição permanente para observarem a si mesmos, ao outro e, a partir disso, construir o relacionamento. Além desta constatação, a pesquisa de campo nos permitiu observar outras questões presentes no casamento contemporâneo e delinear alguns dos seus dilemas e desafios correspondentes. O material obtido com as entrevistas propiciou a discussão de vários aspectos significativos para a compreensão das relações conjugais contemporâneas e permitiu destacar algumas diferenças relevantes para homens e mulheres, no que se refere aos seus posicionamentos frente à relação conjugal.

## Abstract

This work deals with the contemporary marital relationships, analyzing their characteristics traits, the principles that guide couples in their marriages and the influence of these principles in the construction of conjugality. It is assumed, as a premise, that there is a constant tension between the partners' search for individualization and the needs of integration in contemporary marital unions. The ideals that guide the couples in the construction of their relationship place a high value in individuals and the satisfaction of their needs. Marriage, however, generates demands that diminish individual actions and favor partaking contexts. Therefore, in order to accomplish their desire to have a life in common, spouses have to come to an agreement on their demands of autonomy and self-fulfillment together with the construction of a common universe. Hence, to verify how modern couples are facing the difficulties and dilemmas that are inherent to the development of a relationship surrounded by contradictory demands, 14 middle class couple were interviewed. The field study enable us to observe that the search for balance between individual needs and the needs of the couple represents one of the main difficulties in the construction of a marital relationship. The effort the subjects seemed to make to build a common space of interaction without giving up their individual differences was noticed throughout the interviews. The partners' need of integration and the perception of their differences compel them to limit spaces to assure the possibility of common experiences and the expression of their individualities. The respect for the individual differences is a basic principle in the construction of the relationship and in order to relate to each other the spouses apply the mutual knowledge they have of their peculiarities. This task requires a constant disposition from the partners to observe themselves as well as one another to start building the marital relationship. The field study also allowed us to observe other questions which are part of contemporary marriage and to outline some of its dilemmas and their correspondent challenges. The result of the interviews not only led us to discuss several aspects that seemed relevant to the understanding of contemporary marriage, but also underline some significant differences in the way men and women place themselves in a marital relationship.

## Sumário

Introdução.....	1
1- Contextualizando a família e o casal contemporâneos .....	7
1.1 - A família e o casal na contemporaneidade.....	7
1.2 - Considerações sobre as transformações do modelo de família e casamento.....	13
1.3 - Ideais igualitários e relações conjugais.....	16
1.4 - As transformações nos ideais de relações amorosas e conjugais.....	20
1.5 - A idealização do amor- paixão nas relações conjugais contemporâneas.....	23
2 - A conjugalidade e suas vicissitudes.....	29
2.1 - O processo de instalação do casal.....	32
2.2 - Formação da conjugalidade: a construção de uma realidade comum.....	38
2.3 - Construções comuns e diferenças individuais.....	40
2.4 - O conjugal e o individual.....	43
3 - Pesquisa de campo.....	48
3.1 - Metodologia.....	50
3.1.1 - Os sujeitos da pesquisa.....	50
3.1.2 - O método.....	53
3.1.3 - A realização das entrevistas.....	56
3.1.4 - A análise das entrevistas.....	58

4 - Análise e discussão das entrevistas.....	61
4.1 - 1ª Categoria: Concepções de casamento.....	61
4.1.1 - Casamento como construção.....	61
4.1.2 - Casamento como espaço de concessões e de diferenças.....	74
4.1.3 - Casamento como espaço de crescimento e de estabilidade.....	85
4.1.4 - Casamento como apoio mútuo e suporte emocional.....	94
4.1.5 - Casamento: companheirismo x erotismo.....	99
4.2 - 2ª Categoria: Ideais de conjugalidade.....	110
4.2.1 - Ideais e modelos de relacionamento.....	110
4.2.2 - Considerações sobre a manutenção da relação.....	123
4.2.3 - Pressupostos básicos para a relação.....	137
4.3 - 3ª Categoria: Delimitação de espaços individuais e compartilhados.....	145
4.3.1 - Conciliando e delimitando espaços.....	145
4.3.2 - O manejo da individualidade na conjugalidade.....	157
4.4 - 4ª Categoria: Família e filhos: impactos na relação conjugal.....	168
4.4.1 - A família e suas interferências.....	168
4.4.2 - Os filhos e as mudanças no relacionamento conjugal.....	173
4.4.3 - Constituintes de uma família: as transformações individuais.....	181
4.5 - 5ª Categoria: Desafios e dificuldades da relação conjugal contemporânea.....	187
4.5.1 - Alguns valores contemporâneos.....	187
4.5.2 - Questões financeiras.....	192
4.5.3 - A organização do espaço doméstico.....	198
5 - Conclusão.....	207
Bibliografia.....	216

## Introdução

As relações familiares e conjugais têm passado por muitas transformações no que diz respeito à sua forma de organização e aos valores que orientam a sua constituição. Sob o ponto de vista da organização, os arranjos conjugais e familiares se diversificaram bastante e, atualmente, abarcam desde o modelo tradicional, a família nuclear, até outras formas menos convencionais, como as famílias formadas por casais coabitando sem vínculos legais, casais recasados, entre outras. As relações conjugais e familiares mudaram, principalmente, impulsionadas pela necessidade de acompanhar as buscas de auto-realização e de autonomia dos seus membros. Na contemporaneidade as relações tendem a ser plurais e flexíveis, pois procuram se adequar às diferentes demandas daqueles que a compõem (Doherty, 1992; Vaitsman, 1995).

A entrada na vida conjugal se dá por várias modalidades e o casamento, que antes marcava o início da vida em comum, tornou-se, para muitos, uma etapa facultativa. Atualmente, o casal pode se constituir pela via da instituição, da partilha da mesma moradia ou, até mesmo, somente pelos seus laços afetivos-sexuais. O casal contemporâneo tem contornos imprecisos, é menos institucionalizado e menos estável. De um modo geral, o casal tende a se constituir de forma gradual, com os parceiros se experimentando na situação conjugal sem, necessariamente, se inserirem num quadro institucional pré-estabelecido. Na construção do casal contemporâneo, os cônjuges preferem se concentrar mais na sua relação afetivo-sexual e ir construindo o seu universo conjugal a partir das vivências em comum, do que se apoiar em regras definidas previamente pelo contexto social. Assim, a integração conjugal é feita, paulatinamente, com os parceiros se adequando aos seus papéis à medida que vão se relacionando no cotidiano. Desta forma, os membros do casal vão avaliando as possibilidades de estabelecerem um “acordo conjugal” que contemple tanto os seus interesses individuais quanto estruture uma identidade comum (Kaufmann, 1995).

Do ponto de vista dos valores que orientam a construção das relações conjugais e familiares, podemos dizer que o casal foi, pouco a pouco, se “individualizando” da família extensa e centrando-se sobre si mesmo. O vínculo conjugal foi se transformando na medida em que foi se afastando da idéia de que constituía uma extensão das famílias de origem, e se aproximando da noção de que o laço entre os membros do casal é algo que diz respeito mais aos indivíduos envolvidos do que às suas famílias. Atualmente, o vínculo conjugal se privatizou ainda mais, pois é definido a partir das concepções que os parceiros têm do relacionamento (Singly, 1993).

Nos relacionamentos conjugais contemporâneos há uma psicologização do vínculo e uma valorização da atenção às necessidades individuais na relação. A satisfação dos indivíduos tornou-se a principal demanda dos relacionamentos e, nesse sentido, a qualidade das suas trocas afetivas é mais enfatizada. Assim, o importante para os casais é estar junto em função de seus laços afetivos-sexuais e manter a relação enquanto esta for prazerosa para ambos (Singly, 1993; Théry, 1996).

Na contemporaneidade, a constituição do casal tornou-se mais complexa, porque os indivíduos envolvidos têm mais exigências para a formação e para a manutenção da relação. O que regula a relação é a satisfação pessoal de seus membros. Portanto, se um dos cônjuges não continua a dar ao outro as satisfações esperadas, e o casal não está feliz junto, o relacionamento não tem por que continuar. O compromisso dos cônjuges com a relação é condicional e se mantém enquanto esta for prazerosa para ambos, assim, o laço conjugal é mais instável e sujeito a redefinições ou rompimentos. A relação tem o seu vínculo e a sua continuidade constantemente avaliados e negociados pelos parceiros, pois o compromisso maior no relacionamento é o de apoiar o crescimento e o desenvolvimento dos indivíduos (Goldenberg, 1991; Giddens, 1992; Singly, 1993).

A relação conjugal tornou-se um espaço auxiliar para a construção das identidades pessoais e, desta forma, a atenção às necessidades e demandas individuais é maior. A busca de autonomia e de realização pessoal dos cônjuges é um aspecto valorizado e, nesse sentido, o espaço conjugal não pode se constituir como um empecilho para o desenvolvimento e para a realização dos parceiros

enquanto indivíduos. A relação conjugal deve acompanhar os movimentos das trajetórias de vida dos seus membros e se adaptar às suas mudanças, procurando dar suporte ao seu desenvolvimento (Singly, 1993).

O contexto contemporâneo é marcado por uma grande ênfase no domínio do indivíduo sobre sua própria vida, assim como, pela valorização de suas buscas de autonomia, auto-realização e satisfação. Contudo, apesar da maior valorização das necessidades individuais nas relações conjugais, a constituição de um casal exige dos parceiros a criação de estruturas comuns, a “unificação” de valores e de objetivos. Assim, embora, os indivíduos entrem no relacionamento conjugal com as suas necessidades e demandas particulares, estas devem ser transformadas para que o casal possa se constituir e se desenvolver. Desta forma, quando um casal decide viver junto, os interesses e os desejos de cada parceiro precisam ser redefinidos para favorecer a construção de um universo comum. Em decorrência disso, os parceiros têm que se voltar mais para a satisfação das suas demandas conjuntas do que para as suas necessidades individuais, o que pode acarretar alguns conflitos se as demandas do casal não puderem ser conciliadas com as demandas dos seus membros (Berger e Kellner, 1988; Menahem, 1988; Singly, 1993; Willi, 1995).

Equilibrar necessidades e demandas individuais com as conjugais é um desafio para a constituição de qualquer casal, mas na contemporaneidade isso fica mais marcado, porque os ideais que embasam os relacionamentos valorizam tanto a autonomia individual quanto a integração conjugal. No casamento contemporâneo, a constituição da conjugalidade não pode se dar “suprimindo” a individualidade dos parceiros. Por outro lado, na formação da conjugalidade, as fronteiras individuais também não estão muito delimitadas, pois, o conjugal transforma os indivíduos envolvidos e estes, por sua vez, transformam o conjugal, num fluxo constante de demandas. Desta forma, é importante considerar que, na construção da relação os aspectos individuais se articulam com os conjugais.

Segundo Kaufmann (1995), os indivíduos vão se convertendo em membros de um casal através de um processo de integração gradativo. Na primeira fase de integração conjugal, há uma “subversão” das referências individuais e uma redefinição destas a partir da relação com o outro. Através desse processo, os parceiros constroem um universo de referências comuns que vai apoiar a sua

identidade conjugal. Nesta fase, os parceiros buscam uma integração e não levam em consideração as suas diferenças individuais, são movidos pelo sentimento que os une.

A segunda fase de integração conjugal se inicia com a convivência dos parceiros. Pouco a pouco, os membros do casal vão aumentando as suas referências comuns e adquirindo o “conforto” e a estabilidade de uma identidade compartilhada. Nesta etapa, os parceiros definem regras, rotinas e papéis que consolidam a sua identidade conjugal.

A terceira fase de integração conjugal é marcada, tanto pela segurança proporcionada pela identidade compartilhada, quanto pela percepção das diferenças individuais. Nesta fase, os sentimentos intensos que impulsionaram a primeira etapa da integração conjugal já se atenuaram e o universo comum está bem organizado.

Assim, quando a identidade conjugal está suficientemente marcada, os parceiros começam a querer demarcar as suas fronteiras individuais, estabelecendo seus limites e defendendo os seus espaços pessoais. O casal inaugura, então, um novo modo de trocas, que tenta administrar as necessidades individuais e conciliá-las com as conjugais. Deste modo, como membros de um casal, os indivíduos se esforçam para preservar e apoiar a sua conjugalidade, mas buscam, também, delimitar espaços para expressar as suas individualidades em um contexto que não seja tão compartilhado. (Kaufmann, 1988 e 1995)

O esmaecimento das fronteiras individuais e a sua posterior reafirmação fazem parte do caráter contraditório da construção da conjugalidade; que, a princípio, nega as diferenças individuais e acentua as semelhanças, mas, não pode sustentar permanentemente a indiferenciação dos membros do casal. Nesse processo, os parceiros oscilam entre negar as suas singularidades, em favor da integração conjugal, e marcar as suas diferenças para reafirmar as suas fronteiras individuais. Isso torna a construção e a manutenção da relação conjugal uma tarefa delicada e complexa.

O grande desafio do casal contemporâneo é, então, por um lado, viabilizar a construção de um universo comum sem anular a individualidade dos seus membros e, por outro, permitir que os indivíduos se diferenciem sem que isso inviabilize a manutenção do casal. Nesse sentido, as dificuldades do casamento contemporâneo

decorrem, principalmente, das suas tentativas de conciliar demandas contraditórias, como apoiar os indivíduos em seus processos de desenvolvimento e viabilizar a manutenção do casal.

Sendo assim, buscamos, nesta tese de doutorado, estudar as relações conjugais contemporâneas a partir da discussão de suas características peculiares, dos princípios que orientam os casais em seus relacionamentos e da repercussão destes na construção da conjugalidade. Para desenvolvermos este trabalho, além de uma discussão teórica do tema, apresentaremos também uma pesquisa de campo que realizamos com um grupo de casais da classe média carioca. A análise e a discussão da pesquisa de campo ocupam a maior parte do trabalho, pois consideramos que o tema abordado nesse estudo é melhor desenvolvido a partir da observação daqueles que vivem uma relação conjugal na contemporaneidade. Escolhemos como sujeitos da pesquisa um grupo de casais da classe média, pois, neste segmento, valores como a busca de autonomia e realização pessoal são mais difundidos. Nesse sentido, acreditamos que poderíamos observar melhor, neste grupo, as tentativas de conciliar o apoio ao desenvolvimento dos parceiros com as necessidades de integração da relação. Nosso objetivo nesse trabalho é verificar quais são as concepções de casal e de casamento que embasam esses relacionamentos e como estas repercutem na construção da conjugalidade.

O estudo será desenvolvido em 5 capítulos. No capítulo 1, faremos uma contextualização da família e do casal contemporâneos, a partir da discussão das transformações dos seus ideais e modelos de relacionamento. No capítulo 2, abordaremos o processo de construção da conjugalidade e as suas articulações com os aspectos individuais e conjugais. No capítulo 3, apresentaremos a metodologia utilizada na pesquisa de campo que realizamos com casais da classe média carioca. No capítulo 4, o mais extenso, desenvolveremos a análise e a discussão das entrevistas realizadas, procurando articular o discurso dos entrevistados com os tópicos discutidos nos capítulos 1 e 2. No capítulo 5, concluiremos esse estudo apresentando os principais resultados encontrados no trabalho de campo.

## Capítulo 1

### Contextualizando a família e o casal contemporâneos

## **1 - Contextualizando a família e o casal contemporâneos**

### **1.1 - A família e o casal na contemporaneidade**

De um modo geral, a influência da família na gerência da vida do casal e dos indivíduos tem declinado na contemporaneidade e a busca de auto-realização e de autonomia pessoal tem sido mais enfatizada. A família e o casal contemporâneos vêm adquirido características bastante individualistas.

Singly (1993) afirma que, na família contemporânea existe uma grande atenção à qualidade das relações interpessoais. Segundo o autor, a família tornou-se um espaço no qual os indivíduos pensam proteger sua individualidade. A família contemporânea tem por característica a independência dos círculos de parentesco e a independência dos seus membros, homens e mulheres, em relação à família formada. No mundo contemporâneo, homens e mulheres organizam suas vidas dentro de uma moldura de reivindicação de independência. A desvalorização do lugar da dependência frente ao círculo de parentes provoca uma distância entre esse círculo e a família nuclear. Entretanto, a busca de autonomia individual, no seio da família, não exclui a construção de zonas comuns, nem a convivência participativa de seus membros. De acordo com Singly, a família contemporânea se constitui como um espaço privado onde seus membros têm tido, cada vez mais, interesse em estar juntos, em partilhar uma intimidade e, têm estado mais sensíveis à qualidade de suas relações. Houve um aumento do peso da afetividade na regulação das relações intra-familiares. A família contemporânea se afastou dos círculos de parentesco e vizinhança e centrou-se sobre si mesma e seus relacionamentos internos.

Singly enfatiza que a família contemporânea está subordinada à qualidade das suas relações interpessoais. Cada vez mais, são as relações entre homens e mulheres, entre pais e filhos que fundam o sentimento de viver em família e, cada vez menos, os lugares do parentesco repousam sobre a propriedade e os bens comuns do grupo. As famílias são centradas não mais sobre a transmissão do

patrimônio econômico, mas sobre as satisfações relacionais. Na família contemporânea, a perenidade do grupo familiar é menos valorizada que a qualidade das relações interpessoais.

A independência crescente da família em relação ao seu círculo de parentes propiciou uma maior autonomia do casal frente às gerações anteriores. O vínculo conjugal se *fortificou*, no sentido de o casal investir afetivamente mais na família nuclear do que na família de origem. Os cônjuges estão mais disponíveis um para o outro e para seus filhos, do que para seus pais, irmãos, tios, primos, etc. Na família contemporânea, há um certo afastamento do casal em relação à família de origem, mas não um rompimento dessas relações.

Segundo Singly (1993), o casamento, geralmente, desestabiliza muito os laços entre filhos adultos e seus pais. Entretanto, uma ligação muito estreita entre pais e filhos adultos casados enfraquece a relação do casal. Nas famílias contemporâneas a interferência dos pais na vida dos filhos casados não é bem aceita. Com relação ao casal, é esperado que seja mais independente e autônomo da sua família de origem. Os membros do casal devem estar mais disponíveis para o núcleo que estão constituindo e menos para o núcleo do qual são oriundos.

Estudos e relatos de terapeutas de família confirmam essa perspectiva, na medida em que enfatizam que a diferenciação do casal das suas famílias de origem é necessária para o bom funcionamento da díade conjugal e para o funcionamento desta com seus filhos. Muitos problemas apresentados por casais e famílias em terapia decorrem de uma incapacidade de traçar limites e fronteiras entre o sistema conjugal/parental e suas famílias de origem.

Singly afirma que houve um progressivo desligamento da família do projeto amoroso do casal. O autor cita um estudo<sup>1</sup>, feito a partir da análise de correspondências amorosas do final do século XIX à segunda metade do século XX, que situa o desligamento da família do projeto amoroso do casal em três momentos. No primeiro momento, que corresponde à segunda metade do século XIX e às primeiras décadas do século XX (1860-1920), a família de origem está incluída no projeto amoroso e o casal se pensa e se vê como uma continuação da sua família de

---

<sup>1</sup> HURTEBISE, R. "La parenté dans les rapports amoureux: analyse d'un siècle de correspondances amoureuses au Québec". Em: BAWIN-LEGROS, B. e KELLERHALS, J. (Dir.), *Relations intergénérationnelles. Parenté, transmission, mémoire. Universités de Liège et de Genève, 1991.*

origem. No segundo momento, o período de 1920 a 1960, o casal amoroso toma a sua autonomia em relação às famílias de origem expressando o seu amor como um projeto comum dos parceiros, que se concebem como independentes de suas famílias de origem. No terceiro momento, de 1960 a 1988, o laço amoroso como tal é menos enfatizado, a atenção se desloca para o outro, para sua personalidade; há uma psicologização do vínculo e uma ausência de referências às famílias de origem.

Através dessa análise, podemos perceber uma progressiva mudança na concepção de casal. O primeiro momento nos mostra que o casal era visto como uma parte da família e se definia em relação a esse pertencimento. No segundo momento, era a relação amorosa que definia o casal. E, no terceiro, são os indivíduos envolvidos na relação que definem o casal. Isso nos mostra a progressiva desvalorização da dimensão institucional do casal e o aumento da valorização das necessidades individuais na relação.

Singly (1993) afirma que a transformação da família traduz-se pela ênfase da satisfação pessoal nas relações. As relações são menos valorizadas por elas mesmas e mais pelas satisfações que devem proporcionar a cada um dos membros envolvidos; é a felicidade pessoal que é enfatizada e não a felicidade familiar. Segundo Singly, todas as transformações pelas quais passa a família contemporânea remetem a uma demanda, explícita ou não, de autonomia pessoal e a uma desvalorização dos vínculos de dependência frente às instituições e às pessoas. O casamento, enquanto instituição, é percebido por muitos como um possível encerramento dentro de papéis pré-estabelecidos para homens e mulheres. Enquanto a coabitação é percebida como uma forma de relação menos rígida e, portanto, suscetível de ser adaptada às demandas individuais.

Segundo Kaufmann (1995), antigamente, a entrada na vida conjugal se dava sem muitos questionamentos. O casamento marcava o início do casal e da vida em comum. O casamento constituía uma ruptura entre o tempo da juventude, na família de origem, e a entrada na vida adulta. Os cônjuges rapidamente se inseriam em um conjunto de regras e papéis que definiam as suas práticas conjugais. De um dia para o outro, os indivíduos passavam do papel de filhos, habitando a casa dos pais, ao de esposos, habitando a própria casa e agindo segundo um quadro institucionalizado.

Atualmente, o casal tornou-se uma realidade, ao mesmo tempo, menos institucionalizada e menos estável. Os ensaios informais da vida a dois se difundiram como uma prática comum. A família fundada sobre o casal estável, que era a norma geral, abriu caminho para uma multiplicidade de modelos. O casal continua sendo uma referência central; contudo, o modo de se construir o casal mudou. O casamento em si não define mais o casal ou a vida em comum. A partilha de uma mesma moradia também mostra-se um critério fraco, pois, alguns casais se consideram como tais mesmo não coabitando. A entrada no casal se produz, agora, segundo várias modalidades possíveis. Pode-se constituir pela instituição, pela partilha da mesma moradia, mas também, pela troca interpessoal e pelo laço afetivo. Os limites que definem o casal, hoje, são imprecisos. O casal tende a se constituir por um processo lento e gradual.

A vida a dois é colocada em prática de maneiras diversas. O casamento perdeu a sua exclusividade de iniciador da vida em comum, tornando-se uma etapa facultativa no percurso conjugal. A tendência de se começar o casal de maneira informal, com uma coabitação tornou-se amplamente difundida. A formação do casal é feita de maneira gradual e, muitas vezes, é a regularização das relações sexuais que impulsiona o casal para a coabitação. O estabelecimento da coabitação é progressivo, os parceiros passam do estado de visitantes ocasionais, ao de convidados permanentes e, finalmente, ao de parceiro integral. Acumulando pequenas decisões e estruturando a organização coletiva nascente, o casal se instala pouco a pouco, sem mesmo tomar consciência do fato. O importante para os parceiros é o seu laço afetivo, a qualidade e a autenticidade da relação interpessoal, assim como, a satisfação que um proporciona ao outro. Pouco a pouco, os parceiros se integram num sistema construído por suas pequenas escolhas cotidianas. O casal começa de maneira informal e leve, em torno da relação afetiva e sem o peso de um universo doméstico pré-estabelecido por um quadro institucional. Ao invés de inscrever-se rapidamente em um sistema conjugal, o casal encontra, paulatinamente, as suas referências e desenvolve a sua organização acumulando objetos e definindo regras, enfim, construindo o seu mundo comum. Essa evolução é marcada, muitas vezes, por momentos fortes como o nascimento dos filhos.

Assim, o casal vai se instalando passo a passo e o casamento, que antes fundava o casal, agora tende, cada vez mais, a concluí-lo.

Segundo Singly (1993), o casamento não é mais uma instituição que protege a vida em comum. O período contemporâneo é caracterizado por uma grande ênfase no domínio do indivíduo sobre sua vida, facilitado por um sistema de valores que aprova essa autonomia e desvaloriza a dependência, simbólica ou material, das famílias de origem. O casamento, enquanto instituição, perdeu muito de sua legitimidade, criou-se uma dissociação entre vida conjugal e casamento; duas pessoas envolvidas numa relação amorosa estável podem viver juntas sem se casar, a relação obedece a uma lógica afetiva e não institucional. A vida conjugal tornou-se um dos espaços auxiliares para a construção da identidade pessoal.

De acordo com Singly, a partir dos anos 60, os indivíduos tenderam a ter um engajamento condicional frente ao grupo familiar que constituíram. A mudança mais importante reside na desvalorização da idéia do casamento como uma relação indissolúvel. Na contemporaneidade, a duração do casal não tem valor, se um dos cônjuges não continua a dar ao outro as satisfações esperadas. Quando os cônjuges não estão felizes juntos, não vêem por que devem permanecer juntos em nome de um princípio institucional. A vida conjugal deve seguir os movimentos individuais. Isso torna as relações mais frágeis, na medida em que, o que as regula é a satisfação pessoal de seus membros.

O crescimento da valorização da autonomia dos indivíduos não suprime a necessidade de estabelecer laços conjugais, mas torna mais inaceitável a permanência de uma união percebida como não servindo a construção das identidades pessoais. A estabilidade da relação conjugal depende da negociação dos aspectos essenciais para os parceiros. As relações na contemporaneidade são constituídas em torno dos indivíduos e da construção de suas identidades. O compromisso nessas relações é o de sustentar o crescimento e o desenvolvimento individual. O compromisso com a relação é condicional, a relação se mantém enquanto for prazerosa e útil aos indivíduos. Esse compromisso não é, na maioria das vezes, explícito, mas é validado por representações sociais de relacionamentos amorosos e conjugais, que são difundidas, sobretudo, nas classes médias urbanas.

Singly afirma que, a adesão a um ideal valorizando a autonomia no seio do casal tem suas conseqüências. E, quanto maior é a adesão ao sistema de valores em que as relações devem sustentar, permanentemente, o indivíduo na busca de si mesmo, mais o casal se torna frágil. A atitude que dá mais direitos ao indivíduo em relação ao “nós-família”, autoriza, mais facilmente, a percepção das insatisfações conjugais, de uma parte, e a transformação destas em divórcio, de outra parte. A lógica que preside a fundação das famílias na contemporaneidade é a busca de satisfação das necessidades psicológicas de cada membro do casal.

De acordo com Théry (1996), tradicionalmente, a função da família era a transmissão do patrimônio econômico e moral de uma geração para a outra. Atualmente, entretanto, a família tende a privilegiar a construção da identidade pessoal dos seus membros, tanto nas relações conjugais quanto nas relações entre pais e filhos. A família se insere em um movimento de crescente psicologização e sentimentalização dos seus laços. A intersubjetividade tornou-se um princípio dominante. O indivíduo é percebido como uma singularidade que tem necessidade do outro para se construir e torna-se uma referência fundamental nessa concepção de família.

Théry afirma que, a família contemporânea pode ser definida como uma rede de relações afetivas e de solidariedades construídas de acordo com uma lógica particular que se apóia nas suas trocas afetivas. Nessa concepção, a família é definida e constituída a partir dos indivíduos, das suas necessidades e desejos, mas também apoiada na solidariedade e no dever, definidos segundo a sua lógica interna.

O laço conjugal é definido, pelos seus membros, a partir de uma história e uma trajetória compartilhadas. O laço conjugal é fundamentalmente individual, privado e contratual, portanto, mais precário e sujeito a redefinições ou rompimentos. Para Théry, a escolha de se casar ou coabitar, de se divorciar ou se separar são entendidas como questões pessoais. O casamento pode ser rompido quando os cônjuges desejarem. E, a vida em comum não supõe mais, necessariamente, o casamento. Essa privatização do laço conjugal diminui a função da instituição casamento. O casamento não é mais visto como o principal centro das representações de família e casal.

Segundo Théry, essa liberdade de escolha redefine os riscos e as realizações possíveis no casamento contemporâneo. Para a autora, a novidade do casamento contemporâneo está, não no aumento da valorização do sentimento e da afetividade, mas na sua temporalidade. O “descasamento” e o recasamento introduzem novos desafios para os indivíduos e para a formação dos seus laços familiares.

Tradicionalmente, era o casamento que estabelecia os laços de parentesco e que permitia dar um pai às crianças; definindo o lugar de cada um, assegurando direitos e deveres oriundos da filiação e da aliança. A perenidade do casamento definia o parentesco. Agora, esse fundamento tornou-se fluido, pois o casamento, por si só, não pode mais instituir a família. O divórcio define a separação do casal, mas não o rompimento dos laços entre pais e filhos. Desta forma, o parentesco é transferido da aliança para a filiação.

De acordo com Théry, nas famílias recasadas, ou recompostas, a questão do parentesco torna-se ainda mais complexa. As relações entre os cônjuges e os filhos do casamento anterior, e os do casamento atual, se estruturam em torno de um universo de normas e referências ainda mais complexo e diverso. E, os membros dessas famílias precisam gerir essa complexidade, para conseguir estabelecer laços afetivos estáveis e relações de parentesco tanto a partir da filiação quanto das afinidades.

## **1.2 - Considerações sobre as transformações do modelo de família e de casamento.**

Vaitsman (1995) afirma que o casamento fundado na concepção de amor singular, eterno e dirigido a um indivíduo único e insubstituível ficou para trás. Nas circunstâncias atuais, a noção de eternidade das relações e dos sentimentos está abalada. Com isso, casamentos e famílias desfazem-se e refazem-se continuamente.

Segundo Vaitsman, o tipo moderno de família e casamento entrou em crise porque foram abalados os seus fundamentos básicos: a divisão sexual do trabalho e a dicotomia entre público e privado, definidas segundo o gênero. As mulheres aumentaram sua participação no mundo público, redefinindo, assim, as fronteiras

entre o público e o privado atribuídas segundo o gênero. Passaram a desempenhar papéis na esfera pública e não mais restringiram as suas aspirações ao casamento, aos filhos e ao lar.

De acordo com Vaitsman, a família moderna era estruturada por uma hierarquia de funções e papéis, que impedia o exercício da igualdade pelos dois sexos. Ao homem cabia o domínio público e a mulher o domínio privado. Nesse contexto, a individualidade feminina e masculina só podiam se expressar dentro da dicotomia público/privado. Assim, embora o casamento fosse resultado de uma escolha pessoal, essa era constrangida pelos papéis que definiam cada um. Nesse tipo de casamento, a individualidade feminina se subordinava à masculina.

Segundo Vaitsman, a desigualdade institucionalizada no casamento fazia com que a livre escolha fosse mais um princípio que uma prática. Mas, quando a divisão dos domínios, papéis e funções foi redefinida, e homens e mulheres passaram a se ver como iguais, criaram-se condições favoráveis para que se manifestasse o conflito e aumentasse o número de separações.

A maior igualdade sexual fez aflorar a fragilidade do casamento e da família estruturados sob normas patriarcais, abrindo espaço para a eclosão de conflitos e dificultando a estabilidade das relações a longo prazo.

“Quando homens e mulheres passam a se definir como iguais, torna-se mais fácil para ambos - social e pessoalmente - dissolver o casamento, que agora é mantido muito mais em função da satisfação individual que dos imperativos da divisão sexual do trabalho ou da família enquanto instituição.” (Vaitsman, 1995: 348)

Os conflitos provocados pela ruptura da dicotomia entre papéis sexuais e um cotidiano marcado por instabilidades, incertezas e mudanças, sinalizam a crise e a transformação do modelo de família e casal na contemporaneidade. Atualmente, as formas de institucionalização do casamento e da família são marcadas pela fragmentação, instabilidade e incerteza que integram o cotidiano dos indivíduos. As práticas e os sentimentos duradouros e estáveis perderam muito de sua sustentação social e força cultural.

A expansão da individualidade de ambos os sexos, para além das dicotomias de gênero, propiciou aspirações e projetos de vida diferentes para os cônjuges, criou uma coexistência de papéis públicos/privados e instaurou conflitos em torno das

atribuições de homens e mulheres no casamento, tornando “obsoleto”, em alguns segmentos, o modelo tradicional de casamento e família. Diferentes padrões de institucionalização das relações afetivo-sexuais passaram legitimamente a coexistir. As relações conjugais não formalizadas legalmente generalizaram-se, assim como, as separações e os recasamentos. As novas práticas, decorrentes desses diferentes arranjos, incorporaram-se ao imaginário social e individual e instaurou-se uma pluralidade de opções.

Segundo Vaitsman, a inexistência de um modelo único evidencia o pós-moderno nas práticas e nos discursos sobre casamento e família. As condições da pós-modernidade, que se caracterizam pela heterogeneidade, pluralidade, instabilidade e incerteza, aumentaram as alternativas possíveis de comportamento e institucionalização das relações afetivo-sexuais. Esses traços sinalizam novos modos de institucionalização de escolhas e novas maneiras de “administrar” as relações afetivo-sexuais.

“ Em contextos em que o individualismo se expandiu e as hierarquias de gênero foram abaladas, homens e mulheres, diante de situações de vida instáveis, fragmentadas e que mudam a um ritmo acelerado, flexibilizam seus comportamentos. Os discursos pretendendo normatizar de forma universalizante os comportamentos afetivo-sexuais e as práticas de família e casamento não desapareceram. Agora, porém, convivem com outros tipos de discursos, muito mais voltados para o presente e que reconhecem o sentido de efemeridade e contextualidade das situações individuais como um fato, pragmaticamente.”(Vaitsman, 1995: 349).

As condições da contemporaneidade criaram novos desafios para as relações familiares e conjugais, forçando-as a uma redefinição, para adaptar-se às diferentes demandas. No contexto contemporâneo, as relações são pluralistas, a diversidade e a flexibilidade tornaram-se valores importantes na construção das famílias e dos casais.

Segundo Doherty (1992), o período contemporâneo é marcado pelo surgimento da família pluralista (ou pós-moderna), que se caracteriza pela multiplicidade de tipos familiares e abrange como possibilidade vários arranjos. Arranjos considerados desviantes no passado, tais como famílias divorciadas, recasadas, coabitantes, monoparentais etc tornaram-se possibilidades viáveis na família pluralista. A diversidade é a sua característica básica. Ao invés de um único

modelo de família, surgiu uma variedade de tipos possíveis, que os indivíduos podem escolher de acordo com as suas necessidades e conveniências.

A satisfação e a realização dos indivíduos são valores proeminentes na família pluralista, mas a flexibilidade é a sua principal característica. Na família pluralista os indivíduos têm a possibilidade de criar a forma familiar que melhor se adapte às suas necessidades e às mudanças que surgem ao longo do seu ciclo de vida. Contudo, pela sua flexibilidade e o seu respeito à diversidade, a família pluralista é mais sujeita a ambivalências e contradições internas. Nesse tipo de família, cada arranjo possível traz, também, os seus próprios desafios, que têm que ser contornados, muitas vezes, unicamente pelos seus membros.

### **1.3 - Ideais igualitários e relações conjugais**

Nos anos 60 e 70, houve um grande questionamento da instituição do casamento, principalmente, da sua maneira rígida e hierarquizada de distribuir papéis, funções e domínios de acordo com o sexo dos cônjuges. O questionamento da posição de homens e mulheres na família acompanhou mudanças sociais, tais como: a difusão da pílula anticoncepcional, a instituição do divórcio, o ingresso da mulher no mercado de trabalho e o movimento feminista, entre outras. Esse questionamento acarretou uma flexibilização dos papéis e funções de homens e mulheres, dentro do casamento, e propiciou, também, a busca de um relacionamento diferente entre o casal, mais íntimo e igualitário, mais amoroso e menos institucional.

A partir de então, passou a ser mais importante, para os casais, estar junto em função de suas afinidades afetivo-sexuais e intelectuais e manter a relação enquanto for prazerosa para ambos, do que viver de acordo com papéis pré-estabelecidos e ter vínculos institucionais, jurídicos/religiosos. Estes tornaram-se, do ponto de vista afetivo da relação, mais dispensáveis para o seu pleno desenvolvimento. A satisfação dos indivíduos tornou-se a demanda principal dos relacionamentos e a qualidade das trocas afetivas, sexuais e intelectuais foi mais enfatizada. Nessa perspectiva, a ênfase passou a ser no casal e não no casamento.

Os ideais que permeiam as relações conjugais contemporâneas são influenciados pela difusão de conceitos psicanalíticos, psicológicos e por uma configuração individualista-igualitária. Os casais buscam, sobretudo nas classes médias urbanas, um relacionamento conjugal com uma integração psicológica, sexual e intelectual. Uma relação em que haja uma igualdade entre os parceiros e onde o vínculo seja estabelecido mais por desejos internos do que por convenções sociais. Um relacionamento que não seja nem tão efêmero nem tão definitivo, com uma duração negociada em função do desejo dos parceiros.<sup>2</sup>

Os casais contemporâneos buscam viver seus relacionamentos conjugais dentro de ideais individualistas-igualitários, mas nem sempre conseguem realizá-los efetivamente. Até porque, estes ideais, muitas vezes, vêm acompanhados de desejos contraditórios, que emergem da tentativa de integrar diferentes modelos de relacionamento. A perspectiva igualitarista engendra uma situação peculiar para os casais, homens e mulheres se percebem como diferentes idiossincraticamente, mas como iguais enquanto indivíduos. Assim, se relacionam tendo a igualdade como parâmetro para buscar o seu desenvolvimento individual e acentuar as suas singularidades.

Segundo Salem (1989), o princípio da igualdade nos relacionamentos conjugais contemporâneos não postula que homens e mulheres sejam substancialmente iguais, mas atribui uma indistinção valorativa aos seus domínios e atributos. Desta forma, as possibilidades de homens e mulheres não se circunscrevem a domínios pré-estabelecidos e os universos femininos e masculinos podem ser transitados por ambos. Para Salem, o princípio da igualdade não pode comprometer o exercício do idiossincrático. A igualdade se constrói com a diversidade e as pessoas para serem iguais devem poder ser diferentes. Assim, numa relação igualitária, homens e mulheres são iguais enquanto indivíduos, mas distintos em suas singularidades.

Knudson-Martin e Mahoney (1996) afirmam, contudo, que o ideal de igualdade conjugal é socialmente construído e o que as pessoas definem como ser igual é influenciado por modelos do contexto social. Os valores e as normas sociais permeiam a nossa maneira de pensar o casamento e o comportamento de maridos e

---

<sup>2</sup> Cf. Salem (1989), Soares (1989), Goldenberg (1991)

mulheres. Dentro desse contexto, homens e mulheres percebem-se e estabelecem comparações entre si e entre seus relacionamentos. Assim, as realidades culturais e políticas são trazidas para dentro do processo de construção dos relacionamentos.

As autoras afirmam que a maioria dos casais vive em seus relacionamentos um mito de igualdade, criam uma ilusão de igualdade que esconde práticas desiguais. Muitas idéias de igualdade, estabelecidas como premissas pelos casais e definidas como justas, podem ser influenciadas pelo que cada um considera apropriado ao seu gênero. Os casais tendem a subestimar a extensão pela qual as relações de gênero são institucionalizadas no contexto de suas relações e, também, como as identidades de gênero internalizadas influenciam, sutilmente, as suas decisões individuais e a dinâmica de suas relações. Através do processo de socialização de gêneros, homens e mulheres aprendem o que é esperado deles na sociedade. Isso forma um conjunto de expectativas que é internalizado cedo em suas vidas e estrutura as suas experiências. Tudo isso é trazido para o relacionamento conjugal e os parceiros entram no relacionamento com diferentes premissas, regras de negociação e modos de interpretar os comportamentos e responder a eles no relacionamento. O modo como o casal negocia o que é "justo" e "igualitário" no relacionamento é influenciado por esses fatores. Assim, o que o casal define como "justo" ou "igualitário" pode não corresponder às necessidades de ambos os parceiros e não levar em consideração o bem-estar mútuo.

Para Knudson-Martin e Mahoney, um relacionamento igualitário requer um senso de equidade, uma via de acomodação dupla, com cada parceiro tendo poder para moldar o relacionamento de um modo que beneficie e sustente o bem-estar de ambos. Num relacionamento igualitário, cada parceiro tem a mesma capacidade de conseguir a cooperação do outro para a realização de seus objetivos e ambos estão atentos para se adaptarem ao outro. Tal comportamento implica uma interação de reciprocidade, onde existe um interesse mútuo na experiência do outro e os papéis no relacionamento são organizados para alcançar o bem-estar de ambos.

Os casais contemporâneos tendem a entrar no relacionamento esperando igualdade. Mas o desenvolvimento de um relacionamento, efetivamente, igualitário é extremamente difícil, pois requer uma negociação constante e uma conscientização dos papéis de gênero internalizados. Construir um relacionamento

negociado pode ser um conflito potencial para muitos casais, uma vez que terão que lidar com expectativas e demandas diferenciadas e chegar a um acordo. É preciso muita disposição para criar novos modos de organizar suas relações e fazer frente tanto às expectativas internalizadas, de desempenho de papéis, quanto aos ideais de igualdade difundidos socialmente. Por isso, muitas vezes, os casais preferem resolver os seus dilemas de gênero com um mínimo de confronto explícito, distribuindo os papéis e as tarefas, no relacionamento, em função do que consideram que cada um “faz melhor”.

A maioria dos casais não começa o seu relacionamento com um acordo explícito sobre a divisão de papéis. Esse é um processo imperceptível em que as decisões vão sendo tomadas através de uma longa série de pequenas ações e reações. Contudo, Knudson-Martin e Mahoney sugerem, com base em sua prática clínica, que nos casamentos igualitários as negociações entre o casal são em maior número e feitas de maneira explícita. As decisões são tomadas após uma grande discussão e existe uma negociação sobre os desejos e necessidades mútuas. As autoras afirmam que somente os casais que conscientemente mudam seus estilos de relacionamento, comunicando emoções e não se afastando diante dos conflitos estão aptos a ter um relacionamento igualitário. A igualdade requer negociação consciente e constante, bem como, atenção e empenho de ambos os parceiros. Poucos casais têm sido capazes de alcançar totalmente a igualdade e o mito da igualdade parece ser bem mais freqüente. Neste, os casais se definem como iguais e não percebem o quão desiguais são. Negociar as diferenças parece ser o primeiro passo para um relacionamento igualitário.

Para Giddens (1992), a autonomia é uma condição necessária para os parceiros se relacionarem de forma mais igualitária. A autonomia permite o respeito pelas qualidades do outro e o reconhecimento de que o desenvolvimento de suas potencialidades não é uma ameaça a relação. O outro é um ser independente que pode ser amado por seus traços e qualidades peculiares e não pela sua complementariedade em relação ao parceiro.

Segundo Giddens, a natureza dos laços afetivos se modifica na medida em que estão sujeitos a uma maior negociação e o relacionamento é visto como um encontro de pessoas independentes e iguais. Nesse contexto, a comunicação livre e

aberta entre os parceiros é uma condição necessária para a intimidade e a qualidade da relação. A confiança no outro e no vínculo tem que ser desenvolvida tendo como base a intimidade e a comunicação. A intimidade é entendida como uma abertura para o outro, um tornar-se disponível para a troca, para conhecer e revelar as peculiaridades de cada um. A abertura para o outro exige a explicitação dos limites pessoais através de um processo comunicativo. A promessa de intimidade contida nesse tipo de relacionamento depende, fundamentalmente, da igualdade entre os parceiros e de uma comunicação emocional com o outro e consigo mesmo.

#### **1.4 - As transformações nos ideais das relações amorosas e conjugais**

Desde o século XVIII, as relações amorosas, conjugais e familiares vêm passando por profundas modificações. Segundo Giddens (1992), a difusão dos ideais românticos, na sociedade, teve considerável influência na transformação da estruturação dessas relações. Os ideais de amor romântico começaram a influenciar a formação dos laços matrimoniais e as considerações econômicas passaram a não serem as únicas a determinar o enlace conjugal.

A partir da difusão dos ideais românticos, o vínculo conjugal tendeu a “libertar-se” das relações sociais e familiares mais amplas. O laço conjugal passou a ter um significado especial, com uma valorização maior da afetividade entre os cônjuges. E o lar passou a ser visto como um local de afeto e apoio emocional.

Segundo Giddens, os ideais de amor romântico vinculam-se à liberdade individual e à auto-realização, desligam o indivíduo das relações sociais e familiares mais amplas e criam uma história compartilhada para os envolvidos, o que ajuda a separar o relacionamento conjugal dos outros da organização familiar, conferindo-lhe uma prioridade especial.

O amor romântico apóia-se no outro e o idealiza, pretendendo um desenvolvimento futuro. No amor romântico, a absorção pelo outro, algo típico do amor-paixão, se integra a uma busca. Uma busca em que a auto-identidade espera a sua validação através do encontro com o outro.

“Desde suas primeiras origens, o amor romântico suscita a questão da intimidade (...) presume uma comunicação psíquica, um encontro de almas que tem um caráter reparador. O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece - até que a relação de amor seja iniciada. Este vazio tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro.”(Giddens, 1992: 56)

De acordo com Giddens, a associação do amor com o casamento foi mantida pela idéia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, era para sempre. A congruência estrutural entre o amor romântico e a parceria sexual era bem delineada, já que o casamento, uma vez contraído, era para sempre. Para esse fim, o confinamento da sexualidade feminina ao casamento era fundamental. A idéia da mulher “respeitável” era uma condição necessária para a manutenção desse esquema, bem como a divisão do trabalho, na qual o marido era responsável pelo trabalho remunerado e a mulher pelo doméstico.

O amor romântico era um amor tipicamente feminino, já que os homens não chegaram a ser muito influenciados por ele e mantinham a divisão entre mulheres “imaculadas” e “impuras” como um aspecto central do delineamento da sua sexualidade. Pelo ideal do amor romântico, cabia à mulher o papel de “amansar e suavizar a natureza supostamente intratável do amado”; o homem deveria se manter impassível, frio e distante, até que seu coração fosse conquistado e, a partir daí a afeição tornava-se a principal diretriz da vida do casal. A mulher, com sua devoção, dissolvia a indiferença do homem e substituía o seu antagonismo por devoção.

Giddens afirma que os homens se mantiveram afastados das transformações que afetaram o casamento e as relações pessoais, e foram introduzidos nelas pelas mulheres. Para os homens, o apaixonar-se permaneceu intimamente vinculado à idéia de acesso à mulher cuja virtude era protegida até o momento em que a união fosse santificada pelo casamento; havia uma desvinculação entre o amor romântico e a intimidade. Para a maioria dos homens, o amor romântico entrava em conflito com as regras de sedução. Assim, os homens eram especialistas apenas nas técnicas de sedução e conquista, mas não nas questões de intimidade. E o amor romântico pressupõe uma sensação de totalidade, onde o outro é conhecido por uma espécie de sentido intuitivo, que pressupõe uma certa fusão com o outro.

Na época atual, os ideais de amor romântico tendem a se fragmentar, sobretudo pela pressão da emancipação e da autonomia feminina. A idéia de amor,

que se sustenta hoje em dia, é a de um amor contingente, que entra em choque com as categorias de “para sempre e único” do amor romântico; é um amor que se afasta da idéia da busca da pessoa ideal e funda-se na idéia do relacionamento especial.

Esse tipo de amor, denominado por Giddens de “amor confluyente”, presume uma igualdade na doação e no recebimento emocional, depende e desenvolve-se a partir da intimidade. O laço amoroso aproxima-se do que o autor denomina “relacionamento puro”. Ou seja, um vínculo emocional próximo e continuado, mas que se define como uma relação que só se mantém enquanto for capaz de proporcionar satisfações suficientes para ambos os parceiros. Trata-se de um tipo de relação que se estabelece tendo como base as qualidades intrínsecas do próprio vínculo, onde o que importa é a própria relação, ou seja, o que cada um pode extrair dela em termos de satisfação pessoal, e que tem como característica básica a igualdade sexual e emocional dos parceiros. Uma relação que tem o seu o vínculo e sua continuidade constantemente avaliados e negociados e que só se sustenta enquanto ambos entendem que dela extraem satisfações suficientes para nela permanecerem.

No “amor confluyente”, a sexualidade é introduzida no cerne do relacionamento conjugal e a realização do prazer sexual recíproco é transformada em um elemento chave na manutenção ou dissolução do relacionamento. Se, no ideal de amor romântico, a satisfação e a felicidade sexual são garantidas unicamente pela força erótica provocada pelo próprio amor romântico, no “amor confluyente”, o cultivo de habilidades sexuais, a capacidade de proporcionar e experimentar satisfação sexual são organizadas reflexivamente por uma multiplicidade de fatores de informação, aconselhamento e treinamento sexual.

O “amor confluyente” presume o desaparecimento da distinção entre mulheres “respeitáveis” e “impuras” e desenvolve-se como ideal em uma sociedade em que, supostamente, todos têm a oportunidade de se tornarem sexualmente realizados. O “amor confluyente” presume um tipo de relacionamento em que é fundamental o conhecimento das peculiaridades do outro e, em que a sexualidade é um fator que tem que ser negociado como parte de um relacionamento.

Segundo Giddens, o “relacionamento puro” e o “amor confluyente” fazem parte de uma reestruturação genérica da intimidade. Essa transformação diz respeito

ao gênero mas não está limitada somente a esses aspectos, atinge, também, outras esferas dos relacionamentos pessoais. A promessa de intimidade contida nesse relacionamento depende, fundamentalmente, de uma igualdade entre os parceiros, de uma comunicação emocional com o outro e consigo mesmo, vivida em um contexto de igualdade e autonomia, onde o relacionamento deve se ajustar as trajetórias do desenvolvimento individual de cada parceiro.

### **1.5 - A idealização do amor-paixão nas relações conjugais contemporâneas**

As concepções de amor, sexo e casamento são constituídas histórica e culturalmente; e são codificadas a partir de um sistema de valores que é anterior à própria vivência da relação amorosa pelos parceiros. As representações de amor, sexo e casamento que um sujeito apreende estão, portanto, inseridas em uma cultura e em um tempo histórico específicos.

Nesse sentido, antes de encontrar um parceiro e viver uma relação amorosa o sujeito já tem internalizada uma representação do que seja amor, sexo e casamento, bem como, uma expectativa de como deseja vivê-los. As expectativas individuais com relação a esses aspectos são influenciadas tanto por modelos sócio-culturais quanto por desejos e vivências individuais. Sendo assim, as expectativas e demandas que os sujeitos trazem para sua relação amorosa são reflexos de ideais sociais e individuais. Como ideais sociais podemos entender as expectativas que a sociedade tem para o desempenho dos papéis masculinos e femininos e para as relações de amor, sexo e casamento entre eles. Os ideais individuais podem ser entendidos como a internalização dessas expectativas e a sua integração com as vivências e os desejos individuais.

O casamento contemporâneo tem características peculiares, é um relacionamento erigido, fundamentalmente, sobre as bases da busca da felicidade e da satisfação afetivo-sexual. Os indivíduos se casam por amor e buscam nesses relacionamentos uma compatibilidade afetiva, sexual e intelectual. O ideal conjugal desses sujeitos dita que o relacionamento se inicia por uma compatibilidade desses

aspectos e permanece somente enquanto houver amor e prazer em estar com o outro. Os indivíduos buscam uma convivência a dois baseada na satisfação pessoal e a manutenção da relação depende disso. No ideal conjugal contemporâneo, o desejo inequívoco de estar com o outro é que deve determinar a escolha do parceiro e a permanência da relação.<sup>3</sup>

Os casais, sobretudo nas classes médias urbanas, buscam no relacionamento conjugal uma integração de aspectos psicológicos, sexuais e intelectuais. Valorizam a preservação da individualidade na relação amorosa, o respeito às diferenças individuais, atribuem importância a verbalização e elaboração das emoções, bem como ao crescimento e desenvolvimento individual. Enfim, buscam uma relação que seja baseada em laços afetivos, no desejo de estar com o outro e que, na medida do possível, preserve a individualidade e o espaço de cada um na relação.<sup>4</sup> Além disso, existe, na relação conjugal contemporânea, uma intensa valorização da sexualidade. A compatibilidade sexual é um dos fatores primordiais na escolha do parceiro e na manutenção da relação. A sexualidade é vista como um termômetro da relação, as baixas na sexualidade são encaradas como indícios de que algo não vai bem com a relação ou com os indivíduos nela envolvidos.<sup>5</sup> As oscilações na sexualidade passam a ser objetos de constantes questionamentos e as expectativas em torno delas bastante elevadas.

Na sociedade contemporânea é difundida a idéia de que as relações sexuais intensas são sinônimos de paixão e indicativos de “envolvimento profundo”. Os casais vivenciam isso durante o período de enamoramento e continuam tendo esse relacionamento intenso como parâmetro para sua relação atual. Passam, então, a buscar um retorno constante a esse estado inicial, observando minuciosamente a intensidade de seus desejos para analisar a “temperatura” da relação conjugal. Além disso, existe, na sociedade contemporânea, um discurso que estimula os sujeitos a estarem atentos à sua própria sexualidade, a irem em busca de conhecimentos que propiciem uma vivência sexual mais prazerosa e intensa. Nesse contexto, a sexualidade passa a ser objeto de questionamentos constantes. Questiona-se a qualidade das relações sexuais, a frequência, os orgasmos, a fidelidade etc. Os

<sup>3</sup> Cf. Goldenberg (1991)

<sup>4</sup> Cf. Salem (1989), Soares (1989)

<sup>5</sup> Cf. Dias (1995)

casais são incentivados a conversarem sobre suas fantasias, desejos e preferências, estando atentos à qualidade de suas relações sexuais e intervindo sempre que detectarem algum problema.

Esse tipo de questionamento se torna significativo, na medida em que o ideal que embasa esses relacionamentos é o de que a relação só deve se manter enquanto houver amor e prazer em estar com o outro. E, nesse sentido, as concepções de amor, prazer e intensidade estão interligadas. Assim, teoricamente, a relação só deve se manter enquanto for intensa e proporcionar satisfação individual. Essa busca constante de intensidade e satisfação pessoal pode desencadear, nos relacionamentos conjugais, constantes conflitos, sobretudo se acrescentamos a isso a necessidade de equilibrar as diferentes expectativas e, conseqüentes demandas, que cada indivíduo tem para a sua relação.

Os ideais que embasam os relacionamentos conjugais contemporâneos se constituem pelo mito da busca de um amor-paixão sempre intenso. O mito do amor-paixão, nos relacionamentos conjugais contemporâneos leva os casais, mas sobretudo as mulheres, a identificar as oscilações do desejo sexual com a intensidade da relação como um todo. O desejo sexual adquire a condição de termômetro da relação. Quando a sexualidade do casal não está intensa ou freqüente, o fato é encarado como um sinal de que algo não vai bem com a relação ou com os parceiros. Sendo assim, as oscilações na sexualidade conjugal podem se transformar em ponto de partida para um questionamento da relação como um todo. E, considerando que, no ideal conjugal desses casais, a relação só deve se manter enquanto for prazerosa, isso pode tornar-se uma fonte constante de conflitos potenciais.

Jablonski (1991) identifica a idealização do amor-paixão como um dos fatores de crise do casamento contemporâneo. Segundo o autor, o amor-paixão, típico dos estágios iniciais do relacionamento, se transforma em amor-companheiro à medida que a relação se solidifica. O amor-paixão intenso e absoritivo se transforma em amor-companheiro mais terno e cúmplice. É, principalmente, a vivência em comum e as experiências compartilhadas que possibilitam a transformação do amor e sedimentam a relação. Contudo, muitos casais parecem identificar essa transformação com o fim do amor e desfazem suas uniões logo que

percebem a mudança da paixão para o companheirismo. O autor afirma que a percepção do companheirismo como o término do amor é influenciada pela cultura, que valoriza o amor-paixão em detrimento do amor-companheiro. Nesse sentido, Jablonski (1991) ressalta que, essa idealização do amor, ao mesmo tempo em que é um fator de união dos casais, pode ter se transformado, também, em fator de desagregação nos casamentos contemporâneos.

Goldenberg (1994) afirma que o amor aparece no imaginário de homens e mulheres como uma mistura de respeito mútuo, desejo, amizade e cumplicidade, mas também, como algo que pode acabar a qualquer momento. A autora afirma que o amor, definido contrastivamente com a paixão, é identificado com um sentimento amplo, difuso, tranquilo e duradouro; enquanto que a paixão, é identificada com um sentimento intenso, mas provisório, que, necessariamente, se transforma ou acaba no decorrer do relacionamento. A paixão não resiste ao cotidiano, pois a sua irracionalidade é incompatível com a rotina. Contudo, para sedimentar um relacionamento, a paixão deve se transformar em amor, mas, por outro lado, esse amor para se manter deve conter resíduos da paixão original ou pode se transformar em amizade. Segundo a autora, o amor conjugal deve ser administrado com uma certa dose de paixão para que não transforme essa relação em algo muito fraterno.

Segundo Goldenberg, o amor determina o desejo de estabelecer vínculos estáveis com o outro, mas, ao mesmo tempo, a certeza desse amor pode enfraquecer o desejo sexual. O desejo sexual se atenua muito nas relações amorosas estáveis e sólidas, mas, apesar disso, as relações sexuais podem continuar sendo gratificantes e satisfatórias para ambos, embora sua frequência diminua bastante. Contudo, a “nostalgia” da paixão inicial, com seu sentimento intenso e absoluto, pode suscitar nos casais um sentimento de fracasso, uma frustração por não ter mais esse prazer intenso. O que pode desencadear uma busca desesperada para sentir-se novamente apaixonado e desejável, produzindo uma insatisfação permanente ou a busca de novos objetos de amor.

Entretanto, o casal pode superar o “desapaixonamento” se a relação construída puder proporcionar aos parceiros outras formas de satisfação além das sexuais. Segundo Kaufmann (1995), a nostalgia pela perda do sentimento intenso do início do relacionamento pode ser compensada pela cumplicidade da intimidade e

pelo apego mútuo dos parceiros. Assim, à medida que o relacionamento se desenvolve, as emoções intensas e instáveis vão se transformando em sentimentos mais estáveis e constantes, solidificando o universo comum construído.

## Capítulo 2

### A conjugalidade e suas vicissitudes

## 2- A conjugalidade e suas vicissitudes.

Segundo Féres-Carneiro (1998), o casal contém dois sujeitos com suas respectivas individualidades e uma conjugalidade, também com suas especificidades. O casal resulta da interação de duas individualidades, constituídas por histórias de vida, desejos, projetos e maneiras de perceber o mundo diferenciadas, que convivem com uma conjugalidade, constituída por uma história compartilhada, um desejo e um projeto comum que dão forma a uma identidade conjugal.

O casal se constitui por dois indivíduos e uma relação. Os indivíduos entram numa relação conjugal com suas necessidades e demandas particulares e, para viabilizar o seu relacionamento, precisam construir um projeto comum, que contemplará algumas de suas demandas individuais, mas será, em grande parte, constituído por demandas específicas e essencialmente conjuntas.

Sager (1980) afirma que, quando duas pessoas começam a se relacionar, comunicam-se entre si de forma verbal e não-verbal, fixando regras de conduta e métodos de comunicação e, num processo gradual, vão se convertendo num sistema. A relação do casal, apesar de ter sido constituída pelas interações mútuas dos parceiros, torna-se uma entidade qualitativamente diferente dos indivíduos que a compõe.

Nesse sentido, um casal, quando se constitui, passa a funcionar como um terceiro elemento, que embora tenha sido formado pelas intervenções de dois indivíduos, tem a sua dinâmica própria e não serve, apenas, para satisfazer os desejos e necessidades de seus constituintes, pois tem as suas próprias demandas. Entretanto, apesar do casal se constituir como um terceiro elemento, com suas características próprias, os indivíduos que o constituíram não desapareceram e, eventualmente, ressurgem para reivindicar a satisfação de suas necessidades e desejos. A complexidade da relação conjugal reside, então, na sua capacidade de, ao mesmo tempo, proporcionar satisfação aos indivíduos envolvidos e contemplar as necessidades de uma interação conjunta. O casal precisa equilibrar-se entre viabilizar a sua manutenção sem descuidar-se das demandas de seus componentes.

De acordo com Romano e Bouley (1995), o casal pode se constituir como um suporte emocional, capaz de transformar os indivíduos envolvidos e criar um espaço de crescimento e desenvolvimento para ambos, mas pode, também, tornar-se um arranjo defensivo e limitador. A conjugalidade tanto pode propiciar o crescimento e o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos, criando um espaço de interação que os apóie e incentive, quanto pode se constituir como um arranjo defensivo, propiciando aos parceiros um frágil equilíbrio e fixando-os em posições complementares rígidas.

Segundo Nicoló (1995), o mecanismo básico de funcionamento do casal é um acordo recíproco, inconsciente, em que, de forma complementar, cada um aceita desenvolver partes de si de acordo com as necessidades do outro, renunciando a desenvolver outras partes que são projetadas no companheiro. O casal oscila entre um processo de fusão e de diferenciação. O casal "dissolve" os limites do "eu", ao mesmo tempo em que, permite, a cada um, uma unidade através do reconhecimento, no outro, de aspectos seus projetados, permitindo assim a sua reintrojeção.

Lemaire (1988) afirma que, na relação de casal, os indivíduos não se apresentam totalmente definidos. Em muitos casos, a identificação com o outro é bastante intensa e os sujeitos perdem os seus contornos precisos. O casal funciona de um modo menos diferenciado e é comum que os sujeitos misturem um pouco as suas fronteiras no relacionamento.

O processo de constituição de um casal se dá pela articulação de várias dimensões e a formação da conjugalidade envolve aspectos psicodinâmicos e relacionais. Os aspectos psicodinâmicos referem-se aos desejos, necessidades e expectativas que os indivíduos esperam satisfazer com a relação conjugal. Os aspectos relacionais dizem respeito ao modo como os parceiros interagem entre si, seus padrões de comunicação, suas regras de relacionamento.

A interação dos parceiros é intermediada pela criação de um conjunto de crenças e valores que estruturam o seu universo comum. De acordo com Sager (1976), para viabilizar a relação conjugal, os parceiros devem "negociar", juntos, acordos que possam contemplar os seus interesses individuais e as necessidades da parceria constituída. Os cônjuges entram no relacionamento com seus conjuntos

particulares de expectativas, desejos e necessidades, assim como, com suas maneiras específicas de conceber a realidade e de lidar com as situações encontradas. Cada um tem a sua história de vida, as suas características individuais, o seu modo de atuar no mundo e de vivenciar os sentimentos. Esses referenciais são modificados a partir da relação com o parceiro. Na troca entre os parceiros novos referenciais, conjuntos, vão sendo criados. Na sua interação cotidiana, os parceiros constroem um universo comum e criam referências conjuntas, adequando as suas experiências individuais a uma vivência compartilhada e complementar.

Caillé e Hartveit (1983) afirmam que, para que uma relação possa existir, é necessário que os participantes criem uma concepção de sua relação. O casal cria o seu modelo, que é único, específico e original, e este define a existência do casal e determina seus limites.

Segundo Puget (1988), para um casal existir, deve haver entre os dois *eus* um acordo que lhes permita organizar um espaço compartilhado. O espaço simbólico partilhado pelo casal será construído na passagem das experiências concretas vividas para a representação dessas experiências. A construção do casal é sempre uma experiência inédita para os envolvidos. Embora o esposo e a esposa ocupem uma posição que foi pensada anteriormente um pelo outro e pela sociedade, a novidade de certos aspectos singulares dos acordos entre os parceiros os obrigará a recriar o seu casal imaginado. O casal para se constituir terá, então, a necessidade do reconhecimento e da participação de dois *eus* e deverá ser construído por ambos.

Na definição de uma relação conjugal é preciso levar em consideração inúmeros aspectos, que se articulam tanto aos indivíduos quanto ao laço estabelecido. O laço entre os parceiros é uma criação de ambos, seja qual for o seu objetivo ou significado. E, embora a representação de casal possa ser algo anterior ao encontro do parceiro, a constituição do casal só se dá pela vivência da relação, por um processo de construção mútua. Nesse sentido, é necessário perceber que qualidades próprias ao individual e ao relacional se articulam no conjugal. Na formação da conjugalidade, aspectos individuais e relacionais se influenciam mutuamente. O conjugal transforma os indivíduos envolvidos e estes, por sua vez, transformam o conjugal, num fluxo constante de demandas.

## 2.1 - O processo de instalação do casal.

Segundo Kaufmann (1995), o casal se constitui como um sistema dinâmico, de ajustamentos permanentes, que requer um trabalho de construção da parte daqueles que tentam a experiência da vida a dois. Na contemporaneidade, o casal tornou-se mais instável, porque os indivíduos exigem mais dele. Cada parceiro aspira que a vida conjugal lhe proporcione grandes gratificações afetivas e sexuais. As exigências da vida em comum se elevaram e o casal tornou-se mais complexo para construir-se.

Kaufmann afirma que, na contemporaneidade, o casal vai se instalando passo a passo, e essa entrada progressiva na vida em comum promove uma integração conjugal paulatina. Permite que as posições de cada um sejam definidas progressivamente e de uma forma mais adaptável, avaliando a possibilidade de um acordo conjugal que contemple os interesses individuais e estructure uma identidade comum.

De acordo com Kaufmann, o início da vida em comum é marcado pela emoção forte da descoberta do “estranho íntimo” que é o parceiro, dos seus hábitos, opiniões, sentimentos, comportamentos etc. Depois, o outro acha o seu lugar no “eu conjugal” e a emoção ligada à surpresa desaparece em grande parte. Essa emoção intensa é substituída por formas de sentimento mais constantes, como a ternura e a estima, que estão ligadas ao apego mútuo dos parceiros. A ternura, calma e contínua, nasce do apego e funciona como um reforço desse mesmo apego. O apaixonamento, ao contrário, é súbito e violento. A paixão desenvolve-se sob a intensidade e torna o laço mais instável. O apego, ao contrário, se forja sob a base da repetição do cotidiano. Nas trocas cotidianas, com o outro e com os objetos familiares, o sentimento se inscreve na continuidade do processo de construção de uma identidade comum. A “paixão” conjugal se remete a uma pessoa e toma o seu sentido na troca que se instaura entre os dois parceiros.

Desde o primeiro encontro, os parceiros esboçam os termos de um acordo que regerá suas trocas. Além das particularidades do sentimento de um pelo outro, as trocas consistem, também, em reconhecer o outro como pessoa. A ligação íntima funda um sentimento de reconhecimento mútuo de identidades. A relação conjugal

passa a funcionar como um suporte comum que impulsiona o desenvolvimento de ambos.

Segundo Kaufmann (1995), a instalação do casal é progressiva e se dá, basicamente, em três fases. A primeira fase é a dos sentimentos intensos, da descoberta do outro, da fusão e da reformulação das referências individuais. A segunda fase é a da construção de um universo comum, do desenvolvimento de um sistema de regras de interação, de hábitos e papéis. Ela é marcada pela transformação do sentimento intenso em outros mais constantes como a ternura e o apego mútuo. É também a fase em que a identidade comum construída e o universo compartilhado geram um conforto e uma segurança para os indivíduos. A terceira fase de instalação do casal é marcada tanto pelo conforto de um universo íntimo compartilhado quanto pelo ressurgimento dos indivíduos, pela gestão das insatisfações e pela delimitação de espaços comuns e individuais.

Para Kaufmann, o ciclo conjugal tem a sua estrutura própria e se desenvolve pela definição progressiva de normas e papéis. A integração conjugal é um processo que exige uma reformulação de realidades. Para formar um casal, os parceiros têm que aproximar os seus mundos individuais, construindo um universo comum e comprometendo-se com a relação. A primeira etapa caracteriza-se pelas incertezas, descobertas e sentimentos intensos. A segunda, pelo conforto, segurança e sentimentos tranquilos. E a terceira, pela administração das diferenças e insatisfações.

Na primeira fase do ciclo conjugal, o essencial está investido na relação e nos sentimentos. A identidade de cada um é reformulada pela interação com o outro. A história de cada um passa a ser escrita a dois. O casal estrutura e testa um sistema de valores comum. O seguimento desse ciclo é ocupado pela dinâmica da relação. Um e outro se sentem levados em direção a uma trajetória comum, arrebatados pelos sentimentos mútuos.

Na primeira fase do ciclo conjugal há uma subversão das referências individuais e uma redefinição destas a partir da relação com o outro. Aparentemente, um descobre o outro, mas, de fato, ambos descobrem um futuro possível e uma identidade diferente. Nesse processo, a intimidade e os sentimentos

intensos impulsionam os parceiros a não levarem em consideração as suas diferenças individuais.

Nas trocas da intimidade uma definição de papéis e regras já se esboça. No espaço íntimo, os gestos, as palavras, os objetos, as escolhas, são portadores de uma infinidade de micro decisões que já começam a inscrever os parceiros em um contexto comum, e fixam, pouco a pouco, a relação, definindo regras e papéis. As experiências vividas em comum desenham os primeiros acordos de um quadro futuro de definições para a relação considerando as expectativas individuais. Cada um dos parceiros busca se sentir em concordância consigo mesmo no "eu conjugal" em construção. Fazendo das regras de interação, dos sistemas de hábitos elaborados, o mais próximo possível dos comportamentos anteriores e das expectativas de cada um.

No início do processo de formação do casal, os parceiros se concentram mais nas suas descobertas mútuas e nos sentimentos intensos, mas, desde as suas primeiras trocas, um processo de construção comum é colocado em funcionamento. Assim, a elaboração da segunda fase do ciclo conjugal é colocada em movimento a partir da convivência dos parceiros. A segunda fase se inaugura quando a relação desemboca num início de coabitação. O estabelecimento conjugal é ligado, então, a construção de um sistema doméstico autônomo. Essa passagem se opera quando os primeiros objetos pessoais são instalados na casa do parceiro. Este gesto sinaliza o desejo de marcar uma presença mais constante no universo do outro.

Um casal que começa a viver junto acumula, cotidianamente, objetos, hábitos e novas referências comuns, aumentando o universo compartilhado e concretizando a relação. No reforço desse espaço comum, um mundo novo, fortemente estruturado, de gestos elementares é colocado em prática e os parceiros se inscrevem num sistema conjunto de regras de interação e de definição de papéis. O reforço conjugal se dá através dos gestos cotidianos tornados habituais. Assim, um continuo dinâmico de hábitos e gestos tecem, dia após dia, um laço unindo ainda mais os parceiros.

O primeiro tempo do casal é de surpresas e da experiência relacional que reformula as referências individuais. Uma época de transformação da identidade pessoal pela relação com o outro e do início da construção de uma identidade

comum. No segundo tempo do casal, os parceiros aumentam os seus valores comuns e incrementam a sua organização doméstica. Vivendo o cotidiano, melhorando o desempenho de seus papéis, adquirindo o conforto e a estabilidade de uma identidade compartilhada. Essa organização permite experimentar admiração e reconhecimento pelo parceiro. Na intimidade das lutas cotidianas, a cumplicidade e a ternura produzem momentos de satisfação e um desejo de integração reforçado. As pequenas coisas do cotidiano, as aparentes banalidades, intervêm no processo de instalação do casal e representam um papel tão importante quanto as emoções intensas do início, que permitiram as reformulações individuais. Assim, a segunda etapa do ciclo conjugal desemboca na definição de rotinas e papéis que consolidam a identidade comum. É o tempo do conforto que reformula as exigências do sentimento intenso em direção a formas mais tranquilas, como a ternura. Uma sensação de perda do sentimento intenso do início pode ocorrer, mas essa decepção pode, entretanto, ser combatida pelos esforços para reviver a relação ou, então, ser compensada pelo atrativo da segurança mútua e do conforto identitário adquirido.

O sustento identitário é central no casal contemporâneo e necessita de uma qualidade relacional sempre maior, com uma comunicação sincera entre os parceiros. Assim, o segundo tempo do casal não é só de conforto material e hábitos seguros, mas, sobretudo, fundado por uma troca relacional de maior qualidade, valorizando a franqueza, a dedicação e a confiança mútua. O casal instalado é aquele com o qual podemos sempre contar, aquele que é atencioso e eficaz, que sabe diminuir o estresse cotidiano e provocar momentos de felicidade. Os sentimentos intensos são substituídos por um sistema de interação que define regras que se sedimentam a cada dia, construindo um universo comum seguro onde os indivíduos se inscrevem pouco a pouco.

Desta forma, na terceira fase do ciclo conjugal, o processo se inverte, os papéis tornam-se bem desenhados e o contexto doméstico adquire um peso maior. Os indivíduos, então, deixam-se levar pelo universo comum construído. E, assim, após terem estabelecido um modelo de práticas no seu mundo comum, os indivíduos são agora definidos por esse mesmo quadro de práticas. E, embora as negociações pontuais entre os parceiros continuem a redefinir as suas regras de interação, a insatisfação pode provocar a ruptura do casal.

A terceira fase do ciclo conjugal é marcada pelo conforto de um universo íntimo e de uma identidade compartilhada. O casal sabe o que é, o que pode esperar e a relação proporciona segurança. Nessa fase, o sentimento tem uma coloração muito diferente da paixão inicial. O tempo do conforto abre uma perspectiva diferente para o sentimento. A estabilidade do universo criado permite aos parceiros se deixarem levar pelas rotinas do cotidiano e, até mesmo, tolerar sentimentos negativos. A familiaridade da organização doméstica e a intimidade das interações criam um apego mútuo que se reforça pela própria interação cotidiana. Alguns casais tentam lutar contra o enfraquecimento da intensidade da paixão inicial, pois a vivem como um “desapaixonamento”, e se esforçam para quebrar a rotina e continuar a trabalhar a sedução mútua. Contudo, esses esforços podem arruinar o conforto identitário adquirido. Assim, a maioria dos casais vive uma insatisfação tranqüila, temendo colocar em risco a segurança construída, e troca a improvisação e as descobertas do início pela segurança e o conforto alcançados.

A terceira fase do ciclo conjugal é marcada também pela descoberta de que a paixão inicial que criou o laço foi fundada sob uma contradição básica: a negação das individualidades e das autonomias. A paixão inicial nega o eu em nome do tu e do nós. O ideal fusional, que estrutura o início da relação, busca uma completude impossível:  $1+1=1$ . Quando esse sentimento se atenua, os indivíduos percebem os indícios de suas diferenças, até então negados, e começam a marcar os seus limites, a construir e defender os seus espaços pessoais. O indivíduo refaz, então, a sua superfície. Essa reemergência do indivíduo é pouco compatível com o sentimento intenso e fusional da paixão. O casal inaugura um novo modo de trocas, tentando administrar necessidades individuais e conjugais. Enquanto casal, os indivíduos se esforçam para sustentar o “eu conjugal”. No entanto, buscam também recompor as suas redes de relação em outros espaços, além do conjugal, para dar suporte as suas aspirações individuais. A criação desses espaços diferenciados reforça o casal, permitindo-lhe administrar as contradições do tempo do conforto. Contudo, esse mesmo sistema pode, às vezes, dar origem ao estouro conjugal se as insatisfações individuais forem recorrentes e os universos se tornarem muito independentes.

Nesta fase, a gestão das diferenças individuais e do sentimento de “desapaixonamento” criam alguns desafios para o casal. Na gestão das diferenças,

um certa complementariedade é desejada e, até mesmo, buscada pelo casal. A diferença em si não é problemática. Só se torna um problema quando traduz-se numa oposição de interesses pessoais entre os parceiros e cria divergências para o projeto conjugal. Ou ainda, quando uma irritação continua com o modo de ser do outro perturba o cotidiano. Irritação essa decorrente do fato de que, qualquer que seja a proximidade dos meios sociais de origem, cada um tem o seu repertório próprio de maneiras de agir e perceber as coisas que são diferentes das do parceiro. Nos gestos mais elementares e mais rotinizados essas diferenças são, tanto quanto possível, ocultadas para não enfraquecerem a evidência necessária dos hábitos comuns. Os parceiros não desejam ver as suas diferenças, mas elas se tornam evidentes e podem desencadear conflitos. O “esquecimento” das diferenças e o seu aparecimento inevitável fazem parte do caráter contraditório da construção da identidade conjugal. A identidade comum construída nega as diferenças e acentua as semelhanças, mas o indivíduo não pode evitar o seu ressurgimento e a reafirmação de suas fronteiras próprias. O conflito se liga, então, a uma manifestação reassegurante do eu individual. E, geralmente, se associa a uma reivindicação em termos de interesses pessoais. O que, todavia, não pode se repetir muito frequentemente, pois põe em risco a continuidade do casal. Assim, os parceiros oscilam entre negar as diferenças, em favor da identidade construída, e marcar as suas diferenças, em favor da reafirmação da identidade pessoal, tornando a gestão da relação conjugal uma tarefa delicada e complexa.

A gestão do “desapaixonamento” também exige do casal alguma perícia. O desenvolvimento do ciclo conjugal e as transformações do sentimento amoroso nesse percurso podem causar algumas “desilusões” para os envolvidos. Sobretudo se, a nostalgia, pela perda do sentimento intenso do início, for maior do que pode compensar a tranquilidade proporcionada pelo conforto do universo íntimo. O casal passa a ter que gerir as suas insatisfações emocionais e sexuais, e a manutenção da relação conjugal exigirá dos envolvidos um trabalho conjunto, com muita disposição para identificar, expressar e contornar as insatisfações que surgirem.

## 2.2 - Formação da conjugalidade: a construção de uma realidade comum.

Singly (1988) afirma que a identidade pessoal se modifica após a formação do casal, o “eu” se percebe, é percebido e percebe o mundo diferentemente, pois passa a ser influenciado pela percepção desenvolvida pelo “eu conjugal”. O “eu conjugal” é a identidade desenvolvida a partir da relação com o outro. O fato de ser e de ter um parceiro desenvolve em ambos uma nova forma de perceber a realidade e de dar sentido às coisas, os referenciais individuais se misturam e se confundem, sobressaindo, então, os referenciais criados pelo “eu conjugal”.

Vários autores (Berger e Kellner, 1988; Menahem, 1988; Willi, 1995, entre outros) afirmam que a formação da conjugalidade é um processo de construção de uma realidade comum. A vida a dois provoca uma resignificação da realidade individual de cada parceiro, cria referências comuns e estabelece uma identidade conjugal. Esse processo transforma a relação do casal, as identidades pessoais e os valores individuais. Assim, devemos considerar a formação da conjugalidade em seus aspectos de construções comuns e de reconstruções individuais.

Nos seus aspectos de construções comuns, Willi (1995) ressalta que, quando duas pessoas decidem viver juntas, isso muda radicalmente a sua relação e, para levá-la adiante, cada um deve se reorganizar tanto internamente quanto externamente. Aspectos como liberdade e opções individuais ficam reduzidos, os parceiros passam a ter uma vida compartilhada e muitos aspectos têm que ser negociados. Os parceiros se comprometem numa história comum, onde cada um é, efetivamente, afetado pelo comportamento do outro. O comportamento e o bem-estar de um não se desenvolve mais independentemente do outro. Para elaborar um mundo comum, o casal precisa negociar junto certas estruturas. Assim, quando duas pessoas resolvem compartilhar suas vidas, começam a elaborar seus constructos<sup>6</sup> em função um do outro.

Segundo Berger e Kellner (1988), o casamento provoca uma redefinição da realidade dos indivíduos. Os parceiros devem ajustar as suas realidades pessoais a

<sup>6</sup> Constructo é um conceito utilizado por George Kelly (1955) no trabalho: *The psychology of personal constructs*. New York, W.W. Norton & Company, 1955. O conceito é utilizado para definir as estruturas

realidade comum do casamento. Esse processo acontece, principalmente, através das conversas entre os parceiros. A partir das trocas verbais com o cônjuge, cada um vai ajustando suas concepções pessoais de realidade e criando concepções comuns ao casal. Assim, desde o início do casamento, cada cônjuge tem novas maneiras de viver significativamente as suas experiências com o mundo, com os outros e consigo mesmo. O casamento inaugura um novo processo de significação da realidade, onde há uma redefinição das relações de cada um com o mundo e consigo mesmo. Esse é um lento processo onde as representações que cada um tem da sua realidade e de si mesmo vão sendo transformadas através da “conversa” com o outro. Assim, as representações que cada um tem, do mundo e de si mesmo, vão sendo modificadas pelas representações comuns que são elaboradas no curso da conversação permanente entre os parceiros.

A conversação, a que se referem Berger e Kellner, deve ser entendida como um processo contínuo de colocar em ordem as experiências vividas e de significá-las. Nesse processo, cada parceiro traz, continuamente, as suas concepções de realidade que são, então, discutidas, inúmeras vezes, e, a partir disso, colocadas em ordem. Quanto mais o casal utiliza o processo de conversação mais as suas experiências e concepções estarão sendo redefinidas e estabilizadas. É um processo através do qual o casal constrói, mantém e modifica a realidade que é significativamente vivida pelos dois indivíduos.

Sobre o processo de construção de referências comuns, Menahem(1988) afirma que o casamento cria um novo universo de referências para os cônjuges e a adesão do casal a essas novas significações cria uma micro-cultura familiar, ou seja, um sistema de normas e representações que são estabelecidas a partir de um consenso entre os parceiros. Nesse consenso, diversas proposições, acordos e compromissos são discutidos e integrados. A criação da micro-cultura familiar reduz as tensões e os desacordos suscitados pela existência comum e pelas diferenças individuais, e tem a função de mobilizar o casal para a realização de projetos que consolidem a sua união. Assim, a micro-cultura familiar fornece ao casal representações comuns, sustenta e justifica as suas mobilizações em torno dos projetos conjugais e familiares. Os princípios da micro-cultura familiar não são

---

através das quais os indivíduos percebem a realidade e, a partir disso, orientam seus comportamentos e

apropriados pelos parceiros da mesma forma, mas cada um deles se mobiliza, ao seu modo, para a realização dos projetos comuns, mesmo que atribuam a estes significados diferentes. A manutenção do consenso, presente na micro-cultura familiar, coexiste com uma certa flexibilidade e muitos caracteres são modificados ao longo da trajetória conjugal, para se adaptar a novas demandas.

A formação e a manutenção da conjugalidade são processos de ajustamento mútuos de experiências de vida e de modos de encarar a realidade diferentes, que se transformam, continuamente, em função das experiências vividas em comum. A formação da conjugalidade depende da elaboração de constructos comuns, através de um processo de ajuste e resignificação das concepções e experiências individuais, a partir do qual são construídas estruturas comuns que servirão de referencial para a elaboração da vida conjugal. A maior flexibilidade dos constructos elaborados e sua capacidade para sempre se reestruturar, em função das experiências vividas e da discussão comum a respeito das mesmas, ajudam na manutenção da relação.

### **2.3 - Construções comuns e diferenças individuais.**

Willi (1995) afirma que o constructo comum, criado pelos cônjuges, é, por um lado, normalizante, mas, por outro, diminui a liberdade de ação, pensamento e percepção de cada indivíduo. Os constructos de um nunca serão totalmente compatíveis com os do outro, mas ambos se esforçarão para que o sejam o mais possível. Porém, como os indivíduos formam seus constructos a partir de suas experiências pessoais, e, duas pessoas nunca têm experiências anteriores análogas, o seu modo de perceber o constructo diádico nunca será idêntico. Desta forma, os dois cônjuges, por mais que se esforcem, nunca perceberão de modo idêntico nem o seu mundo, nem a sua relação, nem a si mesmos. Assim, os dois parceiros sempre construirão a realidade de modo diferente e seus constructos comuns serão sempre provisórios e transitórios. Contudo, a diferença entre os constructos e a limitada habilidade para entender um ao outro, não se tornarão um problema central no

relacionamento se o casal não insistir em manter definições e posições rígidas para a relação.

Segundo Sager (1976), os cônjuges diferem, com frequência, na sua maneira de ver as situações e de lidar com os problemas. Os modos pelos quais percebem e selecionam os dados podem levá-los a conclusões muito diferentes sobre um mesmo evento, pois cada um possui um estilo cognitivo, isto é, uma forma de selecionar e processar as informações recebidas e de comunicar o seu entendimento ao outro. Para Sager, as discrepâncias na percepção e nos processos de pensamento individuais dão origem a muitos conflitos conjugais. Principalmente, se um cônjuge não respeita o estilo do outro, não aceita o fato de que cada um possui formas diferentes de elaborar percepções e pensamentos. Se as diferenças nos estilos cognitivos dos cônjuges são muito grandes, isso pode, inclusive, incrementar os seus problemas de comunicação, gerando uma série de insatisfações.

Segundo Willi, Frei e Limacher (1993), algumas vezes, as dificuldades existentes, para entender o ponto de vista do parceiro, tornam-se recorrentes porque um sabe muito pouco sobre o modo como o outro experencia um evento. Os parceiros não se dão conta de que um mesmo evento pode ter significados diferentes para cada um, e surpreendem-se quando constatarem como o parceiro interpretou de modo diferente o mesmo evento. Para os cônjuges, a possibilidade de perceberem as suas diferenças, na construção de seus respectivos pontos de vista, ajuda cada um a mover-se para além dos seus constructos pessoais.

A maior ou menor compatibilidade dos constructos individuais tem um peso nas possibilidades de compreensão mútua dos parceiros e, também, no esforço que ambos têm que fazer para criar constructos comuns. Contudo, tão importante quanto saber se os constructos de um são compatíveis com os do outro, é saber como o casal lida com as suas diferenças perceptivas e conceituais. Pois, se os constructos são sempre transitórios, e, se, para haver possibilidade de relação entre os parceiros é necessário um mínimo de construções comuns da realidade, podemos supor que, estes serão mais viáveis se forem flexíveis o bastante para estarem sempre se redefinindo.

A similaridade de percepções é considerada um fator essencial na construção e no ajustamento conjugal. Autores como, Minuchin e Fishman (1981),

Berger e Kellner (1988), entre outros, enfatizam a importância dos cônjuges construírem um conjunto de valores compartilhados, no qual as diferenças perceptivas individuais sejam minimizadas em favor das percepções construídas conjuntamente. A criação dessa realidade conjunta é considerada um indicativo do bom funcionamento da unidade conjugal.

Para Deal, Wampler e Halverson (1992), existe uma distinção entre a busca de semelhança através de um processo de discussão, a respeito das diferenças, e a semelhança compartilhada pelos cônjuges na visão de um ou mais aspectos do seu relacionamento. Segundo os autores, no primeiro caso, ocorre um consenso e cada parceiro está consciente da posição diferente do outro, assim, a semelhança é alcançada somente por meio de um processo de discussão e resolução de conflitos. No segundo caso, os parceiros têm percepções semelhantes sobre um mesmo aspecto da sua vida conjugal e familiar.

De acordo com Deal, Wampler e Halverson, a similaridade de percepções é uma característica das díades conjugais satisfeitas. Casais que percebem um aspecto de suas vidas similarmente tendem, também, a perceber vários outros de forma semelhante. Por outro lado, casais que consideram seus relacionamentos menos satisfatórios, tendem a não perceber de modo similar o seu casamento e família. Onde um vê aspectos positivos o outro vê negativos. Visões diferentes em uma ou duas áreas podem indicar, também, visões diferentes em outras áreas e possíveis conflitos em decorrência disto. Contudo, as áreas de similaridade e diferença podem ser estabelecidas através de um trabalho conjunto, no qual se busque um consenso, um entendimento e/ou uma aceitação das diferenças. Os autores afirmam que o processo de aumento da similaridade conjugal parece ser mais crítico durante os estágios iniciais do relacionamento. Depois os cônjuges atingem um patamar de ajustamento, onde se tornam tão similares quanto podem; contudo, é possível que esse grau possa vir a aumentar com o tempo. Entretanto, mais importante que o grau de similaridade alcançado é a percepção do casal sobre isso. A forma como o casal lida com as suas semelhanças e diferenças, e o entendimento do quão importante isso é para ambos, acarretam conseqüências diferentes para o funcionamento conjugal.

## 2.4 - O conjugal e o individual

A formação da conjugalidade exige a construção de estruturas comuns, de significados compartilhados, mas esse é um processo que abrange, também, uma dimensão individual. As construções são comuns mas a apreensão dessas construções é diferente em cada um dos parceiros. Por isso, a validade dos constructos comuns deve ser continuamente confirmada pela conversação. Através desta, os parceiros reafirmam, reciprocamente, a validade de suas próprias elaborações, “arrumam” o que foi vivido, reforçam seus valores, sua concepção de mundo, seus objetivos, delimitam e consolidam seu espaço em relação ao mundo exterior.

Kaufmann (1988) afirma que mais do que uma entidade bem constituída, o conjugal se apresenta como um encaixe complexo, onde o individual e o conjugal se misturam de maneira instável e mutável. O “eu” e o “nós” estão sempre ligados na recomposição cotidiana do conjugal. E, nas situações de insatisfação ou de conflitos, provocadas por ajustes entre o casal ou por interpretações diferentes de acontecimentos externos, a qualidade do individual se torna presente, explicitando imagens e pensamentos que não estão em concordância com o mito unificador do casal.

Assim, o individual e o conjugal se articulam, se misturam, mas a qualidade do individual será sempre um componente potencialmente desestruturante da unidade conjugal. A unidade conjugal é, nesse sentido, relativa e provisória, sujeita a desestruturações e reestruturações constantes. Desta forma, a construção da conjugalidade demanda estruturas comuns, mas estas não se desenvolvem fora das esferas da individualidade.

A conjugalidade construída de forma “saudável” implica na transformação dos indivíduos envolvidos na relação, mas sem que cada um perca a noção de sua própria individualidade. A conjugalidade se forma a partir de um consenso e de um respeito às diferenças individuais. Os valores construídos conjuntamente são compartilhados, mas o espaço das diferenças individuais é preservado, não sendo visto como uma ameaça às construções comuns.

Segundo Romano e Bouley (1995), de um modo geral, a relação de casal costuma ser usada como um meio dos parceiros se adaptarem à realidade ou como uma forma de proteger ambos de um conflito intra-psíquico, de mascarar uma problemática individual comum vivida como complementar. Nessa perspectiva, o casal se constitui para suprir os indivíduos em suas “dificuldades emocionais”. Contudo, Romano e Bouley também afirmam que o casal pode ser transformador e propiciar o desenvolvimento e o crescimento individual de seus membros. O casal modifica os indivíduos envolvidos na relação ao criar um espaço comum de interação que pode sustentar o amadurecimento individual. O casal se constrói sobre semelhanças implícitas que são transformadas em diferenças complementares explícitas. A relação estabelecida entre os parceiros pode tanto propiciar o seu desenvolvimento individual, através de uma vivência complementar, quanto estagnar cada um deles numa posição rígida, que é utilizada como meio de não desestruturar suas identidades pessoais.

Para Menghi (1995), a relação de casal deve ajudar cada um dos parceiros em seus processos de crescimento e amadurecimento pessoal. Nesse sentido, a relação deve representar, para os membros que a compõe, uma oportunidade para a evolução individual. Assim, se o casal conseguir favorecer o desenvolvimento dos indivíduos e se adaptar às exigências de seus processos evolutivos, a relação pode ser utilizada como um impulso para o desenvolvimento das potencialidades de cada um.

Quando a conjugalidade se forma a partir de um “pacto não saudável”, no qual os indivíduos têm que abrir mão de partes significativas da sua identidade pessoal em favor da identidade conjugal, a tendência é que essa conjugalidade seja construída de forma rígida e os mínimos movimentos individuais sejam considerados ameaçadores à unidade conjugal. Nesse caso, a conjugalidade se torna refém das construções comuns e o processo de crescimento dos indivíduos um componente de desestabilização dessa unidade.

Segundo Willi (1984), a dinâmica conjugal não é determinada somente pelo comportamento individual de seus membros, mas também pela estrutura do relacionamento. São os fatores relacionais que determinam qual parte potencial do comportamento do indivíduo pode ser expressada ou não, que comportamentos são

acentuados ou neutralizados e quais são aceitáveis ou não naquela parceria específica.

O comportamento individual difere em cada relacionamento, pois é ajustado, modelado, neutralizado ou acentuado, dependendo das características do parceiro. Assim, uma característica individual pode ser acentuada no relacionamento com um determinado parceiro e minimizada com outro. Cada casal desenvolve a sua própria dinâmica relacional.

Na dinâmica conjugal, os parceiros mostram comportamentos interdependentes, ajustamentos e funções divididas. A complementariedade é o padrão relacional mais comum e estável. Os parceiros formam o seu relacionamento de modo que precisem um do outro. Atividade/ passividade, dominação/ subordinação, independência/ dependência, entre outros, são expressados através de papéis complementares. Numa díade funcional, esses papéis podem ser trocados conforme a situação e estão constantemente sendo redefinidos. É a flexibilidade em manejar as posições opostas que capacita a díade funcional a se adaptar e crescer.

Contudo, existem díades, não-funcionais, que organizam seus papéis de forma rígida. Nestas, os parceiros atuam de modo a fixar um ao outro em posições complementares rígidas. De modo implícito, os parceiros definem, mutuamente, o papel de cada um dentro de uma estrutura de arranjo diádico defensivo. Cada parceiro delega ao outro aqueles padrões emocionais e comportamentais que mais o aflige ou assusta.

Nas díades não-funcionais, os parceiros não podem mudar seus papéis, pois isso equivale a romper o arranjo mutuamente defensivo. O que acarretaria a aparição de medos reprimidos. Para evitar que isso ocorra, e manter as suas posições iniciais inalteradas, essas díades tendem a polarizar seus comportamentos, favorecendo o super funcionamento de um parceiro em uma função e o sub funcionamento do outro no seu oposto complementar. Contudo, a estabilidade do arranjo estará constantemente ameaçada pelo reaparecimento dos medos e das necessidades reprimidas. As vicissitudes da vida, tais como, nascimento de filho, perda de emprego, doença, morte etc podem desafiar esses comportamentos e provocar o rompimento desses arranjos mútuos.

Segundo Willi, se o casal não atua no seu relacionamento com papéis rígidos, a relação pode ajudar os indivíduos a aprenderem como lidar com suas dificuldades pessoais através da relação com o outro. Cada parceiro pode entrar em contato com suas partes reprimidas e delegadas ao outro. Rompendo com comportamentos rigidamente polarizados os parceiros se tornam capazes de flexibilizar suas posições e mudá-las conforme a situação enfrentada. Assim, a relação pode transcorrer de forma mais saudável, sem tornar os parceiros reféns de um arranjo defensivo, mantendo-se como um suporte capaz de apoiar os indivíduos em seus processos de desenvolvimento.

Deste modo, a conjugalidade tanto pode se constituir de uma forma que fixe os parceiros em um determinado nível de desenvolvimento, funcionando como um suporte frágil que equilibra-se nas deficiências, como pode se constituir de uma forma flexível que facilite e estimule o desenvolvimento emocional de ambos.

Quando a conjugalidade é construída respeitando o crescimento dos indivíduos e se transformando à medida que surgem novas necessidades e demandas, a sua manutenção é mais provável e os conflitos entre individualidade e conjugalidade mais atenuados.

## Capítulo 3

### Pesquisa de campo

### 3 - Pesquisa de campo.

As questões que permeiam esse estudo são: quais as concepções de casal e de casamento presentes nas relações conjugais contemporâneas e como se dá o processo de construção da conjugalidade nesses relacionamentos?

Para responder a essas questões, buscamos, inicialmente, um suporte teórico que pudesse orientar o estudo de campo. A partir da bibliografia revisada, pudemos apreender que os relacionamentos conjugais contemporâneos são marcados pela maior valorização dos indivíduos que compõe a díade, pela sua busca de autonomia e pela ênfase na satisfação de suas necessidades e desejos. O casal contemporâneo busca uma relação amorosa que preserve a individualidade de cada parceiro e respeite os seus momentos de vida e as suas aspirações pessoais.

De acordo com esses ideais, os parceiros devem estar juntos em função de seus laços afetivos e a relação deve se manter enquanto for prazerosa e “útil” para ambos. A relação conjugal deve funcionar como um suporte para os indivíduos envolvidos, deve apoiá-los e respeitá-los no desenvolvimento de suas trajetórias de vida, propiciando o crescimento e o desenvolvimento de cada um como indivíduo. O casal deve funcionar como um espaço auxiliar de construção das identidades pessoais.

A bibliografia revisada também nos mostrou que, no processo de constituição de um casal, os parceiros devem adaptar as suas realidades individuais à realidade comum da vida a dois. A identidade conjugal, criada pela relação com o outro, provoca uma redefinição na forma de cada um ver o mundo e de ver a si mesmo. O fato de ser e de ter um parceiro desenvolve em ambos uma nova forma de perceber a realidade e de dar sentido as coisas. Os referenciais individuais se misturam e se confundem, sobressaindo, então, os referenciais criados pelo “eu conjugal”. As referências comuns, desenvolvidas pela conjugalidade, se constituem a partir de uma série de negociações e acordos. E, é através de seus diálogos cotidianos que o casal constrói, mantém e modifica a realidade que é significativamente vivida pelos dois indivíduos.

Assim, as relações conjugais contemporâneas são marcadas pela difusão de princípios que postulam que, o relacionamento conjugal deve preservar a

individualidade dos parceiros, não cerceando desejos e necessidades individuais, deve apoiar o desenvolvimento dos cônjuges e, ainda, ser capaz de conciliar os projetos comuns e as necessidades próprias do conjugal. Os casais contemporâneos são constantemente confrontados em seus relacionamentos com duas forças opostas: os ideais que estimulam a autonomia do indivíduo e enfatizam que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada cônjuge; e, a necessidade de formação de uma realidade comum, que é condição primordial para que o casal possa compartilhar idéias, sentimentos, experiências e projetos.

Os ideais que embasam os relacionamentos contemporâneos apontam para uma maior valorização da individualidade e da autonomia de cada parceiro em relação à díade conjugal. Mas, a constituição da conjugalidade exige a construção de estruturas comuns ao casal e aponta para uma certa “unificação” de valores e realidades individuais. Nesse sentido, o desafio de tentar conciliar essas tendências opostas dá ao relacionamento conjugal contemporâneo uma dinâmica peculiar: deve saciar os anseios de singularização dos parceiros e as exigências de uma vida compartilhada, buscando um equilíbrio entre individualidade e conjugalidade e conservando espaços para o desenvolvimento dos indivíduos e o do casal.

A partir desses pressupostos, iniciamos a pesquisa de campo tendo como premissa a noção de que as relações conjugais contemporâneas são constituídas a partir de um dilema básico: o de ter que apoiar os indivíduos em seus processos de desenvolvimento e, também, criar condições para a constituição do casal. Nesse sentido, buscamos, através da realização de entrevistas, verificar como os casais contemporâneos estão estruturando os seus relacionamentos conjugais. Quais são as suas dificuldades e dilemas? Como constroem a sua realidade compartilhada? Que princípios orientam os seus relacionamentos? Como percebem as suas transformações individuais no processo de construção da conjugalidade?

Nosso objetivo principal é identificar, a partir do grupo estudado, as concepções de casal e casamento presentes nas relações conjugais contemporâneas e avaliar como se dá o processo de construção da conjugalidade nesses relacionamentos.

### **3.1- Metodologia**

#### **3.1.1 - Os sujeitos da pesquisa**

A pesquisa de campo foi realizada com 14 casais da classe média carioca com idades variando entre 22 e 53 anos. A idade da maioria dos entrevistados, entretanto, situou-se numa faixa que abrangia dos 30 aos 49 anos.

Para participarem da pesquisa, os entrevistados deveriam estar casados ou morando juntos há, no mínimo, 4 anos. No grupo estudado, porém, o tempo de vida em comum variou de 4 a 22 anos. Sendo que 9 casais tinham entre 4 e 8 anos de vida em comum e 5 casais estavam convivendo de 11 a 22 anos.

Para permitir uma maior incursão no universo do casamento contemporâneo, incluímos, também, casais em que um dos parceiros vivia a sua segunda união conjugal. O grupo dos casais entrevistados se organizou nos seguintes arranjos: 7 casais em que os dois cônjuges eram casados pela primeira vez e 7 casais em que pelo menos 1 dos cônjuges já tinha sido casado.

Entre os 14 casais, 7 eram casais com filhos e 7 eram casais sem filhos.

Entre os casais entrevistados, 12 moravam na Zona Sul e 2 na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

A maioria dos entrevistados tinha curso superior completo. Entre os entrevistados, 9 eram profissionais liberais, 14 exerciam profissões que exigiam nível superior e 5 eram profissionais ligados à música ou às artes plásticas.

Os casais entrevistados tinham as seguintes características:

Casal 1 - Mulher, 36 anos, Homem, 40 anos. Ambos jornalistas. Vivem juntos há 13 anos, têm 3 filhos, são moradores de Laranjeiras. É o primeiro casamento da mulher e o segundo do homem.

Casal 2 - Mulher, 36 anos, Homem, 41 anos. Ambos professores universitários. Casados há 4 anos, não têm filhos, moram em Copacabana. Primeiro casamento da mulher e segundo do homem.

Casal 3 - Mulher, 32 anos, Homem, 42 anos. A mulher é administradora de empresas e o homem é músico. Casados há 4 anos, têm 2 filhos, são moradores de São Conrado. Ambos vivem o primeiro casamento.

Casal 4 - Mulher, 35 anos, Homem, 34 anos. A mulher é professora de artes plásticas e o homem é analista de sistemas. Vivem juntos há 6 anos, têm 2 filhos, são moradores do Bairro Peixoto. Segundo casamento da mulher e o primeiro do homem.

Casal 5 - Ambos têm 39 anos. A mulher é advogada e o homem é gerente de negócios. Vivem juntos há 15 anos, não têm filhos, moram em Laranjeiras. Segundo casamento do homem e primeiro da mulher.

Casal 6 - Mulher, 32 anos, Homem, 33 anos. Ambos são médicos. São casados há 7 anos, têm 1 filho, moram em Copacabana. É o primeiro casamento de ambos.

Casal 7 - Mulher, 22 anos, Homem, 36 anos. A mulher é estudante de jornalismo e o homem é músico. Vivem juntos há 6 anos. O casal espera o seu primeiro filho. Moram em Copacabana. Primeiro casamento da mulher e segundo do homem.

Casal 8 - Mulher, 43 anos, Homem, 45 anos. A mulher é médica e o homem advogado. São casados há 8 anos, não têm filhos, moram em Ipanema. É o primeiro casamento de ambos.

Casal 9 - Mulher, 42 anos, Homem, 53 anos. A mulher é programadora visual e o homem é artista plástico. Vivem juntos há 8 anos, não têm filhos, moram na Tijuca. Primeiro casamento da mulher e o segundo do homem.

Casal 10 - Mulher, 32 anos, Homem, 31 anos. A mulher é publicitária e o homem é promotor de justiça. São casados há 4 anos, não têm filhos, moram na Gávea. É o primeiro casamento de ambos.

Casal 11 - Mulher, 45 anos, Homem, 49 anos. A mulher é psicóloga e o homem é executivo. São casados há 22 anos, têm 3 filhos, moram em Ipanema. Primeiro casamento da mulher e segundo do homem.

Casal 12 - Mulher, 30 anos, Homem, 32 anos. A mulher é pedagoga e o homem é publicitário. Vivem juntos há 4 anos, não têm filhos, moram no Humaitá. É o primeiro casamento de ambos.

Casal 13 - Mulher, 30 anos, homem, 40 anos. A mulher é psicóloga e o homem é engenheiro. São casados há 12 anos, têm 3 filhos, moram no Grajaú. É o primeiro casamento de ambos.

Casal 14 - Mulher, 30 anos, Homem, 34 anos. A mulher é fonoaudióloga e o homem é fotógrafo. Vivem juntos há 11 anos, têm 1 filha, moram em Botafogo. É o primeiro casamento de ambos.

### 3.1.2 - O método

O método escolhido para empreender a pesquisa de campo foi a entrevista com roteiro. Nesta, o pesquisador introduz alguns tópicos que orientam a conversa com os entrevistados. Os tópicos funcionam como facilitadores da conversa e guias para o pesquisador abordar os aspectos que considera relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Os tópicos escolhidos para orientar a conversa refletem, em seu conjunto, as questões do pesquisador e os objetivos da pesquisa.

Os tópicos são introduzidos na entrevista à medida que a conversa se desenrola, para não quebrar o fluxo dos discursos, e os entrevistados discorrem livremente sobre o tema apresentado. Ao final da entrevista todos os tópicos devem ter sido abordados.

A entrevista com roteiro foi escolhida como método de coleta de dados, pois não só propicia que o entrevistado discorra livremente sobre os tópicos abordados, como também permite ao pesquisador deter-se em pontos que considera mais relevantes. O entrevistado dispõe de um certo grau de liberdade e iniciativa para conduzir a sua fala, o que demonstra ao pesquisador os aspectos que os entrevistados consideram significativos. Ao mesmo tempo, permite que o pesquisador oriente o diálogo para os seus objetivos de pesquisa.

Antes da pesquisa ter sido efetuada, realizamos uma pesquisa-piloto para avaliar a viabilidade do roteiro de entrevistas. As entrevistas-piloto foram realizadas com 2 casais e com os seus membros individualmente. Após as entrevistas-piloto, definimos os tópicos das entrevistas.

Os tópicos selecionados para orientar as entrevistas foram divididos em duas partes: uma para a entrevista com o casal; outra para as entrevistas individuais. Consideramos, nessa formulação, as referências obtidas na revisão bibliográfica e os objetivos da pesquisa. Na parte que se refere à entrevista com o casal, os tópicos abordam aspectos que permitem "mapear" o processo de construção da relação e os princípios que a embasam. Na parte que se refere às entrevistas com os membros do casal, os tópicos selecionados abordam, basicamente, a visão dos entrevistados a respeito das mudanças que a relação conjugal trouxe para as suas vidas, detectando, também, as suas expectativas e dificuldades diante desse relacionamento.

Os tópicos seleccionados para as entrevistas foram os seguintes:

Nas entrevistas com o casal:

- História do casal, do relacionamento
- Conceção de casal e de casamento
- Princípios que orientam a relação
- Diferenças individuais e como lidam com elas
- Mudanças ao longo dos anos de relacionamento
- Desafios, dificuldades e vantagens de ser um casal
- Ideal de relação apaixonada/erotizada e casamento
- Outros aspectos importantes ou problemáticos do casamento

Nas entrevistas individuais:

- Mudanças na visão de mundo, na visão de si mesmo e na visão do parceiro.
- Expectativas
- Modelo de relação
- Principais dificuldades para se casar e se manter casado
- Ser casal e ser indivíduo

A escolha de realizarmos duas entrevistas, uma com o casal e outra com os seus membros, se justifica para permitir uma maior abrangência aos discursos. Mesmo tendo sido solicitado ao casal que ambos discorressem sobre os tópicos, nem sempre isso aconteceu. E, como em muitos casos um dos parceiros fala mesmo mais do que o outro, para não criar um foco de tensão na entrevista, insistindo sempre para que os dois se manifestem em todos os tópicos, o que quebraria o fluxo de suas reflexões, decidimos ampliar as possibilidades para a produção dos discursos realizando as entrevistas individuais. Assim, ambos poderiam se expressar tanto diante do cônjuge quanto sozinhos. Acreditávamos que esse procedimento seria eficaz tanto para aqueles que se sentem estimulados a falar com

a presença do cônjuge, quanto para aqueles que conseguem se expressar melhor quando estão sozinhos. Desta forma, o recurso de realizar duas entrevistas evitaria que ficássemos somente com o discurso de um, bem como estimularia as considerações de ambos. Desse modo, pensamos ter criado uma estratégia que permitisse obter um quadro mais amplo, tendo não só uma visão geral do discurso dos casais, como também, a possibilidade de identificar as diferenças relativas aos gêneros.

Consideramos que poderíamos tratar o discurso das entrevistas conjugais e das entrevistas individuais como complementares, pois nos baseamos nas premissas de Singly (1988), Willi (1995) e Berger e Kellner (1988) sobre a construção da identidade conjugal e da realidade comum dos parceiros. Segundo esses autores, a partir do momento em que os indivíduos passam a ter uma vida em comum, as suas percepções a respeito do mundo e de si mesmos são transformadas pela identidade conjugal. Nesse sentido, consideramos que tanto o discurso do casal quanto os discursos individuais estariam permeados de construções comuns. Contudo, consideramos que seria interessante, também, poder observar as diferenças emergentes dos discursos de homens e mulheres para, assim, identificarmos aspectos próprios ao conjugal e aspectos relacionados aos gêneros. Esperamos, com isso, que o discurso produzido nas entrevistas, com o casal e com os seus membros individualmente, nos permita uma visão mais aprofundada tanto das relações conjugais contemporâneas, dos seus processos de formação e manutenção, quanto da forma como homens e mulheres se posicionam diante dos seus relacionamentos.

### 3.1.3 - A realização das entrevistas

Os entrevistados foram recrutados, inicialmente, entre pessoas conhecidas ou indicadas por conhecidos da pesquisadora. Posteriormente, os próprios entrevistados indicaram conhecidos seus para serem entrevistados. Utilizamos esse procedimento de recrutamento para facilitar a realização das entrevistas, uma vez que, não é fácil encontrar pessoas dispostas a compartilhar as suas vivências com totais “estranhos”. Compartilhamos das considerações de Nicolaci-da-Costa (1988) quando afirma que, numa entrevista em que são abordados aspectos íntimos, sendo os entrevistados pessoas próximas ou conhecidas de alguém ligado à entrevistadora, é maior a possibilidade destes ficarem mais à vontade para falar sobre os tópicos abordados. Assim, a entrevista pode transcorrer de maneira mais informal, o que possibilita uma maior integração entre entrevistados-entrevistadora e facilita a coleta dos dados da pesquisa. Mesmo assim, encontramos algumas recusas no processo de recrutamento dos entrevistados. Porém, aqueles que se dispuseram a falar mostraram-se bastante solícitos e integrados na entrevista. Muitos até afirmaram ter gostado muito da experiência de dela participar. Para alguns entrevistados, a possibilidade de falarem sobre as suas vivências e seus questionamento pareceu mesmo ter lhes proporcionado um momento de reflexão maior.

As entrevistas foram realizadas durante o ano de 1998. Em sua grande maioria, foi realizada na casa dos entrevistados. Somente dois desses encontros foram realizados no local de trabalho dos entrevistados, após o término do expediente. O contato com os entrevistados era feito pela pesquisadora. Em alguns casos, os entrevistados que indicaram conhecidos faziam o primeiro contato e, posteriormente, a pesquisadora ligava para combinar a hora e o local da entrevista. De um modo geral, entre o primeiro contato e a marcação efetiva da entrevista transcorriam alguns dias, pois nem sempre os dois entrevistados estavam disponíveis. Na maioria dos casos, o primeiro contato foi feito com um dos entrevistados que se comprometeu a agendar com o parceiro um horário comum. Assim, posteriormente, quando a pesquisadora fazia um outro contato a entrevista era marcada.

Durante a realização das entrevistas com os casais, embora os tópicos fossem colocados para que ambos discorressem sobre o tema, somente em algumas entrevistas os dois membros do casal se manifestaram em todos os tópicos. De um modo geral, os membros do casal costumavam alternar-se na discussão dos tópicos. Em um deles, por exemplo, a mulher começava a falar e o homem complementava; em outro, ocorria o inverso. Por vezes, ocorreu também o fato de apenas um dos cônjuges falar pelos dois, pois, o que dizia sintetizava o pensamento de ambos. Alguns casais alternavam o tempo da entrevista, num primeiro momento um dos cônjuges falava mais, depois cansava-se e o outro continuava discorrendo sobre os tópicos restantes, embora os dois estivessem presentes ao longo de toda a entrevista. De um modo geral, a atitude dos casais durante as entrevistas foi de colaboração.

Nas entrevistas individuais, as mulheres falaram bem mais que os homens. De um modo geral, os entrevistados conduziram os seus discursos, nas entrevistas individuais, alternando entre se aprofundar em questões já abordadas na entrevista conjugal e discorrer sobre aspectos ainda não colocados. Porém, a postura dos entrevistados diante da entrevista individual foi a de considerá-la como uma extensão da entrevista conjugal. O tempo de duração das entrevistas individuais foi, geralmente, menor do que o das conjugais. A grande maioria das entrevistas individuais foi realizada depois da entrevista conjugal, talvez por isso, os entrevistados tenham privilegiado aprofundar-se nas questões já levantadas na entrevista conjugal. Os entrevistados consideraram a entrevista individual como um complemento da entrevista conjugal, embora os tópicos abordados fossem diferentes.

### 3.1.4 - A análise das entrevistas

Descrever os caminhos que trilhamos para conduzir a análise do material produzido pelas entrevistas não é uma tarefa fácil, pois como afirma Minayo (1993),

“(...) o que escrevemos ou falamos sobre o trabalho de investigação, geralmente é uma “lógica reconstruída” que se distancia da “lógica em uso” no decorrer do trabalho.” ( p. 229).

Contudo, tentaremos explicitar os procedimentos utilizados para efetuar a análise das entrevistas.

Antes de iniciarmos a descrição dos procedimentos de análise, propriamente ditos, gostaríamos de ressaltar que uma primeira delimitação já havia sido feita no momento em que o roteiro de entrevistas foi elaborado. O roteiro de entrevistas tem a função de facilitar a conversa e não cercear o discurso, mas é elaborado de acordo com os objetivos da pesquisa e, portanto, circunscreve alguns temas relevantes para aquele que investiga. O roteiro de entrevistas propõe alguns temas para o entrevistado, mas este discorre livremente sobre os mesmos. Sendo assim, nosso primeiro guia para analisar o discurso dos entrevistados foi o próprio roteiro de entrevistas.

Após a realização das entrevistas estas foram transcritas e o discurso organizado pelos tópicos utilizados nas entrevistas. No primeiro momento da análise, observamos os temas que apareciam reincidentemente no discurso dos entrevistados dentro de cada tópico e os selecionamos. Procuramos, então, verificar se estes temas apareciam em outros momentos dos seus discursos, pois, muitas vezes, ocorre que os entrevistados solicitados a discorrer sobre um tema em um momento só o façam, efetivamente, mais tarde, quando já estão abordando outro tema. Talvez esse fato se deva ao tempo de elaboração e de associação necessária para que o entrevistado possa formar a sua reflexão. Mas, enfim, esse fato ocorre, e por esse motivo, procuramos pelos temas reincidentes em outros momentos do discurso, além dos tópicos correspondentes.

Após essa etapa, o discurso já se mostrava delineado por algumas áreas temáticas destacadas. Com esse material, voltamos às questões da pesquisa: qual as

concepções de casal e casamento presentes nas relações conjugais contemporâneas e como se dá o processo de construção da conjugalidade nesses relacionamentos? E, a partir daí, podemos construir as categorias de análise e voltar ao discurso dos entrevistados para reorganizá-lo.

As categorias de análise foram delimitadas com base na fundamentação teórica, nos objetivos da pesquisa e nos temas recorrentes no discurso dos entrevistados. As categorias utilizadas na análise do discurso dos entrevistados foram: concepções de casamento; ideais de conjugalidade; delimitação de espaços conjugais e individuais; família e filhos: impactos na relação conjugal; desafios e dificuldades para as relações conjugais contemporâneas.

Nossa postura diante do discurso dos entrevistados foi a de privilegiar tanto a peculiaridade dos seus relatos quanto a sua concordância com a fundamentação teórica. Em alguns momentos da análise, optamos por deixar que os entrevistados falassem por si, nos limitando a “costurar” as suas reflexões. E, em outros, deixamos que os autores estudados nos conduzissem, identificando no discurso dos entrevistados exemplos de suas reflexões teóricas.

Os objetivos da análise foram: identificar os princípios que orientam as relações conjugais dos entrevistados e avaliar como estes repercutem na construção da conjugalidade. A idéia básica era delinear as concepções de casamento dos entrevistados e, a partir destas, analisar como os casais vivenciavam os seus relacionamentos. A análise pretendeu identificar, também, as diferenças significativas nas visões de homens e mulheres sobre o relacionamento conjugal.

No próximo capítulo, apresentaremos a análise das entrevistas e a discussão das mesmas.

## Capítulo 4

### Análise das entrevistas

#### **4 - A análise e discussão das entrevistas.**

##### **4.1 - 1ª categoria: Concepções de casamento**

A categoria concepções de casamento está subdividida nos seguintes tópicos: casamento como construção; casamento como espaço de concessões e diferenças; casamento como espaço de crescimento, de divisão e de aprendizagem; casamento como apoio mútuo e suporte emocional; casamento: companheirismo x erotismo.

###### **4.1.1 - Casamento como construção.**

A concepção de casamento como construção envolve algumas considerações básicas, tais como: a noção de construção da relação a partir da convivência cotidiana e do conhecimento do outro nessa interação; a construção de um universo comum de referências e interesses; e a constituição de uma identidade conjugal. O processo de construção da conjugalidade envolve uma adaptação dos indivíduos à situação conjugal. Os parceiros redefinem os seus objetivos, interesses e demandas individuais em função da construção de uma vida compartilhada e criam um universo comum de referências e valores que passa a intermediar as suas formas de ver e de estar no mundo.

A idéia de construção do relacionamento está presente ao longo do discurso dos entrevistados. Para estes, a relação conjugal vai se construindo a partir das situações vividas no cotidiano e à medida que os parceiros vão se conhecendo melhor. Nas interações do dia a dia, os parceiros vão avaliando as possibilidades do relacionamento e aprofundando os seus conhecimentos a respeito do modo como o cônjuge interage nas situações vivenciadas. Os parceiros vão “equilibrando” suas expectativas e aprendendo a lidar um com o outro, construindo, assim, o seu modo de se relacionar.

" (...) "tamos" juntos, então vamos... tá junto, porque queremos, vamos... nos construir... Construir a nossa relação, nos construir." (Homem, casal 4)

" A nossa relação foi muito, meio que... vamos ver o que vai acontecer amanhã... Vamos continuar. (...) uma relação de construir... o amanhã. O hoje tá, amanhã vamos ver e... vamos seguindo. Sem muitas promessas de parte a parte. (...) muito mais, um negócio muito mais construído. (...) É uma relação, né? Tá lá e tal. Tá se construindo, tá continuando, tá..." (Homem, casal 5)

"Eu acho que a gente é que tem que ir criando as nossas próprias... A gente tem que ir vendo, né, o que tem que tá certo, o que tá errado. Até porque... às vezes a gente acha que uma coisa é certa e não é. (...) a gente foi criando o nosso próprio modelo... A gente foi criando a nossa, a nossa própria relação. Foi fazendo as coisas e... e eu até... acho que a gente tem uma boa relação." (Homem, casal 10)

" Quando você casa... você começa... com a relação porque você tá apaixonado, porque você tá atraído, porque você tem... tem todo o tesão do mundo. E você vai... construindo a sua relação na medida em que as coisas surgem." (Homem, casal 1)

" (...) a gente começou a construir as coisas. Tá entendendo? Construimos tudo juntos. As nossas expectativas... foram construídas ao longo da relação. Primeiro foi o impacto de morar, depois é que a gente foi começar a pensar no que a gente queria... porque a gente foi se conhecendo melhor." (Mulher, casal 5)

" Com relação ao relacionamento mesmo... eu acho que a gente foi meio que construindo, né? " (Mulher, casal 12)

O casamento aparece no discurso dos entrevistados como a construção de um "nós", uma interação que vai se aprimorando com o tempo e com a construção de um universo comum compartilhado.

" (...) casamento é o nós... A construção de um nós." (Mulher, casal 11)."

" (...) eu acho... assim... que é uma construção. (...) é uma coisa que eu vejo, assim, uma evolução, que eu acho que a

*gente constrói. (...) é uma coisa que vem... melhorando, vem se aprimorando nesses anos todos. (...) um compartilhar mesmo.” (Mulher, casal 13)*

*“ (...) casamento é a ... visa uma construção... uma coisa boa. E... esse rumo tem que tá muito bem definido... marcado por objetivos bem definidos. (...) para que isso ocorra... uma série de coisas devem ser... é... coordenadas.” (Homem, casal 13)*

Os entrevistados consideram que, para uma relação ir em frente é imprescindível que o casal queira estar junto, que tenha metas e projetos em comum, e que construa o seu dia a dia a partir de referências compartilhadas e de objetivos conjuntos.

*“ Eu acho que o nosso dia a dia... deve... no casamento da gente, a gente tem que fazer as coisas... pensando juntos, né? (...) acho que isso é o básico.” (Homem, casal 9)*

*“ Sempre traçamos metas juntos e nos esforçamos muito por realizá-las. Eu acho que isso, realmente, tem nos ajudado bastante.” (Mulher, casal 11)*

*“(...) pra uma relação... ir certo... ir pra algum lugar... tem que ter desejo de chegar a algum lugar... e de chegar junto. Né?” (Mulher, casal 14)*

Ter interesses em comum é considerado fundamental pelos casais, porque é, sobretudo, o que pode mantê-los unidos por mais tempo. A construção de um universo de referências comuns contribui para a solidificação da unidade conjugal, e a constante renovação dos interesses compartilhados é essencial para a manutenção da conjugalidade.

*“ (...) a gente tem interesses pelas mesmas coisas... de ver as mesmas coisas... e... chamar a atenção, um do outro, pela mesma coisa, entendeu? (...) Eu acho que isso ajuda muito... as pessoas terem os mesmos interesses... É... e isso faz parte da nossa unidade, em comum, né? Eu acho que isso é fundamental.” (Mulher, casal 9)*

*“ (...) se cada um tem a sua própria atividade, se não é compatível, não é comum... acaba... realmente não tem motivo pra ficar junto. (...) Acho que é por aí... ter algum fator*

*comum... uma... uma coisa que una as duas pessoas, uns interesses comuns (...) que permaneçam, né? (...) Ter uns assuntos comuns... que permaneçam, acho que sempre... realmente ajuda.” (Homem, casal 9)*

No processo de construção da conjugalidade os membros do casal passam por muitas transformações nas suas adaptações a nova realidade conjugal. Nesse percurso, o início da vida em comum é vivido, geralmente, como um período de conflitos e incertezas.

*“ (...) no início do casamento a, a adaptação, pra mim, foi mais difícil... Porque eu mudei de cidade, eu deixei meus pais. Quer dizer, teve uma série de fatores, né... que... assim... o primeiro ano de casamento foi um pouco difícil. (...) se eu olhar pra trás... isso eu posso dizer, assim, com certeza... eu digo... que nesse campo da minha vida... do casamento, amoroso, enfim... tem vindo num crescente. (...) Eu posso dizer que cada ano tá melhor. Entendeu? Eu posso dizer que no início foi mais difícil. Né? Depois... quando vieram os filhos... também foi difícil. Aquela coisa de ter que se dividir com o tempo do filho e com as suas coisas, enfim.” (Mulher, casal 13)*

*“ (...) no início, um casamento realmente é uma loteria. A gente não sabe o que vai acontecer, né? Cada um vem de uma origem, cada um tem uma cultura diferente, vem de uma criação diferente. Então, quando você... junta... você não sabe o que vai acontecer, né? Ainda mais com as facilidades que se tem hoje... Mas, o nosso felizmente não aconteceu nada disso. A gente se dá bem... Muito bem... Sabemos é... respeitar... procuramos sempre respeitar... um ao outro.” (Homem, casal 11)*

O processo de construção da conjugalidade supõe uma diminuição da prevalência do indivíduo e da satisfação de suas necessidades, demanda a transformação de necessidades individuais em outras mais compartilhadas. Tornar-se um casal e criar uma família exige que o indivíduo abra espaço para esse grupo e passe a compartilhar valores, objetivos e trajetórias de vida. Os indivíduos se transformam em parceiros no momento em que aceitam reformular os seus interesses em função do outro e da construção de uma vida em comum; buscando compartilhar interesses e se adaptar às demandas conjugais e familiares. As falas abaixo demonstram bem esse processo.

*“ Logo que nós... nos casamos... eu senti uma diferença muito grande. (...) pelo fato do namoro ser um namoro à distância, eu tinha a minha liberdade, do ponto de vista... não digo liberdade, mas os programas, as coisas que eu fazia... eram... mais... é... sem ela do que com ela. (...) E... no momento que nós nos casamos... Obviamente a gente passou a sair mais juntos. Depois que os filhos nasceram, então, a gente teve uma limitação muito grande. Então... a partir daí a gente foi se modelando a essa... a esse atual... Quer dizer, a fase de... às fases da vida que a gente “lava” passando. No início, muito presos... por causa dos filhos pequenos. Agora, que os filhos têm um pouco maiores, a gente consegue sair mais, consegue fazer... é... mais coisas. Então, a gente... a partir daí, os valores começaram a mudar também, né?” (Homem, casal 13)*

*“ No momento que se casa, você começa a deixar muita coisa em função do outro, e o outro em função de você... e aí, você abdica de uma série de coisas... que, no início, não é bom abdicar... Porque você tá acostumado com aquilo há tantos anos... E, de repente, você começa a abdicar daquilo, você não se sente o mesmo. Quer dizer... mas como você tem aquela... aquele ponto principal a ... a ser atingido e a sua... o amor... que tem em relação ao outro... você consegue superar essas coisas todas. Então... no início... é... abdicar daquilo, daquele monte de... de situações que lhe davam... é... satisfação, em função de... uma outra vida... foi um pouco difícil... pra ambos... mas, perfeitamente contornável. E hoje... tudo que a gente faz, a gente... faz com prazer, porque essas coisas nos dão prazer.” (Homem, casal 13)*

No processo de formação da conjugalidade o indivíduo vai, pouco a pouco, substituindo os referenciais que não são comuns ao parceiro, pelos referenciais construídos conjuntamente. O processo de “substituir” os valores e as referências anteriores é, muitas vezes, ambivalente e vivido como uma fase de muitos conflitos. A fala abaixo ilustra esse processo.

*“ Eu não vejo as pessoas da minha idade, os meus amigos, vivendo... o que eu tô vivendo. Nem relações tão... né... sólidas. (...) Então, eu acho que isso... faz com que a minha visão de mim mesma... saia um pouco... da minha... relação com... com aquele grupo... ao qual eu pertencia. Entendeu? Eu não me vejo mais fazendo parte desse grupo. Que foi uma coisa que foi, pra mim, foi difícil vencer. Porque era uma*

*coisa conflitante... tá casada com ele e pertencer a um grupo tão... avesso a isso... Era uma coisa conflitante. (...) Eu queria, desesperadamente, manter... continuar sendo daquele grupo... e manter aquele casamento. (...) E eu não, não tenho mais essa, esse sentimento em relação àquele grupo, de fazer parte desesperadamente... Porque, na verdade, eu já acho até que isso, que aquelas pessoas tão... tão um pouco... não sei, mudou muito. (...) Talvez eu tenha me espelhado muito no X... E isso mudou muito porque... ele é um cara muito maduro... E isso me fez crescer muito... me colocar no mundo de uma maneira mais... madura. E a minha visão de mim mesma mudou muito em relação... exatamente por consequência disso, né?" (Mulher, casal 7)*

Em função da necessidade do casal construir referências comuns, o início do casamento pode ser vivido como um período de "mistura" entre os parceiros, pois os indivíduos "diluem" as suas fronteiras e fazem sobressair o "eu conjugal" formado. Depois, cada um acha o seu lugar no "eu conjugal" e as fronteiras individuais podem ser refeitas.

*" (...) como a gente era muito novo... eu acho que quando a gente entrou na relação... foi muito uma coisa, assim, simbiótica... Então, eu acho que... a gente... depois de várias crises de casamento... Eu acho que, hoje em dia, a gente já consegue assim... ser... e eu ser... sou eu... ele é ele... Mas eu acho que... é difícil você conquistar isso... da maneira como começou a nossa relação. A gente já começou com filho... os dois muito jovens e tendo que... a gente dar conta... assim de tudo, né, de filho... de dar certo... de ser uma família... de... tá casado... Então, eu acho que assim, hoje em dia, eu gosto mais da minha relação... com ele... do que quando a gente começou. Porque, eu acho que ele tem o espaço dele dentro da relação, eu tenho o meu espaço." (Mulher, casal 14)*

Quando o processo de construção da conjugalidade é concluído, e os cônjuges "integram" as suas percepções, os valores construídos conjuntamente passam a prevalecer e o indivíduo rescreve a sua história. A fala abaixo mostra um processo de construção da conjugalidade já concluído.

*" Eu acho que hoje eu sou mais feliz... Também, em função de que eu tive uma infância muito difícil... Tudo era muito difícil... E... criou assim uma atmosfera de... pouca*

felicidade... sabe? Então, a medida que eu me casei e eu... Trabalhamos muito pra construir, como ele falou, cada pedacinho construído, né? Hoje nós... chegamos onde nós queríamos chegar... E... o fato de nós não termos... é... priorizado apenas as conquistas materiais... mas... também as conquistas... espirituais, vamos assim dizer.. As conquistas... é... humanas... sensíveis... dentro da gente... Essa estrutura emocional... nós sempre trabalhamos muito isso... Isso me tornou uma pessoa mais feliz... entendeu? Sou feliz por ter um lar... Sou feliz... por ter um companheiro. (...) num clima de... união, construção, estar junto... Eu hoje sou uma pessoa mais feliz... do que eu era. Né? E eu atribuo isso... a todo esse contexto de casamento. (...) a maneira como nós construímos isso que se chama: o nosso casamento." (Mulher, casal 11)

O discurso dos casais reflete a idéia de que a adaptação à vida em comum é um processo lento, que envolve um conhecimento mais profundo e "real" do outro. A convivência cotidiana rompe com idealizações e revela aos parceiros dimensões diferentes de si mesmos, do outro e do relacionamento. Os parceiros se adequam a um novo modo de viver e de se relacionar.

" (...) acho que, em geral, quando as pessoas... tão assim... no início de uma relação... acho que tem uma certa, umas certas... impressões... umas certas fantasias, vamos dizer assim. As pessoas às vezes vivem... alguns desejos... algumas coisas que vêem na outra, no outro, quer dizer... coisas favoráveis... e com o passar do tempo você vê que não é bem assim. (...) você vê que não era bem aquilo que você pensava. (...) com o convívio é que... Não era tão fantástico, não era tão... Você vai ver que é... uma pessoa comum. Não é uma pessoa tão... maravilhosa assim... como se pensava antes. (...) toda pessoa que tem um envolvimento... ela "doura" o outro... bota num altar etc. Com o tempo vai ver que não é." (Homem, casal 9)

" (...) quando a gente casou, efetivamente a gente passou a ter um convívio no dia a dia. Houve algumas dificuldades, obviamente, decorrentes. (...) Houve, assim, no início, uma... uma fase de adaptação que... com... com toda razão tinha as suas discussões. (...) Mas... é assim uma mudança de vida. (...) considerando assim o ... na parte de... de relacionamento entre nós dois... passar a estar todo dia junto, né, morando na mesma casa. (...) essa adaptação foi sendo feita ao longo dos anos. E... sempre procurando acertar. Eu acho que... essa idéia da gente tá sempre com... com o intuito de acertar, de

*procurar um entender o outro é que... foi o segredo, né, do bom relacionamento.” (Homem, casal 13)*

*“ (...) logo que eu me casei, também pode ser pelo fato de ter vindo pra cá, eu era muito nova, isso é verdade... Mas, por exemplo, assim, as coisas que ele, que ele... chamava a atenção... ah, esse negócio, esse... isso aqui tá fora do lugar... Aquilo eu ouvia... né... assim muito do lado da crítica. E, aquilo... era uma coisa assim que me mobilizava muito. Hoje não. Hoje eu já tiro totalmente de letra. Entendeu? Quer dizer, é uma coisa que... mudou. (...) o que ele falava... levava uma carga assim... de exigência, de crítica, muito maior do que... eu escuto hoje. Isso é totalmente diferente.” (Mulher, casal 13)*

Com a convivência, os membros do casal passam a se conhecer melhor e entender o “funcionamento” um do outro, suas características de personalidade, seus limites etc. Ou seja, passam a entender os estados emocionais do cônjuge, como este reage às situações enfrentadas, e passam a lidar melhor com o outro, discriminando o que é relativo ao casal e o que é característica individual. Percebendo, assim, como as suas ações afetam o outro e o relacionamento.

*“ Acho que com... (...) com o tempo, né, eu sinto, que cada, que a gente tá se conhecendo melhor. Né? Aprendendo assim a tolerar mais... aquilo que no início parecia difícil, né?” (Homem, casal 2)*

*“ (...) o tempo faz com que o relacionamento fique mais... mais fortalecido. A gente... é, é... domina mais as emoções... não é? Conhece mais a fundo o companheiro... É, bem mais ao fundo. Você sabe: Ó... se eu fizer isso vou magoar... Talvez com 7 anos... eu não tivesse essa percepção... não é? Mas, com 20 anos de relacionamento, você sabe, exatamente, onde você vai magoar... Você sabe exatamente... não é? O que gosta, o que não gosta... Eu acho que a convivência me ensinou isso.” (Homem, casal 11)*

*“ (...) você percebe... é... limites e defeitos daquela pessoa, né? Acho... que a convivência... vai trazendo isso tudo. Né? Sempre à tona... então, você vai percebendo como... você vai... pra você lidar melhor com a pessoa você tem que... agir de uma forma. Pra... ela lidar melhor com você tem que agir de outra... É... você vai procurando... melhorar, porque você... quer que aquilo dê certo, né? Você tá... a preocupação é sempre... que as coisas sempre ficam... fiquem melhores e que*

*a gente possa ir... ir melhorando o que não tá bom.” (Mulher, casal 10)*

*“ (...) hoje eu conheço melhor como é que ele funciona... quando ele tá de baixo astral... quando... é... ele tá zangado por alguma coisa... Então, assim, eu acho que eu administro melhor isso hoje, do que no início da minha relação com ele. Às vezes eu ficava... ou levava pra uma coisa pessoal, achava que era comigo... ou... não tinha muita paciência. (...) Acho que hoje, assim... com o tempo... tu começa a compreender mais como o outro... funciona mesmo. (...) eu consegui administrar melhor isso.” (Mulher, casal 12)*

*“ Acho que eu aprendi muito, também, a administrar os meus erros... porque no começo (...) sobrava um pouco pra ela, realmente. Ai, eu também, hoje já seguro mais a onda... respiro fundo, penso 3 vezes... Tô com algum problema... tudo bem... Se eu descarregar nela... É claro que sempre descarrega, mas a pessoa tá do seu lado, né? Infelizmente é assim. Né? Hoje eu já penso duas vezes, né? Já... é difícil eu... ter ainda aqueles... mal-humores que eu tinha na vida... Acho que ela... sabe melhor me administrar. E eu também... sei melhor me administrar.” (Homem, casal 12)*

Os casais afirmam que, com os anos de relacionamento, os cônjuges passaram a se expressar com mais facilidade sobre seus sentimentos e pensamentos. E, também, conseguiram ter uma compreensão mais profunda sobre a maneira como cada um se expressa e o ritmo em que o faz. O “desenvolvimento” dessa capacidade pode estar sinalizando que as referências construídas pelo “eu conjugal” já intermediam a percepção e o comportamento dos cônjuges, facilitando, assim, a sua compreensão mútua. A construção da identidade conjugal “edita” as experiências individuais, construindo referências comuns que capacitam os cônjuges a redefinirem as suas experiências significando-as conjuntamente. E, a confiança mútua que se estabelece entre os cônjuges permite a expressão de seus sentimentos e pensamentos, proporcionando uma troca relacional de maior qualidade.

*“ É, foi... complicado (...) até eu entender... como ele pensava... entendeu... eu custei... pra entender. E... tem certas coisas... que não... eu não entendia, né? Sabe, não dava a ... eu tive que interpretar... a forma dele pensar, pra poder entender direito... É... botar, ajustar, me ajustar em função*

*daquilo... Porque é completamente diferente. (...) Agora é que eu tô começando a entender... depois de 8 anos. Caminhamos bastante.”(Mulher, casal 9)*

*“ (...) Hoje, eu vejo que a gente se conhece muito bem. A gente sabe o que a gente... pode, não pode... A gente... é mais aberto... entende? Um com o outro. De... falar o que tá sentindo e... a sua problemática, sua questão... Então... eu vejo esse amadurecimento e vejo esse aspecto de segurança. Mudou. Há uma segurança maior... né, no nosso relacionamento.” (Mulher, casal 11)*

*“ (...) eu sou uma pessoa assim mais fechada, que falo menos e tal... E eu acho que... não sei, a gente sempre... eu tenho falado mais as coisas... Isso aí eu acho que... que mudou mais.” (Homem, casal 10)*

*“ Aí que eu sinto uma mudança da gente... poder... a gente poder falar, de repente, mais e aí... poder ver... o X vai poder falar mais um pouco... né? Já não tá tão... guardado... né?” (Mulher, casal 10)*

*“ É verdade... Eu acho que eu sou muito mais quieto assim... a X é muito mais de falar as coisas, chegar e falar tudo, do que eu. Mas, agora, eu acho que a gente tem até falado... Quer dizer, eu, né?” (Homem, casal 10)*

Na construção da conjugalidade, o diálogo constante é um aspecto importante. É através das conversações cotidianas que as realidades individuais vão sendo transformadas em referenciais comuns. Compartilhando idéias, vivências e sentimentos, os parceiros passam a ter um olhar diferente sobre si mesmos e sobre o mundo.

*“ (...) ela me ajuda... a pensar, a refletir. Eu vejo como uma parte importante da... pra me ajudar a refletir. Às vezes eu tenho... uma coisa que eu quero discutir com ela assim... uma idéia... Eu começo a conversar... e ela começa a dar a opinião dela também... o que ela acha sobre isso... e a gente começa a dialogar e... fazer um debate.(...) um relacionamento... é... de uma parceria, de uma amizade e tal, de... dialogar sobre as questões.”(Homem, casal 2)*

*“ (...) se há uma troca... você... a gente passa a discutir coisas, e a gente passa a ver as coisas... de uma outra forma, né? Uma visão mais compartilhada.” (Mulher, casal 9)*

Os homens enfatizam em seus discursos que transformaram as suas visões de mundo a partir das trocas com as suas parceiras. Em suas falas, aparece a idéia de uma construção comum de valores e de uma releitura construtiva da vida a partir do relacionamento conjugal.

*" (...) eu acho que, em termos de visão de mundo, o que aconteceu foi que durante esse processo de casamento, eu recuperei uma visão de mundo mais otimista, talvez. Uma visão de mundo de maior construção, de... pensar a vida como um... um momento que a gente tem que tá construindo, tá... olhando pra gente, entende?" (Homem, casal 4)*

*" (...) eu e a X tínhamos... temos... tínhamos e temos... os mesmos valores, os mesmo, a mesma... a mesma evolução pessoal, profissional... Temos a mesma idade. Tem uma série de valores culturais... que eu acho que pode ter... é... mudado. Mas, uma série de características, certos valores dela... foram absorvidos... né? E uma série de valores que eu tinha ela absorveu. Uma troca de... de valores. (...) Então, teve alguma mistura... de visões culturais." (Homem, casal 5)*

As mulheres ressaltam que, a convivência com o cônjuge e a possibilidade de compartilhar problemas e conquistas modificou a sua forma de ver o mundo, permitiu uma releitura de si mesmas e do seu cotidiano.

*" (...) depois que a gente passa a ... a conviver com uma pessoa... a gente torna-se mais tolerante... né? A gente aprende melhor a palavra solidariedade... A gente aprende... melhor o que é ser companheiro... Entendeu? Porque, na verdade, quando você... não convive com uma pessoa... você até tem esse... esses preceitos, né? Mas, realmente, você só os exerce... amplamente, quando você convive com uma pessoa. Entendeu? No seu dia a dia.. Acordando, dormindo, tomando café da manhã, almoçando, jantando. Isso aí, pra mim... foi assim uma mudança muito radical. A gente muda. A minha vida mudou muito nesse sentido, eu aprendi a ser mais solidária... aprendi a ser mais companheira, aprendi a ser mais amiga... Essas palavras, pra mim, mudaram o sentido, entendeu?" (Mulher, casal 5)*

*" (...) eu acho que o companheirismo é uma coisa que... modifica a forma da gente enxergar o mundo. Isso eu acho. Eu acho que o fato... de tá dividindo com ele... problemas e as*

*conquistas, enfim, uma série de coisas... é uma... Eu acho que é uma coisa assim que... que modifica. Né?" (Mulher, casal 13)*

Como podemos observar nas falas acima, a construção da conjugalidade altera a visão de mundo dos membros do casal e a percepção de si mesmos. A redefinição da realidade individual e a construção de uma realidade comum são condições necessárias para a constituição de um casal. Nesse sentido, o discurso dos casais nos mostra que identidade conjugal dos entrevistados está atuante nas suas reflexões. Os entrevistados se colocam como membros de um casal e refletem em suas falas a influência dessa condição, englobando em suas reflexões a importância do parceiro e do universo comum para a constituição de suas referências.

Segundo Berger e Kellner (1988), a vida a dois provoca uma resignificação da realidade individual de cada parceiro, cria referências comuns e estabelece uma identidade conjugal. No discurso dos entrevistados podemos perceber que, tornar-se um casal exige que os indivíduos passem a compartilhar valores, objetivos e trajetórias de vida. Observamos que, a construção da conjugalidade envolve a transformação das demandas individuais em outras mais compartilhadas e se define pela criação de referências comuns. Os indivíduos se transformam em parceiros quando aceitam compartilhar interesses e adaptar as suas demandas às necessidades conjugais e familiares.

Berger e Kellner afirmam que é através de suas conversas cotidianas que os parceiros vão adequando as suas realidades individuais à realidade conjunta do casamento. Os entrevistados ressaltam que, ao compartilhar as suas vivências, idéias e sentimentos com os parceiros, passaram a ter um olhar diferente sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca. Transformando as suas visões de mundo, a partir de suas trocas, os parceiros constroem valores comuns, fazem uma releitura de suas vidas, integram as suas percepções e constroem uma identidade comum.

Os casais entrevistados consideram que compartilhar as suas experiências com o cônjuge é fundamental, pois na troca entre os parceiros, cada um pode ter, através do outro, um olhar diferente das situações vividas. E, isso possibilita, a ambos, desenvolver maneiras diferentes de se posicionarem diante do mundo e de si mesmos. O relato dos entrevistados confirma as idéias de Berger e Kellner de que

através do processo de “conversaço” os parceiros integram as suas percepções e redefinem a realidade que é significativamente vivida por ambos. Os parceiros criam referências comuns e estabelecem uma identidade conjugal a partir da relaço com o outro. Através das trocas verbais os parceiros vão ajustando as suas concepções pessoais à realidade comum do casamento, num processo que envolve uma “conversaço” constante que elabora novas formas, comuns, de perceber e significar a realidade vivida por ambos.

Menahem (1988) afirma que o casamento cria um novo universo de referências para os cõjuges e a adesão a essas novas significações cria um sistema de normas e representações comuns que sustentam e mobilizam o casal para a consolidaço dos seus projetos de união. Os entrevistados afirmam que ter interesses e projetos em comum, construir um cotidiano a partir de referências e objetivos conjuntos é fundamental para a construço da conjugalidade. A unidade conjugal se constitui pela construço de referências comuns e de interesses compartilhados.

Os entrevistados ressaltam que a relaço conjugal vai se construindo a partir das situaçoes vividas no cotidiano e a medida em que os parceiros vão se conhecendo melhor. Com a convivência, os membros do casal passam a se conhecer melhor e a entender o “funcionamento” um do outro. Com isso, passam a lidar melhor um com o outro e a discriminar o que é relativo ao casal e o que é característica individual. A construço de um universo compartilhado facilita a compreensõ mútua. Os parceiros recriam a sua realidade através de uma identidade compartilhada e de um diálogo constante sobre as vivências, os sentimentos e pensamentos de cada um. A convivência cotidiana rompe com idealizaçoes e revela ao parceiros dimensões diferentes de si mesmos, do outro e do relacionamento. Assim, a interaço entre os parceiros vai se aprimorando com o tempo e com a construço de um universo comum.

Podemos perceber no discurso dos entrevistados uma preocupaço em aprender a lidar com o outro, estando atento às suas características de personalidade e aos seus estados emocionais, para melhor compreender as suas atitudes e comportamentos, considerando que estes afetam o relacionamento de ambos. Os casais entrevistados procuram pautar o seu relacionamento no conhecimento

psicológico do outro e de si mesmo, tornando a relação conjugal um espaço de auto-conhecimento e de oportunidades para o crescimento individual. Podemos entender essas preocupações, também, pela ótica de Willi (1995), segundo a qual, quando os parceiros se comprometem numa história em comum, cada um é efetivamente afetado pelo comportamento do outro e, para construir um mundo comum, ambos precisam elaborar seus referenciais um em função do outro. Sendo assim, o conhecimento do outro, de si mesmo e das diferenças entre ambos é fundamental para a construção de referências comuns possíveis e para a viabilidade de um universo compartilhado.

#### **4.1.2 - Casamento como espaço de concessões e de diferenças.**

A idéia básica presente na concepção de casamento, como um espaço de concessões e de diferenças, é a de que a convivência exige dos cônjuges uma flexibilidade para lidar com a singularidade de cada um e, ao mesmo tempo, cria oportunidades para a transformação individual pelo “confronto” com o outro, com as suas possibilidades e limites. A necessidade de concessões e ajustes entre os cônjuges é remetida à percepção de suas diferenças e à busca de soluções compartilhadas para os impasses da vida a dois. Existe uma tensão constante entre a necessidade de integração dos cônjuges e a percepção de suas diferenças, criando, assim, uma linha tênue para a convivência transformadora baseada na “negociação” das peculiaridades de cada um.

No discurso dos entrevistados, o relacionamento conjugal é percebido como um exercício de convivência, que enriquece cada um como pessoa, pois é preciso, o tempo todo, lidar com as diferenças, respeitar a maneira de ser do outro e fazer concessões. Para ser um casal, e permanecer casado, é preciso que cada um desenvolva a sua capacidade de ceder. A vida a dois é vista como um processo de integração, de criação comum, mas também de compreensão e manejo das diferenças individuais.

*" (...) o casamento é um exercício (...) de você saber conviver. É um exercício de paciência (...) de concessões (...). De você procurar... é... entender o outro, de respeito ao outro (...) de respeito pelo outro, pela maneira de ser... Você... entender e gostar do outro como ele é... diferentemente de você. Quer dizer, com as coisas que vocês têm em comum... e também com as coisas que não têm em comum. (...) com as diferenças que são na forma de.. de sentir e de ser de cada um. (...) acho que é uma experiência... muito rica, por tudo isso. Acho que a gente... aprende muito, acho que a gente cresce." (Mulher, casal 1)*

*" (...) ser um casal e estar casado, primeiro, é... saber abrir mão. A primeira coisa. Porque... quando você une duas pessoas, cada um pensa de uma maneira totalmente diferente. Vieram de... culturas diferentes... é... criações diferentes... Então, quando você junta tudo isso, se não houver... se não houver, realmente, a capacidade de cada um ceder um pouco, você não consegue ir adiante." (Homem, casal 11)*

Os casais percebem o casamento como uma relação em que é preciso fazer concessões, fazer ajustes, e, também, saber lidar com as diferenças individuais, compreender que, apesar das afinidades, os parceiros sempre se expressarão de modo singular.

Entre os pressupostos básicos para a relação conjugal, os casais entrevistados enfatizam o respeito mútuo como uma condição essencial. O respeito ao outro como pessoa, com seus momentos, suas qualidades, defeitos, desejos e escolhas. Os casais entendem que, respeitar o outro é aceitá-lo como ele é. Os parceiros devem apoiar um ao outro respeitando as suas singularidades.

*" E o respeito, né? (...) o respeito de um com o outro, acho que é fundamental, né?" (Homem, casal 2)*

*" (...) respeitar a individualidade do outro... Isso é fundamental! Senão, realmente não dá certo." (Mulher, casal 2)*

*" Ah, respeito... Tem que respeitar muito o outro. (...) Eu tenho que respeitar ele... no que ele é. Com todas as dificuldades... Tentando ajudar... dentro do que ele é. Da mesma maneira, ele também... fazer isso comigo." (Mulher, casal 3)*

*"Acho que o respeito, né? Aceitar o que o outro é." (Homem, casal 12)*

*" (...) tem essa coisa de, de respeitar, né? Respeitar o momento do outro. (...)" (Mulher, casal 12)*

*"Tem que ter respeito... muito respeito. (...) Eu falo respeito... em relação à pessoa... em relação às suas escolhas... em relação... é... ao que o outro deseja ser naquele momento. (...) Eu acho que... você tem que tá sempre... é... valorizando, dando apoio... seja em qualquer situação. Seja em relação à casa... seja em relação ao trabalho... seja em relação ao filho... né? Eu acho que... que pra dar certo duas pessoas... tem que se valorizar, tem que... se apreciar o outro. (...) Então, eu acho que tem que ter... esse respeito, no sentido de valorizar, de acreditar no outro." (Mulher, casal 14)*

Para os casais entrevistados, compreender a maneira de ser do outro e aceitá-lo respeitando as suas diferenças, nas formas de agir e de ser, não pretendendo transformá-lo naquilo que gostaríamos que fosse, pode evitar muitos conflitos entre os membros do casal.

*" Eu tenho que aceitar ele como... ele é. Não que eu... eu não possa assim ajudar ele em coisas que ele não tá se sentindo legal, mas... a pessoa dele, né? (...) Porque quando você quer mudar a pessoa é porque você não tá satisfeito com... com o que ela é, né? Ai que eu acho que começa... os conflitos vão... vão aparecendo mesmo. Quando você não... Você tá com uma pessoa, mas quer que ela seja de outra maneira, de outro jeito." (Mulher, casal 3)*

*" Ah... entender, um entender o outro, né? Entender quais são as limitações de um, quais são as limitações do outro. E... respeitar, né, essa, essa... essa pessoa. Um... o que cada um é... E ver... eu sei que eu tenho os meus defeitos, que a X tem os defeitos dela... saber lidar com isso, né? (...) Pra você poder... respeitar o que é cada um. (...) entender um ao outro." (Homem, casal 10)*

*" (...) a gente tem que... entender, né (...) Às vezes, coisas que você não a ... você não pensa, às vezes, dessa forma, ou você não agiria dessa forma, mas a outra pessoa... age. Então, você tem que... entender (...) e lidar com isso de uma, da melhor forma possível, né?" (Mulher, casal 10)*

No discurso dos entrevistados, as diferenças individuais podem ser consideradas como o grande problema a ser enfrentado pelos relacionamentos conjugais ou como oportunidades para uma transformação individual.

*“É, isso é uma das dificuldades do casamento. Porque são duas pessoas diferentes que nunca vão ser iguais. Existem semelhanças e tal, mas, mas existem... muitas diferenças.”*  
(Homem, casal 6)

*“É a tal da pasta de dente, né... que falam... um aperta no meio e o outro... É, e é verdade... são pequenas coisinhas do dia a dia que vão...”* (Homem, casal 6)

*“ (...) eu acho que essas diferenças... são importantes, né? Se não existissem era bem mais fácil.”* (Mulher, casal 6)

Para os homens, as diferenças podem ser consideradas como o que atrai os cônjuges, o que torna a relação interessante, porque permite a cada um aprender com o modo de ser do outro.

*“Olha, eu acho que... é... cada pessoa é completamente diferente da outra, né? E a X é completamente diferente (...) de mim. Né? Então, isso é interessante... pra mim. Né? Porque, aí, eu vou... também... ver a possibilidade de ser como ela (...) e ela também como a mim. (...) Aí você troca mais, né? Eu vejo assim. Você... é nessas coisas mesmo diferentes é que é legal.”* (Homem, casal 3)

*“Mas, eu acho que é isso, que diferença também faz... Porque... se fosse tudo muito igual, né? (...) eu acho que o que nos une, também, é exatamente (...) esse um pouquinho de... de discórdia, é... é que também... acaba unindo.”* (Homem, casal 11)

As mulheres consideram que, as diferenças individuais podem complementar um relacionamento, mas lidar com isso exige dos membros do casal uma grande dose de respeito mútuo, de respeito pela maneira de ser de cada um.

*“ (...) o que justamente mantém eu e o X juntos até hoje... é que... a gente... é... procura respeitar um ao outro. Mesmo nos momentos difíceis, nos momentos que... a gente, às vezes, quebra o pau, discute... porque somos pessoas diferentes. E porque somos pessoas diferentes, às vezes sentimos*

*determinadas coisas de forma diferente. (...) o grande... é... ponto, justamente, pra uma relação dar certo, (...) passa por aí, por manter... respeitar... a diferença do outro.” (Mulher, casal 1)*

*“ (...) quando duas pessoas são muito diferentes... ou.. é assim... dá muito certo... porque essas pessoas se completam... ou vira uma grande cagada.. E eu acho que a gente tem... é... fases que oscila. Você tem épocas que vira mesmo uma grande cagada, épocas que você tá mais intolerante, mais inflexível... tudo irrita, entendeu? (...) E tem épocas que a gente consegue curtir juntos... Eu acho que depende muito, assim, do momento que a gente tá vivendo.” (Mulher, casal 14)*

O discurso dos casais demonstra que as diferenças valorizadas são justamente as que se complementam. Ou seja, as características que um tem e o outro não acabam complementando a relação e os indivíduos envolvidos. As diferenças complementares equilibram a relação do casal, mas, em alguns momentos, desencadeiam conflitos.

*“É... nós temos uma coisa... que é muito diferente. (...) Ela tem... uma... uma flexibilidade bem maior do que eu. Eu não tenho flexibilidade quase nenhuma... E ela tem. Ela é, é ela é bem... solta, né? (...) é flexível demais, às vezes. (...) E, eu tenho mais... eu sou mais... mais rígido. (...) essas duas coisas... que são opostas... é... mesmo sendo... conflitantes... leva, às vezes, a ... a união... dos dois... que são os... os extremos. É, complementa de alguma maneira. Se atrai de alguma maneira. Se une de alguma maneira.” (Homem, casal 9)*

*“ (...) é questão de temperamento, né? (...) eu... renovo mais, eu... eu invento mais, entende? Ele cadencia mais as coisas, mais sistemático, sabe? Mais sistemático, mais disciplinado. Mais metódico. Sabe? Eu sou mais criativa, sou mais... mudo, invento, inovar. Né? E... não meço esforços pra isso... e, de vez em quando, entra em choque, né? Vai mexer nisso pra que? (...) muda isso daí. Vamos renovar tudo isso, sabe? E, nessas diferenças é assim que a gente lida... conversa, conversa, conversa, conversa...” (Mulher, casal 11)*

*“ (...) O temperamento é um pouco diferente, né? Ela é mais tranqüila... Eu sou um pouco mais estourado e tal, mas... isso também é bom, porque dá uma... equilibrada, né?” (Homem, casal 12)*

*" (...) talvez a principal diferença assim na maneira de conduzir as coisas... entre nós dois... eu acho, né, eu digo por mim. (...) É que eu sou objetivo demais e ela é mais... reflexiva. Eu procuro atacar as coisas muito diretamente, sem... dar muita volta, e ela gosta de pensar antes, se posicionar melhor... E aí, no final das contas, a gente consegue chegar... a um denominador comum aí razoável."* (Homem, casal 13)

*" A gente tem várias diferenças na, na forma de ser, de se colocar... né? (...) como ele falou mesmo, ele é mais... é... diretivo... né? Eu já prefiro... dar mais margem a escutar... né... a ponderar... pra entender. Essa é uma diferença."* (Mulher, casal 13)

Entender e respeitar as diferenças individuais, decorrentes da educação recebida e da história de vida de cada um, é considerado importante para o bom relacionamento do casal. Os entrevistados ressaltam que os parceiros podem estar construindo uma história comum, nesse momento, mas a situação presente não anula as características da história que constituiu cada um dos membros do casal. Sendo assim, os entrevistados consideram que as diferenças individuais, atribuídas a esse passado cultural e familiar, não podem ser mudadas, apenas atenuadas e, portanto, só resta aos parceiros respeitá-las.

*" (...) a gente tem histórias de vida diferentes, formação diferente... cresceu em lugares diferentes, com culturas, de uma certa forma, diferentes. E... e... a partir daí a gente tenta, realmente, se... é... se entender, em função disso."* (Homem, casal 1)

*" (...) um respeita a história do outro. (...) Cada um trouxe a sua história, né? E quando ficamos juntos sabíamos da nossa história. Né? (...) Quando eu conheci ele já... tinha... é... essa visão. Então eu tenho que respeitar isso (...) mesmo que não seja a minha."* (Mulher, casal 2)

*"É, a gente vem de cidades diferentes também. (...) é diferente, né, é muito diferente a educação... do povo de outros lugares. (...) Em cada estado é uma coisa totalmente diferente do outro. (...) a partir do momento que ela foi, viajou comigo, conheceu lá como é, já entende melhor... Porque... você só sabe das coisas quando você vivencia, né, assim, mesmo, de verdade. Então, não adianta eu ficar falando pra*

*ela como é que é, como é que não é... ela tem que ver."*  
(Homem, casal 7)

*" São realidades diferentes. Que geram conflitos também. Né? De certa forma." (Mulher, casal 7)*

Aprender com as diferenças individuais é um outro ponto ressaltado pelos casais entrevistados. É importante que haja uma troca e, ao compartilhar as experiências, cada um possa ter, através do outro, um olhar diferente da situação vivida. Isso possibilita a ambos desenvolverem maneiras diferentes de se posicionar diante do mundo e de si mesmos.

*" (...) na verdade, houve uma troca. Eu tinha um, uma experiência num determinado nível e ele tinha experiência num outro nível, que eu não tinha. (...) ele tinha uma vivência muito grande num outro nível... Conhecia um mundo que eu não conhecia. (...) e eu conhecia... um outro mundo, uma outra coisa, um outro lado da vida, do mundo e tal, que ele não teve oportunidade de conhecer. (...) E, com isso ele aprendeu, né, a ver o mundo de uma maneira e eu de outra. Fizemos uma troca... Houve uma troca." (Mulher, casal 8)*

*" E, pelo tempo, até, a pessoa vai se ajustando, né? (..) ele já é bem mais flexível, ele continua rígido... mas, ele é bem mais flexível do que no início. (..) E eu, por outro lado, também... já... puxei... eu... continuo flexível, mas, também, com uma certa responsabilidade, que eu não tinha assim. (...) Então, quer dizer, eu peguei um pouco disso também, e ele um pouco também da flexibilidade." (Mulher, casal 9)*

*" E, tem uma coisa também que eu, eu observo que existe, eu acho que um pouco, em nós dois... é... existe uma admiração mútua... sabe? Tem uns pontos nele que eu admiro muito. (...) E, eu vejo também que tem coisas que ele me admira, faz questão de comentar: eu gosto disso em você... Admiro isso. Puxa, você é capaz disso! Eu não sou. Sabe? E, sem aquela condição de competitividade, da guerra de braços (...) mas sempre com aquela... admiração. Ela consegue isso e eu não. Eu também com ele, né? (...) Então... um vai... enxergando e aprendendo um pouquinho com o outro." (Mulher, casal 11)*

*" (..) a X às vezes não gosta muito, mas ela... ela encara: vamos embora, vamos juntos. (...) isso é importante. Quer dizer, cada um acaba... embarcando... né, num outro modo..." (Homem, casal 11)*

O discurso das mulheres ressalta que a flexibilidade e a compreensão do outro são aspectos importantes para a convivência do casal. Respeitar o outro como pessoa, compreendendo as suas emoções e atitudes, mesmo que não concorde com estas, e ter flexibilidade para ceder em seus pontos de vista são fatores essenciais à continuidade do relacionamento.

*" (...) eu acho que... que tem essa dificuldade também de ceder. Então, se eu sou assim, eu sou assim e... sabe... o outro que seja como eu quero. E a vida não é assim. Se você não tiver flexibilidade, não tiver jogo de cintura de... sabe... também fazer as coisas que o outro quer, também procurar ter paciência quando o outro tá deprimido, quando o outro tá irritado. (...) eu acho que o que mantém tão pouco... as relações assim... sólidas... é porque cada um que ver muito o seu lado. E quando você vive junto você não pode ter só o seu lado, você tem que... respeitar... é... justamente essas diferenças." (Mulher, casal 1)*

*" (...) Você tem que... aprender a ceder em algumas coisas... Você tem que... entender... muitas coisas que, às vezes, você não entende... que você não concorda... que você não agiria dessa forma... Você tem que respeitar, porque é a formada pessoa." (Mulher, casal 10)*

*" (...) você tem que... é... ceder... em muitas coisas... E querer se adaptar... Se deixar ir aprendendo nesse caminho. (...) você tem que querer... é... se deixar ver essas coisas, entendeu? Acho que a pessoa tem que ceder." (Mulher, casal 13)*

Para as mulheres, ainda, a falta de paciência com as diferenças individuais, o não saber lidar com o outro, e com as suas próprias emoções, são fatores que dificultam a manutenção de uma relação.

*" (...) pra você entender essas diferenças... é que eu acho que é a coisa mais complicada. Então, eu acho que hoje, justamente o que eu sinto nas pessoas... é a falta de saco, entendeu? É a falta de paciência... com as diferenças do outro... Né?." (Mulher, casal 1)*

*" (...) Pra se manter casado acho que precisa de paciência... Paciência pra... pra lidar, pra saber... o tempo das coisas, né? E saber manter vivo... é... a emoção, a si mesmo, o outro... né... a relação em si. Né?" (Mulher, casal 4)*

*" (...) acho que você tem que, realmente, amar muito aquela pessoa. Senão você... na primeira contrariedade, na primeira desilusão... eu acho que a pessoa já não tem mais saco de continuar aquele relacionamento." (Mulher, casal 13)*

O discurso dos homens aponta a capacidade de ceder como um aspecto importante para a manutenção da relação. Segundo os entrevistados, o relacionamento se mantém na medida em que se aprende a ceder e se abdica de algumas atividades em favor do outro e da relação, desde que as renúncias sejam recíprocas e ninguém se sinta prejudicado.

*" Você tem que ceder...muito, muitas vezes. Se você não for uma pessoa capaz de ceder... vai ter sérias dificuldades pra manter o relacionamento." (Homem, casal 6)*

*" Eu acho que a dificuldade que existe pra se manter casado é... é a pessoa ser... ser inflexível... A pessoa não poder... não saber... a hora que ela tem que ceder... sabe? Mas, também, não pode ficar o tempo todo... deixa pra lá e tal, sabe?" (Homem, casal 10)*

*" (...) o problema de cada um ceder, né? É... cada um tem que ceder um pouco o seu espaço. Isso, também, a gente tem que saber... tem que saber equilibrar direitinho... qual é o espaço que você tem que ceder... porque se cada um for intransigente e não ceder... não dá certo." (Homem, casal 11)*

*" (...) se cada um... é... fizer só, exatamente, aquilo que tá acostumado... o que gosta de fazer... eu acho que complica o relacionamento. (...) quem vai casar, tem que abrir mão... desse tipo de coisa. Né? Quer dizer, aquilo que você fazia quando era solteiro... Eu acho que... quando você se une, você tem que abrir mão... um pouco... desse... é... daquilo que você gostava. Não é? Sem se prejudicar. Não é que você não possa fazer... Pode. Mas, você tem que, em determinadas horas abrir mão. (...) Muitas vezes, você tem que abrir mão... às vezes você gosta, quer fazer, mas você... não pode fazer, pra poder atender, às vezes, a companheira. E vice-versa, né?" (Homem, casal 11)*

O casamento é visto pelos homens como um aprendizado de concessões e negociações. Para moldar-se a uma vida em comum é preciso negociar hábitos e

comportamentos, ceder em algumas coisas, reaprender à viver, e, muitas vezes, ter que “abrir mão” de interesses individuais em favor dos conjugais.

*“(...) é você... aprender a ceder. É esse aprendizado que você tem... que ceder. (...) Você saber negociar as coisas... Casamento também é isso... é negociar pequenos hábitos, é negociar... ceder em pequenas coisas.” (Homem, casal 4)*

*“ (...) Tem que de alguma maneira ceder. Tem que reaprender... é difícil mesmo, porque você foi de uma forma a sua vida inteira... e de repente você tem que... às vezes mudar algumas coisas.” (Homem, casal 6)*

*“ (...) esse é um ponto... é, principal. Que cada um saiba... aprenda um pouco... né? É, ceder um pouco. Porque, a partir do momento que você resolveu ficar junto... você tem que abrir mão (...) nem sempre dá pra fazer tudo que você poderia fazer sozinho, né?” (Homem, casal 11)*

*“ (...) de alguma maneira você... é... eventualmente tem que se amoldar a um comportamento e saber... até aonde você pode na sua liberdade... Claro que isso tem que ser medido. (...) algumas coisas, por um acordo tácito, não se faz.” (Homem, casal 5)*

O discurso das mulheres sobre o casamento ressalta, também, a necessidade de ajustes e concessões mútuas entre os membros do casal. As mulheres consideram que, a relação precisa ter uma certa plasticidade para acomodar os frequentes ajustes e concessões de parte a parte.

*“ (...) o casamento é um eterno ajuste. Por mais que você, por mais que o casal se dê bem... você tem que tá sempre cedendo. Um tem que tá sempre cedendo, o outro também tem que tá sempre cedendo... pra poder... ele dar certo.” (Mulher, casal 5)*

*“ (...) um cede, o outro cede. Ter também uma certa plasticidade, assim, sabe?” (Mulher, casal 13)*

No discurso dos homens, aparece a idéia de que cada um deve definir o que considera o seu espaço individual e o que tem que “abrir mão” para o espaço conjugal.

*" (...) Tem sempre uma tensão... Não é fácil lidar com essa tensão. Se eu fosse solteiro faria... n coisas que eu não faço porque eu sou casado. É... é um ajuste aí que tem que... cada um entende como um espaço individual que tem... pra... e um espaço... que tem que abrir mão porque... é um casal... Não é um negócio fácil de lidar não." (Homem, casal 5)*

O discurso das mulheres expressa a idéia de que o respeito ao espaço de cada um na relação é fundamental. "Abrir mão" é necessário, mas em alguns momentos é preciso respeitar aqueles pontos em que não se pode abrir mão.

*" (...) existem momentos, situações, questões, que você não pode abrir mão, porque aquilo é muito importante pra você. Aí, é hora do outro respeitar. É hora do outro abrir mão. É, tem momentos que... é o inverso, né? É hora de você abrir mão, porque aquilo é muito importante pro outro. Então, saber enxergar isso (...) é... saber respeitar... não só o outro... como a si mesmo... como um casal. Entendeu? Então, é preciso haver esse tal de respeito ao casal." (Mulher, casal 11)*

"Abrir mão" de determinadas coisas não pode ser encarado como um aviltamento do indivíduo, mas como algo que se faz em consideração à relação conjugal. É uma escolha, um acordo entre o casal, não pode ser sentido como uma obrigação, um peso, mas como uma troca.

*" (...) parece que você tá sempre abrindo mão... e... em troca de uma outra coisa. E, aí, fica querendo botar na balança se aquilo compensa. Eu, eu nunca vi o meu casamento assim (...) como uma coisa de abrir mão... Claro que você abre mão, assim, de algumas coisas, mas não no sentido de ser... desse peso, né, de você abrir mão... e ficar preso a um casamento, a uma relação." (Mulher, casal 12)*

O discurso dos entrevistados demonstra que o manejo das concessões e das reivindicações individuais na relação conjugal é cheio de sutilezas e exige uma "negociação" constante entre os cônjuges, para acomodar as diferentes demandas que surgem no percurso de uma convivência.

Segundo Kaufmann (1995), o casal se constitui como um sistema dinâmico, de ajustamentos permanentes, que requer um trabalho de construção da parte daqueles que tentam a experiência da vida a dois. A integração conjugal vai ocorrendo paulatinamente com os parceiros avaliando a possibilidade da constituição de um acordo que contemple os seus interesses individuais e estructure uma identidade comum.

O discurso dos entrevistados nos mostra que o casamento é concebido como uma relação em que é preciso, constantemente, fazer ajustes e concessões, onde a flexibilidade e capacidade de ceder são condições necessárias para a convivência do casal. A vida a dois é um aprendizado de concessões e negociações. O relacionamento conjugal é visto, também, como um espaço de construção das identidades pessoais e, nesse sentido, é fundamental que haja um respeito à singularidade de cada um. Os casais querem criar um espaço comum de interação, mas esse não pode se constituir pela anulação das diferenças individuais.

#### **4.1.3 - Casamento como espaço de crescimento e de estabilidade.**

A concepção de casamento, como espaço de crescimento e de estabilidade, dá continuidade à idéia de que, através da convivência e das trocas afetivas, os cônjuges vão aprendendo novas formas de lidar consigo mesmo e com o outro, o que provoca um amadurecimento em ambos. O relacionamento conjugal é visto como um espaço privilegiado para o crescimento pois, além dos parceiros terem que lidar com as suas diferenças, a relação fornece aos cônjuges um suporte emocional para que possam se desenvolver como pessoas e atuar no mundo com mais segurança.

Para os casais entrevistados, o casamento é um espaço de crescimento comum, de divisão e aprendizagem. Através da relação, os parceiros crescem como indivíduos, como casal e como família.

*" (...) casamento é um espaço de crescimento... você cresce individualmente, você cresce... em dupla, você cresce em*

*família. (...) é um espaço de crescimento, é um espaço de divisão, de... de vida e de crescimento comum e individual, né?" (Homem, casal 4)*

*" Ah, casamento é um, é um aprendizado diário, não é? É uma coisa... que por outro lado, ele te fecha, parece que você fica mais... é... fora da situação, da vida social diária. Mas, às vezes, é o contrário, você tá crescendo mais... num outro lado, eu acho." (Homem, casal 7)*

A relação conjugal é vista como um espaço privilegiado para o crescimento individual. Os parceiros se ajudam mutuamente a crescer como pessoa. O relacionamento dá aos parceiros a oportunidade de se conhecerem melhor pois, através da troca afetiva e das conversas cotidianas, os cônjuges vão tomando consciência das suas características individuais e aprendendo a lidar consigo mesmo e com o outro de forma diferente.

*" (...) ser um casal é... um querer ajudar o outro... né? É... compreender... é auxiliar, abrir o olho pra coisas que... você... E tentar... ajudar, né... É... compreender os sentimentos, de raiva, de... Tanto nas partes boas quanto nas ruins. (...) Acho que casal é você querer ajudar... um ao outro... E querer crescer junto também, né? Os dois tentarem... se ajudar pra crescer." (Mulher, casal 3)*

*" (...) conhecer e se conhecer através do outro, né, é o principal. Porque quando você tem alguém, assim, você pode falar pra alguém, né? (...) Então... a gente passa a se conhecer melhor porque fala, né? E o outro, também, passa a conhecer a gente de uma outra maneira, porque tá do lado de fora, então, mostra pra gente o que a gente, também, não quer ver. Então, a gente... tem oportunidade de se conhecer melhor... conhecer o outro também... e saber o que o outro sente, né?" (Homem, casal 3)*

*" (...) é um espaço de você poder... ter a segurança de tá... bem recebido... pra você poder até... se arriscar mais ou... crescer lá fora, ou crescer individualmente, entende?" (Homem, casal 4)*

A relação conjugal fornece aos parceiros um suporte emocional para que cada um possa se desenvolver como pessoa; seja pelo confronto das suas diferenças

individuais, seja pela percepção de que na relação conjugal existe um espaço seguro, onde se pode voltar para recarregar as forças.

A segurança e a estabilidade emocional conquistadas com o casamento foram aspectos ressaltados pelos entrevistados. Segundo os entrevistados, a relação conjugal lhes proporcionou equilíbrio emocional e tranquilidade, permitindo que atuem na vida de forma mais segura.

*" Ah, eu acho também... que... como a gente tá assim... tá casado e tá bem... É... eu me sinto assim mais segura... Como pessoa, mais segura." (Mulher, casal 3)*

*" (...) O casamento trouxe muito equilíbrio pra mim. E, melhorou até a minha vida... se refletiu na vida profissional." (Mulher, casal 8)*

*" (...) Eu passei a ter uma serenidade. (...) porque... eu tenho uma... uma... essa... estabilidade emocional, me trouxe também muito esse equilíbrio. Você tá entendendo? Eu não tenho mais aquelas vontades de não sei o que, aquilo... me, me... me serenou." (Mulher, casal 8)*

*" (...) aquele negócio que te dá, que eu acho, a tranquilidade. (...) eu não tenho mais aquela busca, né, aquela angústia, né? Que eu tinha quando tava solteiro." (Homem, casal 12)*

No discurso das mulheres, surgiram referências ao fato de que o relacionamento conjugal lhes proporcionou segurança pessoal e tranquilidade emocional.

*" Acho que eu me sinto hoje uma pessoa... é... mais forte, mais segura, do que eu era, né? Afetivamente mais segura... né... Acho que é uma, uma relação realmente que me... me dá essa... tranquilidade. Que é uma... uma coisa muito boa, essa tranquilidade afetiva, né, principalmente." (Mulher, casal 1)*

*" (...) me deu mais segurança. Porque... é... Acho que no fundo eu buscava mesmo uma relação, eu queria ter filho, eu queria ter um... é... queria ter um companheiro de vida em comum, né? Então, isso me deu segurança." (Mulher, casal 4)*

*" (...) antes do casamento eu era mais insegura, né? (...) essa questão da... da segurança... foi uma coisa assim muito*

*importante. E também... a questão da... do companheirismo, da amizade, dessa coisa toda... principalmente a segurança. Eu passei a se uma mulher... muito... uma pessoa muito segura após o casamento." (Mulher, casal 5)*

A convivência com o parceiro e a troca afetiva do relacionamento facilitaram as transformações individuais e o sentimento de equilíbrio expressados pelos entrevistados.

*"(...) eu, hoje, eu tô uma potranca mais dócil, com certeza. Quer dizer, ele conseguiu... com, com o excesso de equilíbrio dele. (...) ele é uma pessoa equilibrada e isso me fez muito bem. Fez bem ao nosso casamento, fez bem a mim, fez bem... a mim com relação... a própria vida, a vida profissional e tal... Ele me deu muito, ele passou bem esse equilíbrio." (Mulher, casal 8)*

*" (...) o meu relacionamento com o X foi uma coisa muito importante... pra mim. Porque... é... eu, pela primeira vez, consegui ter, assim, um relacionamento... seguro... É... um relacionamento assim... tranqüilo... Uma coisa que... é... me fazia bem. Não era... cheio de dívidas... e incertezas." (Mulher, casal 10)*

*" Talvez eu tenha ficado... eu fiquei mais humano... mais tranqüilo. (...) eu sempre fui muito estourado... eu tenho esse... eu tenho um estopim, eu sou uma bomba-relógio. Às vezes eu dou uns rompantes... Eu melhorei muito. Acho que muito com a convivência dela. Porque ela é muito doce, ela é muito... sabe... de conversar, dificilmente... é... ela grita. (...) nesse sentido... eu fiquei mais doce, mais... parcimonioso e tal. (...) acho que eu tô mais... paciente, é... menos angustiado com certas questões. Acho que eu tenho, eu fiquei com uma visão muito tranqüila... não ainda totalmente tranqüila, exatamente Zen, mas... é... eu me vejo mais assim, tá, mais... mais paciente, menos angustiado e tal. Sem tá buscando alguma coisa. Acho que agora a minha busca é outra, né? A busca de tá sempre... é... cada vez mais companheiro dela. E vice-versa, né?" (Homem, casal 12)*

O amadurecimento dos membros do casal é visto como um fator determinante de mudanças no relacionamento conjugal. Quando cada parceiro cresce individualmente, a sua transformação se reflete na relação conjugal. Esse processo fortalece a relação desde que seja acompanhado pelos dois parceiros.

" (...) eu acho que a gente amadurece mais... Eu acho que coisas talvez pelas quais... a gente explodisse antes... né... ou... ou me irritasse mais antes, eu acho que... muda. Você tá crescendo, tá começando a olhar a vida... com outros olhos, né? Acho que vai ficando uma coisa mais madura. Eu sinto assim um amadurecimento da relação e da gente, individualmente, dentro dessa relação, né?" (Mulher, casal 1)

" (...) eu acho que teve um espaço de crescimento meu, muito interno, que... de amadurecimento muito forte, nesse tempo todo... Que eu acho que isso mudou, de certa forma, toda a maneira como a gente se relacionava... entende?" (Homem, casal 4)

" Eu acho que modificou, acho que foi a nossa vida, né? Porque nós... estamos ficando mais maduros, né? Quer dizer, nós "tamos"... aprendendo... com a vida, né? Coisas que... anteriormente, nós não pensávamos, hoje nós já pensamos. Entendeu?" (Homem, casal 8)

" Bom, eu acho que existe um amadurecimento... Inicialmente, não sei, quando nós... nos... nos unimos, nós tínhamos... eu tinha 20... 27, 28 anos, e a X tinha... 23, né, 22... É, 23 pra 24 anos. É... então, a gente amadurece muito, né? Eu acho, realmente amadurece muito. Isso faz com que... esse relacionamento, também, se fortaleça." (Homem, casal 11)

" (...) Hoje, nós somos pessoas completamente diferentes. Mas, alguma coisa, permitiu a gente fazer... fazer um amadurecimento... junto. Porque, da forma como eu hoje... eu sou diferente do que eu era. Eu vejo que ele também é diferente. É outra pessoa." (Mulher, casal 11)

Saber lidar com as fases do ciclo de vida de cada cônjuge, acompanhando o seu amadurecimento e as suas transformações individuais é um desafio constante para os casais.

"(...) vai ser um desafio manter... é... nesse... nesse período, né, de transição, né? Dos quarenta anos... manter uma relação... muitas e muitas relações... é... acabam nessa, nesse período. (...) eu acho que... tem transformações físicas, por um lado... as pessoas tão mais velhas, por um lado... Por outro lado tem... é... uma percepção... né... de que a vida é curta, então, você tem que... aproveitar muitas coisas... porque o tempo tá passando... E aí... pode dar uma, uma

*vontade de... seguir outros caminhos, né? Então, eu acho que... manter uma relação que tem uma... numa fase de transição... da juventude para a meia idade... é... é barra."* (Homem, casal 5)

*" (...) o maior desafio é um acompanhar... o amadurecimento do outro. (...) Porque... se um... um amadureceu... o outro nota a diferença... E, se ele também não amadurece, não busca... caminhar junto... começa a haver um déficit, há defasagem... Então, eu acho que, pra mim, um dos, não sei se é o maior, né, mas... o grande desafio é um acompanhar... o amadurecimento do outro." (Mulher, casal 11)*

Os entrevistados afirmam que o relacionamento com o parceiro contribuiu para o seu amadurecimento individual, propiciando uma reestruturação de si mesmo a partir das trocas com o cônjuge. Na convivência com o outro, cada parceiro descobre novas formas de se relacionar com o mundo e consigo mesmo, o que provoca um amadurecimento em ambos.

*" (...) eu amadureci muito... Ele me ajudou a amadurecer. A maneira como eu me relacionava com as pessoas da minha família... Isso tudo veio muito de... É uma reeducação, eu acho... que eu vivi ao lado dele. Eu acho que foi uma reeducação. Eu aprendi muita coisa assim. (...) Eu acho que tem a ver com... me tornar uma pessoa mais... madura. Né? E, eu acho que isso eu vivi muito em função da relação que eu tive com ele." (Mulher, casal 7)*

*" Eu me vejo mais maduro, né? Eu acho que... eu fazia coisas assim muito pelo impulso... é... simplesmente... sem pensar muito, refletir muito. Hoje, antes de fazer alguma coisa eu penso assim... antes de tomar uma decisão. (...) Hoje eu considero que eu... eu tenho uma ação mais racional que emocional. (...) O relacionamento acho que me ajudou muito. Particularmente... a descobrir o passado e analisá-lo. Quer dizer, esse relacionamento, né, com ela acho que me ajudou a analisar esse passado. Meus erros, né? (...) ela... sempre foi assim muito prudente... em tomar decisões. E eu nunca fui assim. Então, nesse ponto ela tá me ensinando esse... aspecto, né, de... tomar decisões... com firmeza... pesando as coisas. (...) Então, isso eu tô aprendendo a partir do relacionamento... Esse relacionamento tem ajudado muito. Fora a idade, também, que a gente vai crescendo, a gente vai amadurecendo também. A gente vai... vai vivendo... e vai..."*

*aprendendo também com os erros do passado.” (Homem, casal 2)*

As referências ao amadurecimento individual, em decorrência da vida em comum, surgiram, freqüentemente, no discurso dos entrevistados. O amadurecimento é atribuído à convivência com o parceiro e com os filhos. Os entrevistados afirmam que a convivência contribuiu para o seu amadurecimento pessoal, na medida em que forçou-os a se posicionarem frente às situações vividas e a aprenderem com seus filhos e cônjuges.

*“ (...) isso trouxe uma maturidade maior. Quer dizer, hoje eu me sinto muito mais... é... madura, né? Muito mais assim é... muito mais disponível pra... aprender... com eles... pra... né? Eu acho que eu cresci com isso. (...) Acho que eu adquiri essa maturidade assim... da vivência em comum. Né?” (Mulher, casal 1)*

*“ Eu acho que o relacionamento ajuda. Porque... acho que é... o amadurecimento, eu acho que ele viria de qualquer forma, mas... com o relacionamento... e você... morando junto e... dividindo as coisas, as responsabilidades e tudo... acho que ele... é... ele antecipa... Porque é obrigatório você... é... você... superar algumas coisas. Eu acho que... você... abre as, chama as discussões mais cedo. Coisas que você talvez só... é... fosse ver mais tarde, amadurecer mais tarde, e, eu acho que antecipa... pra quem tem um relacionamento.” (Homem, casal 6)*

Os entrevistados afirmam, também, que, a partir do relacionamento, adquiriram mais forças para enfrentar a vida, para buscarem um crescimento pessoal e profissional.

*“ (...) encarar o mundo com mais responsabilidade... e montar uma coisa comum... pra criar a nossa vida... em comum. Acho que... nós dois amadurecemos muito.” (Mulher, casal 3)*

*“ (...) eu tenho que tá maduro em relação a uma série de coisas. Então, o que eu... luto tanto na minha vida pessoal, pela minha vida conjugal, a minha vida de pai e profissional e tudo mais é... um espaço sempre de um amadurecimento.” (Homem, casal 1)*

*"(...) principalmente muito amadurecimento, né? (...) eu tinha uma tendência a ... sempre tinha aquele estereótipo do... do eterno adolescente, talvez. Aquela pessoa que nunca tem aquele... processo de amadurecimento final. Ou tem medo de... nunca realmente crescer. Eu tinha uma tendência a isso. Não profissionalmente, talvez, mas em termos afetivos, em termos de, de indivíduo, de colocação no mundo. (...) eu acho que esse processo de amadurecimento é o ... ponto mais forte, assim, desse relacionamento." (Homem, casal 4)*

Através do discurso dos entrevistados, pudemos perceber que o relacionamento conjugal provocou um amadurecimento nos cônjuges a partir da necessidade destes enfrentarem as situações vivenciadas e superarem as suas dificuldades. O amadurecimento foi proporcionado, também, pela tranquilidade emocional que a troca afetiva trouxe para os cônjuges. A convivência com o parceiro e a troca afetiva do relacionamento desencadearam transformações individuais e proporcionaram aos cônjuges um sentimento de equilíbrio emocional. A construção da relação conjugal e dos laços familiares impulsionou os parceiros na busca de seu desenvolvimento profissional e contribuiu para o seu crescimento individual.

A idéia de que o espaço de interação da relação conjugal serve como um apoio para o amadurecimento e o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos está presente no discurso dos entrevistados quando estes afirmam que, a convivência com o parceiro e a troca afetiva do relacionamento facilitaram as suas transformações individuais e proporcionaram um equilíbrio emocional. A convivência com o parceiro e com os filhos contribuiu para o seu amadurecimento individual, porque forçou-os a se posicionarem frente às situações vividas e a aprenderem com seus filhos e cônjuge.

A percepção da relação conjugal como um suporte para o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos, ressaltada pelos casais entrevistados, está de acordo com a idéia presente nas considerações de Singly (1993) sobre os valores do casamento contemporâneo. Segundo Singly, as relações na contemporaneidade são constituídas em torno dos indivíduos e da construção de suas identidades pessoais. Nesse sentido, o compromisso básico na relação deve ser o de sustentar e apoiar os indivíduos em seus processos de desenvolvimento.

Romano e Bouley (1995) afirmam que a relação conjugal costuma ser usada como um meio dos indivíduos se adaptarem à realidade. O casal pode ser transformador e propiciar o desenvolvimento e o crescimento individual, ao criar um espaço comum de interação que sustente o amadurecimento dos parceiros. Para Menghi (1995), a relação conjugal deve ajudar cada um dos parceiros em seus processos crescimento e amadurecimento pessoal, representando uma oportunidade e um impulso para o desenvolvimento das suas potencialidades.

A relação conjugal é vista pelos casais entrevistados como um espaço de aprendizado, de crescimento comum, onde cada parceiro se enriquece como pessoa e um ajuda o outro no seu processo de desenvolvimento individual. Assim, ambos podem crescer como indivíduos, como casal e como família. Essa concepção dos entrevistados confirma as idéias de Menghi e de Romano e Bouley sobre a importância do casal favorecer o desenvolvimento dos indivíduos envolvidos na relação e se adaptar às exigências do processo evolutivo de cada um.

Para os casais entrevistados, é importante saber lidar com as fases do ciclo de vida de cada cônjuge e acompanhar o amadurecimento e as transformações individuais, assim como, entender e respeitar as fases do relacionamento. Isso está de acordo com a idéia de que a vida conjugal tornou-se um espaço auxiliar para a construção da identidade pessoal e a relação deve dar suporte ao crescimento dos indivíduos, se adaptando ao ciclo de vida dos seus membros.

O amadurecimento dos membros do casal é visto como um fator determinante para mudanças no relacionamento conjugal e para o amadurecimento da relação. Quando cada parceiro cresce individualmente, essa transformação se reflete no relacionamento do casal. Contudo, esse processo só fortalece a relação se for acompanhado pelos dois parceiros. Nesse ponto, podemos considerar a idéia de que, se a conjugalidade se estabelece de forma flexível, respeitando o crescimento dos indivíduos e se transformando a medida que surgem novas necessidades e demandas, a sua manutenção é mais provável e os conflitos entre individualidade e conjugalidade são mais atenuados.

#### 4.1.4 - Casamento como apoio mútuo e suporte emocional.

A concepção de casamento, como apoio mútuo e suporte emocional, ressalta a idéia de que a relação conjugal se constitui como um suporte emocional para os parceiros. O casamento é uma relação de construção comum e de reciprocidade, onde a intimidade e a cumplicidade entre os parceiros geram uma sensação de segurança e a certeza de um apoio mútuo.

A idéia de apoio mútuo, de força conjunta para superar as adversidades é uma tônica na concepção de casamento dos entrevistados. Ser um casal significa que um deve apoiar o outro na sua trajetória de vida. Significa, ainda, estar ao lado do parceiro e vivenciar, juntos, riscos e dificuldades. Para os casais entrevistados, a relação conjugal fornece um suporte emocional para os parceiros superarem as adversidades cotidianas.

*" (...) tá casado é tá... vivenciando os riscos de um, o risco do outro... entendeu? E apoiando, na hora que um cai, o outro vai dar a mão, levanta, entendeu? Apoia." (Homem, casal 3)*

*" (...) eu vejo o casamento como uma forma de você minimizar... o seu dia a dia, porque a vida, eu acho muito difícil. (...) De uma maneira geral, é... viver é muito difícil. Se você tem uma pessoa que possa... ajudar você a levar a tua vida e tal... Você ajuda a pessoa... minimiza... tenta minimizar pelo menos, você entendeu?" (Mulher, casal 8)*

*" (...) o casamento... é um segurar a barra do outro." (Mulher, casal 8)*

*" É um apoiar o outro. Os dois têm que tá em sintonia com o casamento." (Homem, casal 8)*

*" (...) Casal significa (...) toda essa... condição de estar... apoio, união... força conjunta... interação. Eu acho que a palavra interação mostra bem, o que é casal." (Mulher, casal 11)*

O casamento é visto como uma relação de companheirismo, onde as afinidades, a intimidade e a cumplicidade geram a segurança de um apoio mútuo, a certeza de poder contar com o parceiro.

*" (...) tem essa coisa assim da, do companheirismo... entendeu? (...) role o que rolar... eu conto com ele e ele conta comigo, né?" (Mulher, casal 4)*

*" (...) você gosta da pessoa, você tem afinidade com aquela pessoa, com os planos dela, como marido, né, e tal... É muito, sempre é muito de apoio mútuo, de, né... de companheirismo." (Homem, casal 10)*

*" Acho que... é cumplicidade, né? É... companheirismo... assim, acho que a gente... tem que ter isso muito forte. Muito. Nós... quase que... a gente pensa as coisas ao mesmo tempo, né?(...) A gente tem isso muito forte. A gente tem cumplicidade e companheirismo... Acho que... basicamente é isso." (Homem, casal 12)*

*" Tem um lado muito bom de, de... de cumplicidade, de companheirismo (...) de intimidade... principalmente... né? De você... poder contar com aquela pessoa, saber que aquela pessoa... é... que vai te ajudar... ou... que tá ali com você..." (Mulher, casal 14)*

Para os casais entrevistados, poder compartilhar o dia a dia com alguém em quem se pode confiar e contar, em qualquer situação, é considerado uma das maiores vantagens de estar casado. A troca com o parceiro, ou simplesmente a certeza de sua presença, de seu apoio, geram uma sensação de segurança.

*" (...) eu acho que... é muito difícil, né? É... enfrentar tudo... sozinho, né? (...) mesmo que... a gente tenha momentos de dificuldade... que até se reflita sozinho (...) Mas... é... eu acho que vale a pena, é bem melhor saber que vai chegar em casa e poder partilhar com alguém, até as tuas dificuldades, que você passou durante aquele dia." (Homem, casal 2)*

*" (...) é bom sim, ter... uma pessoa ali que você tá... que é tua amiga... que você pode contar." (Homem, casal 10)*

*" (...) hoje em dia, nessa vida de corrida, de, de, de tantos atropelos, você... saber, dentro de você, quando tiver uma*

*dificuldade você tem a quem recorrer... Nossa! Eu acho isso muito bom.” (Mulher, casal 11)*

*“ (...) O grande barato é você saber que você pode contar... Às vezes, assim, não, não é pra falar nada... Essa coisa de poder... tá... e saber que a pessoa tá respeitando o seu tempo, né? O, o seu momento, as suas questões.” (Mulher, casal 12)*

Ter uma relação de companheirismo, de troca, de estar junto, nos bons e maus momentos, dividir a vida, compartilhar um universo, trocar idéias, crescer junto e ter no outro um suporte emocional são aspectos fundamentais da concepção de casamento dos entrevistados. Os casais desejam construir um relacionamento que satisfaça ambos, que seja pautado no respeito às diferenças individuais, que seja capaz de dar suporte aos indivíduos e que proporcione uma troca entre os parceiros.

*“ Acho uma tremenda vantagem você ter uma relação de companheirismo. (...) companheirismo no amor, na vontade de tá junto, nas referências, nessas coisas do mundo, da vida, de poder trocar, de poder... conversar... né? (...) essa construção de um, de um companheirismo dentro da relação... Porque (...) o gostoso de tá junto, (...) é quando você consegue... construir... uma... uma relação que te satisfaça. (...) uma relação companheira, uma relação... dentro (...) do respeito, do amor (...) da flexibilidade de você entender também o momento do outro, de procurar abrir mão, de procurar... enfim... também brigar pelos teus... espaços, pelos teus desejos, na hora que você quer.” (Mulher, casal 1)*

*“ (...) é... tá junto, tá à vontade... curtir os prazeres, dividir... a, a, eventuais momentos de... dificuldades... Se você tá chateado e tal... Tem uma pessoa que... que... te dá apoio. É uma companhia... do ponto de vista... social, muitas vezes sexual, né?” (Homem, casal 5)*

*“ A vantagem de estar junto, eu acho que é a troca mesmo... de informação... Porque a gente discute muito... tudo... E isso eu acho uma vantagem. Uma vantagem sem igual. Porque a gente cresce... toda hora a gente tá crescendo. Tudo a gente tá discutindo, tá falando, trocando.(...) Essa troca é ótima. É uma das vantagens de estar junto.” (Mulher, casal 9)*

*“ É, eu acho que é essa coisa de tá junto mesmo, de tá... tá com alguém (...) que você tenha muita coisa em comum, que você divide muita coisa. (...) ter essa sintonia, ter alguém que*

*“você... sabe que você tem uma resposta, você tem um... um companheiro pra executar algumas coisas, né?” (Mulher, casal 12)*

No discurso dos casais, o casamento aparece para as mulheres, muitas vezes, como um viver para o bem-estar comum. Ser um casal é compartilhar bons e maus momentos, é construir coisas juntos, dividir a vida e as coisas da casa. As mulheres enfatizam o dividir a vida, com um sentido mais de “comprometer-se” com o que é comum, dividir espaços, preocupações, participar do cotidiano um do outro.

*“ (...) casado você também... quer viver pr’um bem estar... comum, né? (...) Você quer... quer fazer uma coisa junto... criar junto com uma outra pessoa, ter filhos com ela. (...) poder sair junto, fazer companhia um pro outro, namorar junto... E... e dividir as coisas da casa, (...) dividir de tudo um pouco, né?” (Mulher, casal 3)*

*“(...) Ser um casal é isso: é você dividir as coisas boas e as coisas, e aí sem aquela, sem aquele chavão do... do casamento convencional, na alegria e na tristeza.” (Mulher, casal 5)*

*“(...) acho que casamento é isso, é uma pessoa que você encontra... e que você quer dividir todos os seus momentos com ela, possíveis. Quer fazer tudo junto.” (Mulher, casal 7)*

*“(...) ser um casal é assim... é... é dividir. Além de você dividir... a casa, né, o espaço... onde você mora. (...) você dividir (...) ter a sua vida toda em comum. (...) é importante... que a gente tenha... a vida... cada um tenha a sua vida (...) mas é muito importante... você... ter o ... a coisa do, você tá casado, tá realmente casado com a pessoa. Porque você tá junto com aquela pessoa, aquela pessoa pode participar das suas coisas, da sua vida (...) fora do casamento.” (Mulher, casal 10)*

*“E essa coisa assim de, de casamento mesmo, no dia a dia, assim... em termos de relação, essa... Isso tem uma coisa de... de divisão, assim, né? Não sei. Eu não falo no sentido só de tarefas, essas coisas, não. Eu falo... no assumir essa coisa de tá casado.” (Mulher, casal 12)*

No discurso dos casais, os homens afirmam que, ter uma relação conjugal é saber conviver, dividir as coisas, estar junto por opção e gostar dessa convivência.

Ter um sentimento comum, gostar de estar junto e sentir-se bem com o outro. Os homens enfatizam o dividir, o estar junto, com um sentido mais “prazeroso”, do compartilhar o que se gosta ao lado do outro.

*“ (...) na minha concepção... ter uma, uma... uma relação, é saber conviver, dividir as coisas... estar juntos... A gente gosta de estar junto... né? Ter as experiências comuns... curtir as coisas que a gente gosta... uma... sem obrigações... por uma questão de opção de... de estar junto, de gostar de estar junto.” (Homem, casal 5)*

*“ (...) eu acho que casamento é isso, a reunião de duas pessoas... que... se sentem bem com a outra... entendeu? Que tem um sentimento comum. Tem que ter esse sentimento... senão não vejo razão pra (...) estarem juntos, né?” (Homem, casal 9)*

De um modo geral, homens e mulheres desejam um relacionamento de companheirismo e apoio mútuo, buscam uma relação de troca, de carinho e de reciprocidade .

*“ (...) eu queria uma relação... companheira, uma relação... né... assim realmente... de reciprocidade, de troca, de carinho... E eu acho que essa reciprocidade existe, acho que esse companheirismo existe.” (Mulher, casal 1)*

*“ Eu queria, assim, uma pessoa companheira e tal. Como eu tenho ela.” (Homem, casal 12)*

*“ (...) eu queria que (...) que a gente fosse... companheiro... solidário... que a vida da gente fosse legal. Uma relação boa.” (Mulher, casal 5)*

*“ (...) eu queria um companheiro. E, eu acho que eu tenho... Né? Um companheiro... alguém que me apóia, que... quer meu bem... né?” (Mulher, casal 14)*

*“ (...) eu queria... uma companheira. Uma pessoa que dividisse as coisas comigo, que viesse junto.” (Homem, casal 5)*

*“ (...) companheirismo, de você ter alguém pra dar apoio, ter alguém junto... O amor... essa coisas...” (Homem, casal 6)*

*"Eu queria isso pra mim um dia, sabe? Uma coisa legal... uma companheira... assim. Ela... eu acho que ela... tá do meu lado, tá 100% comigo, assim, sempre. Desde o início, ela tá 100% comigo. E isso é muito gostoso." (Homem, casal 12)*

O discurso dos entrevistados nos mostra que o casamento é visto como uma relação de troca e de suporte emocional, onde os parceiros compartilham bons e maus momentos e se apoiam, mutuamente, nas suas trajetórias de vida. O relacionamento conjugal proporciona segurança pessoal e tranquilidade emocional. A relação conjugal é vista como um espaço fundamental na estruturação de suas vidas e como um suporte emocional decisivo para a sua atuação no mundo. Aqui, podemos perceber o processo de estabilização do casal descrito por Kaufmann (1995), segundo o qual, a identidade comum construída e o universo íntimo compartilhado geram conforto e segurança para os indivíduos. Um conforto identitário proporcionado por uma troca relacional de maior qualidade e pelas referências de um universo compartilhado. A relação proporciona segurança para os membros do casal, porque estes sabem que podem contar um com o outro. A estabilidade do universo criado permite aos indivíduos se deixarem levar pelas rotinas do cotidiano. O casal sabe o que é e o que pode esperar.

#### **4.1.5 - Casamento: companheirismo x erotismo**

Como pudemos perceber até aqui, o discurso dos entrevistados tem enfatizado uma concepção de casamento que se pauta no apoio mútuo entre os parceiros e que tem o companheirismo como elemento norteador. Nesse tópico, entretanto, a concepção de casamento dos entrevistados introduz um elemento importante para a constituição do casal que, até então, tinha ficado sem expressão nas suas falas: o erotismo.

O casamento é entendido como uma relação de troca, de apoio mútuo e de suporte emocional, onde o companheirismo e a amizade são aspectos fundamentais para a construção da conjugalidade. Contudo, os entrevistados afirmam que é a manutenção do amor, como um sentimento vivo, que vai definir a relação do casal.

*" Amor, tem que ter... tem que tá, o sentimento tem que tá vivo, né? (...) Se não tiver vivo o sentimento não... mesmo que haja respeito, a gente vai ficar amigo, não vai... não vai ser... marido e mulher." (Mulher, casal 4)*

*"É... amor eu acho que é muito importante... O companheirismo também." (Mulher, casal 6)*

*" Amor e companheirismo já é muita coisa. Eu acho que... tem que ter essas... tem que ter as duas coisas... Porque se chega uma hora que o companheiro não apóia o outro nas coisas, nas decisões, nos momentos difíceis... E.. se não mantém... tem que ter o ... né... a coisa do amor... tem que tá... sendo... mantida, acredito, sempre... essas duas coisas." (Homem, casal 6)*

Os casais consideram que a relação conjugal deve ser permeada pela paixão e pela atração entre os cônjuges. O casal deve buscar manter o sentimento amoroso e a erotização no seu relacionamento.

*" (...) aquela magia nunca... deve parar, né? Não é fácil (...) mas eu acho que é isso, né, tentar sempre... correr atrás da... de uma... magia, de tá sempre bem." (Mulher, casal 6)*

*" (...) No casamento você tem que tá sempre regando, né? Então, depois de um certo tempo... é... acho que isso acontece com todos os casais, é inevitável (...) você perde um pouco daquela... ânsia (...) aquela paixão do namoro. (...) eu acho que isso é inevitável. Então, aí é que você tem que começar a trabalhar... é... as duas, os dois... o casal... pra manter o ... o nível bom." (Homem, casal 6)*

*" (...) é... se sentir bem, né? Os dois têm que ter uma coisa de pele também, de rolar uma coisa de... de atração, né? (...) O tempo todo... você tem que tá... superando coisas. Né?" (Mulher, casal 9)*

Contudo, as mulheres consideram que manter-se como casal, superando as interferências externas, preservando o desejo sexual e o romance na relação conjugal é um grande desafio. Manter-se como casal é preservar a sexualidade e não deixar o companheirismo e a amizade suplantarem o erotismo.

*" (...) eu acho que o grande desafio é você (...) se manter um casal... né... apesar de todas as outras interferências e solicitações que essa vida te traz. (...) Desde a solicitação dos filhos em casa (...) até as... as... de repente, os assédios, as paqueras, né, externas que... pintam." (Mulher, casal 1)*

*" Eu acho que é aquilo do romance, né, de não virar irmão. (...) Virou irmão, não dá. Porque... é uma coisa meio natural, né? Eu vejo vários casais mais antigos que se tratam meio como irmãos, né? São poucos os que conseguiram ficar... que chamam, fazem um carinhosinho aqui, um carinhosinho ali, pegam na mão... Então, fica meio... Acho que esse é um desafio." (Mulher, casal 6)*

*" (...) Conseguir manter essa coisa de ter desejo sexual... de... gostar de transar, de, né, depois de 11 anos... né? Que você já não tem mais aquela coisa, que quando você vê, o coração vai sair pela boca, né? (...) Você não tem mais isso, né? (...) Você sabe, a pessoa tá ali, tá à mão... é acessível, entendeu? E você... conseguir... manter. Você conseguir manter isso. (...) tem épocas que é uma dificuldade. Tem épocas que você tá lá, nos seus... 11 anos, né, no homem.. tudo igual... Você poder, já, até descobrir variáveis pra isso." (Mulher, casal 14)*

De um modo geral, o ideal de relação apaixonada e intensa não é compartilhado por todos os casais. Para a maioria, a paixão no casamento é vista como algo do início do relacionamento ou como momentos, fases do casal.

*" (...) Em alguns momentos do casamento você está... absolutamente apaixonado... em outros não. Você tem pelo outro um sentimento de amor." (Homem, casal 4)*

*" E outros de desapaixonado, né, também." (Mulher, casal 4)*

*" (...) casamento não é assim. Você não passa 24 horas por dia apaixonada por aquela pessoa... É... existem várias fases dentro de um casamento... Existem fases que você fica, realmente, com raiva, aquela pessoa te incomoda." (Mulher, casal 14)*

Os casais entrevistados consideram que no casamento há, inevitavelmente, uma transformação do desejo sexual. A intensidade erótica do início do relacionamento diminui, assim como a disponibilidade do casal para o sexo.

*" (...) quando você... começa uma relação, evidentemente, além de ter toda uma... uma descoberta, né... do outro... cada coisa é uma coisa nova, enfim. Você, também, tem mais disponibilidade. Disponibilidade de tempo, disponibilidade, né... assim, interna mesmo, pro sexo... Você tem mais tempo, você tem mais pique." (Mulher, casal 1)*

*" (...) inevitavelmente, depois de algum tempo... não vai ser a mesma coisa... como era, antes... na época do namoro, né? (...) isso tende a ficar... é... eu acho que, não é que a coisa acabe, mas acho que ela muda de forma... É... ela deixa de ser aquela paixão de adolescente... e passa a ser uma coisa, eu acho que, mais madura, né?" (Homem, casal 6)*

*"Eu acho que, no início, isso é, pode... pode até existir muito frequentemente. Mas, com o passar do tempo... há uma tendência a ... esmorecer, né? (...) uma coisa... super erotizada... tesão permanente (...) não se mantém. (...) chega a um patamar de estabilidade e... e fica assim... estabilizado nesse patamar." (Homem, casal 9)*

*" (...) depois de um certo tempo... aquele fogareiro todo, entendeu, há um... é... acalma, né? (...) até porque dá espaço... pra outras coisas... entendeu? Pra você... que faz parte." (Mulher, casal 9)*

Para os entrevistados, no casamento existem fases de maior ou menor intensidade erótica. Vários fatores influenciam essas fases e, para os casais, é preciso compreender esse processo.

*" É, e a coisa da erotização, é que a gente descobre... que também tem fases mais eróticas, menos eróticas... Assim que... fazem parte do... casamento como um todo." (Homem, casal 4)*

*" (...) fases de... de... seca, né? Que não... que não rola, que a gente não transa, porque... ou porque tá mais afastado, porque tá sem tesão, porque tá cansado, enfim." (Mulher, casal 4)*

*" Na verdade... é... tem períodos de, de... de maior... é... intensidade... e de menor intensidade. E... a, você tem que... tem que entender isso aí, né?" (Homem, casal 5)*

*" (...) É a intensidade... às vezes tá muito bom, às vezes tá muito ruim. E a gente vai levando a vida assim. Isso é uma*

*questão de compreensão, a gente tem que compreender isso. Tanto de um parceiro quanto do outro.” (Mulher, casal 5)*

Os fatores que, geralmente, influenciam as fases, mais ou menos eróticas, do casamento são atribuídos aos momentos de vida, ou aos estados emocionais de cada um, e às dificuldades do cotidiano.

*“ (...) o dia que... um dos dois não tá bem, o outro tem que ter paciência, tem que ter tolerância, tem que ter saco. (...) Você só tá bem o tempo todo quando você tá namorando (...) quando cada um tá na sua casa... você, a sua vida sexual é até muito mais freqüente... Não tem altos e baixos... Tá sempre no alto. (...) a vida sexual, ela depende muito do, ela é meio termômetro, né, dos altos e baixos.” (Mulher, casal 8)*

*“ (...) tem essa, essa coisa do, dos momentos dos outros. Assim, quando você tem... não tem... não tem pique, né? (...) tem dias que você tá... com problema no trabalho, você tá de saco cheio da vida, você acorda de mal-humor. (...) a gente passa por momento na vida da gente... que... é natural que você fique com... é... até assim, com perda de desejo sexual.” (Mulher, casal 12)*

O discurso dos casais ressalta que, apesar da diminuição da intensidade da paixão no casamento, das fases de baixa, é importante continuar cultivando o erotismo, o prazer na relação. O erotismo pode diminuir de intensidade, mas o prazer de estar com o outro não pode desaparecer, senão acaba a relação conjugal.

*“ (...) é importante que isso não acabe... porque se acaba isso, até o, é o fim do casamento, aí acaba o casamento. Né? (...) eu acho que até diminui de intensidade, mas eu acho que é previsto... É importante que você conserve.” (Homem, casal 6)*

*“ (...) é muito bom, né, você ter essas relações assim, né... apaixonadas... Então, eu acho que tem que manter, porque senão, eu acho que é até por aí... que a maioria dos casamentos acaba. (...) aparece uma 3ª. pessoa. (...) Porque justamente... o casal não tá bem, não tá apaixonado (...) Então, tem que tomar cuidado. Realmente é importante ter um pouco, né? Nunca acabar... essa... chama.” (Mulher, casal 6)*

*" Eu acho que o dia a dia do casamento tem que ser erotizado. Acho que não pode... Tem épocas que o casamento tá meio chocho, é porque você tá um pouco de mole aí. Sabe? Você vacila... Né? Você deixa aquilo muito sem... sem tempero. Tem que ter um tempero." (Mulher, casal 7)*

*"(...) É... tem que ter, realmente, um pouco de... imaginação... não é? A gente não, não extrapola, não extrapola muito... nada além do... do normal, mas (...) sempre a gente bota... alguma... algum tempero... nesse relacionamento." (Homem, casal 11)*

*"(...) a gente procura sempre não esquecer... que... essa parte erótica, a parte sexual... faz parte da vida. Né? (...) Tem... a satisfação, o prazer daquilo. (...) Não pode deixar esfriar, né?" (Mulher, casal 11)*

Os casais consideram que devem preservar a sedução e buscar outros espaços no relacionamento que proporcionem prazer aos parceiros.

*" (...) o erotismo tá no diário. Tem que ter. (...) esse negócio "over" é que é ruim. (...) O erotismo é 24 horas. É sedução." (Homem, casal 3)*

*"(...)Sexo... não é o ato sexual em si. (...) tudo que você tá fazendo com relação a outra pessoa... é como se você tivesse fazendo... sexo, né? (...) tudo... pode ser uma forma de... de você sentir... é... de prazer, não é? E não a coisa do coito em si, né? Que ele pode... pode acontecer ou não, mas você pode... ter permanentemente uma sensação de... de prazer, de tá satisfazendo o outro com a relação." (Mulher, casal 9)*

O discurso dos casais aponta o carinho como uma via de preservação do prazer na relação conjugal. Manter o carinho de um pelo outro é tão importante quanto continuar preservando o erotismo na relação.

*" (...) Acho que não precisa ser erótico o tempo todo, a gente tem que ter... carinho um pelo outro. É... companheirismo." (Mulher, casal 3)*

*"(...) buscar outro espaços eróticos... da intimidade, do carinho... e não da fantasia, do corpo perfeito, dessa coisa assim, entende?" (Homem, casal 4)*

*" (...) Eu acho a ... acho até, muito mais joga, você manter... uma coisa... é... mais carinhosa, de companheirismo, do que uma coisa de, né... muito mais erotizante, assim. (...) O casamento tende, eu acho, a ir muito mais longe... né, quando a coisa... tem mais carinho... Mas, claro, tem que ter erotismo." (Homem, casal 12)*

Cultivar o erotismo no casamento é importante mas, segundo os casais, não é suficiente para manter a relação conjugal. Para os casais, não é a paixão que constrói o cotidiano do casamento, e sim o companheirismo e o carinho entre os parceiros que fundamentam a relação.

*" (...) eu acho que essas coisas... é... elas até ajudam a ... a continuidade de um casamento, a parte física e tal, (...) as pessoas têm que se preocupar um pouco com isso... Mas, não é isso... que é o ... que é o fundamento de uma relação." (Homem, casal 2)*

*" (...) eu acho que o casamento não é isso não. Essa coisa... de erotismo, né... rompanes de paixão louca, alucinada... Casamento... é um dia a dia... da vida, é, do que tá aí fora. (...) Se fosse só erotismo e... só romantismo, até que não seria ruim, seria até bem agradável... mas não é. (...) Então, essa coisa de romantismo... achar que a sua vida, a vida a dois é em cima disso, não é verdade. Não é mesmo." (Mulher, casal 8)*

*" (...) Acho que erotismo não segura a ... acho que a batida do dia a dia. Né? Carinho sim. Companheirismo sim." (Homem, casal 12)*

*" (...) Porque não dá... se a gente for se iludir que a vida... que o casamento é só... esses momentos de... grande euforia, de grande alegria, não é? Não é assim (...) não vai ser nunca com ninguém, não vai ser a vida da gente." (Mulher, casal 12)*

Os casais afirmam que estar bem consigo mesmo e com o parceiro é o que importa. Deixar-se levar pelo o ideal de casal apaixonado pode até atrapalhar, na medida em que o casal busque se adaptar a essa imagem. O importante é que o casal seja feliz a seu modo e encontre a sua forma de viver plenamente a sua sexualidade, equilibrando esse aspecto com outros considerados também significativos.

*" (...) eu fico... um pouco agoniada com essa coisa... você tem que ser... o casal apaixonado, o casal... é... que tenha um relacionamento... erótico... com milhões de malabarismos... Tem que ser criativo, tem que ser... Eu... e essa coisa me dá um... uma agonia... porque... eu acho assim... que você... tem que tá bem... tem que tá feliz... tem que tá... tem que buscar isso. Né?" (Mulher, casal 10)*

*" (...) não é uma questão de você ter uma imagem... de você ter um ideal, que você fique buscando aquele ideal. Eu acho que, que... o importante é você tá vivendo bem, né?" (Homem, casal 10)*

*" O que eu procuro fazer, e acho que é o que ela faz também... é me preocupar que ela seja feliz e que eu seja feliz. (...) não há dúvida que você não pode... é... deixar de lado... a aparência, nem deixar de lado a, o relacionamento sexual, o relacionamento amoroso. Isso faz parte do contexto... visando que você seja feliz. Então, (...) você se ocupe em ser feliz... sem dar ênfase especificamente a ... a parte sexual ou a parte de aparência... mas sendo, entrando esses dois, como tem outros também, como uma coisa importante. (...) Cada um tem a sua maneira de conduzir as coisas e de viver, né? (...) desde que o casal... seja feliz (...) tá bom. (...) Eu acho que... o modo de conduzir, de proceder... é muito... é... feito pelo casal (...) que tem a sua maneira de viver... de conduzir as coisas. (...) A gente procura ter um relacionamento amoroso, sexual... de forma que a gente... se sintam bem." (Homem, casal 13)*

De um modo geral, o discurso dos casais é contraditório quanto a valorização do erotismo no casamento e a ênfase no companheirismo entre os parceiros. Os casais definem o companheirismo e o apoio mútuo como aspectos essenciais da sua concepção de casamento, entretanto, consideram que é a manutenção do sentimento amoroso e da atração sexual que vai definir a relação do casal. Os casais desejam um relacionamento companheiro, mas enfatizam que, acabando a atração sexual, o relacionamento conjugal também termina. Os entrevistados ressaltam que, na convivência cotidiana, é o companheirismo e o apoio mútuo que conduzem a relação, mas é a manutenção do erotismo que define o casal, apesar desse aspecto ser atenuado pela rotina do dia a dia. Para amenizar essa contradição, os casais propõem que o casamento seja conduzido pela preservação do carinho entre os parceiros e pela busca de outros espaços de prazer no cotidiano

do relacionamento, tais como, a valorização de pequenos gestos que demonstrem que o interesse e a preocupação com o outro ainda estão presentes.

Para os entrevistados, cuidar da relação, manter o interesse e o carinho pelo outro, apesar das dificuldades do dia a dia, são formas de perpetuar a relação conjugal.

*“ Tem a coisa do próprio casal, do outro, de respeitar. Que é um, uma coisa do dia a dia mesmo. Se a gente não tomar cuidado pra esse tipo de... pra prestar atenção pra essas... pequenas coisas de, esses pequenos cuidados que um casamento precisa... pode ir... rapidinho... se a gente não perceber, ir embora. Né? As pessoas vão se afastando... porque não tá com essa coisa do... do carinho com o outro, né? Do cuidado mesmo, né? (...) Não perder esses pequenos cuidados... apesar dos problemas ou do dia a dia... ou do tempo que se está junto.” (Mulher, casal 12)*

*“ Tem a dificuldade também... de você manter aquela... chama acesa. Manter um... entendeu... aquele interesse pelo outro.” (Homem, casal 6)*

A manutenção de um “estado de namoro”, da atenção de um para com o outro, da busca de momentos prazerosos é bastante valorizado pelas mulheres.

*“ (...) eu acho que a gente tem que ter esse cuidado de... tentar... preservar... o lado do prazer. (...) Os momentos que a gente tem pra nós dois, também um pouco sozinhos. (...) Eu acho que isso é que também mantém um casal.” (Mulher, casal 1)*

*“ (...) a gente nunca pode perder essa... essa coisa do namoro eterno, né? Porque o namoro passa por aí também. O namoro não passa só pelo namoro... físico assim. Tem a coisa do namoro... do cuidado com o outro... de lembrar do outro, às vezes em situações pequenas.” (Mulher, casal 12)*

Mas, o discurso das mulheres aponta a cumplicidade e o cuidado com o outro como fatores tão importantes quanto o erotismo, para preservação da relação amorosa do casal.

*" (...) uma das coisas... de você... é... se manter enquanto casal é essa atenção de um pelo outro. Que te faz... administrar todas essas interferências (...) todas essas é... todas essa disputas... de espaço e de atenção... que você enfrenta no seu dia a dia." (Mulher, casal 1)*

*" (...) Eu acho que a gente tem que tá... preocupado com o outro... Isso é muito legal. E, é isso que mantém... a coisa, entendeu? (...) Porque você tem uma pessoa do seu lado... Eu acho que essa pessoa tem que participar (...) tem que haver uma cumplicidade... essa é a palavra... Tem que ter uma cumplicidade dos dois e tal." (Mulher, casal 9)*

*" (...) tem essa cumplicidade, né? (...) Eu acho que isso... é... tem um peso... no casamento... tão grande quanto essa coisa da erotização, da paixão... né?" (Mulher, casal 12)*

Estar bem consigo mesmo, buscar a sua satisfação pessoal e a do outro, é considerado, principalmente pelas mulheres, um fator essencial para o relacionamento a dois.

*" (...) é super importante... cada um... tá seguindo... uma satisfação pessoal. Não só no casamento. Acho que casamento tem que ser... você bem, o outro bem. (...) cada um ter uma... uma satisfação... pessoal... Pra eu não ficar me projetando... tudo em cima dele... Todas as minhas expectativas em cima dele. E ele (...) ficar projetando todas as insatisfações, as expectativas em cima de mim. Isso não é legal. É bom quando cada um... tá satisfeito... né? Tá... indo atrás de uma satisfação... pessoal... Pra poder juntar... e... os dois "tarem" bem. Não ficar... pendurado no outro, né?" (Mulher, casal 3)*

*" (...) o importante pra gente sempre foi muito mais a ... a felicidade, o estar bem. Estar bem junto, estar bem... cada um consigo mesmo e tal. (...) a sensação de... da importância da... da gente, da relação nossa, tudo... De tá indo bem... das pessoas a nossa volta." (Mulher, casal 1)*

Resumindo as considerações dos entrevistados, podemos dizer que, de um modo geral, estes desejam viver um relacionamento que seja, ao mesmo tempo, erótico e companheiro, que preserve o carinho entre os parceiros e que busque a manutenção do prazer na relação através dos pequenos gestos que demonstrem

interesse e preocupação de um para com o outro. Assim, a cumplicidade, a atenção e o cuidado de um para com o outro perpetuariam o sentimento amoroso, e a intensidade erótica seria substituída pelo prazer de estar junto e de se sentir amado.

O discurso dos entrevistados demonstra que há uma transformação do sentimento amoroso entre os parceiros que se desloca da paixão erótica para o apego e a ternura. Essa constatação dos entrevistados reflete as considerações de Kaufmann (1995), segundo as quais, no processo de constituição do casal a emoção intensa do início é substituída por formas de sentimento mais constantes, como a ternura e a estima, que estão ligadas ao apego mútuo dos parceiros. O apego se forja sob a base da repetição do cotidiano e o sentimento, que se inscreve na continuidade do processo de construção de uma identidade comum, é resignificado pela troca que se instaura entre os parceiros. Na intimidade das lutas cotidianas, a cumplicidade e a ternura produzem momentos de satisfação e um desejo de integração reforçado, a segurança mútua e o conforto identitário adquiridos podem, então, compensar a perda do sentimento intenso do início do relacionamento.

Jablonski (1991) também afirma que o amor-paixão se transforma em amor-companheiro a medida que a relação se solidifica. O amor-paixão, intenso e absortivo, se transforma em amor-companheiro, mais terno e cúmplice. E, é, sobretudo, a vivência em comum e as experiências compartilhadas que possibilitam essa transformação. Segundo Goldenberg (1994), para sedimentar um relacionamento a paixão deve se transformar em amor; por outro lado, esse amor para se manter deve conter resíduos da paixão original ou pode se transformar em amizade. Este, também, é o dilema ressaltado pelos casais entrevistados, segundo os quais, manter-se como casal é preservar o desejo sexual e não deixar o companheirismo suplantar o erotismo.

## 4.2 - 2ª categoria: Ideais de conjugalidade

A categoria ideais de conjugalidade se subdivide nos seguintes tópicos: ideais e modelos de relacionamento; considerações sobre a manutenção da relação; pressupostos básicos para a relação.

### 4.2.1 - Ideais e modelos de relacionamento.

O discurso dos entrevistados a respeito dos ideais e modelos de relacionamento refere-se, basicamente, ao confronto entre a relação imaginada e a relação vivenciada. Os entrevistados ressaltam nas suas falas as tensões e os conflitos decorrentes da transformação de expectativas e ideais em possibilidades construídas a partir do dia a dia do relacionamento.

No discurso dos entrevistados, pudemos perceber que, homens e mulheres consideram que, inicialmente, os parceiros entram na relação idealizando um ao outro e, a partir da convivência, as diferenças individuais vão surgindo. Os casais, então, são confrontados com as suas diferenças e enfrentam o desafio de aceitar a perda do parceiro idealizado. A partir da aceitação do outro, como ele é, os parceiros podem construir a sua relação sobre bases mais sólidas.

*“ O grande problema é o seguinte: a gente quando casa... a gente meio que idealiza uma pessoa na cabeça, entendeu? Você acha que vai ter uma pessoa sempre apaixonada... sempre com tesão em você... sempre... delicada com você... sempre... Você imagina um mar de rosas. (...) De repente começam a pintar as dificuldades do dia a dia, eu gosto de uma coisa, você gosta de outra. (...) e você tende a achar que o outro tem que ser meio que... a sua imagem e semelhança. Quer dizer, que o outro tem que corresponder às suas expectativas. (...) É a idealização de uma pessoa... diferente daquela que o outro é. (...) eu acho que as pessoas... idealizam os seus parceiros... e... ficam buscando aquilo.” (Mulher, casal 1)*

*“(...) As pessoas, de repente, idealizam... o casamento, ou idealizam a pessoa com quem tá casada... fica aquela coisa,*

*aquele padrão. E... na hora do vamos ver, de casar e ter que dividir... bate de frente. Vê que não é aquilo. Porque a pessoa... não vai ser aquilo que você quer, né? Ela é uma outra pessoa, separada, né? Tem que querer compreender o outro. Acho que... as pessoas andam muito assim... só pensam nelas próprias.” (Mulher, casal 3)*

*“Acho que a principal dificuldade, que se tem, pras pessoas se casarem é... é o nível de exigência, né? Acho que... que as pessoas ficam assim... idealizando tanto... como é... como é que vai ser a outra pessoa... é... quem pode ser aquela pessoa. (...) que às vezes nem... nem querem... começar a ter um... um relacionamento, sabe?” (Homem, casal 10)*

Os entrevistados afirmam que a convivência “destrói” as imagens idealizadas dos parceiros, mas é a partir da aceitação da singularidade do outro que os cônjuges podem construir a sua relação em bases mais sólidas. O discurso dos entrevistados está de acordo com as idéias de Giddens (1992), segundo as quais, na contemporaneidade, as relações afetivas fundam-se mais na busca de um relacionamento especial do que no encontro da pessoa ideal. No relacionamento contemporâneo, é fundamental o conhecimento do outro, a abertura e a disponibilidade para a troca, assim como, a comunicação aberta de necessidades, desejos e limites de cada um.

Os entrevistados consideram que, na convivência os parceiros precisam desenvolver limites flexíveis para lidar com as dificuldades da vida a dois. Os cônjuges precisam conhecer os limites um do outro e buscar a superação das suas dificuldades. Homens e mulheres entendem que ter expectativas altas para a relação e um limite muito baixo para tolerar as dificuldades da convivência são fatores que contribuem para a não manutenção das relações.

*“ (...) eu acho que é essa coisa do limite, né? Você não pode trabalhar com um limite... é... muito curto. Porque senão nada vai pra frente... Se não houver uma persistência, você não avança, né? (...) tem que persistir, entender, e superar a dificuldade. (...) Passar por cima das dificuldades e... superar essas coisas... eu acho que a coisa passa muito por aí... você... tentar resolver as dificuldades. (...) Você passar por... dificuldades e conhecer o ... o seu limite e o limite da outra pessoa.” (Mulher, casal 9)*

*"Acho que as pessoas, às vezes, tem um limite muito baixo em relação a ... Tem uma expectativa muito alta pro casamento e tem um limite muito baixo. Limite pra aturar as dificuldades do dia a dia... Que é pesado às vezes, né, pra manter a relação." (Homem, casal 4)*

As mulheres consideram que a vivência e a maturidade aumentam a tolerância dos cônjuges para os percalços da vida em comum.

*" (...) o casamento é difícil pra... pra qualquer um... Pra qualquer casal. Por que uns casamentos... é... dão certo e outros não dão certo? Eu acho que depende muito de maturidade... Da sua vivência, da sua "sofrência"... né? (...) só a maturidade... é capaz de... de te dar isso. Essa paciência, essa tolerância... né? E... achar que vale a pena você... conversar pra tentar... melhorar... Não pra modificar, mas... melhorar. (...) De tentar, realmente, se ajustar." (Mulher, casal 8)*

O discurso de homens e mulheres difere um pouco com relação às expectativas para o relacionamento conjugal. Enquanto as mulheres afirmam que esperavam do casamento o fortalecimento da união e buscavam ser amadas e felizes, os homens ressaltam que não esperavam nada em especial, pois sabiam que o relacionamento seria permeado de bons e maus momentos.

*" (...) o fortalecimento, né, dessa relação. Quer dizer, a consolidação, assim uma... união... feliz. (...) construir uma relação... é... forte como a nossa." (Mulher, casal 1)*

*" (...) eu sentia que a gente se dava... bem... que a gente já tinha um relacionamento assim... bom... e tudo... e eu queria que isso... fosse uma coisa que continuasse... depois que a gente casasse. (...) que a gente conseguisse manter essa... esse relacionamento... né?" (Mulher, casal 10)*

*" (...) eu tinha a expectativa de ser amada (...) de ter uma vida assim... realizada, nesse campo amoroso, entendeu? Ter um marido fiel, um marido que gostasse de mim... E vice-versa, lógico, né? (...) ser feliz, né? (...) Acho que essa era... a minha... principal expectativa." (Mulher, casal 13)*

*“ Em termos de expectativas... é o que eu imaginava que fosse um casamento. Entendeu? Uma relação a dois vivida... em comum... com muita dificuldade, com o dia a dia, às vezes trabalhoso, às vezes prazeroso.” (Homem, casal 4)*

*“ Eu nunca esperei um... nenhum... mar de rosas... Acho que nisso eu tinha maturidade pra saber... casamento não é um mar de rosas.” (Homem, casal 5)*

*“ Eu não esperava, assim, uma coisa especial. Não. Eu achava que... o casamento seria uma coisa... boa. Como foi pra mim. Entendeu?” (Homem, casal 8)*

Os entrevistados ressaltam, em seus discursos, que as mulheres são mais românticas e idealizam mais o relacionamento. Talvez por isso demonstrem ter mais expectativas.

*“ (...) a mulher é mais romântica. (...) a mulher tem mais esses sonhos de contos de fadas: Ah, felizes para sempre! (...) O homem é bem mais objetivo nessas situações.” (Mulher, casal 6)*

*“ Eu acho que toda mulher tem... essa coisa... romântica. (...) a mulher tá sempre procurando... essa coisa... de querer ter um casamento maravilhoso... de querer ter o amor da vida dela... de querer viver essa coisa de... maravilhosa... pra sempre.” (Mulher, casal 14)*

*“ Eu acho que a mulher espera mais, talvez, sabe? (...) ter um príncipe encantado um dia. Né? De casar, aquela coisa. (...) essa coisa do casamento do sonho.” (Homem, casal 12)*

Os entrevistados consideram que, enquanto as mulheres tem uma visão mais romântica da relação, os homens são mais objetivos e “secos” na condução do relacionamento.

*“ (...) a mulher vê a coisa muito mais romântica... O homem é muito mais pragmático. (...) a mulher é romântica demais... pro homem. (...) Acaba sendo tensa a relação pros homens, porque as mulheres exigem... demais, essa coisa floreada.” (Mulher, casal 7)*

*“ (...) a mulher... tem uma visão muito mais romântica do casal do que o homem. (...) O homem é mais seco. (...) numa*

*média, os homens são mais... mais frios... com a relação. (...) são mais secos... talvez mais objetivos com relação à... ao trato sentimental... A mulher é mais romântica. (...) Acho que do ponto de vista do sentimento é... é igual. Só que a maneira de conduzir as coisas... é diferente." (Homem, casal 13)*

*" (...) normalmente os homens são mais objetivos, né? Uma relação é... é feita assim, assado, né? (...) Os homens são muito mais objetivos numa relação... são... menos... rebuscados." (Homem, casal 14)*

Contudo, as mulheres enfatizam que é necessário superar o modelo idealizado de casamento e encarar as dificuldades do relacionamento. Entender que a relação tem uma dinâmica própria que não corresponde à imagem que foi idealizada.

*" (...) superar... é... determinadas coisas que fazem parte da convivência... você tem que começar a entender como funciona a coisa. (...) tem que começar... a sair da fantasia pra entrar na realidade... pra poder... é segurar a coisa... e ficar equilibrado... ficar legal o relacionamento." (Mulher, casal 9)*

*" (...) quando você... é... pensa, né... que você é mais nova, que você fala: ah, porque eu vou casar... porque meu marido... porque... a família... Tem essa coisa idealizada, né? E, aos poucos isso... isso vai... quebrando." (Mulher, casal 14)*

As mulheres expressam mais claramente em seus discurso as tensões e conflitos vividos no processo de superação dos ideais românticos e na construção do relacionamento conjugal.

Mas, de um modo geral, o discurso de homens e mulheres demonstra que ambos buscam o desenvolvimento de um relacionamento pautado mais na "conscientização" das dificuldades de uma vida a dois do que nas fantasias românticas e apaixonadas.

*" Não houve assim... tem que ter um romantismo, né, mas, não houve aquela... fantasia do casamento, sabe? Aquela coisa assim meio... é... romantizada. (...) Acho que a gente foi muito... teve também a dimensão dessas coisas práticas, que envolvem o casamento, né? Não é só a coisa do... namorinho,*

*né? Mas, de ver que você tá vivendo junto.” (Mulher, casal 12)*

*“ Eu nunca achei que ia ser um mal ou um mar de rosas. Nunca tinha aquela coisa... da fantasia, que a gente só vai ter um mar de rosas pra sempre, que a paixão é pra sempre. Não Foi bem real. Foi bem... acho que não tem volta ou... o bom tem volta, mas pode não ser isso todo dia... O dia a dia é seco.”(Homem, casal 4)*

*“ Eu não tinha, assim, uma visão de que eu ia ser... feliz para sempre, entendeu? (...) Então, tem que encarar a vida ali. Já que eu resolvi morar com aquela pessoa, então, tem que... dividir os problemas com ela, né? Então... pra você amadurecer aquele teu relacionamento, né? Não adianta você sair correndo... pra discutir com outra pessoa, acho que...isso não vai ser legal. Você tem que encarar.” (Mulher, casal 3)*

O discurso dos entrevistados reflete as considerações de Giddens (1992) sobre os ideais amorosos da contemporaneidade. Segundo Giddens, na época atual, os ideais de amor romântico tendem a se fragmentar e a idéia de amor que se sustenta é a de um amor contingente que entra em choque com as categorias de “para sempre e único” do amor romântico. O amor romântico idealiza o outro, pressupõe uma certa fusão, um “encontro de almas” e busca uma apreensão “intuitiva” do outro. O amor confluyente, característico dos relacionamentos contemporâneos, presume uma igualdade na doação e no recebimento emocional, depende e se desenvolve a partir da intimidade. O amor confluyente presume um tipo de relacionamento em que o conhecimento das peculiaridades do outro é fundamental. O amor se desenvolve até o ponto em que a intimidade permite, até o ponto em que cada parceiro está disposto a manifestar suas preocupações e necessidades para a construção do relacionamento.

De acordo com Giddens, a associação do amor com o casamento foi mantida durante muito tempo pela idéia de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, era para sempre. Na época atual, os ideais de amor romântico tendem a se fragmentar pela pressão da emancipação e da autonomia feminina.

Segundo Vaitsman (1995), o casamento fundado na concepção de amor singular, eterno e dirigido a um indivíduo único e insubstituível ficou para trás.

Atualmente, a noção de eternidade das relações e dos sentimentos está abalada e os casamentos desfazem-se e refazem-se continuamente.

Contudo, o discurso das mulheres entrevistadas demonstra que, estas parecem sentir uma certa nostalgia pela perda do ideal de amor eterno. As entrevistadas ressaltam que, mesmo sabendo que o casamento pode não durar, desejariam que este durasse para sempre.

*" (...) tem aquela coisa de você cresce (...) serão felizes para sempre. Você fica sempre querendo um casamento... pra sempre. Né?" (Mulher, casal 4)*

*" Eu acho que a mulher tem isso (...) essa coisa do amor eterno... A gente sabe que é falso... que não é isso. (...) Mas (...) é tão bom pensar assim, entendeu?" (Mulher, casal 14)*

Entretanto, o discurso das mulheres demonstra uma certa precaução, com relação à vivência de um modelo excessivamente romântico e com uma possível decepção amorosa em decorrência disso.

*" Os meus pais, eles... foram felizes... numa coisa muito romântica (...) Só que a minha mãe (...) ficou sozinha... entendeu? E ele... saiu de casa. (...) E, na verdade... tudo... quebrou muito fácil, entendeu? Então... o meu modelo é esse também. Não vai... ser uma coisa perfeita... e mesmo que pareça ser... vai, pode quebrar com muita facilidade." (Mulher, casal 7)*

Mas, mesmo precavidas, as mulheres sinalizam em seus discursos um desejo de manter, sempre, a relação apaixonada do início, mesmo sabendo de que isso, geralmente, não se concretiza com nenhum casal.

*" (...) aquilo de não ficar eternamente aquela... visão, daquele casal apaixonadíssimo, erótico e tal, né? E isso... embora eu veja ao redor... que isso não se concretiza com ninguém... mas, a gente tem aquele sonho... a gente sente que tem que correr atrás. Então, sempre dá aquela sensação de que... vamos batalhar pra melhorar, pra chegar a algo parecido com o que foi no início. É lógico que não vai voltar, né? Mas, às vezes, eu acho que... dá uma certa frustração na relação.*

*Uma sensação de que: ah, poderia estar melhor. Não tá ruim. Mas poderia estar melhor, né?" (Mulher, casal 6)*

Para as mulheres, manter uma relação apaixonada e intensa no casamento é difícil por causa das dificuldades enfrentadas no dia a dia.

*" (...) o casamento... não tem ninguém que me convença disso... que a gente consegue manter essa relação aí erotizada... cheia de tesão. (...) Porque, na verdade, no casamento... o dia a dia é pontuado de coisas boas e muita coisa ruim. Diferente de quando você tá separado ou quando você só namora. Que você se encontra só pra transar, pra beijar, pra abraçar, pra ir ao cinema... Quando você casa não. (...) Tem dia que realmente não dá... Nem estimulando... Porque os problemas são enormes (...) não só os problemas dentro de casa... são os problemas do trabalho também... que você acaba levando pra dentro de casa. Isso tudo influencia." (Mulher, casal 5, sem filhos)*

*" (...) Tem muitas coisas que eu acho que acontecem, que no dia a dia da... do casamento... Porque o casamento não é só o momento... como o namoro... que você se arruma bonitinha... vai sair de noite... vai ao cinema, depois jantar. De repente tá lá namorando, tudo bem, depois cada um vai pra sua casa e enfim... Você acorda ali do lado daquela pessoa, dorme... tá ali, né? (...) Então, tem momentos que... essas outras coisas da vida pessoal, ou das... de fora... vem... vai interferindo na gente mesmo, né?" (Mulher, casal 12, sem filhos)*

Podemos perceber no discurso das mulheres uma certa "luta" para desmistificar os ideais de amor eterno e de relação intensa e apaixonada para o casamento. As mulheres se mostram cautelosas com a possibilidade do relacionamento durar, mas, ao mesmo tempo, conservam ainda um desejo de vivenciarem uma relação conjugal eternamente apaixonada. O discurso das mulheres é permeado de sentimentos contraditórios com relação ao desejo de ter um relacionamento amoroso apaixonado e eterno e, simultaneamente, não acreditar nessa possibilidade.

Apesar de as mulheres se mostrarem dispostas a construir os seus relacionamentos conjugais sem muitas idealizações, estas demonstram em seus discursos que são bastante sensíveis às influências do modelo de relação conjugal vivido pelos pais. E, tendem a se posicionar nos seus relacionamentos oscilando

entre idealizar o relacionamento dos pais ou rejeitar o seu modelo, criticando, sobretudo, a postura de suas mães diante do casamento.

A experiência vivida nas famílias de origem apareceu no discurso das mulheres como um fator que pode contribuir para a sua crença individual na durabilidade de um casamento.

*“ Na minha família... tem essa coisa, assim, todos os casais vivem juntos... há muitos anos. Os meus pais... tão juntos há 35 anos... Os pais do X viveram muitos anos juntos. (...) Então... eu acredito nisso. (...) que um casamento pode durar.” (Mulher, casal 14)*

*“ (...) a minha mãe... e o meu pai (...) se...amam muito, até hoje. (...) foi o primeiro casamento e tão casados há... há 35 anos. O meu sogro e a minha sogra também... primeiro casamento e também tão casados até hoje. Quer dizer, as famílias são bem certinhas... não é? (...) eu fui buscar um marido parecido comigo mesmo, de uma família certinha... pai e mãe ali... juntos, enfim, que também se gostam.” (Mulher, casal 13)*

*“ É, eu acho que as pessoas que são filhas de pais separados tem uma certa... coisa assim com o casamento, né? Por mais que você ame, adore, fica aquela coisa meio solta.” (Mulher, casal 7)*

Muitas vezes, entretanto, as mulheres evidenciam uma idealização do modelo de casamento dos pais. Idealização essa que aparece quando comparam o seu casamento com o dos pais, como demonstram as falas abaixo.

*“ Os meus pais se davam muito bem. Realmente... eram até apaixonados muito tempo. Então, eu acho que esse modelo... ficou em mim. (...) Então, eu acho... que, provavelmente, na minha cabeça... tem essa... imagem... Eu acho até que é uma imagem deturpada... Eu até brinco com o X... como os pais dele não se davam muito bem... Então, pra ele, o relacionamento... é menos exigente, né? O modelo dele... tem uma, um grau menor. Porque o nosso relacionamento é muito melhor do que o dos pais dele. E o meu não. Então, eu acho que esse modelo dos pais é um modelo que pesa... Que realmente pesa, né?” (Mulher, casal 6)*

*“ A minha mãe e o meu pai (...) tinham um casamento muito parecido com o meu... Mas eu achava que... meu pai e minha mãe... não era o que eu via por aí na vida. O meu pai e minha mãe era uma coisa diferente. Então, eu nunca poderia achar... que eu fosse ter um casamento nos moldes do meu pai e da minha mãe. Eu achei que... até pela incidência... o meu casamento seria igual ao casamento de todos os outros. Ou, pelo menos, eu tinha medo que fosse. ” (Mulher, casal 8)*

Em seus discursos, as mulheres também fazem observações à postura passiva de suas mães no relacionamento conjugal e enfatizam a sua disposição para não repetir esse modelo, não se anular em função do marido, dos filhos ou da preservação da relação. Ao contrário disso, revelam uma luta intensa para preservar a sua individualidade na relação conjugal.

*“ Meus pais são casados até hoje. (...) ela se anulou muito, né, pra viver com ele... Abdicou muito dos desejos dela e das coisas dela... pra... ter o casamento e a relação dos filhos, né? Que até hoje ela tenta, tenta retomar, mas não consegue, né? (...) foi um rompimento muito forte dela com ela mesma. E... eu tento não repetir. Né? Quer dizer não me anular... Às vezes nessa... tentativa eu... eu fico até muito brusca... nessa afirmação do meu espaço. Do meu isso, do meu aquilo, de não me anular... É... mas agora também eu tô ficando mais serena... em relação a isso. No começo eu tinha muito mais essa auto afirmação do, do meu espaço, das minhas coisas, das minhas idéias... E, hoje em dia... eu lido com isso de uma maneira mais tranqüila. ” (Mulher, casal 4)*

Ao contrário das mulheres, os homens não se mostram muito ligados ao modelo dos pais ou a qualquer outro.

*“ Eu nunca tive esses... essa coisa... esses paradigmas, modelos... Não... nunca. (...) nunca... ah, o casamento vai ter que ser assim, assado. ” (Homem, casal 12)*

*“ Eu não, não conheço ninguém que tenha um casamento que seja... modelo. Sabe? (...) um casal que seja um modelo... ou que seja um exemplo e tal. Porque... acho que não... não sei se existe isso, né? ” (Homem, casal 10)*

Mas, a experiência de um casamento anterior pode contribuir para uma mudança de atitude do homem frente ao relacionamento atual, sobretudo, no que se

refere ao modo de lidar com as situações e os problemas. Nesse caso, os homens afirmam que, no casamento atual, a sua postura é de maior maturidade e tolerância.

*“ (...) a minha paciência pra certos problemas é muito maior. Então foi... decisivo, eu acho. A primeira relação, ela valeu como um ensaio.” (Homem, casal 5)*

*“ (...) eu tive um relacionamento anterior muito complicado (...). Então, pra mim... fica... é mais fácil lidar com os problemas.” (Homem, casal 7)*

*“ Eu tive uma experiência de casado, durante 3 anos, antes. Foi uma experiência bem desastrosa, ruim... e que eu pude fazer... uma comparação. (...) Essa experiência contribuiu muito. Acho que contribuiu até pra mim mesmo, né? Abriu meus olhos pra certas coisas.” (Homem, casal 11)*

As diferenças entre os discursos femininos e masculinos nos levam a pensar que, talvez, os homens não percebam que são influenciados pelo modelo de casamento dos pais e, por isso, não considerem importante refletir sobre os mesmos. Mas, uma experiência de casamento desfeito os leva a refletir sobre o ocorrido, fazendo-os rever suas posições. Ainda assim, pudemos verificar que os homens continuam mantendo, preferencialmente, uma postura de ir lidando com as situações conforme estas se apresentam, enquanto que as mulheres se preocupam mais em refletir sobre as suas influências e se sentem mais pressionadas a considerar a sua posição no relacionamento conjugal. As mulheres tendem a comparar a sua postura no casamento com a de suas mães, procurando não repetir os seus “erros”. As mulheres “lutam” para se desvencilhar dos ideais românticos e, também, para corresponder aos ideais feministas. O que exige que estejam mais atentas à sua posição no casamento e procurem refletir sobre os fatores que podem contribuir para a construção de um relacionamento conjugal mais satisfatório.

A postura de homens e mulheres diante do casamento pode ser entendida, também, à luz das considerações de Giddens (1992). Segundo esse autor, os homens foram introduzidos nas transformações que afetaram o casamento e as relações pessoais pelas mulheres. De acordo com os ideais românticos, a promoção do amor era uma tarefa feminina, cabia à mulher amansar e suavizar a natureza do amado,

que permanecia impassível, frio e distante até que seu coração fosse conquistado. Tudo indica que o discurso dos entrevistados esteja demonstrando que os conflitos vivenciados pelas mulheres para superarem as suas expectativas românticas para o relacionamento, e a postura dos homens de não criarem expectativas para a relação, nem se deixarem conduzir por modelos, são sinais de que, ainda hoje, os resquícios do ideal romântico atribuem à mulher, mais do que ao homem, a “tarefa” de se preocupar com o relacionamento conjugal.

O discurso dos entrevistados confirma essa postura, quando ressalta que, geralmente, são as mulheres que se interessam mais em observar o relacionamento e em promover o “bem-estar” dos parceiros, buscando soluções para os conflitos ou, simplesmente, conversando sobre a relação.

*“ (...) é uma coisa de mulher (...) tá percebendo as emoções, tá... observando... né... o comportamento das coisas e tal, e os problemas... querer conversar e querer falar sobre isso, falar sobre o assunto. É uma disponibilidade que a mulher tem e que o homem... em geral, não tem. É que a mulher que... cutuca pra... pra que isso aconteça, né?” (Mulher, casal 4)*

*“ Mulher gosta muito de analisar a relação... né? A mulher gosta mais daquela coisa de... de conversar... o que não está bem... né? Geralmente, quem faz esse movimento... normalmente, é a mulher. (...) o homem tem muito... Não é que ele não veja... mas... eles não tem saco pra isso, né? (...) saco de conversar... de tentar resolver, de... de fazer esse movimento de... de tentar melhorar. Eu acho que se deixar por conta do homem, a relação vai pro brejo. (...) Quem, geralmente, quer resolver a situação é a mulher. Quem quer melhorar é a mulher.” (Mulher, casal 14)*

*“ (...) eu acho que tem uma coisa de maior compromisso, talvez, feminino, em relação ao casamento. (...) Um compromisso... maior, no sentido de... estamos aqui pra ter uma relação e vamos construir... essa relação. (...) A tendência masculina, eu acho que é uma acomodação muito grande. Casou, estamos aqui, estamos casados, então... vamos nessa.” (Homem, casal 4)*

De um modo geral, o discurso dos entrevistados demonstra que, os homens se manifestam no relacionamento à medida que as situações vão se delineando, e as

mulheres parecem querer conduzir as coisas para que as situações se delineiem. As mulheres parecem estar sempre dispostas a analisar as situações e questioná-las, enquanto que os homens resistem um pouco a esses questionamentos constantes.

*“ A mulher, ela tem uma coisa assim: ah, a gente precisa conversar sobre a nossa relação! E o cara já se apavora. Por que? Tá tudo ótimo! O que é? Entendeu? (...) a mulher tem uma certa subjetividade que é difícil pro homem entender. (...) ele não entende que ela quer conversar.” (Mulher, casal 7)*

*“ (...) a mulher... ela entra muito mais nas questões, nos detalhes... Ela vai buscar muito mais. (...) E o homem... não quer entrar em tantas questões, em tantas análises... sabe? A mulher (...) busca muito mais as coisas lá por dentro. Ela... se questiona muito mais. (...) a mulher é... tem uma forma diferente de... de analisar, de... se perguntar... e até mesmo de discutir as questões do casamento.” (Mulher, casal 10)*

*“ A mulher tem uma tendência a ver problema... onde... geralmente não há. Assim, sempre um... sabe aquele... senta aqui, vamos conversar sobre isso? Não tem muito o que conversar. Sabe? A é A ... B é B. Quer dizer, não tem muito... Às vezes você mostra... vai ponderar sobre alguns aspectos. Mas... mulher tem uma mania... de quer tirar o ... a essência do problema, sabe? (...) coisas que... podem ser muito simples, tem sempre um... sabe... um significado maior.” (Homem, casal 14)*

A postura de homens e mulheres diante do casamento, sobretudo no que se refere à atenção às vicissitudes do relacionamento, pode ser um reflexo, também, das suas diferenças de expectativas. Como vimos no início desse tópico, as mulheres esperam do casamento o fortalecimento da união e buscam ser amadas e felizes. Para realizar essas aspirações, as mulheres têm que ter uma postura mais ativa diante do relacionamento, precisam estar, constantemente, mobilizadas para “agir” logo que detectam algo que possa interferir no relacionamento. Enquanto que os homens, por esperarem que o casamento seja permeado de bons e maus momentos, não se mobilizam tanto com “pequenos” sinais, talvez por considerá-los sem muita importância ou, ainda, “normais” no percurso de um relacionamento.

#### 4.2.2 - Considerações sobre a manutenção da relação.

De acordo com Singly (1993), na contemporaneidade, a vida conjugal tornou-se um espaço auxiliar para a construção da identidade pessoal. As relações são construídas em torno dos indivíduos e a valorização da autonomia e da realização pessoal torna inaceitáveis a continuidade de um relacionamento que não serve a esses propósitos. A relação conjugal deve ter como compromisso básico sustentar o crescimento e o desenvolvimento individual dos parceiros, ajustando-se às suas trajetórias de vida. O compromisso dos cônjuges com a relação é condicional e só se mantém enquanto esta for prazerosa e "útil" aos indivíduos.

Contudo, o casamento cria um novo universo de referências para os cônjuges e, de acordo com Menahem (1988), a adesão a essas novas significações mobiliza o casal para a realização de projetos que consolidem a sua união e reduzam as suas tensões. Nesse sentido, a trajetória compartilhada redefine, em grande parte, as demandas individuais e tende a adaptá-las aos propósitos da relação conjugal. Mas, essa adaptação se dá, somente, até o ponto em que os parceiros consideram estar de acordo com os seus pressupostos e objetivos para a relação.

O discurso dos entrevistados demonstra que a relação conjugal se constitui como um espaço fundamental na estruturação de suas vidas, mas a manutenção da relação depende, fundamentalmente, da satisfação que proporciona aos parceiros. As considerações dos entrevistados, a respeito da manutenção da relação, refletem as diferentes expectativas de homens e mulheres para a continuidade do seu relacionamento. E ressalta, também, os pontos de convergência entre os seus pressupostos para a manutenção de um relacionamento conjugal.

O discurso dos homens nos mostra que a relação conjugal e familiar é vista como um espaço fundamental na estruturação das suas vidas e identidades pessoais. Os homens expressam em suas falas o sentimento de que não gostariam e, até, não saberiam mais viver sem o casamento, que se sentiriam sozinhos, perdidos, sem

referências. Os homens ressaltam, também, que teriam medo de não encontrarem outra companheira como a atual.

*“ É, eu não consigo me imaginar de outra forma. (...) casamento pra mim, com tudo mais, mesmo com toda... a questão profissional, o desafio profissional, o desafio da sobrevivência e tudo mais, pra mim é a parte mais importante da vida. (...) eu não consigo dissociar a minha vida dele. Eu não consigo me imaginar sem. Não é sem a instituição, vamos dizer, é sem... a estrutura que se criou na minha vida.”*  
(Homem, casal 1)

*“ (...) Eu... acho que... vivi pr'um casamento verdadeiro mesmo... a partir do momento em que a gente tá junto, né?”*  
(Homem, casal 2)

*“ (...) eu não casaria de novo não. De repente eu não iria encontrar uma pessoa... igual a ela. Ai a minha vida iria se tornar um inferno. (...) acho que outra figurinha a gente não acha assim na vida.”* (Homem, casal 8)

*“(...) eu não me sentiria bem sozinho. Faltaria alguma coisa.”*  
(Homem, casal 9)

*“(...) hoje em dia eu não (...) não saberia mais... viver solteiro. (...) eu não saberia... ser solteiro de novo... e não gostaria de ser solteiro.”* (Homem, casal 14)

As mulheres também enfatizam, em seus discursos, a importância do parceiro e da relação conjugal para a sua vida. Demonstram que a relação conjugal se constituiu como um suporte decisivo para a construção de suas identidades pessoais e a existência do parceiro transformou as suas concepções de vida. Mas, apesar disso, a maioria das mulheres se mostra mais cautelosa que os homens nas suas expectativas de continuidade da relação.

*“ (...) eu não quero dividir a minha vida com mais ninguém. (...) eu quero dividir a minha vida com o X. entendeu? Se não for pra dividir com ele... não quero dividir com outra pessoa.”* (Mulher, casal 7)

*“ (...) a gente não pode adivinhar o futuro... né? Mas eu não me vejo agora (...) racionalmente e tal (...) chegar na minha casa e saber que... não está mais... que essa pessoa que eu*

*gosto, que... tá ali, que eu posso conversar e tal... é foi embora. (...) Eu não consigo é... conceber... a minha própria vida agora... é... sem a presença..." (Mulher, casal 2)*

*" (...) ele não gostaria de se casar novamente, porque ele teria medo de... de não encontrar uma outra mulher com quem ele se ajustou... Eu... teria medo de não encontrar um homem que pudesse me dar o equilíbrio que ele me dá." (Mulher, casal 8)*

O discurso comparativo dos casais abaixo demonstra bem as diferenças na abordagem das expectativas de manutenção da relação conjugal. Enquanto para os homens a idéia de separação é algo abstrato, que se vier a acontecer não será por sua vontade, para as mulheres, a separação é uma possibilidade concreta, pois os sentimentos mudam e o que hoje é vivido de uma forma, amanhã pode não ser. No discurso das mulheres, os questionamentos sobre os próprios sentimentos em relação ao parceiro e ao casamento são maiores. Os homens não demonstram querer questionar muito a sua opção atual.

*" (...) com todos os problemas que possam surgir... eu não consigo... é... fazer nenhum plano, é... pra futuro, que não incluia... que não incluía ela. E isso... do mesmo modo são as crianças." (Homem, casal 1)*

*" (...) Hoje eu (...) na minha vida posso dizer tranquilamente, sem medo de errar, que eu não... é... penso, em momento nenhum, me desviar dessa minha opção de vida, de família, de tudo mais. Isso hoje eu posso garantir. (...) se vier a acontecer alguma coisa não vai ser por uma opção minha. Isso eu tenho certeza." (Homem, casal 1)*

*" (...) eu acho que essas coisas a gente não pode afirmar com tanta certeza. Entendeu? (...) A gente pode afirmar o que a gente sente no momento. É isso. Eu também sinto da mesma forma. Hoje eu sinto da mesma forma. Mas... não sei. O futuro é outra coisa... depende muito. Né?" (Mulher, casal 1)*

*" (...) de vez em quando... existe esse questionamento, né? Um "zilhão" de pessoas no mundo... e eu tô com ele. Vai ser pro resto da minha vida? Será? Será que é isso que eu quero? Será que eu não quero conhecer mais ninguém?" (Mulher, casal 14)*

*" (...) eu não vejo essa coisa assim é (...) tem um milhão de pessoas no mundo... né? (...) eu não tenho... ninguém mais legal... do que... do que ela. (...) Esse casamento... que eu tenho é legal. Sabe? Não é uma coisa assim que (...) aquela busca incessante. Ôpa... que nem carro novo, né? (...) eu acho que casamento não é por aí." (Homem, casal 14)*

*" (...) o dia que ela se separar de mim... porque eu sempre coloco assim: ela vai se separar de mim... Eu não tenho nos meus planos... me separar." (Homem, casal 14)*

*" (...) É lógico que... se um dia eu olhar pra cara dela e falar: (...) eu não gosto mais dessa, dessa mulher... Pode até ser que... eu, eu comece a entender o sentido da... da separação, né?" (Homem, casal 14)*

Enquanto as mulheres acham que a separação é uma possibilidade quase inevitável, os homens consideram que a separação é fruto da pouca disponibilidade das pessoas para superarem as suas dificuldades conjugais, motivadas, inclusive, por um discurso social que incentiva a separação.

*" (...) o ... viveram felizes pra sempre não existe. Não é? (...) eu não sei se a gente vai viver mais 1, 2, 10, 20 anos juntos... Eu não sei. Não conto com isso, assim. Eu não sei se o X vai viver comigo pro resto da vida..." (Mulher, casal 14)*

*" (...) na experiência minha do primeiro casamento (...) pode se desmanchar realmente a qualquer momento, qualquer casamento. Não é nada essa coisa pra sempre." (Mulher, casal 4)*

*" (...) as pessoas desistem... do casamento na primeira dificuldade. (...) tem menos de um ano: separado. Ou... existe alguma coisa que é completamente incompatível entre os dois... ou nenhum dos dois lutou por aquilo. Na primeira dificuldade desistiram." (Homem, casal 6)*

*" (...) hoje se casa (...) pensando que... não separar... é uma anomalia! E não o contrário. (...) comigo aconteceu, mas... não foi pensando nisso. (...) foram muitos fatores, né, que contribuíram pra isso e tal." (Homem, casal 2)*

*" (...) eu acho que... separar é pior do que casar... Sabe, eu acho que as, as conseqüências de uma separação... são muito piores... do que... a ... os percalços de um casamento. Não que... ah, vamos levando isso... é... de qualquer, faz que nem*

*antigamente. Não, não pode separar. Não é, não é isso.”*  
(Homem, casal 14)

O discurso das mulheres apresenta, claramente, a idéia de que a duração do casamento é condicionada ao entendimento de que a relação é boa para os dois. A partir do momento em que uma das partes não está mais de acordo com isso, o casamento pode acabar.

*“(...) nós sempre colocamos uma coisa... pro casamento existir tem que ser bom pros dois, senão não vale a pena. Então, no momento que começou... a qualquer momento pode ser um momento de terminar. Desde que... uma das partes não esteja bem.”* (Mulher, casal 11)

*“(...) Isso sempre foi muito claro pra gente... “tamos” aqui, mas podemos não tá também... entendeu? (...) o casamento... é... é uma coisa que você tem... de uma certa forma... escolha... né? Se realmente aquilo não for mais o que você quer... Não, não tá legal, não é isso... Você... É uma experiência que você tem como... é... contornar. Reverter. Falar: não quero mais, acabou.”* (Mulher, casal 14)

*“(...) Muitas pessoas ficam casadas apesar de não tá valendo a pena, né? (...) casamento eu acho que só tem graça, na medida em que tem uma coisa de prazer nele.”* (Mulher, casal 12)

Em seus discursos, as mulheres reafirmam, constantemente, que consideram que o casamento deve durar enquanto for bom, deve ser uma escolha diária e não uma obrigação imposta por convenções sociais ou pelos filhos. As mulheres querem que o casamento dê certo, mas querem, principalmente, que ele seja bom, que não seja uma relação somente de acomodação.

*“ Eu tenho realmente muita vontade de que o nosso casamento continue dando certo. Agora... quero que ele seja bom... não quero ficar casada porque; Oh! Porque eu tenho 3 filhos... Oh! Porque de repente é mais cômodo ficar casada, né, do que ficar sozinha. Isso eu não quero, entendeu? Porque eu acho que, às vezes, as pessoas acabam ficando casadas por acomodação.”* (Mulher, casal 1)

*“(...) sempre... sendo uma coisa boa, né? Que você “teja” assim... se dando conta... que foi realmente uma coisa que*

*... você escolheu... Porque, com o passar do tempo, tem muita gente que acha que tá com aquela pessoa por pura obrigação formal. Porque foi lá, assinou um papel e... ou por outros motivos, porque tem filhos... Acho que todo o tempo você tem que tá vendo o que... Você tem que tá escolhendo, todo dia, tá com aquela pessoa... Não é porque eu casei há 12 anos que eu sou obrigada a tá com ele hoje. Se eu tô com ele hoje, é porque eu tô escolhendo tá com ele hoje." (Mulher, casal 13)*

O discurso dos entrevistados ressalta que a duração do relacionamento depende da satisfação mútua ao que se considera essencial à plena realização da relação. O importante é estar junto enquanto for bom para ambos, enquanto houver amor, enquanto o sexo for bom, enquanto valer à pena superar as divergências e enquanto o relacionamento estiver propiciando o crescimento de cada um dos parceiros.

*"Acho que enquanto a gente acha que vale a pena, a gente tem mesmo que conversar, que brigar, que... né? E procurar... se entender nessas... nessas divergências aí." (Mulher, casal 1)*

*"(...) tem que tá o amor... acontecendo. Se não tiver... o sentimento... vivo, né... me, me preocupa... Eu acho que eu não vou viver um casamento que... onde o ... sentimento... esteja acabado. E eu vá ficar ali... por conveniência. Entendeu?" (Mulher, casal 4)*

*"(...) eu sempre falei... que... se um dia eu tivesse um marido, ele só seria o meu marido enquanto tivesse... valendo a pena. E o valer a pena pra mim, eu sempre coloquei também a minha sexualidade." (Mulher, casal 11)*

*"(...) a gente... já não é mais da geração que tem que dar certo e vamos ser felizes para sempre. A gente tá aqui porque a gente tá a fim. E enquanto tivermos a fim, tiver bom e tiver... crescendo, nós vamos tá a fim." (Homem, casal 4)*

O discurso dos entrevistados está de acordo com as afirmações de Giddens (1992) e de Singly (1993). Vejamos por quê?

Segundo Giddens, na contemporaneidade, as relações têm como pressuposto só se manter enquanto forem capazes de proporcionar satisfações suficientes para ambos os parceiros. A relação tem a sua continuidade constantemente avaliada e

negociada, só se sustenta enquanto os parceiros entendem que dela extraem satisfações suficientes para nela permanecerem.

Singly (1993) afirma que, na contemporaneidade, a duração do casal não tem valor se um dos cônjuges não continua dando ao outro as satisfações esperadas. Quando os cônjuges não estão felizes juntos não vêem por que devem permanecer juntos. O que regula a relação é a satisfação pessoal dos seus membros. A estabilidade da relação depende da negociação dos aspectos essenciais para os parceiros.

O discurso dos entrevistados enfatiza que todos os casamentos atravessam momentos de dificuldade e o importante é saber até que ponto se quer levar adiante o relacionamento. As mulheres consideram que o limite remete para uma fase em que as mazelas pesam mais do que as vantagens. Os homens afirmam que o limite é o do projeto de vida e de casamento de cada um.

*“ Todo mundo tem as suas mazelas, e eu acho que a gente tem que... conviver com as nossas e com as do outro mesmo. Desde que sejam coisas que você, que o lado bom, que você bote na balança e diga: pô, as vantagens... são muito maiores. A hora que as mazelas começam a pesar muito, aí eu acho que realmente não tem... sentido você ficar numa relação por ficar.” (Mulher, casal 1)*

*“ (...) pra se manter casado, eu acho que a maior dificuldade hoje em dia, já que a gente... não é mais obrigado a se manter casado... não se faz nenhuma imposição... é... você saber até que limite você quer manter aquele casamento.(...) qual é o ... o limite do, do... do seu projeto de casamento, assim, do seu projeto de vida. O casamento se desfaz por muito pouco... eu acho... hoje em dia.” (Homem, casal 4)*

O discurso das mulheres ressalta que, para enfrentar as dificuldades do relacionamento, é fundamental que se goste de estar casada com aquela pessoa, que se tenha prazer em dividir a vida com o parceiro e que ambos estejam dispostos a enfrentarem juntos as adversidades.

*“ Uma disponibilidade de ambos.. né... de estarem juntos. Né? De... enfrentarem as adversidades juntos, né? Porque...*

*não é um mar de rosas, né? É difícil pra curamba... a convivência. Né?" (Mulher, casal 4)*

*" Eu acho que tem que tá a fim, né? Antes de tudo, tem que tá a fim de um relacionamento. Né? Cair na coisa do real mesmo, né, do que é um relacionamento. Entendeu? Não é a coisa de fantasiar, é tá a fim de... tá com a outra pessoa e de dividir as coisas que faz." (Mulher, casal 9)*

*" (...) o fundamental é, é querer... estar casada, né? Gostar de estar casada. Porque eu acho que... se você não tem esse... Além de você gostar da pessoa, se você não gosta de estar casada com aquela pessoa... você não tem... porque lutar, né? (...) você tem que querer ultrapassar as barreiras, né? (...) querer continuar casada, né? E buscar uma forma de você... se acertar e chegar a um consenso... o tempo todo." (Mulher, casal 10)*

*" (...) você tem, realmente, você tem que gostar... Você tem que sentir prazer de tá junto daquela pessoa... gostar de dividir as coisa com ela, gostar de fazer as coisas junto com ela... né? (...) Porque é uma pessoa que você vai ter que dividir tudo, na verdade, né? Desde o banheiro, a cama... o armário... o salário... Quer dizer, uma série de coisas. Então, eu acho que, em primeiro lugar, realmente, tem que ter prazer em tá junto com aquela pessoa. Acho que tem que ter uma coisa... de cumplicidade, assim, muito grande." (Mulher, casal 13)*

O discurso dos homens também aponta o gostar de estar casado como um dos fatores importantes para superar as dificuldades. E, além disso, inclui a admiração, o companheirismo e a cumplicidade como aspectos fundamentais para a manutenção da relação conjugal.

*" Pra se manter casado você tem que admirar a pessoa, gostar... né? Eu acho que você tem que gostar de estar com alguém, né? (...) Eu acho que pra você casar tem que gostar de ficar casado. Eu adoro chegar na minha casa... Eu adoro tá na rua pensando que eu vou chegar, entendeu, que eu vou encontrar com a minha mulher e meus filhos. Entendeu? Isso me... é um bálsamo. Me... me dá força, me re-energiza." (Homem, casal 3)*

*" Você manter essa comunicação, né? Você manter é... essa cumplicidade, esse companheirismo... Acho que essa é a maior dificuldade pra se manter casado. Tendo isso... Acho*

*que quando isso morre, acabou... Não tem o ... o erotismo que segure, não tem. Perdeu isso: cumplicidade, carinho... sinceridade. Acabou. Acabou mesmo. Entendeu?" (Homem, casal 12)*

As mulheres afirmam que, às vezes, se questionam sobre a relação e sobre os seus sentimentos pelo parceiro, mas isso não significa que queiram terminar o relacionamento. Ao contrário disso, as mulheres consideram esses questionamentos um procedimento importante para reorganizar a relação e reavivar as emoções.

*" Até acho que, que pintam momentos de dúvida sobre sentimentos, né? Já pintou comigo, já pintou com ele. Acho que essas coisas é... acontecem no percurso de uma relação. Mas acho que pra... é... quebrar o casamento... é preciso que seja uma coisa muito forte. Entendeu?" (Mulher, casal 1)*

*" Existem até momentos no... Existiram, né, até agora... Que eu cheguei a pensar: pô, o que será que tá acontecendo? Mas é o momento daquela... aquela fase de, das coisas se... reorganizarem, né? Aí volta tudo. Aí é hora de começar, hora de rever... E... por enquanto tá... né... abaixa a chama, aumenta, abaixa, aumenta." (Mulher, casal 4)*

Para os homens, os questionamentos existenciais e o crescimento individual diferenciado são fatores que podem abalar a relação, se não forem compreendidos pela parceira. Talvez por medo de não serem compreendidos, e colocarem em risco a "estabilidade" do relacionamento, os homens preferiram não compartilhar muito com as suas parceiras as suas dúvidas existenciais.

*" Você tem certas crises... até existenciais nesse... com você. Às vezes você tá passando por uma crise... existencial, pessoal... e, às vezes, as pessoas não entendem. (...) é uma coisa... difícil... de construir... Até... de entender... o porquê. As pessoas não são lineares... As pessoas têm... é... mudam, né, o tempo todo. (...) Você se adapta, né, mas... antes tava uma situação e agora já tá diferente... Determinados valores você já... tá transformando. Isso não é fácil... pra trabalhar." (Homem, casal 5)*

*" Às vezes a pessoa casa, cada um é de um jeito e... de repente... a pessoa vai evoluindo de uma forma, cada um evolui de um jeito e... e, às vezes, aqueles pontos de... de convergência que existiam... não existem mais, né? Pode*

*acontecer isso também. Cada um tem o seu... crescimento, assim, né? As pessoas são diferentes.” (Homem, casal 10)*

No discurso das mulheres, a sinceridade para compartilhar sentimentos, pensamentos, impressões é um aspecto bastante valorizado. As mulheres consideram que os parceiros devem estar, sempre, buscando um diálogo sincero e profundo, compartilhando, um com o outro, os seus sentimentos e as suas insatisfações.

*“ A questão da sinceridade é um aspecto que eu acho fundamental. (...) Porque sem a questão da sinceridade, eu considero tudo isso impossível. Né? Sem a questão de... olho... olho a olho e... conversa a conversa... exposição... profunda... de cada um.” (Mulher, casal 11)*

*“ (...) eu acho essencial essa coisa da sinceridade... de tá sempre... é... dividindo mesmo com o outro essas coisas, sobre sentimentos, o que incomoda, o que não incomoda... os seus momentos... Não... não guardar muito, né? (...) eu fico muito com isso na minha cabeça, que as coisas que não são faladas... às vezes por menores que sejam... elas desencadeiam mais tarde.” (Mulher, casal 12)*

O discurso das mulheres aponta que o acúmulo de mágoas e ressentimentos no relacionamento, decorrentes da falta de diálogo entre os parceiros, é um dos fatores que dificulta a continuidade da relação conjugal. Para as mulheres, o casal tem que estar constantemente dialogando sobre os seus conflitos para que não haja uma ruptura da relação.

*“ Ficar de olho aberto... pra... não deixar as coisas... não fingir que... não tá vendo as, os problemas. E... tocar neles e... mexer neles pra que... porque senão... eles acabam estourando e aí acaba, né?” (Mulher, casal 4)*

*“ (...) eu acho que aquilo que chega numas... encruzilhadas... já muito grandes... né... fica mais difícil. As pessoas vão deixando as coisas se acumularem. Né? É uma coisinha, aí não deu muita atenção pra aquilo, mas ficou ali. Aí, daqui a pouco outra, e daqui a pouco já junta mais.... Vão acumulando as mágoas, aí começa a ter desentendimentos... E aí... começa a ter essa ruptura da relação.” (Mulher, casal 6)*

*" (...) chega uma hora que, se cagar e andar... não, não vai dar certo. Vai, vai pro brejo. Quer dizer... a gente tem que tá junto, tem que tá ouvindo, tem que tá brigando, às vezes. Tem que existir... uma relação." (Mulher, casal 14)*

Dialogar constantemente sobre a relação é uma preocupação mais feminina do que masculina. De um modo geral, as mulheres sentem uma necessidade maior de falar sobre os seus sentimentos e avaliar o relacionamento. Os homens são instigados ao diálogo por suas parceiras. Como ilustram as falas abaixo.

*" O X tá muito mais aberto pra conversar sobre as coisas... pra falar sobre a relação... Porque ele era muito fechado, não tinha... acho que não tinha esse hábito." (Mulher, casal 4)*

*"Esse não é um hábito masculino." (Homem, casal 4)*

*"(...) Não sei se isso não é um hábito... não é uma coisa masculina ou se era pessoal?" (Mulher, casal 4)*

*"Você também tá... mais legal. Não tá a fim de conversar sobre a relação às 2hs da manhã. No meio da noite eu não tinha essa disposição." (Homem, casal 4)*

*"É verdade. Eu já sei agora mais a hora de chegar... né? Que não fica tão explícito que eu tô conversando sobre a relação. (...) na verdade tem muitos homens que tem essa dificuldade de falar sobre si mesmos, o que tá acontecendo... falar das emoções, falar de como é que tá a relação, né?" (Mulher, casal 4)*

*" A gente não é muito criado pra isso não." (Homem, casal 4)*

*"Então estranha, né? Porque a mulher gosta... de falar da relação. (...) Ele não tem paciência pra tanto tempo de conversa sobre a relação." (Mulher, casal 4)*

Apesar de a preocupação com o diálogo constante ser uma tônica do discurso feminino, alguns homens, também, ressaltam a importância, para o relacionamento, dos parceiros conversarem sobre os seus sentimentos e sobre o que desagrada cada um.

*" Muita gente... não se aprofunda no relacionamento. Não discutem logo certos lances de sentimento, de rancor... Isso*

*não deixa as pessoas se manterem muito tempo casadas. Elas... ficam muito individualizadas, de repente, não trocam... problemas." (Mulher, casal 3)*

*"Assim, na primeira coisa, se você se achar incompreendido, não sei o que, você... se fechar e se isolar, eu acho que esse é um ponto... pra você caminhar pra, cada vez mais, se separar... Então, eu acho que tem, que você tem que dizer as coisas que... que não te agradam... que te desagradam... Eu acho que isso é fundamental. Porque, eu acho que tem muito, muito de, da pessoa ficar quieta... engolir aquele negócio a seco, não querer... falar, enfim, o que desagrada... E aí, é uma coisa que vai... um vai achando que não tá sendo compreendido pelo outro e... eu acho complicado." (Mulher, casal 13)*

*" (...) o casal não, não saber expor o que... Um não expor, não saber expor pro outro o que tá... aborrecendo... como é que pode resolver aquilo, sabe? Isso aí é que... que eu acho que dificulta... qualquer relação, né? Acho que o principal ponto é isso... é falta de diálogo." (Homem, casal 10)*

Conversar sobre as insatisfações é um consenso entre os casais, porém, o momento em que se fala sobre isso também é importante. Nesse ponto, o discurso de homens e mulheres demonstra que, de um modo geral, os homens preferem conversar depois, quando os ânimos já serenaram, e não na hora em que o fato está ocorrendo. Já as mulheres, preferem discutir o assunto logo, no momento em que está ocorrendo.

*" (...) há outros momentos, às vezes acontece coisas assim, né, discussões, assim, às vezes até (...). Acho que ninguém... ninguém passa sem isso, né? E... quando tá o clima quente, a gente... deixa... esfriar. Dá uma volta, sai... sai... depois passa, entendeu? O clima aí parece que..." (Homem, casal 2)*

*" (...) o mais difícil é você tentar controlar, né, o seu... a sua manifestação e... avaliar a situação. Pra depois você... né... através de bater papo (...) esquematizar diferente, né? E ver aonde é que tá faltando, o que a gente pode fazer diferente, né? Já que alguém não tá satisfeito, procurar satisfazer, né?" (Homem, casal 3)*

*" (...) na hora que tem alguma coisa, um conflito, alguma coisa... Então... alguém tem que segurar, porque se o outro também for explosivo e... começar a falar besteira, aí vai*

*estimular mais e aí acaba separando. Então, alguma hora, alguém tem que segurar... a coisa, "maneirar" e tal, aí depois, ali no quarto... se resolve e... né?" (Homem, casal 6)*

*" É sempre assim: eu e o X conversamos (...) eu tenho que ir tirando dele, porque ele não (...) ele não fala... Eu falo na mesma hora. Tá incomodando... eu já vou falando. (...) Eu tenho que falar tudo, eu não agüento ficar quieta. Eu... eu não consigo guardar. (...) Eu tenho que botar pra fora. E... se eu tô guardando, aquilo... vai me... sufocando, vai me... fazendo muito mal. Então, ele já não age muito dessa. (...) Então, eu ficava puxando... pra ele falar. (...) hoje em dia eu já tô puxando menos, porque ele já tá falando mais, né?" (Mulher, casal 10)*

*" A gente já se disse muita coisa horrível, né? Na lata... Mas... é, eu acho... que é preferível ouvir qualquer coisa do que o outro te engolir... Porque eu acho que quando a gente deixa passar (...) uma hora estoura. Uma hora alguém vai se ressentir... e vai estourar. Entendeu? Eu acho... assim... que tem que ser verdadeiro, tem que colocar... tem que... tem que... que colocar o que incomoda, o que tá ruim, o que tá bom." (Mulher, casal 14)*

Embora os momentos apropriados para discutir sobre os desentendimentos variem de casal para casal, num ponto homens e mulheres concordam, no fato de que é importante falar o que sentem e pensam e não guardar raivas ou rancores.

*" (...) a gente conversa muito. Porque uma coisa que é... que é fundamental também, que eu acho, na relação... é que nós conversamos muito." (Mulher, casal 2)*

*" E... conversar tudo que sente... né? Tentar esclarecer, não guardar rancor." (Mulher, casal 3)*

*" Não pode deixar pra ontem, porque a vida é muito rápida e você quando... vai acumulando, aí você fica com raiva do outro. Fica até com raiva de você também. Né?" (Homem, casal 3)*

*" (...) a gente não tem essa... picuinha do dia a dia, de brigar. (...) as coisas quando não são ditas, são muito complicadas, né? E, às vezes (...) as pessoas vão... deixando acumular coisas... que assim... acham que nunca vai brigar por isso. Depois, quando acontece alguma situação... que não tem nada a ver... briga... e, assim, tudo vem a tona, assim... e traz*

*aquele... aquele monte de coisas, né, que foram se acumulando. (...) a gente meio que... assim, no dia a dia mesmo, vai colocando um pro outro o que incomoda."* (Mulher, casal 12)

Os casais consideram que a insatisfação corrói o relacionamento e é melhor falar o que sentem, o que incomoda, por pior que seja, do que guardar rancor e depois explodir, mais tarde, numa briga.

*" (...) se não se fala é que a coisa fica complicada. (...) uma grande vantagem, eu acho, na nossa relação é essa... a gente fala tudo. Entendeu? Se não tá legal, não tá satisfeito... Tem momentos que a gente briga mais e tal. Mas não importa." (Mulher, casal 1)*

*" Aqui é assim (...) todo mundo é explosivo, então... bota logo pra fora. Ninguém... não consegue esconder, sabe? De uma certa maneira é legal." (Homem, casal 3)*

*" Ai tem um lado bom, porque já resolve. Não fica guardando rancores, essas coisas." (Mulher, casal 3)*

*" (...) as coisas ficam incomodando, né? E aí... isso é pior porque... você não sabe até que ponto aquilo tá... incomodando, ou até que ponto aquilo tá doendo, ou até que ponto aquilo tá... magoando, tá te frustrando, tá te decepcionando... Quando você... bota mais pra fora, você... sabe até lidar mais com isso, né? Conversar e... você se explica." (Mulher, casal 10)*

*" (...) A gente briga muito. (...) Mas... eu acho que a gente se entende... mesmo brigando. (...) eu acho que a grande qualidade da nossa relação é que a gente é muito sincero... um com o outro... com a y (filha)... A gente sempre foi muito verdadeiro... E... isso... isso eu acho uma qualidade. Apesar de muitas vezes... é... magoar, né? Mas (...) eu acho que a nossa relação só dá certo porque a gente é muito sincero. A gente não engole... entendeu? (...) Eu não engulo o que me incomoda e ele também não engole." (Mulher, casal 14)*

*" (...) ninguém deixa passar. Sabe? Ópa! Aquela, aquela coisa de: ah é? Então fica quieto e... vamos ver... o que vai dar, né? Tem... eu acho que, talvez, se deixasse... mais a frente... daria uma explosão... de verdade." (Homem, casal 14)*

O discurso dos entrevistados demonstra que o diálogo entre os parceiros é fundamental para a construção e a continuidade do relacionamento conjugal. Nesse ponto, o discurso dos entrevistados está em consonância com as considerações de Giddens (1992). Segundo Giddens, a promessa de intimidade contida no relacionamento contemporâneo depende, fundamentalmente, de uma igualdade entre os parceiros e de uma comunicação emocional com o outro e consigo mesmo.

#### 4.2.3 - Pressupostos básicos para a relação.

Os pressupostos básicos para a relação referem-se às considerações dos casais sobre alguns princípios que conduzem o seu relacionamento. O discurso dos casais aborda, principalmente, a questão das afinidades e das diferenças entre os membros do casal. Os casais entendem que devem respeitar as suas diferenças individuais, mas para viabilizar o seu relacionamento devem ter propostas de vida compatíveis.

Para os casais entrevistados, o pressuposto básico da relação é um gostar do outro e querer ficar ao seu lado. A partir daí, é que se luta para construir a vida a dois, para superar as dificuldades e as diferenças individuais.

*“ E, eu acho que tem um... um pressuposto básico aí, que é um querer ficar do lado do outro. É um querer construir a vida com o outro. A partir do pressuposto básico, a gente vai sempre, constantemente... lutando por esse objetivo. Quer dizer... tentando superar as dificuldades e as diferenças. (...) Então, a partir do momento que você estabelece, pelo menos que cada um estabelece na sua cabeça, que quer ficar com o outro... é uma forma de... ir superando essas dificuldades.”  
(Homem, casal 1)*

*“ Eu acho que o primeiro ponto é que tem que gostar um do outro, né? Eu acho que isso foi fundamental. (...) E aceitar as diferenças também. Um ponto fundamental. Aceitar a diferença. Mas eu acho que o ponto principal é esse, é gostar. Enquanto a gente gostar um do outro...”  
(Mulher, casal 2)*

No discurso dos casais, podemos perceber que um ponto considerado fundamental para a união é a compatibilidade das propostas de vida. Ou seja, que apesar das possíveis diferenças em algumas áreas, o casal deseje para a sua relação coisas semelhantes e que ambos se empenhem na realização das suas metas em comum.

*" (...) Você tem que procurar uma pessoa que... "teja" com a mesma proposta que você. Pra você... entrar em convívio com ela, harmonioso. (...) Você vai se realizar, e vai ser feliz dentro dessa proposta. Entendeu?" (Homem, casal 3)*

*" Quando a gente se conheceu, a gente tava, rigorosamente, no mesmo momento. Ele nunca tinha casado, eu nunca tinha casado... Eu tinha 35 anos pra 36, ele 37 pra 38 e... éramos pessoas que, a gente já estava entrando numa idade... e sozinhos os dois, né? Então... ele já estava querendo... uma... a segurança, né... de, de um... de uma relação... estável. Então, como eu também. Então, quer dizer, duas pessoas vividas." (Mulher, casal 8)*

*" (...) eu acho que... o que nos uniu muito é que nós começamos, assim, do zero. Né? Porque quando eu me separei, eu sai de casa... sem absolutamente nada. Desde então, nós começamos a construir uma vida. (...) começamos do nada... Então, essas coisas todas... fez com que nós... sempre... trabalhássemos juntos pro mesmo dia a dia." (Homem, casal 11)*

*" Sempre tivemos metas juntos. (...) sempre com a idéia de construir alguma coisa... construir uma família, construir... um ajudar o outro, um apoiar o outro. É... sempre marcado por momentos assim que a gente tem metas juntos e estamos realizando alguma coisa e temos que nos unir." (Mulher, casal 11)*

De um modo geral, o discurso dos casais demonstrou que ter afinidades de valores e gostos, se identificar com o outro, é considerado um fator importante para o relacionamento. Para os entrevistados, as afinidades facilitam a vida em comum e tornam a convivência mais tranquila. Quando os valores e os gostos são compartilhados, a comunicação entre os membros do casal flui melhor e as suas escolhas podem ser feitas sem muitas negociações ou conflitos.

*"É, afinidades, conceitos parecidos, pra poder fluir um diálogo, essas coisas assim." (Homem, casal 7)*

*" (...) é uma coisa de afinidade mesmo... Acho que isso é... básico, a gente... ter essa comunicação. Pra gente querer dividir a vida um com o outro, e não com outras pessoas." (Mulher, casal 7)*

*" A gente gosta das... basicamente das mesmas coisa, né? A gente tem muita coisa em comum." (Homem, casal 12)*

*" A gente tem (...) tem muita proximidade, muito grande, um com o outro, né, de gostos e tudo... Quer dizer, não há um... uma coisa muito diferente de um pro outro. Não entra em choque... por aí. Então, eu acho que isso, talvez, faça com que... a convivência seja mais tranquila. Quer dizer... né... as opções que a gente faz (...) a forma como a gente leva a nossa vida." (Mulher, casal 12)*

Contudo, os casais reconhecem que as diferenças existem e ter afinidades em todos os aspectos é impossível. Os casais consideram que, para conviver, não é preciso ter muitas afinidades, se identificar com o outro em tudo; mas, é importante definir algumas áreas básicas, nas quais haja pontos em comum. E que, apesar das diferenças, o casal possa compartilhar afinidades em aspectos que são essenciais para a sua vida a dois.

*" Eu acredito que é um aprendizado... constante. Porque... a gente é muito diferente em muitas coisas. Mas, talvez no básico, no essencial, a gente pense parecido. Então, com isso... fica mais fácil." (Homem, casal 1)*

*" (...) eu achava que tinha que ter muita coisa em comum em termos de gostos, de... e a gente tem muito pouca coisa em comum, assim em termos de gosto. (...) a gente tem pontos em comum, mas... tem coisas que eu gosto que ela... não quer nem ouvir falar... E vice-versa. (...) Então... eu achava que tinha que ter essa... identificação. Eu acho que... não é tão necessário essa identificação. A gente tem pontos em comum, é óbvio, porque senão não dá." (Homem, casal 4)*

*" (...) Acho que tem uma visão de mundo aí que é bastante comum. Entende? A gente pode não ter gosto, gostos parecidos... mas, na visão de mundo, entende, no que a gente quer pra vida... assim... é." (Homem, casal 4)*

*“ (...) o que a gente... é... espera de um ser humano, né, de uma pessoa... da vida, né, do mundo, do planeta, tudo é... tem... bate muito. Ai... os adereços é que... nos detalhes... são diferentes.” (Mulher, casal 4)*

*“ A gente tem muita afinidade, né, valores (...) embora a gente tenha a diferença de idade muito grande... e educações... opostas, né? É óbvio que tem coisas que a gente discorda, mas... em relação à caráter... essas coisa assim, né? (...) a gente tem um código muito parecido. De... valores morais. Coisas relacionadas à caráter, comportamento... vida social, não é?” Mulher, casal 7)*

Geralmente, as áreas de afinidade compartilhadas mais valorizadas pelos casais são as ligadas aos valores, à visão de mundo e ao estilo de vida. Os casais consideram que, para viabilizar a sua convivência cotidiana, as propostas de vida dos parceiros devem ser compatíveis. Visões de mundo muito diferenciadas inviabilizam, a longo prazo, o convívio harmonioso do casal, pois transformam o seu cotidiano num conflito constante e desgastante. As considerações dos entrevistados nos remetem à importância da construção de um universo de referências compartilhadas, o que está intimamente ligado à própria construção da conjugalidade.

*“ De valores de vida, né? (...) Os nossos valores são parecidos... E a gente conversa muito.” (Mulher, casal 2)*

*“ (...) a gente concorda... é... em determinado estilo de vida. (...) tipo... viver o imediato, o prazer da vida... não depender... dos bens materiais, essas coisas... Conforme vamos ficando mais velhos, vamos sucuvizando essa... essa... esse lado... um pouco rebelde.” (Homem, casal 5)*

*“ (...) acho que tem uma coisa aí que é fundamental também... É que a gente tem... visões de mundo... de mundo parecidas... né? (...) isso é muito importante, você ter uma visão de mundo... é... igual. Né? (...) porque aí você tem... senta, discute, né? Você... o choque não é tão grande. (...) Até acho que as pessoas tem as suas opções, né? (...) Mas, eu acho que (...) essa visão de mundo que você tem... o casal ter... os dois terem igual, iguais, eu acho legal.” (Mulher, casal 5)*

*“ Eu acho que talvez, assim, a forma de ver alguns problemas... e a forma de ver... a vida em geral, né? São parecidos nesses aspectos.” (Mulher, casal 6)*

*" (...) esses anos acabaram mostrando, que os valores tem que ser parecidos. (...) se os nossos valores fossem antagônicos... seria muito difícil ter uma vida a dois, realmente, conciliável. (...) algumas coisas... tem que ser um pouco próximas... senão eu acho... que é muito difícil. (...) os dois tem que pensar meio parecido, senão... acaba tendo umas desavenças, né? Então, eu acho que... no principal, que são os valores mesmo, eu acho que você tem... que ter uma proximidade... no resto não." (Mulher, casal 13)*

Os casais entrevistados, também, ressaltam outras áreas em que as semelhanças são buscadas. Contudo, nesse ponto, os aspectos que os casais com filhos enfatizam diferem dos abordados pelos casais sem filhos.

Aqueles que não têm filhos ressaltam as suas semelhanças de gostos e "temperamentos", buscam uma identificação nas suas maneiras de pensar e de viver. Valorizar as afinidades talvez possa ser, para esses casais, uma forma de se sentirem mais próximos, de se sentirem mais ligados ao universo conjugal.

*" (...) existem as identidades, né? Você mostrar que tem identidades... em muitas coisas e tal." (Homem, casal 2, sem filhos)*

*" tem a identificação, né? São vários elementos que formam... que fazem com que nós é... nos identifiquemos. (...) essa coisa da identificação, também... ela.. atrai muito." (Mulher, casal 2, sem filhos)*

*" (...) a gente tem um... temperamento... muito parecido (...) assim, até questão de gosto... de maneira de viver... de pensar. Muita coisa a gente tem parecido. Então, eu acho que isso é uma... é... é muito importante pra, pra... pra nós. (...) a gente tem, mais ou menos, o mesmo jeito... e a gente encara as coisas, mais ou menos, do mesmo jeito. Então... acho que é mais fácil, pra gente, se dar um com o outro." (Mulher, casal 10, sem filhos)*

Já os casais com filhos buscam semelhanças nos valores relativos à educação das crianças. A criação dos filhos é entendida como um projeto comum dos cônjuges e exige que, nesse aspecto, os parceiros atenuem as suas possíveis divergências e busquem uma afinidade de valores, deslocando as suas diferenças para outras áreas.

*“ A gente concorda bastante em relação a educação de filho... Acho que a gente tem uma visão muito... parecida em relação a ... a isso, né?” (Homem, casal 4, com filhos)*

*“ É muito forte no casamento uma relação de... criar filho.” (Homem, casal 4, com filhos)*

*“ Porque é o, é um projeto... dos dois, né? É uma coisa assim... em comum... Que esse sim, a gente tem que dividir tudo, né?” (Mulher, casal 4, com filhos)*

*“ (...) a gente tem parecido... Coisas em relação ao futuro... em relação a Y( filha)... a gente tem essa coisa assim... de querer que a Y... é... assim do caráter dela, de, de... do que a gente deseja pro futuro dela... Que é, mais ou menos, o que a gente deseja pra gente. (...) poder... oferecer pra Y uma qualidade de vida legal... Batalhar por isso.” (Mulher, casal 14, com filhos)*

Além da busca de semelhanças entre os parceiros, os casais consideram importante, também, respeitar os pontos de vista diferentes dentro do relacionamento. E, embora algumas vezes possa haver brigas, os entrevistados ressaltam que o casal deve dar espaço, nas suas discussões, para cada parceiro colocar o seu ponto de vista sobre a situação em questão.

*“ (...) cada um respeita o ponto de vista do outro. A gente num... De vez em quando dá... assim... uma discussõzinha... esse tipo de coisa.” (Homem, casal 2)*

*“ (...) nunca teve assim... nenhum problema de briga séria (...) E, às vezes, a gente faz uma análise mais... mais... é... profunda da questão. Mas, num nível mesmo de discussão... é... até teórico também, sobre essas questões. Ele põe o ponto de vista dele, eu ponho o meu. A gente discute nesse nível.” (Mulher, casal 2)*

*“ (...) a gente coloca: olha, eu acho que não devia por isso, por isso, por isso. Porque eu não falo uma vez só não, falo... várias.” (Homem, casal 11)*

*“É, fala várias. Ele... vai colocando tudo porque ele tá vendo diferente.” (Mulher, casal 11)*

*“ Tudo porque eu acho. E aí, ela coloca os pontos dela e a gente... com o tempo, vai passando, e a gente vai vendo que realmente... vai amadurecendo.” (Homem, casal 11)*

As mulheres consideram que as diferenças de ponto de vista devem ser resolvidas sempre buscando um meio termo, um acordo entre os parceiros.

*“ (...) a gente não concorda com muita coisa (...) mas a gente sempre chega a um meio termo.” (Mulher, casal 7)*

*“ Às vezes a gente... discute, briga... essas coisas... Mas, a gente tem é... é... a gente chega num... acordo. A gente chega num acordo. A gente discute e tal, normal, como todo mundo discute, mas... não, não é nada... são discussões... às vezes são discussões piores, às vezes são discussões mais amenas, às vezes são... discussões mais... empolgadas. Mas é o que... A gente sempre chega num acordo.” (Mulher, casal 10)*

*“ Acho que a gente se adapta bem. (...) a gente administra. Sempre é o ... acaba tendo um... um, um acordo... Não tão explícito... Eu diria que um acordo... meio assim... que não, a gente nem se dá conta muito, mas que passa por trás e que a gente acaba... acertando. Sempre tem um acordo, um cede um pouquinho numa coisa, o outro cede um pouquinho noutra.” (Mulher, casal 13)*

Para os casais, chegar a um acordo significa ceder. Cada um cede um pouco em prol de uma solução comum.

*“Ele tem coisas que... ele vai ceder e tem coisas que eu vou ceder. Tem assim as prioridades, né?” (Mulher, casal 4)*

*“ E, eu acho que é isso mesmo, é um... tem que ceder aqui, ali (...).” (Homem, casal 4)*

*“ Você tem que ceder às vezes... Tem que achar um meio termo. Um cede um pouco e o outro cede um pouco também... Não é? Pra poder levar.” (Homem, casal 6)*

*“ Ela tem uma idéia de como deve ser, eu tenho outra. (...) então, alguém cede.” (Homem, casal 7)*

Como pudemos perceber, de um modo geral, os casais buscam “compatibilizar” as suas diferenças. Reconhecem que têm percepções diferentes

sobre determinados aspectos e buscam uma solução comum, um acordo que possa viabilizar o relacionamento. Embora, em alguns momentos, esse acordo não seja negociado contemplando o essencial para cada um, mas sim sendo uma solução de compromisso em que um cede agora esperando que o outro ceda depois em outra situação.

Contudo, em outros momentos, os casais parecem se aproximar do processo de busca de similaridade proposto por Deal, Wampler e Halverson (1992), no qual, o consenso ocorre por meio da discussão sobre as diferenças e, ainda que venha a ocorrer um acordo, cada parceiro permanece consciente da posição diferente da do outro. Os autores afirmam que, as áreas de similaridade e diferença no relacionamento podem ser estabelecidas pelos parceiros através de um trabalho conjunto, no qual se busque um consenso, um entendimento e/ou uma aceitação das diferenças.

### **4.3 - 3ª categoria: Delimitação de espaços individuais e conjugais.**

Essa categoria se subdivide nos tópicos: conciliando e delimitando espaços; o manejo da individualidade na conjugalidade.

#### **4.3.1 - Conciliando e delimitando espaços.**

De um modo geral, quando um casal se constitui, seus membros buscam uma conciliação de interesses e procuram “anular” as suas diferenças. Kaufmann (1995) afirma que, quando um casal se constitui, busca, inicialmente, uma reformulação das suas referências individuais e a construção de um universo comum. Posteriormente, quando os parceiros já têm a segurança de um universo compartilhado, passam a ressaltar suas diferenças e a sentir uma necessidade maior de delimitar seus espaços. O casal, então, é obrigado a administrar suas diferentes necessidades, concedendo espaços aos indivíduos e atendendo às suas demandas conjugais e familiares.

O discurso dos entrevistados demonstra que delimitar e conciliar espaços é um exercício constante no relacionamento conjugal. A vida em comum transforma muito os desejos e interesses individuais, mas também cria demandas que diminuem a atuação do indivíduo e favorecem o contexto compartilhado. Entretanto, apesar de os espaços conjuntos terem uma força maior na relação, o indivíduo não desaparece e, freqüentemente, as suas demandas de delimitação de espaço se intensificam, modificando o equilíbrio de forças que sustenta o casal e a família. Este fenômeno impulsiona os casais a buscarem um equilíbrio, na composição dos espaços, que satisfaça tanto as demandas individuais quanto as conjugais e familiares.

O discurso dos entrevistados, a respeito da conciliação de espaços, ressalta a busca de um direcionamento dos interesses individuais para aqueles compartilhados pelo casal. A partir da percepção dos cônjuges de que constituem uma unidade, onde cada um é parte integrante de um todo, que engloba outros e se complementa

em cada um, os desejos individuais vão sendo transformados pela adaptação às demandas conjugais e familiares .

A constatação de que a vida em comum transforma muito os desejos e interesses individuais levou as mulheres entrevistadas a afirmarem que, a partir do casamento, passaram a direcionar mais os seus desejos e interesses para aqueles compartilhados pelo casal e a pensar mais nas coisas em conjunto do que separadas, tentando compartilhar mesmo os aspectos que não são comuns. Para as mulheres, a sua identidade pessoal é transformada, na medida em que passam a não se verem mais como um eu, mas como um eu dividindo a vida com alguém.

*“Eu... eu me sentia assim uma pessoa mais... mais livre. (...) com muito mais tempo pra mim, com muito mais tempo é... pra... pra minha vida, pras coisas que eu... queria fazer. Né? E com a vida de casada... mudou um pouco... Eu passei... a não ser só eu, mas sou eu dividindo a vida com alguém. Então, isso muda, o meu tempo muda... as minhas... é assim... os meus desejos mudam um pouco na medida em que eu... começo a pensar mais nas coisas em conjunto do que... separado. Né?” (Mulher, casal 1)*

*“ Eu acho que você começa a direcionar um pouco os seus desejos... pra que estejam... dentro dos, dos interesses do casal. (...) eu, antigamente, tinham coisas que eu achava... que eram dele e outras que eram minhas. Hoje em dia, a gente tenta compartilhar mais essas coisas. (...) a gente compartilha mais essas coisas que seriam só: o meu campo e o seu campo... A gente compartilha mais... conversa, né, o que cada um tá fazendo. Não é só uma coisa de ter assunto... é uma coisa de querer saber o que o outro tá fazendo também.” (Mulher, casal 7)*

No discurso de alguns homens, podemos perceber também uma tentativa de direcionar os desejos e interesses individuais para aqueles compartilhados pelo casal, cedendo um espaço maior ao casal e transformando as necessidades individuais em função das necessidades conjugais.

*“ (...) A gente procura equilibrar. Então, quer dizer... muito em função disso... eu não tenho as minhas necessidades pessoais atendidas... mas... eu diria que eu tenho ela plenamente atendida na medida... que eu aceito... é... em ceder. Na medida que eu fui... cedendo... com o tempo... essas*

*necessidades pessoais foram sendo reduzidas, né? Eu passei a ceder, em função do casal... As partes das necessidades pessoais passaram a se confundir, muito, com as necessidades do casal.” (Homem, casal 13)*

Contudo, na maioria das falas masculinas, a delimitação dos espaços individuais e compartilhados é vista como um processo de negociações e concessões entre os interesses individuais e os interesses conjugais ou familiares.

*“ (...) você vai ter que... é... detectar, saber, né, e... efetivamente balancear isso, né? Porque você tem o interesse da família e tem o interesse que é só seu, né? (...) É uma coisa que você tem que tá a todo momento... assim, muito esperto. Porque senão... você vai começar a achar que... Ou você vai... é... dividir isso, né? Essa, essa tua coisa do indivíduo, né? Você vai abrir mão do seu indivíduo, muitas vezes, pra família. Ou... vai chegar pra família e falar: olha gente, agora é o meu momento, eu vou dar uma escapulida... Agora tem que arrumar outra pessoa... entendeu? Porque eu preciso de uma coisa minha fora, que também vai ser bom pra vocês no futuro. Então... faz uma interferência e conversa... e realiza as suas coisas, entendeu? Combina. Faz uma combinação.” (Homem, casal 3)*

*“ (...) esse ponto aí, eu acho que é o ponto mais assim... difícil. (...) não é porque você... tá vivendo agora numa vida a dois, que você não tá vivendo uma vida só tua, né? (...) sempre que eu quero fazer alguma coisa assim... individualmente e tal... sempre tem que ficar mais... conversando mais, falando mais e tal... E... às vezes, eu até faço muita coisa junto com ela. (...) Muitas vezes acontece, né, de um querer fazer uma coisa, o outro querer fazer outra.” (Homem, casal 10)*

Para os homens, o casamento não trouxe muitas modificações para os seus interesses e atividades, nem para a expressão da sua individualidade. Os homens sentem que ganharam a companhia da parceira e dos filhos, mas não consideram que com isso tenham perdido espaço para si mesmos.

*“ (...) eu não... não mudei muito as... as minhas... vontades ou expectativas ou... coisas... individuais. Mudou muita coisa assim... coletivamente falando, né? (...) Mas, muito em função... de levar a gente, a mim, a X, a Y... a nossa família... de levar a gente pra... algum lugar, né? (...) Então, é... as*

*coisas que... eu queria, que eu... que eu era e... eu acho que... eu ainda sou... a mesma coisa, né? Só que... agregado a isso... entrou o ... a companhia da família, né? Então, quer dizer... eu não tenho muita crise, assim, né? Pra eu dizer: ah, eu perdi... Isso gerou uma crise pra X. Comigo não. Não gerou muito isso de: ah, eu perdi a minha individualidade. Mesmo porque, talvez, eu sufoque um pouco a ... com a minha individualidade... que não mudou... talvez eu sufoque um pouco a individualidade da... da X." (Homem, casal 14)*

*" O casamento não foi uma ruptura muito na vida, entendeu? Então, o mesmo que eu fazia... eu continuei fazendo. Tanto profissional... tanto comigo e tal. Não foi uma ruptura não. Foi uma... foi bom tá... com uma companheira do meu lado. Na época, isso não me obrigou a ter uma mudança... fundamental na minha vida. Entendeu?" (Homem, casal 5)*

No discurso das mulheres, entretanto, sobretudo daquelas que têm filhos, podemos perceber uma absorção maior pela identidade familiar. As mulheres afirmam que após o nascimento dos filhos não tiveram mais tempo para si mesmas, seja porque estão absorvidas pelos cuidados com a prole, seja porque, efetivamente, se envolvem demais nessa tarefa, pois consideram que o cuidado com a família tem que ser uma prioridade. Para essas mulheres, a sua identidade pessoal é, muitas vezes, definida pela sua condição de mãe.

*" Eu... além... do casamento, né, tô com os dois filhos... Eu, ultimamente, tenho sentido que eu não faço nada pra mim. Eu tô completamente entregue. Porque... não tenho tempo. Realmente não tenho tempo." (Mulher, casal 3, com filhos)*

*" Eu tenho muita dificuldade, né? Porque... não é só o casal, eu também, eu sou o casal e a mãe, né? (...) essa coisa de ser mãe também me... me toma muito tempo, né? Quer dizer, eu tenho um pedaço de mim... grande, que vai pro meu filho... Outro... grande que vai pro X... e, às vezes, pra mim... tá faltando." (Mulher, casal 4, com filhos)*

*" Isso... não foi uma coisa muito fácil... pra mim... Quando eu tive filhos, né? Foi uma coisa que... assim, eu acho, assim (...) era dedicação exclusiva, entendeu, aos filhos. Eu achava que tinha que ficar o dia todo... Então foi meio complicado... Hoje em dia isso ainda acontece...né? (...) eu acho, assim, que a noite... quando é a hora que o meu marido chega... eu... não acho legal eu tá em outro lugar, eu gosto de tá aqui. (...) isso*

*não quer dizer que eu não tenha feito isso. Eu fiz uma especialização, fiquei 2 anos fora a noite, toda noite... estudando... Mas eu prefiro não fazer. (...) final de semana... eu acho que o final de semana é pra família... Eu tenho uma dificuldade de dizer: não... esse sábado eu vou... fazer... um curso. Até faço... mas não é uma coisa fácil pra mim. Né?"*  
(Mulher, casal 13, com filhos)

*"Eu demorei muito tempo... dentro do meu relacionamento... pra... me sentir alguém, assim, né? Me sentir... X. Independente de X é a mãe Y. (...) eu falo muitas vezes assim: ah, porque quando eu era solteira... Quando eu era solteira, era quando eu não tinha a Y (filha). Eu acho que a Y, a Y representa o fim da minha solteirice... E... eu demorei muito tempo pra enxergar (..) que eu tinha me anulado dentro da relação." (Mulher, casal 14, com filhos)*

Contrastando com esse discurso, temos a fala de uma mulher que não tem filhos, nem quer tê-los, justamente por considerá-los um empecilho à dedicação dos parceiros à relação conjugal. A entrevistada considera que os filhos se transformam, na maioria das vezes, na prioridade do casal e, com isso, a relação entre os membros do casal, a atenção de um parceiro para com o outro, acabam ficando em segundo plano. O casal torna-se pai e mãe, mais do que homem e mulher, e as necessidades familiares terminam por prevalecer sobre as necessidades conjugais.

*" (...) filhos... são a discórdia de um casal. (...) existe um seqüestro de tempo (...) entre o casal... O tempo que um poderia estar dedicando ao outro, aos problemas do relacionamento, da vida, do dia a dia e tal. Muito dessa... desse tempo, é seqüestrado para dar atenção aos filhos. E com isso... um dos... dos cônjuges, que estava precisando de atenção naquele momento... ele não vai ter essa atenção... porque... a prioridade pertence aos filhos. (...) a vida do casal que tem filhos é com-ple-ta-mente diferente da vida do casal sem filhos. A vida do casal sem filhos é um se dedicando ao outro. No momento que a gente tem que se dedicar à alguém na família... é um ao outro. Porque a família é só o marido e a mulher. Né? (...) e existe uma... uma parceria, uma cumplicidade, talvez até maior, eu acredito. " (Mulher, casal 8, sem filhos)*

A fala de uma entrevistada com filhos confirma as preocupações demonstradas acima, pela entrevistada sem filhos, e ressalta a necessidade desta em se preservar um pouco das preocupações que a criação dos filhos acarreta.

*" (...) eu acho que a gente tem que ter esse cuidado (...) porque senão... a gente acaba virando... pai e mãe... só preocupados... em administrar problemas. Como é que vai pagar isso? Como é que vai botar o filho na escola? Um tá gripado, o outro tá com otite... o outro tem bronquite... como é que faz? E, quando você vê, você tá só resolvendo problema (...) E o espaço pra gente falar da gente, das nossas preocupações?" (Mulher, casal 1, com filhos)*

No discurso das mulheres, a delimitação dos espaços pessoais aparece como uma necessidade maior. Talvez, pelo fato de as mulheres se sentirem mais "misturadas" com a sua identidade conjugal e familiar, se sentirem mais assoberbadas pelas solicitações constantes dos filhos e do marido, as suas demandas pela manutenção de algum espaço individual sejam mais frequentes.

*" (...) Eu acho que quando você casa não... acabou a sua vida... Então agora vou viver só para o meu marido e os meus filhos. Acho que a vida não é assim, né? (...) eu quero também, às vezes, dar uma saída com meus amigos, eu quero receber as pessoas aqui em casa (...). Porque eu acho que a vida é feita disso. É de um universo. Não é de uma relação simbiótica." (Mulher, casal 1)*

*" (...) é problemático quando a gente não consegue... é... respeitar e saber viver o espaço de cada um... individual, né? O espaço dele, o espaço meu, o espaço do filho... Cada um consiga... às vezes fica tudo muito amontoado, né? Muita solicitação... um solicita o outro, cobra do outro, né?" (Mulher, casal 4)*

*" (...) Eu casada, eu não me... eu não posso me ver sozinha... Quer dizer, também, eu casei e tive filho, o que aumenta ainda mais, né? Solteira você é só, você faz o que você quiser... Tá a fim, não tá..." (Mulher, casal 3)*

As mulheres com filhos, mais absorvidas pelas necessidades e demandas familiares, expressam nos seus discursos uma busca constante de delimitação de

espaços pessoais. Essa delimitação é conseguida muitas vezes através do espaço profissional. O desenvolvimento profissional adquire um significado importante na preservação da individualidade, pois permite a sua expressão em um espaço desvinculado da sua condição de mãe e esposa.

*" (...) você passa a ter uma visão do coletivo maior, né? Dessa coisa da... da divisão de espaço, da... da convivência, dessa coisa (...) de ter que ceder, de ter que abrir mão... E não é só pra ele, é pra ele, é pras crianças, é pra tudo. Então, de repente, você tem que começar a se dividir mais. Então, você começa a ter uma visão mais... dessa vida comunitária, né? Que é uma coisa legal, porque você... é... começa a entender melhor os espaços dos outros, mas você também começa... pelo menos no meu caso... a brigar, também delimitar mais os seus... como uma forma de você também ter o seu espaço preservado. De repente, você não pode ser só a mulher... né... do X, ou a mãe das 3 crianças, ou a ... Você é uma pessoa. Então, você também tem que ter... esse seu espaço delimitado. Então, você... começa a ter uma... uma visão, assim, mais de... do coletivo, mas... conciliando, tentando pelo menos, né, administrar um pouco a sua... vida também... individual."*  
(Mulher, casal 1, com filhos)

*" (...) atualmente, eu tô saindo de um neném de 4 meses... agora eu tô tentando... me retomar no mercado de trabalho. (...) às vezes eu fico irritada... porque... tem uma criança chorando... um filho com ciúmes do outro, o outro querendo mamar... E... eu querendo fazer as minhas coisas... né? Eu não posso nem fazer uma coisa simples... pra mim... Então isso me irrita bastante. (...) Eu tô tentando compreender... que é uma situação de agora. É um momento que eu tô passando... Porque eu acho importante poder fazer as minhas coisas, pra me sentir... realizada. Né? Senão você fica assim: me dediquei a vida toda... ao meu marido, à minha casa, aos filhos... e o que eu fiz pra mim? (...) eu vou tentar trabalhar, cada vez mais, numa coisa que... me satisfaça muito. E, não só porque... tá precisando trabalhar, né? Mas tentar fazer uma coisa que eu realmente goste muito, pra me empenhar com... bastante vontade."* (Mulher, casal 3, com filhos)

*(...) eu tenho, ultimamente, investido em mim, a hora que eu tô comigo mesma, que eu tô... enfim, investindo em mim mesma... é no meu momento de trabalho, que eu gosto, ali eu tenho prazer. (...) eu espero que seja um momento. Entendeu? Um momento de vida... né? Já vivi muita coisa... assim... já vivi muito esse espaço meu, de sair, dos amigos, da conversa, da vida social, da vida cultural... E, assim, ainda tô com... ainda*

tô... carregada. Às vezes eu sinto que me falta... às vezes não... Porque eu também não dou conta... porque eu não tenho tempo... no dia, nem energia pra isso, né? (...) Quando a Y(filha) tiver com uns 2 anos, né? Que é a idade agora que o Z(filho) tá, que tá me dando mais liberdade, vamos ver. Eu também... espero que eu fique mais esperta nessa estruturação de... doméstica, de vida. Que as coisas melhorem e... e eu consiga dar prioridade pra um espaço... quer dizer, isso é uma meta, né... de dar... um espaço pra gente e espaços individuais. Vamos ver se... se a gente consegue." (Mulher, casal 4, com filhos)

" (...) no começo foi muito difícil... porque eu era mesmo... eu tava ali... pra Y e pra ele. (...) Eu queria... ter a minha profissão. Eu queria fazer aquela faculdade, porque... eu devia isso a mim... entendeu? Eu precisava... mostrar pra mim que eu era capaz de ter e de... de fazer uma coisa que não envolvesse X e Y... entendeu? Eu acho que ali... foi quando eu retomei... e a Y "tava" com 5 anos... que eu retomei a minha individualidade... Porque eu, eu estava num espaço... em que eles não existiam... e que era meu... O que contava ali era eu, era a minha pessoa. (...) não dependia deles dar certo ou não. Dependia de mim. (...) eu dava muito valor aquilo. Aquilo era meu. (...) E, foi muito importante pra mim, pra ele... pra Y... entendeu? Eu existir... não existir só como mãe e mulher. Não. Eu era uma pessoa... e isso pra... pra mim foi fundamental... Eu sou outra pessoa hoje em dia." (Mulher, casal 14, com filhos)

O discurso das mulheres demonstra uma luta intensa pela preservação dos seus espaços individuais, para não se anularem em favor do parceiro ou da família. As mulheres procuram manter o espaço do casal e da família, mas querem também preservar um pouco do seu espaço pessoal, querem poder expressar a sua individualidade em um contexto que não seja tão compartilhado.

" (...) no primeiro ano de casamento, a gente viveu um mar de rosas... né? E eu achava que ia ser sempre daquele... daquela maneira. E aí a gente... teve a primeira briga séria. (...) E eu tive que dar uma crescida ali meio que... na base do grito. Tipo: ou eu crescia ou eu perdia. Então, eu tive que... me adequar a uma coisa que eu não tava a fim. A um papel que eu não tava a fim de fazer, mas que... era importante pra uma coisa que eu queria pra mim, né, que era manter a relação. Então... eu... comecei a fazer coisas que eu, na verdade, não tava a fim. (...) Durante um tempo foi assim. Eu me castrei muito... pra não perdê-lo. E aí... essa minha castração, essa

*minha auto repressão... gerou a nossa 2ª briga. A gente começou a se estranhar muito. (...) eu não tava satisfeita... e... eu me sentia assim... né... castrada. (...) foi quando eu dei outra crescida, meio que... na base do grito também. (...) eu quero dividir a minha vida com essa pessoa... mas... tendo o meu espaço. Que, na verdade, não... não tava tão preso ao que eu achava que tava. Entendeu? Eu posso ter o meu espaço sem tá brigando... sem tá conflitando... com ele. (...) agora... eu sei que as coisas não vão ser perfeitas. É aquela coisa do desafio, né? Você... tá sempre lutando pra que a sua família dê certo.” (Mulher, casal 7)*

*“(...) eu tinha na minha cabeça que eu ia fazer aquela faculdade... apesar dele, apesar dela, apesar do mundo... eu ia... entendeu? Porque eu precisava me sentir gente de novo, me sentir importante... me sentir útil... É... que não fosse só... pra ser mãe e pra ser mulher... entendeu? (...) casamento não era tudo, filho não era tudo, existia eu... nessa história, entendeu? E foi importante, acho até, eu sair um pouco, pra Y também ser um pouco ela, o X ser também um pouco ele... Porque eu ficava muito... ali dentro... comandando a casa, não é? (...) Muito fazendo tudo... e assumindo tarefa, assumindo tarefas... sem delegar nada a ninguém... né? Eu não delegava nada a ele... nem a ela... né? Porque eu “tava” ali pra suprir... E... eu não “tava” mais a fim disso. (...) pra mim foi... fundamental... me enxergar como pessoa. (...) foi fundamental pra eles me respeitarem de uma outra maneira.” (Mulher, casal 14)*

A busca por uma maior delimitação de espaços individuais é, muitas vezes, um processo conflitante para algumas mulheres. Ao mesmo tempo em que desejam mais autonomia para si mesmas, estão com a sua identidade tão misturada à identidade conjugal e familiar, que sentem dificuldade em se verem ou se pensarem somente como indivíduos.

*“ Eu tenho muito pouco tempo pra mim. É... e ao mesmo tempo, é até estranho, porque eu também não consigo... pensar muito diferente... Fica até difícil pra mim pensar em termos de... de eu. Porque eu não sou só eu só mais. Eu sou eu junto com o X, com as crianças e tal.” (Mulher, casal 1)*

A delimitação de espaços compartilhados e individuais aparece no discurso dos entrevistados como algo que deve ser equilibrado, para que o casal não se torne

muito individualista. Espaços individuais muito separados ou delimitados dificultam a cumplicidade do casal e uma certa “mistura” é necessária.

*“ (...) a gente não tem... é... uma... uma vida... totalmente separada. A gente é casado e aí cada um tem... é... o meu grupo é o meu grupo, os meus amigos são os meus amigos, o meu trabalho é o meu trabalho. E... ele também. Não. A gente consegue... misturar essas coisas, né? Pra tá... pra tá junto. (...) hoje em dia, há uma tendência até que... é mais fácil até, eu acho, de repente, você lidar com isso... separando... Dizer: ah, eu não gosto disso... eu não vou... Eu não vou numa festa do teu trabalho, porque é chato. Eu não vou numa... num encontro dos teus amigos... É mais fácil, até, que você se desvincule dessas coisas. (...) Acho que é muito uma opção, hoje em dia, que as pessoas tão... tomando. (...) Mas, eu acho que é... é importante... dividir essas coisas, esses... esses momentos também.” (Mulher, casal 10)*

*“ (...) Hoje em dia a, a ... a individualidade... às vezes chega a, a uma coisa de: Bicho, olha... farinha pouca, meu pirão primeiro... E vai... vai cuidar dos teus problemas, que eu vou cuidar dos meus.” (Homem, casal 14)*

*“(...) A gente tem amigos que são assim de... completamente... cada um na sua... A gente fala que eles não são casados... eles têm... uma firma, tem um negócio... juntos... Que é a vida em comum.” (Mulher, casal 14)*

De um modo geral, os entrevistados consideram que a delimitação dos espaços individuais e compartilhados tem que ser negociada pelo casal e pela família. Tanto o indivíduo quanto a família precisam de espaços, precisam ter as suas necessidades e demandas atendidas. Contudo, esse é um processo que exige muita negociação e um equilíbrio entre as partes, para que o indivíduo não se sinta “anulado” pela família e nem esta sinta o seu componente como ausente.

*“(...) nunca você vai tá só totalmente indivíduo, e nunca você vai tá totalmente família. Não existe isso. (...) É muito... difícil, né? Então, tem mesmo que sentar toda hora e conversar sobre isso, né? (...) Você tem que tá sempre... negociando, né? Chegar num acordo... Pra o indivíduo não ficar... sem ser indivíduo, e pra família também não ficar sem o seu componente.” (Homem, casal 3)*

*" (...) tem que aprender a negociar o tempo todo. (...) Eu tenho uma necessidade de um espaço próprio, individual, forte. Então... eu tenho que ter algum canto, né, pra ficar sozinho algumas horas por dia, algumas horas por semana. Senão me faz falta, realmente, esse espaço de construção própria. E isso... a gente tem que aprender a negociar essas coisas todas. Ceder e negociar." (Homem, casal 4)*

*" Se você não ceder e o outro não ceder, e você não... não começar a virar uma coisa só... não dá certo. Entendeu? Então, tem que ter um pouco disso mesmo. Você é obrigado a ... chegar sempre num meio termo... Sem.. sofrer... entendeu? (...) Chegar até um meio termo. Se eu tiver vontade de ir, uma vez na vida, sair sozinha... não sei o que... vai rolar. Não vai criar tanto conflito aqui em casa. Entendeu? E... eu não tenho mais tanta vontade de fazer isso. Então, vai, vamos chegando a um meio termo. Nem ele cria mais tanto caso, quanto criava... e nem eu tenho mais tanta vontade. Você começa a direcionar os teus desejos... em função daquilo, porque você quer que a coisa dê certo." (Mulher, casal 7)*

*" (...) eu acho que é difícil, o tempo todo, você tá lidando com essas duas coisas. Eu acho assim... que nem você, você não pode se alienar e ceder tudo. Porque senão você vira um eterno insatisfeito... Mas, você também não pode só se colocar e não atender o outro... Porque senão começa a gerar uma série de coisas, realmente. Eu acho que tem que ser uma coisa compartilhada. Né?" (Mulher, casal 13)*

Os entrevistados afirmam que, em alguns momentos, é preciso abrir mão do individual para dar mais espaço ao casal e à família. Em outros, é importante reivindicar o seu espaço individual e forçar o casal ou a família a liberarem mais o indivíduo.

*" (...) tem... determinados momentos que você tem que abrir mão... de uma série de coisas (...) pra manter a relação. Tem certos aspectos que você não abre mão. Aí é uma avaliação... é... caso a caso, continua aí da sua... na relação. Eu abro mão de muita coisa. Mas, outras eu não abro mão. Eu acho que eu abro mão da maioria das coisas. (...) Tem certas coisas que aí eu já não... não abro mão. Eu acho que... não devo. (...) eu não abro mão... de... andar de cavalo com meus amigos, tomar cerveja e... se for o caso, chegar em casa... horas depois do que eu havia combinado. Esse espaço é um espaço que eu mantenho porque eu acho importante pra mim. Outros*

espaços de... eu concedo, já... forço o meu lado... minha individualidade... pra relação." (Homem, casal 5)

" Tem coisas que eu posso abrir mão... Tem coisas que... eu posso renunciar. Eu quero? É importante pra mim? Então, eu vou levar pro contexto... familiar... Ao levar pro contexto familiar, pode ser que eu me depare com tantas dificuldades... que eu... eu não consiga... levar adiante a realização daquilo... com uma certa aceitação... desse grupo... e com a colaboração desse grupo. Aí, eu volto e analiso... Posso abrir mão disso? Posso. Acho que eu posso deixar isso pro ano que vem... E tem coisas... que eu tenho que enfrentar tudo e todos, dentro desse contexto, porque... são coisas muito importantes pra mim... E eu não estou disposta a abrir mão." (Mulher, casal 11)

Pelo discurso dos entrevistados, podemos perceber também que a delimitação dos espaços individuais e compartilhados se modifica em função das fases que o casal e a família estão atravessando. Quando os filhos são pequenos, o espaço da família é privilegiado. Quando os filhos crescem, os espaços para o casal e para as atividades individuais tornam-se mais disponíveis.

" Eu acho que... tem uma determinada fase da vida, né, de casado... em que... enquanto os filhos tão pequenos... que você, infelizmente, você tem que, realmente, abrir mão... um pouco mais da sua individualidade... E, os dois, se dedicarem aos filhos... não é? Mas, depois que eles crescem um pouco mais... cada um tem um pouco mais de tempo pra se dedicar... àquilo... que gosta. Então, a X... é... tem as atividades dela. Ela faz aquilo que ela gosta... Eu tenho as minhas atividades, não é? Separadas do casal. Então, hoje, a gente tem um pouco mais... de liberdade... não é? Pra que cada um faça, então, aquilo que gosta... Individualmente. (...) o resto todo, continuamos fazendo... juntos. Não é? Gostamos de tomar café juntos. Gostamos de jantar juntos. Gostamos de nos finais de semana... é... estar juntos... Ou viajamos juntos. Continua é... né... as atividades afins continuam. Mas, cada um tem a sua atividade individual... também." (Homem, casal 11)

Como pudemos perceber pelo discurso dos entrevistados, a delimitação de espaços individuais e compartilhados, na relação conjugal, se faz através de um processo de negociação entre os parceiros e envolve a busca de um equilíbrio entre

necessidades e possibilidades. Delimitar espaços individuais é preciso, mas uma certa “mistura” é necessária e faz parte, até, do ser casal. Contudo, a flexibilidade para perceber os momentos em que o indivíduo precisa de mais espaço é fundamental, assim como, estar atento àqueles em que é o casal ou a família que precisam de mais atenção.

#### 4.3.2 - O manejo da individualidade na conjugalidade.

Lemaire (1988) afirma que, na relação de casal, os indivíduos não se apresentam totalmente definidos. Em muitos casos, a identificação com o outro é intensa e os sujeitos perdem os seus contornos precisos. O casal funciona de um modo menos diferenciado e é comum que os sujeitos misturem um pouco as suas fronteiras no relacionamento. Segundo Nicoló (1995), o casal oscila entre um processo de fusão e de diferenciação.

O discurso dos entrevistados nos mostra que, em alguns casos, a identidade conjugal é tão marcante, e os desejos tão compartilhados, que o espaço conjugal prevalece mesmo quando o parceiro não está presente. Os parceiros se vêem e se definem mais como um casal do que como indivíduos.

*“ (...) eu e o X, no nosso caso, a gente já é muito... uma coisa só. A gente já é muito... Eu acho que a gente já é muito mais casal do que indivíduo... há muito tempo... sabe? Mas... se um dia eu tiver que me separar, eu não vou enlouquecer de voltar a ser indivíduo... Não mesmo. E ele também não. Mas... já que a gente tá junto... a gente é um casal. (...) a gente tá muito assim, a gente... já tá pensando muito igual, já... sente muito igual.” (Mulher, casal 7)*

*“ Eu não tenho essa dificuldade, essa separação. Pra mim é... eu vejo o tempo inteiro... o casal. Acho que o tempo inteiro a X tá do meu lado. Mesmo que eu “teja” viajando. Eu tô lá... numa paisagem diferente, eu imagino como seria se ela tivesse ali, vendo aquela paisagem também, as coisas que ela diria... vendo aquilo. Tá sempre... tá sempre um fantasma do lado. (...) Toda hora... a pessoa tá ali... do teu lado.” (Homem, casal 7)*

A constituição de um casal implica a mistura das fronteiras e dos referenciais individuais, para que os parceiros possam construir um universo comum. Mas, a constituição da conjugalidade não anula a individualidade dos envolvidos. E, embora, muitas vezes, os espaços compartilhados sejam privilegiados, as individualidades e conjugalidade interagem continuamente na relação.

O discurso dos entrevistados demonstra que existe uma tendência na relação conjugal aos parceiros privilegiarem o espaço conjugal. Contudo, a busca por uma conciliação de espaços, tentando preservar a individualidade dos cônjuges é uma tônica constante nos discursos.

*" (...) tem uma tendência muito grande, no casamento, o espaço do indivíduo ser... é... meio sufocado, né? A tendência é você ser só... passar... a se ver como um homem casado e não como uma pessoa, assim... própria." (Homem, casal 4)*

*" Eu acho que o indivíduo, no casal... fica minimizado. Né? O casal... é mais importante, em geral, tanto pra um quanto pra outro. (...) a gente tenta conciliar, mas, com certeza, a individualidade cai muito, né, no casal." (Mulher, casal 6)*

*" (...) eu acho que vale a pena a gente preservar a individualidade. Tá? O fato de você tá convivendo com outra pessoa, não quer dizer que você tenha que abrir mão de tudo... da sua individualidade. Você entendeu? E misturar tudo. Eu acho que não é isso." (Mulher, casal 9)*

No discurso dos entrevistados, manter a individualidade significa preservar os interesses individuais e poder expressá-los em outros espaços, além do conjugal. Ter uma relação conjugal não implica "abrir mão" da singularidade, nem dos desejos individuais. Contudo, exige que se busque uma conciliação de interesses e que se "negociem" espaços para a expressão da individualidade e para a manutenção da conjugalidade.

*" Eu acho que você tem que manter o espaço da individualidade. Você tem que manter os seus interesses*

*próprios, você tem que manter... um espaço individual.”  
(Homem, casal 4)*

*“ (...) se eu gosto de ir a praia e ela não gosta, muitas vezes a gente não vai... Mas... acho que algum dia... ela tem que entender que é uma coisa que eu gosto de fazer... e eu vá, mesmo que vá sozinho... E depois a gente faz uma outra coisa juntos.” (Homem, casal 6)*

*“ Eu acho que existe você, com a sua individualidade, e você dá conta disso. Você pode manter o ... a relação... junto, né, a coisa do casal... e ter a sua individualidade, os seus desejos, tudo.” (Mulher, casal 9)*

Segundo os entrevistados, o manejo da individualidade na relação conjugal exige alguns cuidados. É preciso manter a individualidade, desde que sua preservação não interfira na estrutura do casal, isto é, não o desestabilize. A preservação da individualidade na conjugalidade requer um equilíbrio entre a satisfação das necessidades individuais e a atenção às demandas conjugais.

*“ (...) você deve, sempre que possível, você... é... deve manter a individualidade. (...) eu acho que é importante você manter... a ... sempre... na medida do possível... manter a sua individualidade. É óbvio que, quando é uma coisa... que... vá mexer muito com a estrutura do casal... aí você... é o ponto que você tem que ceder.” (Homem, casal 6)*

*“ (...) quando a gente tá casado tem mais tempo junto com o outro. Então... abrir mão de alguns momentos... é mais fácil também, né? Então, às vezes, eu tô aqui... fazendo alguma coisa, ele vai... ver o jogo na casa de um amigo dele. Tudo bem. Depois, daqui a pouco a gente vai tá junto de novo. (...) Acho que a gente procura administrar isso. Acho que dessa forma você consegue preservar a sua individualidade, né?” (Mulher, casal 12)*

Para os entrevistados, a preservação da individualidade na relação passa, também, pela manutenção de “espaços físicos”, onde se pode ter e guardar coisas pessoais. Espaços esses que não são compartilhados e ficam preservados da curiosidade do outro.

*“ E, na medida do, do possível, a gente tenta meio que respeitar mesmo essa individualidade, né? Essa coisa do... do*

*outro, né? Tem desde as coisas práticas da casa que, enfim... o X tem as coisas dele, tem o armário dele, tem... tem os locais da casa que são dele. (...) eu acho que tem que ter esse respeito a esse espaço físico mesmo.” (Mulher, casal 12)*

O manejo da individualidade na conjugalidade é considerado, por alguns entrevistados, como sendo mais fácil em função das afinidades existentes entre ambos. Nesse caso, a individualidade teria o seu espaço de expressão, na conjugalidade, através dos muitos interesses compartilhados e da maior identificação entre os membros do casal.

*“ Eu acho também que é muito da pessoa que, que você tá... vivendo. No caso, eu e a X, a gente tem muita... é... afinidade. Na, no... no que a gente quer fazer... futuramente ou no presente. (...) muda um pouco se a pessoa não tem essa afinidade... Acaba até... ou você fazendo as coisas... a contra gosto... ou não fazendo. Então, não é uma relação tão completa, eu acho. É muito importante a afinidade no relacionamento, pra que você não (...) de repente, ache que tá deixando de fazer alguma coisa, tá perdendo alguma coisa... Porque acontece um pouco isso, né?” (Homem, casal 7)*

*“ (...) eu não percebo... muita dificuldade com relação a isso não. Até porque a gente tem muita coisa em comum. Né? Assim... a gente tem muitos gostos em comum.” (Mulher, casal 12)*

*“ Acho que não, não conflita muito esses... os meus interesses pessoais com, com... com os do casamento. (...) a gente se respeita muito também. Não tem nada, assim, que eu possa te afirmar agora: ah... um desejo pessoal que... que eu tenha, assim... individual mesmo... e que... conflite com... com o casamento. Eu não tenho. A gente se respeita muito e a gente tem, mais ou menos, os mesmos gostos e tal.” (Homem, casal 12)*

Outros entrevistados sentem uma dificuldade maior no manejo da sua individualidade no espaço conjugal. Sentem que, de um modo geral, acabam cedendo um espaço ao casal maior do que gostariam. Estão, na maior parte do tempo, “abrindo mão” dos seus interesses pessoais em função das atividades compartilhadas. Sentem que têm o espaço da sua liberdade individual bastante

restrito, pois têm que “negociar” com o parceiro toda vez que querem fazer alguma atividade que não seja comum.

*“ (...) eu senti o impacto disso muito mais. Porque eu era uma pessoa assim... muito... muito livre. Né? Não tinha que dar satisfação pra ninguém. (...) eu geralmente planejava a minha vida da forma que eu queria. Então, eu senti isso muito mais.”*  
(Homem, casal 6)

*“ Em geral, eu fico mais... eu deixo de fazer uma, alguma coisa e tal, que eu queira, pra ela não ficar assim, também, muito chateada. Sabe? (...) E, eu sempre... eu acho que, sempre eu que tenho que... acabo... deixando de fazer alguma coisa que eu quero fazer, pra fazer outra que a X me fala pra fazer.”* (Homem, casal 10)

*“(...) quando você é... individualmente, quando você não é um casal, né? Você fala assim: ah, eu vou ao cinema. Pega a sua bolsa, se arruma e vai ao cinema. Né? Desce aqui e vamos tomar um chope. E vai tomar um chope. Quando você é um casal não. Você até pode fazer isso, mas você tem que ligar, tem que avisar. Olha, eu vou tomar um chope. Eu vou ao cinema. Então, eu acho isso muito ruim. Porque cai naquela questão da liberdade, na história da liberdade. (...) Eu, por exemplo, sinto uma falta muito grande de liberdade. Eu sinto vontade, por exemplo, de ir a uma praia sozinha, ou então, com uma amiga. Eu sinto vontade de pegar a minha bolsa e ir ao cinema sozinha... E, raramente, eu posso fazer isso.”*  
(Mulher, casal 5)

O discurso dos entrevistados aborda a questão de como a liberdade individual é ou não afetada pelo casamento. A liberdade é entendida, pelos casais, como a possibilidade de estar só e de fazer coisas sem a companhia do outro. Ou seja, de poder desenvolver as suas atividades sem se preocupar com a “fiscalização” ou com a desconfiança do parceiro.

*“Eu acho que o lance da liberdade é(...) um lance de escolha... de alguma maneira, né? (...) é uma maneira de você encarar a relação.”* (Homem, casal 5)

*“ Eu tenho liberdade com a minha mulher, Eu saio sozinho... eu vou... tomar um chope, eu vou no pagode, coisa que ela não gosta... entendeu?”* (Homem, casal 8)

*“ É, na verdade, o que acontece é que... ele... é... não há nenhum tipo de cobrança, de desconfiança.” (Mulher, casal 8)*

Os homens consideram que o casamento não é um empecilho para a realização de suas atividades individuais, enquanto que as mulheres entendem que o casamento diminui a liberdade individual.

*“ Não existe essa... preocupação de... aquela coisa de ficar... tolhindo a liberdade, né? (...) Ao mesmo tempo que você tá casado, você se sente... livre também, não como se você estivesse sozinho... Mas você sente... que o casamento não é empecilho pra... pras suas atividades.” (Homem, casal 2)*

*“ (...) uma coisa que eu sinto falta no casamento é a falta de liberdade. (...) o X, há um tempo atrás, ele vinha pro amarelinho ler. (...) Porque ele sentia vontade de ficar sozinho... Ele tinha vontade de pegar um livro e não tá... comigo enchendo o saco dele. (...) Então, uma coisa que eu... que eu penso do casamento é essa história aí da... da liberdade.” (Mulher, casal 5)*

*“ (...) uma época me incomodou muito isso. Essa coisa de ser casado e... de ter que ir sempre pro mesmo lugar, ter que fazer sempre as mesmas coisas.” (Mulher, casal 14)*

Embora, as mulheres afirmem que o casamento limitou um pouco o desempenho de suas atividades individuais, não incluem entre estas o desempenho de suas atividades profissionais.

*“ (...) eu tinha coisas importantes... que eu queria... coisas que eu consegui realizar. Coisas que... era pra eu fazer sozinha. (...) Então... eu... o casamento foi uma coisa que aconteceu. (...) E... eu não parei de fazer as coisas que eram... e sempre foram, prioritárias na minha vida. Então, o casamento não me atrapalha. O casamento entrou como uma coisa adicional... foi um apêndice na minha vida... E que jamais atrapalhou. Ao contrário, ele me ajudou, na medida em que ele foi uma coisa que correu paralelo... e me deu aquele equilíbrio... entendeu?” (Mulher, casal 8)*

*“ (...) não foi... a ... pelo casamento que eu deixei de fazer nada do que eu queria... Eu me casei com 18 anos, eu fiz a faculdade, eu me formei, junto com filho. Eu fiz o mestrado*

*com filho, eu fiz uma especialização com filho. E eu... trabalho... na clínica... tendo filho e tendo marido. Quer dizer, não foi uma coisa que, eu não acho que tenha sido impeditivo... Mas, eu reconheço que eu tenho uma certa dificuldade... em... é... não atender... o que eu... acho que deva ser, assim, em primeiro lugar a família." (Mulher, casal 13)*

O manejo da liberdade individual, no discurso dos entrevistados, está ligado à idéia de que, à medida que existe confiança e segurança na parceria, esse processo torna-se mais fluido. Os espaços e limites de ação individuais passam a ser mais negociados pelo casal. Estar satisfeito com a condição de casado é não se sentir tolhido ou invadido no seu espaço pessoal, nem cerceado nas suas necessidades ou desejos.

*" (...) tolhe numa porrada de coisas, mas... não me tolhe no... sabe, naquela coisa assim... de... meu Deus, eu... eu queria fazer não sei o que e não posso fazer porque eu sou casado. (...) essa segurança que eu tenho... vem da parte... de que... a X é, é minha... parceira. É, é dupla. (...) Eu nunca tive esse... essa experiência de: ah, não vou fazer isso porque eu sou casado. Não... não existiu." (Homem, casal 14)*

*" (...) foi uma coisa que foi conquistada aos poucos, essa coisa de: ah, você não vai? Eu vou... né? Já teve época de: ah... não vai... que não vai, que... não pode esse tipo de coisa... entendeu? (...) hoje em dia tem mais... a gente tem mais liberdade pra isso... Não sei se porque... por confiança... algum... o que é que... que rola... que no começo não tinha... né? (...) Então, não é assim: ah... casamento não, não... Tolhe uma porção de coisas sim. (...) não é assim também, né? Eu faço o que eu quero, ele faz o que ele quer." (Mulher, casal 14)*

*" (...) eu tô satisfeita com essa condição de tá casada. Não... não me sinto... tolhida... não me sinto oprimida... invadida no meu espaço. (...) eu vejo muito as pessoas, às vezes, reclamando disso, né? Ai, não tenho a minha... privacidade. Isso não me aflige. Não me incomoda. Eu, eu, eu divido... bem a ... a mesma casa... o mesmo banheiro... Eu não tenho essa... eu não fico aflita com essas coisas. Ah, porque eu queria ter... A gente não tem filho, né? E talvez isso... até seja um pouco diferente por isso. Talvez porque ainda não tenha um filho nisso. Talvez se tiver filho... talvez... sinta mais essa coisa*

*da... invasão, a coisa da privacidade, talvez." (Mulher, casal 10)*

Um outro aspecto que surgiu no discurso dos entrevistados foi a questão da administração das necessidades diferentes com relação ao estar sempre junto e ao querer, também, estar com amigos, familiares ou, até mesmo, sozinho. Nesse ponto, a fala dos casais demonstra que, se um dos membros do casal tem uma necessidade maior do que o outro de estar com o cônjuge e/ou com os filhos, isso pode gerar conflitos. As necessidades de querer estar sempre junto e querer estar, também, com outras pessoas, ou até mesmo sozinho, podem criar tensões e mal-entendidos entre os membros do casal, se não houver uma compreensão de ambos sobre esse aspecto.

*" (...) de uma certa forma, em 95% da minha vida, a minha família, quando eu digo a minha família é a **minha** família: eu, ela e os filhos, me bastam. Pra ela não. Então, é... essa talvez seja uma das dificuldades básicas." (Homem, casal 1)*

*" (...) é realmente... isso é uma... uma diferença básica. Eu acho que por maior que seja o meu amor... ao meu marido e meus filhos... não existem só eles na minha vida." (Mulher, casal 1)*

*" Eu sinto uma profunda necessidade de tá rodeado dela e das crianças. Então, realmente, os amigos e tudo mais... eles acabam ficando na dose de... é... da concessão do supérfluo." (Homem, casal 1)*

*"Eu acho que... é... que eu e ele, nesse ponto, temos necessidades diferentes, né? (...) eu... por temperamento mesmo, não sei... Eu... é a minha maneira de ser... Eu realmente gosto de... de pessoas, de ver gente, de receber amigos em casa... entendeu? Cultivar essa coisa das amizades, da família... Que eu acho importante." (Mulher, casal 1)*

*" Ah, um ponto assim, que eu acho que... que a gente discorda é que... a X quer sempre fazer as coisas com, muito junto, né? Às vezes eu quero fazer uma coisa e tal e... separadamente. Não que... é... vai... fazer alguma coisa assim..." (Homem, casal 10)*

*" (...) ele tá falando... Porque, às vezes, eu não quero... ficar tão junto e tudo, né? E... quero fazer uma outra coisa e tal. (...) isso pra mim, me dá uma... às vezes dá uma sensação*

*assim... que ele não... Não é que tenha problema... é... não é isso. Não é sair, que tenha problema. Não é porque eu tenha... ciúmes... não é. Ou de... achar... o que tá fazendo na rua? Não é isso não. Porque não... não tenho isso. Mas... é... é aquilo, daquela coisa mesmo do... do companheirismo, sabe? Ter alguém, quando você não tá, às vezes, muito bem e tudo. (...) às vezes eu queria que ele fosse também... até pra... sabe, pra ficar do meu lado (...) uma coisa assim mais de... sabe, de dar assim um... de cuidar assim (...) E aí, isso, de repente, acho que isso ele não tem muito. Eu... eu acho... eu até tenho muito com ele, mas ele não tem. (...) É diferente de, é, nesse sentido, né? (...) eu acho... eu... gostaria que ele agisse desse... de uma outra forma, né? Que tivesse um interesse, um... uma preocupação com isso." (Mulher, casal 10)*

Além da administração das necessidades individuais diferentes, aparece no discurso dos casais, sobretudo nas falas das mulheres, um outro ponto, complementar a esse, que é a questão da preservação do espaço individual. Ou seja, da possibilidade de cada cônjuge se dedicar às atividades de que gosta, e que o outro não aprecia, e de criar um espaço para estar, também, com os amigos.

*" (...) é uma maneira de ver as coisas diferente. O X não é uma... ele não tem uma necessidade (...) de procurar muito os amigos dele. (...) eu acho que ele abre mão... com mais facilidade... entendeu? Assim, dessa coisa do... do espaço das outras pessoas que também são importantes pra ele. E eu não. Eu luto pela preservação das pessoas. Até porque eu acho (...) que a vida... separa muito a gente das pessoas." (Mulher, casal 1)*

*" (...) eu quero também, às vezes, dar uma saída com meus amigos, eu quero receber as pessoas aqui em casa, quero, enfim... E eu vou criando... espaço. Quer dizer, eu tomo iniciativas pra que essas coisa aconteçam. Né? Ele toma menos iniciativa." (Mulher, casal 1)*

*" Eu não posso querer que ele... de repente sinta prazer em tudo que eu sinto prazer de fazer. (...) Que ele goste de fazer todas as coisas que eu gosto de fazer. E vice-versa. (...) haverá coisas... que eu vou ter vontade de fazer e ele não. E eu procuro respeitar isso. E também cobro muito dele esse mesmo respeito." (Mulher, casal 1)*

*" Ele faz os retiros dele. Né? Porque ele... ele... é católico e tal (...) eu respeito o que ele faz. (...) Eu não faço retiro, mas*

*ele faz. (...) Eu respeito isso. Acho que é um desejo dele, então eu respeito... né? Eu não fico cobrando: não, porque não tem que ir e tal. É uma questão dele. Né?" (Mulher, casal 2)*

*" Já foi pior... porque tinha uma época que a gente, realmente, não saía se o outro não saísse... Então... rolavam altas... estresses, assim, né? Eu acho que hoje em dia, a gente já, já tem essa coisa, né, de... Eu saio pouco também."*  
(Mulher, casal 14)

Apesar de ressaltarem a necessidade de manter um espaço na relação para que cada um possa se dedicar às atividades de que gosta sem contar com a presença do cônjuge ou dos filhos, as mulheres afirmam que, geralmente, exercem as suas atividades de lazer mais na companhia do marido, da família ou dos amigos em comum, do que sozinhas.

*" (...) o meu marido é uma pessoa que tá muito ao meu lado. Tá sempre ao meu lado. (...) A gente negocia, mas... normalmente eu não faço as coisas sozinha. Ou eu faço com ele e com os amigos... ou eu faço com ele. Sozinha é muito difícil." (Mulher, casal 5)*

*" (...) a gente tem uma vida... de amigos em comum. (...) a gente não tem essa... um grupo só de trabalho, um grupo só de... de amigos solteiros... né? Não tem que administrar muito isso. Né?" (Mulher, casal 12)*

*" Eu acho bom fazer as coisas junto. Eu gosto de sair, de tá o final de semana junto com o meu marido. Né? E com as crianças. Eu acho super prazeroso... ir no clube com eles... passear com eles... pra fazer lanchinho." (Mulher, casal 13)*

Administrar os interesses individuais e conciliá-los com os conjugais, preservando o espaço de expressão da individualidade sem prejudicar a manutenção da conjugalidade, são desafios inerentes à construção de um relacionamento conjugal. Os entrevistados consideram que, respeitando as suas diferenças individuais e criando espaços para que cada um possa dar vazão à sua singularidade, os membros do casal tornam-se mais disponíveis para "curtir" o que tem em comum. Desse modo, podem equilibrar as demandas conjugais com as necessidades individuais.

*" Ele tem, por exemplo, a coisa do futebol, que ele adora futebol. (...) desde que eu o conheci, eu sei que eu nunca ia lutar contra isso. (...) Então, é um momento que eu faço as minhas coisas, eu aproveito pra trabalhar. (...) toco a minha vida, assim, né? (...) a gente sempre procurou acomodar. Ele ia jogar futebol, 3ª feira a noite, aí era o dia que eu... saía com as minha amigas. (...) Então, a gente tem umas.. acaba se arrumando, assim, né?" (Mulher, casal 12)*

*" (...) a gente tenta... hoje em dia, muito mais do que antes... é.. respeitar os espaços, assim, né? Não é nem tolerar (...) mas... de entender (...) que eu não vou mudar... que ele não vai mudar... e aprender a respeitar um pouco, né, assim... o espaço do outro." (Mulher, casal 14)*

O discurso dos entrevistados nos mostrou que o manejo da individualidade na conjugalidade é um processo complexo e delicado, que exige um equilíbrio entre a preservação dos espaços individuais e a administração dos espaços compartilhados, para contemplar as demandas conjugais sem se descuidar das necessidades individuais.

#### 4.4 - 4ª categoria: Família e filhos: impactos na relação conjugal

A categoria família e filhos: impactos na relação conjugal aborda os seguintes tópicos: a família e suas interferências; os filhos e as mudanças no relacionamento conjugal; construindo uma família: as transformações individuais.

##### 4.4.1 - A família e suas interferências

As referências à família aparecem no discurso dos casais relacionadas à família de origem, aos filhos e à construção da família atual. Com relação à família de origem, o discurso diz respeito, na maioria das vezes, às dificuldades que as suas interferências podem causar no relacionamento conjugal; e, em função disso, da necessidade do casal colocar limites nessas interferências. Em seus discursos, os entrevistados ressaltam que as famílias “invasivas” podem tornar-se um grande problema para a vida conjugal. E, nesse sentido, os casais têm que estar, constantemente, administrando as suas relações familiares para não permitirem que tais interferências assumam um caráter significativo, a ponto de possibilitarem a emergência de aspectos prejudiciais à relação.

*“ As nossas famílias não são muito invasivas, que isso é uma coisa que atrapalha muitos casais.” (Mulher, casal 6, com filhos)*

*“ (...) Isso é uma coisa... que eu imagino que deva, comigo certamente... afetaria... As pessoas se meterem e tal. Nem a minha se mete, nem a dela se mete... As decisões são sempre nossas. (...) tem famílias muito... que se metem muito... acho que tende a ... a atrapalhar.” (Homem, casal 6, com filhos)*

*“ (...) acho que você tem que ter muito esse sentimento de: eu amo a minha família, amo a sua, você ama a minha, ele ama a sua... mas a gente tá construindo uma coisa nossa. (...) Você tem que ter um... uma... aceitar e compreender a carência dos pais, não sei o que, mas... tem que impor... os limites. Entendeu?” (Mulher, casal 7, sem filhos)*

*" (...) eu acho que a gente tem uma sorte muito grande, porque uma coisa que atrapalha demais casamento é a família... A gente tem uma coisa assim de... eles não invadem a nossa vida assim, né? (...) nunca houve dificuldade de relacionamento com relação a família assim. Então, eu acho que isso... também ajuda muito, né? Porque, às vezes, os casais tem que administrar, quando casam, as pessoas da família." (Mulher, casal 12, sem filhos)*

*" (...) Acho que a interferência familiar é uma coisa que pesa no casamento. (...) família dele (...) são pessoas excelentes, que eu sempre me dei muito bem. Sempre. A gente sempre se entendeu muito. E, cada um na sua. (...) nunca interferiram na minha casa, em nada. Isso eu acho que é fundamental. (...) a minha família já não é tão... isenta, assim quanto a família dele. Só que eu moro longe da minha família, né?" (Mulher, casal 13, com filhos)*

Para os entrevistados, a influência da família de origem não deve ser negada e sim manejada. Os casais precisam aprender a lidar com as suas famílias de origem, "filtrando" as suas opiniões e interferências.

*" (...) eu acho que a família é uma dificuldade que você tem que levar... e saber levar legal. A gente leva em consideração o que acontece. Filtra as coisas... porque a dificuldade, você sabe, que é filtrar as coisas... utilizar ou não... no dia a dia." (Homem, casal 7, sem filhos)*

*" Porque casal, você não casou só com a ... com a pessoa, né? Ainda tem a família da, da... do marido ou da mulher, né? E são... fatores que interferem, né? Então, por mais que você... tente... que isso não interfira na sua vida... vai interferir, não tem como você impedir. Você pode... é... se afastar, ou... tentar lidar com isso de uma... sei lá de que maneira." (Mulher, casal 10, sem filhos)*

O discurso dos casais, sobre a necessidade de administrar as interferências familiares na vida do casal, está de acordo com as considerações de Singly (1993). Segundo o autor, na família contemporânea, há um certo afastamento do casal em relação à família de origem, mas não um rompimento dessas relações. A interferência dos pais na vida dos filhos casados não é bem aceita. E é esperado que o casal seja mais independente e autônomo em relação à sua família de origem. Os

membros do casal devem estar mais disponíveis para o núcleo que estão constituindo.

Contudo, o discurso das mulheres ressalta a necessidade de o casal estar atento não só às interferências das famílias de origem mas, também, às interferências dos filhos. Não permitir, enfim, que a família e os filhos ocupem um lugar que é do casal. Os entrevistados entendem que o casal deve se preservar enquanto tal, e, administrar as interferências, tanto da família de origem quanto do núcleo que constituíram.

*" (...) eu acho... que essa coisa da família, você... primeiro, você não deixar a família, assim, interferir no, no casal. (...) não dar esse espaço, pra tua mãe entrar na sua casa, ou a tua sogra. (...) eu acho que, realmente, é uma coisa que deve ser... o máximo possível... é... administrada pelo casal. Estritamente pelo casal. Entendeu? (...) não deixar... que os pais... entrem e tomem decisões, assim, num lugar que deveria ser do casal." (Mulher, casal 13, com filhos)*

*" (...) casal... que quer... permanecer junto... ele precisa estar atento a essas interferências... família, rotina (...) e essa questão... dos filhos, da interferência dos filhos. Porque eles chegam e eles tomam o espaço... Eles vão invadindo, vão tomando espaço, porque eles necessitam... É a gente também... se perde um pouco, fica desatento, porque a gente gosta... E... são nossos filhos e... aí quando você vê... o casal... já não tem mais espaço." (Mulher, casal 11, com filhos)*

*" (...) ter filho, eu acho que é uma coisa que, no casamento, também tem que ser administrável. Vamos dizer assim. Porque, a gente vê casamentos que... de repente... é... se perdem aí nessa história de ter filho, né?" (Mulher, casal 12, sem filhos)*

Os casais que têm filhos consideram importante manter um relacionamento frequente com a família de origem. O contato das crianças com os avós motiva os casais a participarem das reuniões de família. O relacionamento e as influências da família, aqui, ganham uma dimensão diferente e são até bem-vindos.

*"(...) cada família também... quando tem um neném fica muito... dentro da sua própria família. Entendeu? É... por exemplo, as avós começam a fazer um papel também, né? Ou de ajuda ou de chateação, ou um ou outro, né?" (Homem, casal 3, com filhos)*

*" Porque é assim... Sábado tem uma avó que chama pra almoçar... E, no domingo, a outra avó." (Mulher, casal 3, com filhos)*

*" Eu acho isso... muito importante. Ter essa dinâmica familiar. A gente tem essa coisa de... avô, avó, tio, tia... entendeu? Eu acho que isso a gente tem como... como casal. (...) essa coisa de gostar muito de família... De achar importante essa coisa familiar... É... tem almoço lá na casa dele... a gente almoça. Tem almoço na casa dos meus pais, a gente vai... E... eu acho importante isso. Principalmente pra Y. Essa coisa de família... a gente tem um respeito grande por isso. Por essa coisa de estrutura familiar." (Mulher, casal 14, com filhos)*

Os casais acham importante manter os laços afetivos com a família de origem, mas alguns preferem lidar sozinhos com as dificuldades de criar os filhos e evitar, o máximo possível, a interferência dos avós. Os casais estabelecem as regras que regem a sua família e resolvem os seus problemas à sua maneira, sem a interferência dos pais ou parentes.

*" (...) nós tivemos os filhos... é... e em nenhum momento (...) nunca tivemos ninguém pra nos ajudar. (...) Da família, né?" (Homem, casal 11, com filhos)*

*"Foi mais mesmo uma decisão nossa. (...) nós queríamos assumir a nossa família. Nós queríamos construir a nossa família. Sem interferência... muita interferência, né?" (Mulher, casal 11, com filhos)*

*" Então, nós sempre assumimos, né? (...) Nós não deixamos, nunca, ninguém interferir... nas nossas vidas. Nós tínhamos a nossa vida e... e... realmente... não tinha interferência de família. Nem por parte dos meus... parentes, nem por parte dos parentes da X." (Homem, casal 11, com filhos)*

A constituição de uma família foi um tema que surgiu, freqüentemente, no discurso dos casais. Estes expressaram, nas suas falas, um sentimento de renovação

através da família em formação, seja por um resgate das experiências vividas na sua família de origem, seja por um resgate de si mesmo, um aperfeiçoamento individual através dos filhos.

*" (...) construir uma família... acho genial... construir uma família. É sempre o sonho de que a sua família vai ser aquela família. (...) a minha família vai ser perfeita. Entendeu? Eu, meu marido, meu filhinho. (...) Construir uma família achando que a sua vai ser diferente, entendeu?" (Mulher, casal 7, sem filhos)*

*" (...) eu não vejo a família como uma entidade. (...) eu acho que (...) mistura com a nossa história. O fato da gente tá casado, a família dela (...) pra mim, na minha cabeça, mistura como minha família. (...) não acho a família separada, essa coisa tipo a gente vai pr'um cantinho e os outros... Acho que não é assim." (Homem, casal 7, sem filhos)*

*" É, eu vejo mais como um núcleo: eu, meu marido e meus filhos. Entendeu? Essa é a minha família agora. Tipo, eu tenho aquela família, e ele a dele, que é uma coisa só. Mas eu... pra mim é meio que o momento de deixar... não deixar a família pra trás, mas... é um pouco isso. (...) Eu acho legal essa coisa de ir pra frente e criar uma nova família... entendeu? (...) acho que a gente pode tá construindo uma... uma entidade nova. Uma família nova, muito melhor." (Mulher, casal 7, sem filhos)*

*" (...) Acho que as pessoas também... casam pra ter família, né, pra dar continuidade a espécie, né? Lógico... E, fazer todo mundo... melhor." (Homem, casal 3, com filhos)*

*" (...) dá um sentimento de... vontade comum, entendeu? De... criar uma família realmente... De... botar os nossos filhos com saúde, com... educação... De... de ter eles também... bem perto da gente... Esse sentimento de família, também... acho que é super... assim, que eu... sinto... que é uma coisa até que move a gente pra... pra frente, entendeu?" (Mulher, casal 3, com filhos)*

*" Ah é, dá vontade de ir pra frente. Porque você vê os menininhos crescendo, né, e você? O que você fez, né? E como é que você vai se mostrar pra eles, né? E, melhor pra eles é melhor pra gente também. Então... impulsiona, né, estimula muito." (Mulher, casal 3, com filhos)*

O discurso dos casais demonstra, como sugere Singly (1993), que a família contemporânea tem estado mais sensível à qualidade de suas relações e ao peso da afetividade na regulações de suas trocas internas. A família contemporânea se afastou dos círculos de parentesco e centrou-se sobre si mesma e seus relacionamentos internos, tendo a afetividade e a qualidade de suas relações como alicerces que fundam o sentimento de viver em família.

#### 4.4.2 - Os filhos e as mudanças no relacionamento conjugal

O discurso de homens e mulheres sugere que o desejo de ter filhos está ligado à idéia de que, quando se gosta de alguém, e se quer ficar junto, isso é uma decorrência natural. O desejo de ter filhos, para esses entrevistados, está diretamente ligado ao sentimento que se nutre pelo outro e pela relação. O filho significa a síntese da união do casal e está associado à satisfação que ambos têm com o relacionamento.

*" (...) eu nunca pensei em ter filho... Nunca. Porque eu não idealizava casamento... entendeu? Não idealizava ser mãe... nada disso. Eu tinha a minha profissão, queria ter a minha profissão... Né? Me desenvolver na minha profissão... Eu pensava nisso. Profissionalmente. Depois dele... eu comecei a pensar em ter filho, até desejar ter filho. (...) aí entra a coisa do compartilhar... Porque eu estou compartilhando com ele, desejar ter um filho dele. A expressão não é desejar ter um filho apenas... mas ter um filho com ele. Entendeu?" (Mulher, casal 2, sem filhos)*

*" Não é um desejo apenas de ser mãe... É o desejo de ser mãe e ele ser pai. De um filho nosso, comum. Por... por causa da nossa relação. Entendeu? Independente de poder sustentar bem ou não, entendeu? Não importa. É... é como se fosse a síntese, né?" (Mulher, casal 2, sem filhos)*

*" (...) na medida em que você gosta de alguém, você quer tá junto. Na medida em que você quer tá junto, você começa a pensar na possibilidade de ter filhos... Até porque... é legal ter criança, porque eu sempre gostei, porque ela sempre gostou." (Homem, casal 1, com filhos)*

*“Acho que eu, eu queria isso. Tá correspondendo tanto a minha expectativa que de repente... eu já abro mão e já penso em ter um filho. Entendeu? Eu acho que... ela tá quebrando essa resistência. Eu acho isso legal. Porque ela é assim. Talvez se fosse com outra... eu não ia querer ter filho mesmo. Mas ela tá conseguindo... me segurar... né?” (Homem, casal 12, sem filhos)*

Os filhos aparecem no discurso de homens e mulheres como uma forma de criar um vínculo mais duradouro com o cônjuge. Apesar de os filhos não serem uma garantia para a continuidade da relação, se o casal se separar, os filhos sinalizam que houve uma união e continuam sendo um laço entre os parceiros.

*“ (...) filho é uma coisa mais séria... É uma maneira de você... é... fazer um laço com aquela pessoa que é pra sempre. Né? Ele pode não ser mais o seu marido, mas ainda vai ser o pai do seu filho... até você morrer... né?” (Mulher, casal 14, com filhos)*

*“ É quase que um complemento, né, você ter um filho... Filhos pra ajudar... a ... a concretizar... os casamentos.” (Homem, casal 2, sem filhos)*

*“ (...) as pessoas... talvez sejam tão individualistas que... o filho não consegue manter a ... aquele casal junto. Apesar de terem uma coisa em comum, terem um filho, eles continuam sendo individualistas... com os seus desejos pessoais... É... individualizados, até egoisticamente individualizados. Não há coisas em comum realmente.” (Homem, casal 9, sem filhos)*

Os filhos são considerados importantes para a união do casal, mas não para a sua manutenção. São vistos tanto como uma “concretização” da união do casal, quanto como “um algo a mais” na relação. Essa concepção está presente mesmo no discurso daqueles casais que ainda não tiveram filhos.

*“ Um filho é uma coisa importante também.” (Homem, casal 9, sem filhos)*

*“É, filho é uma coisa importante. (...) é uma coisa que... que liga as pessoas, né? Porque aí realmente há uma união da... Porque, na verdade, as duas pessoas são estranhas, né? Quer dizer, elas tão juntas e tal, e o filho é que vai ligar, né? Trazer, juntar o dois no três.” (Mulher, casal 9, sem filhos)*

*"(...) Acho que ter filho... não separa ninguém, como ter filho, também, não une ninguém." (Mulher, casal 12, sem filhos)*

*"(...) Se eu tiver que ter filho... se eu... O dia que eu resolver, que a gente resolver ter filho, é porque... é um "plus", é um algo a mais, entendeu? Não que... vai resolver... a nossa vida. Isso nunca." (Homem, casal 12, sem filhos)*

O discurso dos entrevistados demonstra que os filhos são percebidos como uma extensão do relacionamento conjugal e dos sentimentos entre os cônjuges. Os filhos criam uma ligação entre o casal que transcende sua duração, um laço que resiste a uma possível separação. Embora a união do casal não seja indissolúvel, o laço que se estabelece a partir do nascimento dos filhos torna-os unidos mesmo estando separados.

As considerações dos entrevistados nos levam a pensar que uma mudança qualitativa se processa na identidade conjugal dos parceiros com o nascimento dos filhos. O fato de se tornarem uma família produz uma transformação na maneira como os cônjuges vêem o seu relacionamento e de como se vêem diante do mesmo. Quando o casal se transforma numa família, passa a ter que lidar com uma rede complexa de significações novas, e antigas, que redimensionam o relacionamento dos cônjuges e os remetem, também, às suas vivências familiares anteriores.

O nascimento dos filhos altera definitivamente a relação do casal. A partir disso, o casal precisa redefinir o seu espaço e criar um outro, um espaço comum, que é o da família. As principais mudanças que se efetuam na identidade do casal com o nascimento do filho dizem respeito à inclusão de um terceiro na relação. Os parceiros se percebem como não sendo mais só um para o outro e para a relação. A partir do nascimento do filho, os parceiros têm que dividir as suas atenções com a criança e isso pode gerar algum mal-estar para os cônjuges. As falas abaixo refletem, de forma bastante simplificada, a mudança que se efetua na percepção dos casais sobre a sua conjugalidade a partir do nascimento dos filhos.

*"(...) eu acho que o filho muda muito o casamento. Porque você não é só pro outro, né? Você... não é mais só a sua profissão e o outro." (Mulher, casal 3, com filhos)*

*" (...) a gente não tem filho... a gente tem uma vida muito... é... é muito pra nós." (Mulher, casal 12, sem filhos)*

Os casais com filhos referem-se a mudanças em vários aspectos de suas vidas. Uma das primeiras mudanças sentidas decorre da adaptação do casal e, sobretudo, do homem, ao nascimento do filho. Essa fase é considerada, pelos homens, como sendo bastante difícil, em função da maior ligação da mulher com o bebê, e a sua superação é decisiva para a continuidade do relacionamento conjugal.

*" Quando a mulher acaba de ter um filho e tá amamentando, ela ainda tá mais... o homem ainda perde mais ainda a mulher. Porque fica o filho, que tá... pequeno, necessitando da mãe... Geralmente o homem fica mais ciumento. Mas eu tentei trabalhar isso na minha cabeça, porque... eu joguei a minha força... do ciúme, no trabalho. Eu fiquei, eu falei: Epa, não adianta nada eu fazer isso, porque é a mãe e o filho, é a relação deles ali... isso vai ter que existir além de tudo, né? Vai sobrepular tudo. Não vou competir com isso. Vou direcionar essa energia pra outra coisa. E aí... deixei a mãe com o filho, né? E fui fazer a minha outra coisa, pronto. Porque esse momento é deles. É importante que seja assim. Entendeu? (...) Então, tem que tá sempre pensando: esse momento é especial. (...) eu tô formando uma família, que é tudo... né... que tem tempo pra tudo. (...) de vez em quando você tem recaídas (...) perdi minha mulher, perdi meu filho, meu filho tá com a minha mulher, não sei o que." (Homem, casal 3, com filhos)*

*" (...) é uma fase muito ruim a fase pós-parto... Não sei se pro segundo filho vai ser melhor, eu espero que a coisa... Mas o primeiro filho... porque eu vejo na experiência dos meus amigos como um todo, assim... vários, inclusive, não passam pelo teste do primeiro filho. Porque é uma experiência muito difícil." (Homem, casal 4, com filhos)*

Após o nascimento do filho, geralmente, o casal perde um pouco do seu espaço e se deixa absorver pelas dificuldades que essa nova fase comporta. Para os casais com filhos pequenos, entender e respeitar as limitações e as dificuldades que essa fase traz para o relacionamento conjugal é importante para que os parceiros

possam levar adiante o seu relacionamento sem muito desgaste. Isso porque os cuidados com o filho absorvem a maior parte do tempo e da energia do casal. E, além disso, o casal se volta mais para o núcleo em construção, se afasta das antigas atividades de lazer e, também, dos amigos, criando, assim, uma tensão ainda maior sobre o casal.

*" (...) acorda as 7horas da manhã, pra dar de mamar, ou pra brincar... Às vezes nem consegue fazer as coisas porque os filhos não deixam, entendeu? (...) é muita coisa, acumula muita coisa. Entendeu? E, quando chega de noite, não tem nem namoro, porque não tem como ter namoro. A gente já fez tanta coisa, entendeu? A gente já tá exausto. Então, se você não tem compreensão também nessas situações, acho que há muito rompimento." (Homem, casal 3, com filhos)*

*" (...) uma coisa também é saber o momento das coisas. Né? Quer dizer... é... agora a gente tá na fase muito de filho pequeno, então você... você não tem... não sai muito, não vê muito os amigos, num... Porque é uma... uma rotina completamente diferente, né? (...) Então, a gente deixa de fazer muita coisa. E, ao mesmo tempo, fica cansado... quando chega a noite, trabalhou e ainda tem o filho... Então... às vezes cansa. É assim... eu sei que isso vai passar... que é um momento... e... que a gente tá investindo nisso mesmo porque tá a fim e tal." (Mulher, casal 4, com filhos).*

Os filhos aparecem, no discurso dos entrevistados, como um fator que pode tornar-se problemático, se o casal permitir que o espaço dedicado aos filhos se misture ao espaço conjugal e anule a relação dual. O casal precisa tentar equilibrar a criação do espaço familiar e a manutenção do espaço dos cônjuges. Delimitar e conciliar os espaços conjugais e familiares após o nascimento do filho é uma tarefa delicada para os cônjuges. O casal precisa equilibrar-se entre, não deixar-se conduzir somente pelas demandas familiares, perdendo-se enquanto par, nem querer afirmar unicamente as suas necessidades e não conceder espaço para os filhos. Os parceiros têm que aprender a ser pais sem deixarem de ser cônjuges, e isso, certamente, modifica muito a relação conjugal.

*" Tem essa coisa da relação com o filho... Aquele casal que se... se dessexualiza... Assim, deixa de ser casal e passa a viver em função do filho. Né? Essa coisa, o filho passa a ser*

*uma extensão, né? É o filho meio que... que determina o funcionamento do casal. Eu acho isso muito complicado. A gente tem que tomar muito cuidado, porque, às vezes o filho, ele entra muito nessa coisa assim. Eu não tenho filho, mas às vezes a gente vê isso com os outros, né? Então assim... em função do filho... o casal se perde um pouco como casal, né? Começa a tomar o lugar disso assim. Eu acho que isso é... talvez seja uma das coisas mais delicadas que tenha pra se administrar num casamento. E, a gente vê muito isso, o casamento que muda no momento que o casal passa a ter um filho, né?" (Mulher, casal 12, sem filhos)*

*" (...) eu vejo isso se repetindo muito em alguns... amigos meus. Assim em casais... casais que se separam... depois, assim, do primeiro filho, quando a relação muda muito. Você deixa de ter mais liberdade, você deixa de ter mais... um espaço próprio, pra ter um espaço... familiar, entende? Você tem que ceder pra cacete depois do primeiro filho, entende? Tem muito caso aí, de amigos meus, que se separam porque não conseguem conciliar o ... a sua vida com aquela rotina nova de família que tem ali." (Homem, casal 4, com filhos)*

Os casais com filhos ressaltam, em seus discursos, a preocupação em preservar o espaço do casal, também no que se refere aos problemas cotidianos. Os casais percebem que, por causa das preocupações com os filhos, com a resolução de problemas financeiros e/ou familiares, acabam se descuidando do carinho e da atenção de um para com o outro. Com isso, diminuem o tempo dedicado para si próprios e deixam-se invadir pelas preocupações familiares.

*" (...) quando você vê, você só tá resolvendo problema, problema, problema. E aí? E o espaço pra ir ao cinema? E o espaço pra gente falar da gente, das nossas preocupações? Das preocupações profissionais, do... ou das coisas boas, né? Contar coisas pitorescas que aconteceram no dia (...) Namorar. Acho que tem que ter... essa... essa... A gente procura preservar... esse lado. Porque a vida, sem dívida, ela vai ficando mais séria. (...) você vai ficando... você começa a ... sentir os obstáculos mais." (Mulher, casal 1, com filhos)*

*" (...) você fica administrando o tempo todo os problemas piores. (...) Tem horas que você para e pensa: pô, e aí? Né? (...) a gente tem essa preocupação, também, de tentar... ir levando a vida da melhor forma possível e... tentando driblar as angústias. Às vezes é difícil, a gente passa por momentos*

*muito difíceis. Do ponto de vista prático. E... e... às vezes fica difícil pra qualquer casal.” (Homem, casal 1, com filhos)*

*“ (...) eram épocas diferentes da nossa vida. (...) eu era estudante, fazendo residência... sem compromissos maiores. Então você tem mais tempo... pra se dedicar ao outro... pra diversão, pra... E hoje é uma... é uma situação diferente, né? Além de você ter que manter uma casa, você tem... preocupações com o trabalho, problemas no trabalho... que você tem que resolver. Né? Então, é uma situação diferente e aí... te toma um pouco, você tem menos tempo... pra se dedicar, um se dedicar ao outro. Isso eu acho que é uma coisa que a gente nota... mais em relação ao que tinha antes.” (Homem, casal 6, com filhos)*

*“ (...) logo que você começa o namoro, né... 2 segundos que você fala no telefone: ah querido, ah que saudades, não sei o que. Hoje em dia não é mais assim. Você vem pra casa? Que horas? A tá, tchau, um beijo. Ainda não deixamos de mandar beijo, essas coisas. Mas... automaticamente, você vai ficando menos carinhoso, menos meloso com o outro.” (Mulher, casal 6, com filhos)*

De acordo com os entrevistados, a sexualidade do casal é um dos aspectos afetados pela chegada dos filhos. As mudanças decorrem da diminuição das oportunidades e da disponibilidade do casal para o sexo, em função de interferências diretas ou indiretas dos filhos.

*“ Você não tem... a mesma, o mesmo namoro que você tem quando não tem ninguém dentro de casa, né? Que você não é interrompido, né? É ruim pra caramba. Né? Tem horas até que a gente tá querendo namorar, ou tá no meio do namoro... tá um filho querendo, chorando, querendo entrar no seu quarto.” (Homem, casal 3, com filhos)*

*“ E, com filhos então... fica menos erótico ainda, quando é pequeno. Porque... a gente, sobra pra gente... namorar... fim de semana... que é quando você tá mais relaxado ou a criança dorme... enfim... É... não tem muito espaço, porque você chega, trabalha o dia inteiro (...) o ritmo diminui mesmo. Aí tem que lidar com tranquilidade, saber que é assim, ter calma. E o tempo disso também... vai passar.” (Mulher, casal 4, com filhos)*

O nascimento dos filhos reflete também na vida social do casal. Os entrevistados relatam que os amigos acabam se afastando um pouco, o casal se volta para a família em formação e o gasto extra com a criança acaba dificultando as despesas com o lazer.

*“ Até os telefonemas... não são mais tão freqüentes. Nem da gente para os amigos e nem dos amigos pra gente. (...) Então, isola muito. E a gente cria os filhos pro mundo, só que a gente se isola do mundo, forma um clã... pra depois devolver isso pro mundo.” (Homem, casal 3, com filhos)*

*“ A gente tá com um neném de 1 ano e 10 meses, aí... deu uma tumultuada... porque a gente sempre gostou de sair muito. E eu acho que aí você acaba, faz uma coisa, faz outra, tá sempre no convívio com várias pessoas. E a, e fica mais introspectivo... fica até mais difícil isso. Eu acho que, a gente tinha mais tempo... então realmente curtia mais. (...) Isso é uma coisa que... alterou muito... Tem menos tempo.” (Mulher, casal 6, com filhos)*

*“ (...) Neném traz mais despesas também, né? Então, sobra menos dinheiro pra... ir em restaurantes... maravilhosos, né? Sobra menos dinheiro. Mas tem muitas compensações, também, né? A gente fica muito assim... acho que essa vida em família... porque a gente saía, né, pra ir nos lugares, não era tão caseiro. Então, isso de ficar em casa, vendo um vídeo, pedir uma pizza... é mais comum e também tem as suas compensações. Né? Até pro relacionamento.” (Mulher, casal 6, com filhos)*

As falas acima demonstram que o lazer do casal com filhos pequenos volta-se mais para as necessidades da criança. Esse tipo de constatação aparece no discurso de um casal com filhos adolescentes, que se refere a essa fase com uma certa nostalgia, sobretudo, da sensação de “união” do núcleo familiar, decorrente do fato de as atividades serem desenvolvidas mais em conjunto do que separadamente.

*“ (...) a gente tinha essa coisa... de núcleo familiar, muito mais forte do que a gente tem hoje em dia. (...) Eu acho que hoje em dia... é... o X se afastou muito dessa... dessa coisa de lazer... familiar... Eu saio muito mais com a Y, eu e a Y... do que eu, ele e a Y. A gente tinha muito isso, muito mesmo. Quando a Y era pequena... de sair os três... E, hoje em dia, a gente já não faz mais tanto isso. (...) ao mesmo tempo que... isso é bom... porque... cria uma certa independência dessa*

*coisa que a gente tinha muito... simbiótica, os três... A gente conseguiu... dissolver um pouco isso... Mas... eu acho que... que a gente exagerou na dose. (...) Eu não sei se eu sinto falta, um pouco de falta daquilo... mas... não é só falta... é... dessa coisa, né? É falta... de, da Y pequena... falta dessa coisa familiar, que a gente tinha, que a gente não tem mais.” (Mulher, casal 14, com filhos)*

*“ (...) mas essa mudança também não foi... É porque a Y cresceu também. (...) ela tá naquela... tem aquela coisa de... ah, passear com papai e mamãe? Não. E tal. Já acha tudo um saco... entendeu? (...) não tem também porque... ela não vai. (...) não é um motivo... vamos dizer... sentimental, emocional, não é. É porque a gente perdeu o carro também. (...) como é que tu vai pra... sair pra passear sem carro, sabe? Começa a ... fica meio... chata a ... a coisa.” (Homem, casal 14, com filhos)*

Como pudemos perceber pelo discurso dos entrevistados, o nascimento dos filhos traz uma série de mudanças para a relação conjugal, que vão desde aquelas que se referem ao modo como os parceiros se relacionam entre si, até as que dizem respeito à interação dos cônjuges com o trabalho, os amigos, o lazer, a família de origem. Os filhos obrigam o casal a redefinir suas prioridades e adaptá-las a novas demandas. O que acarreta uma maior ou menor interferência na vida conjugal dependendo de como o casal administra os desafios dessa nova fase do relacionamento.

#### **4.4.3 - Constituindo uma família: as transformações individuais.**

O nascimento dos filhos produz transformações tanto na visão de mundo dos parceiros quanto na sua identidade pessoal. Do mesmo modo que tornar-se um casal traz mudanças para as percepções que os indivíduos têm de si mesmos, tornar-se pais também mobiliza cada um interiormente.

O fato de tornarem-se pai e mãe desencadeia, em homens e mulheres, um sentimento de maior responsabilidade e compromisso diante de suas escolhas e comportamentos. O desempenho das funções parentais é associado ao crescimento pessoal e à preocupação em estar bem para propiciar o desenvolvimento dos filhos.

Os entrevistados enfatizam a busca por uma maior estabilidade profissional e financeira, que, por vezes, é associada à estabilidade familiar.

Os entrevistados com filhos demonstram, em seus discursos, que a constituição de uma família acarretou, para eles, um sentimento de responsabilidade maior. Os entrevistados afirmam que as suas visões de mundo foram transformadas pela sensação de que suas ações passaram a ter uma repercussão maior, uma vez que afetam também outras pessoas: os filhos e o cônjuge. E, nesse sentido, se sentem mais comprometidos com o seu crescimento pessoal e profissional.

*" (...) eu acho que os filhos trazem isso... é... essa sensação de responsabilidade... Que antes era uma coisa que eu não tinha muito. (...) se eu resolvesse mudar de profissão, se eu resolvesse... A minha responsabilidade era comigo mesmo. Hoje é um sentimento totalmente diferente... né... eu hoje tenho uma responsabilidade em relação às crianças... e acho que tenho uma responsabilidade em relação ao X também. Diferente claro, ele é um adulto (...) mas é claro que essas coisas vão afetá-lo também, a gente tem uma vida em comum." (Mulher, casal 1, com filhos)*

*" (...) eu vejo mais no... do lado da responsabilidade. (...) Ainda mais que eu tive filho, então... eu tive que ir a luta, batalhar... com mais veemência, pra crescer, pra... pra conseguir um lugar no mundo. Né? Eu acho que a gente fica... mais exigente... com o crescimento. Você tem que se impor de fazer... de seguir uma carreira, de... ter a estabilidade, de montar uma família... Eu me senti assim... Eu acho que eu fiquei mais... séria, em relação ao mundo." (Mulher, casal 3, com filhos)*

*"Eu hoje acho que sou muito mais responsável... profissionalmente... do que... Porque antes a responsabilidade não era a família. Se eu tivesse alguma coisa... é... perdesse alguma oportunidade grande... pra mim... aquilo era só... o único prejudicado era eu... Eu mesmo é que... seria o único prejudicado. Hoje em dia não. Eu sempre penso... é... que eu tenho uma esposa, que eu tenho um filho. Então... até o ... a forma de você planejar é diferente. Você planeja mais essas coisas ligadas ao... pra frente. Eu acho que isso mudou." (Homem, casal 6, com filhos)*

Os entrevistados percebem a sua vida com sendo “mais preocupante” a partir do momento em que têm filhos para sustentar e criar. Nas suas falas, aparecem aspectos como preocupações com o futuro e mais responsabilidades, tanto financeiras quanto sociais, decorrentes das demandas familiares que se estabelecem.

*“ (...) a vida hoje pra nós... é mais preocupante... do que era, entendeu? Quer dizer... é... no início, éramos nós dois. Então... vamos ver como é que vai ser, quer dizer... uma coisa meio assim... é... até um pouco irresponsável. Aquela coisa assim de... vamos ver como é que vai ser o dia de amanhã e tudo bem. Hoje, passado 13 anos e com 3 filhos, isso muda. (...) Acho que... que a gente começa a ... a ter muito mais... preocupações. Né?” (Mulher, casal 1, com filhos)*

*“ Outra coisa também é a responsabilidade. (...) Eu não tinha responsabilidade, né? Era só o casamento. A gente... dividia as coisas, a participação... de... da casa... de querer também... solidificar uma profissão... E... ter que manter as coisas pra ter os filhos, essa coisa toda cria um senso de responsabilidade maior.” (Mulher, casal 3, com filhos)*

*“É, “cê” fica bem mais... sério, né? (...) você começa a se alinhar. Né? Pra você... conseguir é... prestar essa satisfação a teus filhos, né? Material, né? Espiritual... e tudo. Você vai pra luta mesmo, né? (...) Depois que você casa, você tem responsabilidade, você precisa... se impor mesmo. (...) Você não pode mais brincar. Você faz parte de uma cadeia, né? E aí, nessa cadeia, que... tem gente que é dependente de você. (...) seus filhos são dependentes de você... Então, tá todo mundo interdependente. Né? Quando você sente isso, aí você cria mais coragem pra bancar as situações... todas lá fora, assim, né?” (Homem, casal 3, com filhos)*

*“Eu fui procurar emprego pra ganhar mais, mais dinheiro. Sabe aquela crise de responsabilidade masculina quando tem filho?” (Homem, casal 4, com filhos)*

O discurso das mulheres sobre as modificações trazidas pelo nascimento dos filhos enfatiza, principalmente, aspectos como amadurecimento pessoal e menor disponibilidade de tempo para si mesmas, para desenvolverem suas atividades, em função da necessidade de estar com os filhos e atender às suas demandas.

*“ (...) Você já acorda com criança te requisitando. Aí, se você tiver trabalhando, vai trabalhar. E quando você volta tem a*

*criança lá. Mãe, mamãe! Aí você já se sente culpada, assim, porque trabalhou o dia inteiro... Ah, culpada assim entre aspas, né? Quer dar uma atenção... a mais pra criança, que não te viu o dia inteiro. Aí você vai, faz, brinca com a criança, chega de noite você tá... querendo ir pra cama dormir, né? Num... não dá pique pra... pra fazer e acontecer.” (Mulher, casal 3, com filhos)*

*“ Eu acho que o filho faz a gente amadurecer pessoalmente, entendeu? Tem que... Vai no tranco. Tem que... Muda tudo. Muda muita... A sua relação com o mundo, a sua visão de mundo, muda muito. E aí... individualmente te... tem um amadurecimento nisso e na relação.” (Mulher, casal 4, com filhos)*

*“ (...) o filho é uma novidade muito grande e... toma muito tempo. (...) eu tinha muito tempo pra mim, eu fazia terapia, eu fazia... não sei o que... Então, tava... acompanhando tudo. Agora, eu tô indo no tranco. Né?” (Mulher, casal 4, com filhos)*

*“ Filho altera bastante, né? Porque aí tudo passa a ser... dependendo do filho. Tudo que você planeja fazer vai depender... se tiver alguém pra ficar com o neném. Porque nos primeiros, agora já tá até um pouco mais tranquilo, mas até o ... primeiro ano, é... são totalmente dependentes da gente.” (Mulher, casal 6, com filhos)*

O discurso das mulheres que têm filhos demonstra que a percepção de si mesmas é modificada pela existência dos filhos e do cônjuge. Na medida em que as mulheres passam a tentar conciliar os desejos e as necessidades da família e a se verem como um *eu* atrelado a um *nós*, a percepção de si mesmas torna-se vinculada a essa realidade. Há uma redefinição da identidade pessoal, que agora abrange os filhos e o cônjuge, e uma transformação de si mesma a partir dessa convivência e de suas demandas particulares. A convivência com o parceiro e com os filhos torna-se central na definição de si mesmas.

*“ (...) eu acho que a gente acaba... é... procurando conciliar... né... desejos, e conciliar objetivos e conciliar... né... Então, é... vamos dizer assim, eu acho que eu me via como eu... né... eu uma pessoa e tal e... hoje em dia eu me vejo como eu junto com alguém... Né? E que... a minha vida passa a ser... muito mais atrelada a essa pessoa. Não só ele, mas ele e as*

*crianças, enfim... A minha família, né, de maneira geral." (Mulher, casal 1, com filhos)*

*" (...) a visão que eu tenho hoje de mim mesma, só me foi possível... até... junto da convivência que eu tenho com ele. Então, nesse ponto, eu acho que foi fundamental. Né? E isso se modificou muito... E eu acredito que vai continuar se modificando. (...) A gente vai... tem uma imagem, e aí a gente se separa dela, pra depois refazer ela de uma outra forma. (...) nesse sentido, o casamento com ele... é um ponto central em relação a mim." (Mulher, casal 13, com filhos)*

Assim como a identidade pessoal, a visão de mundo das mulheres que têm filhos é também alterada pela ênfase dada à família. As suas falas revelam que, a partir do momento em que a família passa a ser uma prioridade, todas as suas outras atividades e objetivos são relegados a um segundo plano para se adequarem a essa realidade familiar.

*" (...) o que mudou em relação a ... a visão de mundo... é... não veio só... com... com a relação, veio com o filho. Né? (...) esse casamento todo, né, que é com o X, que é com o filho, que é com a filha que tá chegando... me faz buscar qualidade no que eu sou, na minha vida, no meu trabalho, no meu cotidiano... né? Quer dizer... faz com que eu queira ser uma pessoa melhor, né?" (Mulher, casal 4, com filhos)*

*" (...) a questão da família... ele como meu companheiro... e os filhos... é uma coisa que modifica completamente, porque... é como se a família tivesse prioridade. Então, o meu mundo, pra mim, a partir do momento que eu tive essa família... que eu tenho... essa família... ela vem mais... mais ou menos em primeiro lugar em... praticamente tudo. Né? (...) meu trabalho... se adapta... ao tempo que eu tenho com... que dedicar pra família. É... programas... de final de semana... são sempre junto com o meu marido... né? Quer dizer, tudo... é como se... a família... né... ele e os filhos... tivessem um lugar de destaque na minha vida." (Mulher, casal 13, com filhos)*

O discurso dos homens com filhos, também demonstra, embora com menos frequência, uma transformação da identidade pessoal a partir da existência da família. A parceira e os filhos tornam-se partes fundamentais na definição de si mesmos.

*" (...) depois de casado... eu descobri que eu não sou... tão auto-suficiente assim. (...) hoje em dia... eu preciso muito da... da X e da Y... Grande parte de mim... virou um... literalmente... partes delas... Não só da minha vida como... de mim mesmo." (Homem, casal 14, com filhos)*

O discurso dos entrevistados demonstra que, muitas vezes, a realidade familiar compartilhada é tão pregnante que os indivíduos não conseguem nem separar os filhos do cônjuge. Estes formam um todo sem delimitações, são definidos como um conjunto único, sem diferenças ou limites. Nesse caso, a identidade conjugal se confunde com a família constituída.

*" (...) as crianças pra mim são uma consequência da relação, dela, de tudo mais. (...) eu não consigo nem enxergar eles separadamente dela. Pra mim... formam um conjunto, formam uma coisa só." (Homem, casal 1, com filhos)*

*" (...) eu não consigo mais... separar a relação com o X... é... do filho, né? Todos somos... todos juntos." (Mulher, casal 4, com filhos)*

Como pudemos perceber no discurso dos entrevistados, a constituição de uma família modifica a identidade conjugal. De um modo geral, os casais com filhos tendem a privilegiar a sua identidade familiar, definindo-se como um todo que engloba os cônjuges e os filhos. O casal, apesar de buscar manter-se enquanto tal, percebe-se mais como uma família do que como um par e tende a privilegiar as demandas do núcleo familiar, o que altera, consideravelmente, a sua concepção de casal uma vez que esta passa a abranger mais a noção de família do que a de relação amorosa.

#### 4.5- 5ª categoria: Desafios e dificuldades da relação conjugal contemporânea

A categoria desafios e dificuldades da relação conjugal contemporânea se divide nos seguintes tópicos: alguns valores contemporâneos; questões financeiras; a organização do espaço doméstico.

##### 4.5.1 - Alguns valores contemporâneos

O discurso dos entrevistados aborda a influência de alguns valores contemporâneos que dificultam a constituição do relacionamento conjugal. Entre estes, destacam-se as pressões do individualismo e da competitividade entre os parceiros. Os valores individualistas ressaltados referem-se, principalmente, à valorização acentuada da busca de realização e satisfação pessoal em detrimento das “renúncias” próprias ao ato de compartilhar. E, a competitividade entre os parceiros aparece como uma consequência da “igualdade” na busca de realização pessoal. O discurso dos entrevistados é permeado, também, pela idéia de que o casal deve buscar uma convivência transformadora, no sentido de superar as dificuldades impostas pela sociedade contemporânea e, ainda, estar disponível para a renovação do relacionamento através da não acomodação às rotinas cotidianas.

O discurso dos entrevistados ressalta que os valores individualistas difundidos socialmente acentuam as dificuldades das pessoas para estabelecerem um relacionamento, para compartilharem e dividirem a vida com outra pessoa. Os entrevistados entendem que, no mundo contemporâneo, as relações interpessoais, como um todo, estão comprometidas pelos apelos do consumismo e por valores éticos distorcidos, o que dificulta o estabelecimento de ligações afetivas e, ainda mais, de relações conjugais.

*“ (...) acho que hoje em dia, todo mundo é muito... individualista... muito egoísta... E o mundo... moderno, mesmo, que a gente vive... é... a vida da gente vai cada vez... tornando a gente cada vez mais assim... E tudo que vai*

*acontecendo na sua vida vai te levando, cada vez mais, pra você ser mais individualista, mais egoísta... E é difícil, porque aí você tem que dividir. (...) as pessoas tão ficando... com muito medo... de se entregarem a um relacionamento... e... de... realmente viver esse relacionamento... E, cada um vai ficando tão encastelado lá na sua... no seu pedestal... Que tá cada vez mais difícil de se estabelecer... uma ligação.”*  
(Mulher, casal 10)

*“ (...) esses... apelos ou a ... ó assédio... o ... é... o consumismo... a superficialidade... Uma série de coisas aí, que a gente vê que, pô, eu nem sei. (...) a gente vive uma situação de... eu acho que de um individualismo louco... de valores éticos completamente distorcidos... De... de um cada um por si, mas uma coisa selvagem. (...) Então, eu acho as relações... muito difíceis... na sociedade como um todo. E essas coisas, às vezes, se transportam pra... pros casais.”*  
(Homem, casal 1)

A valorização excessiva do indivíduo e da satisfação de seus objetivos e desejos são fatores que dificultam a vida em comum, sobretudo para aqueles que não estão dispostos a abrir mão de algumas coisas em favor de uma vida compartilhada. No discurso dos entrevistados, aparece a idéia de que os valores difundidos socialmente incentivam as pessoas a buscarem a sua satisfação pessoal em primeiro lugar. E, nesse sentido, o estabelecimento de uma relação conjugal poderia se tornar um fator complicador para a realização desse objetivo, uma vez que, a constituição desse relacionamento demandaria dos envolvidos uma abertura para as necessidades do outro e implicaria a busca de soluções compartilhadas. Para os entrevistados, tornar-se um casal implica, necessariamente, numa construção comum, que requer a “substituição” de objetivos individuais por propostas conjuntas e demanda a satisfação dos dois parceiros.

*“ (...) eu acho que hoje em dia (...) é muito mais complicado as pessoas abrirem mão... é... da sua vida pessoal. Eu acho que hoje em dia existe uma valorização muito grande do individual... Da sua carreira... do seu... é... do seu bem estar, da sua casa. As pessoas... saem pra morar sozinhas... e começam a trabalhar e começam a ganhar dinheiro. E, abrir mão disso tudo, da sua individualidade... pra dividir com o outro... eu acho que hoje em dia as pessoas pensam... duas vezes. (...) eu acho que hoje em dia as pessoas têm muito essa coisa individual da minha carreira, a minha pessoa, o meu*

*bem estar, a minha vida... Abrir mão disso pra estar com uma outra pessoa... é mais complicado.” (Mulher, casal 14)*

*“ (...) a sociedade em si... ela estimula a individualização. As pessoas... são levadas a ser individualistas, né? Então, compartilhar com outra pessoa... Se eu sou uma pessoa individualista... compartilhar um espaço, compartilhar... a vida, né, a vida em comum... se torna difícil, né? (...) e, muitas vezes, quando acontece... das pessoas se juntarem ou se unirem... elas... continuam querendo manter uma vida individualizada... Extremamente individualizada. E isso... fica meio difícil, né? Há um conflito de... há um conflito entre as duas partes... Não há motivos em comum... Não há... é... objetivos em comum. Cada um tem o seu objetivo, tem sua... seu tipo de vida e quer mantê-lo.” (Homem, casal 9)*

*“ (...) na medida que você se preocupa com o outro... você tá deixando de se preocupar consigo próprio... E, eu acho que hoje, o modelo que passa (...) é que... você satisfaça as suas próprias necessidades, os seus próprios desejos, as suas próprias satisfações... E, na medida que você, pra se casar, tem que satisfazer o outro... isso se torna bastante difícil... Sobre todos os aspectos... do ponto de vista sentimental, sexual, financeiro. (...) eu acho que a principal dificuldade, hoje, do casamento é essa. Que ambos se casam com essa imagem da... da satisfação pessoal... Ele da satisfação dele próprio... e ela, com a satisfação dela própria.” (Homem, casal 13)*

A competição entre os membros do casal foi, também, um aspecto que surgiu no discurso dos entrevistados como uma dificuldade para o relacionamento conjugal. Ela aparece tanto no sentido profissional, de realização dos projetos individuais, de ganhos financeiros, quanto no sentido pessoal, de um querer superar e ser melhor do que o outro. Esses aspectos foram considerados, pelos entrevistados, prejudiciais ao casal, mas, em alguns casos, inevitáveis e, portanto, necessitando de atenção para serem contornados. A competição entre os membros do casal pode ser interpretada também como um indicativo de que existe uma certa “igualdade” entre os parceiros, pois ambos estão dispostos a buscarem a realização de seus projetos individuais. Entretanto, se essa busca for “desvirtuada” para uma luta de poder entre os cônjuges, com cada um querendo fazer prevalecer as suas prerrogativas, a relação conjugal fica bastante prejudicada e a sua continuidade seriamente comprometida.

*“ Não achar que tá havendo competição. Porque muitas vezes o casamento pode ser isso, né? De um achar que o outro tá competindo com o outro... Querer ser melhor que o outro... dentro do próprio casal.” (Homem, casal 2)*

*“ Acho que o mais importante é você querer compreender... entendeu? É... a coisa de querer realmente ajudar e... se entender. Porque se você... começa a querer competir com o outro... Ai fica muito difícil.” (Mulher, casal 3)*

*“ Mas a competição é intrínseca, ela existe de qualquer maneira, porque... o fato de os dois “tarem”... né... com os seus projetos... Então, vamos dizer... o meu projeto tá... abafado... eu tô sofrendo... né? Ai, se eu coloco o meu projeto na rua... eu fico bem... entendeu? E a mesma coisa ela. Se ela coloca o projeto dela na rua... ela fica bem... né? E... se eu tiver num momento que meu projeto não tá na rua... eu vou me sentir um pouco... alguém... da situação dela. Né? E vice-versa.” (Homem, casal 3)*

*“ A coisa da... é... competição(...) De repente o cara... isso é muito, isso é muito freqüente nos dias de hoje, o cara tá num emprego... é o cabeça do casal... ganha não sei quanto, a mulher ganha... pouco (...) de repente o cara perde o emprego... aí a coisa se inverte... Então, de... deve trazer... com certeza gera muitos problemas por aí.” (Homem, casal 9)*

Para os entrevistados, superar as dificuldades práticas da vida a dois, aliadas aos constantes apelos de uma cultura consumista e competitiva, sem desgastar o relacionamento conjugal é um desafio constante para os casais. A convivência exige dos parceiros uma disposição permanente para superarem suas dificuldades cotidianas e encontrarem um equilíbrio entre suas necessidades individuais e as peculiaridades de uma vida compartilhada.

*“ (...) os desafios são basicamente você atravessar... um mundo extremamente competitivo... né? Onde você oscila entre a ... as dificuldades práticas e o bombardeio consumista que é violentíssimo. (...) os desafios tão muito ligados ao mundo prático... tá? Ao estilo de vida que nos é imposto.” (Homem, casal 1)*

*" A convivência é um desafio constante... É uma coisa trabalhosa." (Homem, casal 9)*

*" (...) o desafio é isso... é superar cada dia... Superar a cada dia as dificuldades do dia a dia." (Mulher, casal 9)*

*"(...) as dificuldades práticas... a gente tem que ultrapassar... para que a gente consiga... prosseguir com menos desgaste." (Homem, casal 13)*

A vida a dois é um espaço de apoio e suporte emocional, mas os entrevistados entendem que a segurança proporcionada pelo convívio dos parceiros não deve paralisar as suas buscas por uma constante renovação do relacionamento. Os casais consideram que devem manter uma convivência transformadora no dia a dia, sem cair na estagnação da rotina, nem se fechar em padrões rígidos de comportamento.

*"Pra mim, o desafio é... não deixar a coisa morrer... estagnar, cair na mesmice, entendeu? Da gente... se acomodar... encontrar um... um padrão de comportamento, de relacionamento, de vidinha... e ficar ali naquela... naquela... acomodação. (...) E aí não cresce, não vai pro mundo... fica ali, né? (...) é um ponto de segurança, né? Então... se bobear fica dentro dele... e não cresce." (Mulher, casal 4)*

*" Isso é o maior risco, né... pro casamento de uma maneira geral. (...) é a estagnação, né? Essa coisa de, da, da... encontrar esse padrão... de funcionamento... medíocre e manter-se nele, porque não incomoda ninguém." (Homem, casal 4)*

*" É, o desafio, eu acho que é o dia a dia, né? É manter a coisa transformada, o relacionamento... procurar... saber... o que tá... A gente tem que, por alguns momentos, tentar... procurar... fazer alguma coisa." (Homem, casal 7)*

*" Ah, eu acho que desafio é de viver mesmo... Não ficar aquela coisa... muito monótona... o casal tem que tá pensando nisso, sabe?" (Homem, casal 10)*

Como podemos perceber pelo discurso dos entrevistados, os desafios para as relações conjugais contemporâneas passam pela construção de um relacionamento que acompanhe as buscas de realização pessoal dos parceiros, que apóie as

demandas da relação, e, que não se perca nas acomodações da rotina ou nos problemas cotidianos.

#### 4.5.2 - Questões financeiras

No discurso sobre os desafios e as dificuldades do casamento, um outro aspecto levantado pelos casais foi a questão da importância, para o relacionamento conjugal, da independência econômica de cada cônjuge. Os entrevistados entendem que a relação conjugal deve ser uma opção de afeto e não motivada pela dependência econômica. Esse discurso nos leva a pensar que, apesar do amor ser uma condição *sine qua non* do casamento contemporâneo, o imaginário dos entrevistados abriga o “fantasma” do interesse financeiro como sustentáculo da relação. Daí a necessidade de ambos serem economicamente independentes, para que a escolha de permanecer casado seja “genuinamente” amorosa. A independência econômica parece também ser um pressuposto básico para uma maior igualdade entre os parceiros na relação, pois os entrevistados associam dependência financeira à submissão emocional.

*“ (...) é uma coisa muito importante pra mim ter o meu espaço profissional. E, eu dizia pra ele: eu não quero sair da dependência da minha mãe, pra ir pra sua dependência. Quero começar uma relação com você dividindo... em bases de igualdade. (...) também contribuir no orçamento e tal.” (Mulher, casal 1)*

*“ (...) eu acho que... a independência financeira também é uma coisa importante (...) não pode haver submissão... de ninguém. Nem do homem, nem da mulher. E essa parte financeira do trabalho... Eu acho... fundamental.” (Homem, casal 2)*

*“ (...) no nosso caso não teve essa... é... a questão financeira não pegou (...). O nosso nível... era... era parecido. Então, ninguém ficou com ninguém por causa de... de que... é... o outro ia dar mais, mais elementos financeiros, mais comodidade financeira e tal. Né? Não foi isso. É... é ficar... pelo seu... por gostar... devido ao ser humano que é.” (Mulher, casal 2)*

*" (...) se você... aposta em ter uma relação... que seja minimamente saudável com... com outra... outra pessoa... as pessoas têm que ser economicamente independentes. Isso é... acho que é essencial. E a X é totalmente independente... Né? E... temos uma... condições de ter vidas... independentes. Então... acho que as coisas materiais num, não prendem. Filhos também nós não temos. Então... é uma opção... é um laço de... vontade mútua. Quer dizer, a X quer ficar junto comigo, eu quero ficar junto com a X." (Homem, casal 5)*

O aspecto financeiro no casamento é um tema que se repete no discurso dos entrevistados, sendo considerado, em alguns momentos, como uma dificuldade e um desafio e, em outros, como uma vantagem. Quando o tema surge como uma dificuldade, dois aspectos são, basicamente, acentuados. Um é a tensão causada pela busca para manter um status quo. A outra é a dificuldade de, além de administrar as tensões de um relacionamento a dois, ter que, também, administrar o dinheiro e o pagamento das despesas domésticas.

*" Eu acho que... a questão financeira é uma coisa que... traz muita tensão... né? (...) a gente fica dentro de um padrão, convive dentro de um padrão... com muita solicitação externa da sociedade também, que você tem que ter isso, ter aquilo, aquilo outro... Né? E, às vezes... é... a grana também é um fator de tensão." (Homem, casal 4)*

*" (...) essa coisa do... de administrar financeiramente, assim... essa estrutura, né, da... da vida. (...) nenhuma relação, nenhum relacionamento assim, né... é... é muito fácil... E, ainda contar... às vezes... com uma questão... é... desfavorável financeiramente ou... uma situação que ainda tá instável... né? (...) eu acho que isso é o ... um grande problema. (...) eu acho que isso pesa muito. E, essa coisa do dinheiro é uma coisa complicada (...) em qualquer relacionamento é complicado (...) quanto mais assim... é... um casal... administrar essa questão... financeira, né?" (Mulher, casal 12)*

O aspecto financeiro surge como um desafio, principalmente, no discurso dos homens. Para estes, o desafio é administrar os recursos para proporcionar uma vida tranquila para o casal e a família.

*" (...) desafio é, de repente... administrar... o negócio da grana. (...) Acho que esse é o maior desafio mesmo, né? Administrar essa coisa da grana... segura gastos, segura aqui, nós não podemos sair muito, senão vamos ficar..." (Homem, casal 12)*

*" (...) A gente visa a nossa tranquilidade financeira dentro do aspecto familiar. Que a gente tenha tranquilidade pra fazer aquilo que a gente gosta. (...) Pra ver os filhos formados... bem empregados, bem de vida, trabalhando bem." (Homem, casal 13)*

Quando o aspecto financeiro surge como uma vantagem no casamento, é acentuada a condição de união de duas forças de trabalho, duas fontes de renda e a conseqüente divisão das despesas, também, por dois.

*" Casamento tem uma vantagem financeira que você... tem mais dinheiro. São dois trabalhando. É economicamente mais viável." (Homem, casal 4)*

*" Vantagem... pra maioria dos casais... é a questão... a questão financeira ser dupla. Quer dizer... fica mais fácil as pessoas dividirem as coisas, né? É... duas pessoas trabalhando, dividindo e tal, fica mais fácil... pela questão financeira... até de você se organizar, né?" (Mulher, casal 9)*

Entretanto, saber lidar com as fases em que um dos cônjuges ganha mais que o outro, e contribui mais nas despesas domésticas, é um fator importante para não deixar que a relação seja abalada pelas questões financeiras.

*" Essa questão do... da vida financeira do casal... eu acho que essa coisa é muito complicada. (...) lidar com... com essa questão financeira, assim, com o dinheiro, é complicado. Né? E isso pra um casal é, é uma coisa assim que você tem que ter muito... cuidado assim... né? Pra não ficar com essas mágoas. (...) porque você passa por épocas da vida que você ganha mais, seu marido ganha mais... Ou épocas que você não tá com uma situação... você tá duro mesmo e o outro não. Entendeu? Como administrar isso? Se o dinheiro comum é esse, o que é de cada um? Como é que ficam as contas, quem assume mais, quem assume menos?" (Mulher, casal 12)*

As dificuldades financeiras são consideradas como um fator que pode desestabilizar, bastante, as relações conjugais. Segundo os entrevistados, a falta de dinheiro abala emocionalmente os indivíduos e gera crises para o casal.

*“ Eu acho que a questão financeira pesa muito. Hoje em dia... a gente não tem mais aquela máscara, as pessoas não são mais tão hipócritas quando falam assim: ah, o amor cobre tudo. Infelizmente não. Pelo menos a ... a maioria dos casamentos que foram desfeitos, que eu conheço... foram muito em relação... a situação financeira. (...) A pessoa fica... sem grana pra nada... aí ela começa... o emocional se abala... e começa a guerra interna dentro de casa.” (Mulher, casal 5)*

*“ (...) Você ouve até muitas pessoas dizerem que se separaram por causa do dinheiro. Né? E eu acredito mesmo, porque... a vida vai ficando tão insuportável, né? (...) pode ter uma pressão muito grande e a pessoa quer sair... vai mesmo embora.” (Homem, casal 3)*

*“ (...) se você... passa por um, por uma coisa muito ruim... Não tô dizendo nem catástrofe, né? Porque isso aglutina... as pessoas, agrega elas, né, tem esse poder. Mas, um caos econômico... você não ter dinheiro pra... comprar comida, ou outras coisas... aquilo acaba com... com qualquer relacionamento, né? Independente de se as pessoas se gostam ou não. (...) Então, se você consegue passar por uma crise econômica dessas... junto ainda. (...) você tem que ter uma estabilidade emocional pra... pra passar por uma crise dessas... Só você vai saber julgar... Porque no olho da... da tempestade, né, é que as pessoas botam a ... o pior delas pra fora. Né?” (Homem, casal 14)*

Para os entrevistados, as dificuldades financeiras acabam desestabilizando a relação conjugal. Com isso, muitos casais não suportam a pressão da situação e se separam. A pressão financeira se soma a outras já presentes no relacionamento.

*“ Acho que... a questão financeira é... Você tem, tem que ter uma estabilidade... financeira... pra... poder viver junto... é... bem. Eu acho que... a ... instabilidade financeira desestabiliza a relação, né?” (Mulher, casal 4)*

*“ Eu acho que a dificuldade... sempre, sempre é uma dificuldade financeira, né? Dificuldade financeira é um negócio terrível. Porque... muitos não sabem suportar... e numa hora de um pouco mais de dificuldade: não, eu vou*

*embora. Eu acho que esse é um ponto... difícil de contornar... Eu acho que é uma situação difícil de contornar.” (Homem, casal 11)*

No discurso dos homens há uma valorização maior da estabilidade financeira, como uma condição básica para o bom andamento da relação conjugal. Nesse ponto, podemos pensar que o homem se sente mais confortável na relação quando está “cumprindo” o seu papel de provedor.

*“ A dificuldade única... para o casamento, hoje, é financeira... Porque se não houver... dinheiro... um casamento não vai bem. Porque é tudo difícil hoje em dia. Então, eu acho que a dificuldade, pra um casamento, é a situação financeira de ambos. Tanto dele quanto dela.” (Homem, casal 8)*

*“ Até agora... eu posso... atribuir a, a parte ruim a crise econômica. Pode ser que eu não esteja enxergando... um... um bocado de coisas, mas... eu acho que... atualmente a ... a coisa mais complicada... pra você manter um casamento... é você ter uma boa base econômica, né? Se você tem... uma boa base econômica, você pode julgar uma relação.” (Homem, casal 14)*

O discurso sobre o aspecto financeiro passa, também, pela percepção dos entrevistados a respeito dos papéis conjugais. Nesse ponto, podemos perceber que, embora os entrevistados constatem a possibilidade de flexibilizar os papéis de homem-provedor e mulher-dona-de-casa, muitos ainda não exercem plenamente essa prerrogativa. A constatação da manutenção da divisão tradicional de papéis parte, sobretudo, do discurso feminino.

*“ (...) eu acho que... pro homem... o casamento é uma coisa assim muito mais rígida. Nas obrigações... entendeu? Pra ele... por mais que a mulher... seja independente financeiramente... o cabeça da casa tem que ser ele... entendeu? Ele é que é o homem, ele é que resolve certas situações.” (Mulher, casal 5)*

*“ (...) eu não vejo problema em ele pagar as contas da casa e me sustentar. Não vejo problema nenhum nisso. Mas, o contrário eu veria. Entendeu? Então, eu acho que aqueles papéis definidos pela sociedade são... super marcantes. Eu*

*não me imagino sustentando o X, por exemplo, sabe?"*  
*(Mulher, casal 7)*

*" (...) a gente tem o ranço de mil coisas que existem, que foram construídas durante séculos. (...) Por mais que esteja mudando... a gente não consegue... ainda... modificar uma idéia assim de que, o homem trabalha... é o provedor... que sobre ele recai mais responsabilidade econômica... e, que sobre a mulher recai mais os filhos. Eu acho que isso... continua... acontecendo." (Mulher, casal 13)*

No discurso dos entrevistados, podemos perceber alguns questionamentos sobre o aspecto financeiro que caracteriza uma mudança no equilíbrio de forças dos papéis conjugais e podem estar condensando significados ocultos.

Uma das questões abordadas pelos entrevistados diz respeito às fases em que um dos cônjuges ganha mais do que o outro e assume mais as despesas domésticas. A dificuldade se coloca, sobretudo, se esse cônjuge é a esposa. Nesse ponto, podemos perceber que os casais tentam administrar a situação, ou a possibilidade dela ocorrer, com "naturalidade", embora transpareça em seus discurso um certo desconforto com a situação, o que pode gerar conflitos e ressentimentos entre os parceiros, fazendo do aspecto financeiro um canalizador de outros conflitos latentes entre os membros do casal. Podemos verificar ainda, nos depoimentos, que o desconforto com a situação em que a mulher está no papel de provedora, ainda que circunstancialmente, é manifestado tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Nesse sentido, observamos que o papel de provedor como uma característica masculina ainda está internalizado de forma arraigada por ambos os sexos. E, as mudanças nesse aspecto, mesmo que circunstanciais, ainda produzem mal-estar para o casal.

Um outro ponto, que surgiu no discurso dos entrevistados a respeito do aspecto financeiro, e que pode também estar condensando outros significados, é a idéia de que uma situação estável financeiramente, ou uma situação de igualdade econômica entre os parceiros, pode ser um parâmetro para avaliar a relação. Dois aspectos são ressaltados aí. Um é a concepção de que, numa relação em que há independência econômica dos cônjuges, há maior igualdade e o relacionamento é "genuinamente afetivo". A outra é a idéia de que, numa relação em que existem dificuldades financeiras, não dá para avaliar a "qualidade" do relacionamento, uma

vez que este estará pressionado por fatores externos que não dizem respeito à relação em si. Nessas duas considerações, podemos perceber que os entrevistados dão ao aspecto financeiro o papel de regulador do fluxo de trocas emocionais entre os cônjuges e das suas oscilações. Contudo, uma relação em que ambos são financeiramente independentes pode ou não ser mais igualitária. A igualdade entre os parceiros no relacionamento depende de vários fatores, não só do aspecto econômico, e se desenrola a partir, sobretudo, do reconhecimento das desigualdades e da discussão a respeito de suas diferenças. Associar estabilidade financeira à estabilidade conjugal, também, pode ser um equívoco conveniente para mascarar outros conflitos entre os cônjuges, principalmente aqueles ligados a disputas de poder.

#### 4.5.3 - A organização do espaço doméstico

A organização do espaço doméstico também pode tornar-se um palco de tensões e conflitos conjugais. Os casais contemporâneos tendem a entrar no relacionamento conjugal esperando igualdade. As mulheres, principalmente, esperam dos homens uma maior participação na divisão das tarefas domésticas. Contudo, o discurso dos entrevistados demonstra que, na prática, o espaço doméstico continua sendo mais feminino.

Embora, na visão dos homens, tenham ocorrido muitas mudanças, principalmente no que se refere às possibilidades de troca de papéis, na visão das mulheres, aparece sempre a ressalva de que as mudanças foram menores do que deveriam ter sido.

O discurso dos entrevistados, sobre os papéis de homens e mulheres na relação conjugal, reflete a constatação de que esse papéis mudaram e que os casais devem buscar, na medida do possível, uma maior igualdade, principalmente no desempenho profissional e no cuidado com os filhos.

*" (...) você, quando é casado, você vira uma série de coisas, você vira... às vezes você deixa de ser... marido, pra ser pai..."*

*e... mãe... e... sócio do outro... e coisas do gênero." (Homem, casal 1)*

*" (...) o relacionamento entre homem e mulher vem mudando. Todo mundo... participa, com as crianças, com as coisas da casa. Então... foi mudando, né... a maneira de ser, né, da ajuda comum, da participação. Sabe?" (Mulher, casal 3)*

*" E todo mundo acumulou tudo. A mulher também... não pode ser só mãe hoje em dia. Né? O homem também não pode ser só... o cara que vai pra rua, tem que ser mãe também dentro de casa. Então, trocou tudo, não é? Agora todo mundo tem que fazer tudo. E, também tem que... fazer as coisas de fora, as coisas de dentro. Então... ficou complexo, né? Ficou um universo maior. Não é mais aquela estrutura de antigamente. Então isso mudou. (...) E, muitas vezes, a gente tem que saber também... trocar esses papéis, entendeu?" (Homem, casal 3)*

Contudo, o discurso dos entrevistados demonstra que a possibilidade de existir uma maior flexibilidade nos papéis femininos e masculinos ainda é difícil de se concretizar na prática. Até porque, de um modo geral, os interesses de homens e mulheres continuam voltados para a divisão tradicional. Embora, para os homens, tenham ocorrido mudanças, para as mulheres, estas ainda deixam muito a desejar.

*" (...) o homem jamais chega e vai verificar que uma toalha de banho tá... que não tem toalha de banho em casa. Só quando... ele for procurar... e não tem, não existe mais nenhuma... Ai ele vai falar assim: Ô fulana... não tem... cadê a toalha de banho? Entendeu? (...) essas coisas miúdas... eles realmente... realmente não se tocam. Isso é coisa de mulher." (Mulher, casal 5)*

*" As coisas da casa... acho que ainda tem um... do feminino. Trocar cocô de criança e... cuidar aí... E ter contato com a empregada... né? (...) é muito assim mesmo. O cara fica ali, pergundo mais de leve pra trocar uma fralda... fazer mamadeira... Se bem que eu acho que os caras já ficam mais ligados." (Homem, casal 7)*

*" (...) antigamente... era muito difícil você ver um homem carregando um... uma criança no colo... Ele achava que... criança era problema da mulher. (...) isso não era coisa de homem. Assim como as tarefas domésticas também. Hoje em dia é diferente. (...) Hoje em dia os dois fazem as coisas juntos, né? Ela também trabalha. (...) já tem mulheres que*

*ganham mais do que o homem. (...) já tem casos aí do pai tomar conta da criança e a mulher vai trabalhar.” (Homem, casal 9)*

As mulheres consideram que, na divisão das tarefas domésticas e no cuidado cotidiano com os filhos, apesar de algumas exceções, o encargo maior ainda é da mulher.

*“ (...) a administração é... da vida doméstica. Isso eu acho que ainda é... um pouco mais... pesado pra mulher. Por mais que você tenha... um marido companheiro. Eu acho que eu tenho. Eu acho que o X é super companheiro num monte de coisas, mas... eu acho que aí já é uma coisa meio de... de cultura, não sei, entendeu? Porque, naturalmente... eu acabo absorvendo mais coisas do lado doméstico.” (Mulher, casal 1)*

*“ Não tenho a menor dívida disso. (...) Tudo é a mãe. Ainda é a mãe. Ah não! Os pais hoje em dia são modernos, eles dividem. Não dividem. Dividir não dividem... ajudam... Sabe? Compartilham... Mas não dividem. Dividir é ao meio. E isso não existe. Mesmo com os casais mais “modernos”.” (Mulher, casal 7)*

As mulheres ressaltam que os homens, quando participam efetivamente das tarefas domésticas, são exceções, porque a maioria só “dá uma ajudinha”.

*“ (...) eu acho que... a visão... do homem... no casamento é um pouco assim... Não é ser servido, mas... é... Tudo bem, eu dou uma ajuda pra mulher. Não é: ah, vamos fazer isso juntos. (...) Não é uma divisão exata... dos deveres da casa. (...) ele tem como hábito: ah, eu vou ajudar a minha mulher... mas, como se... não fosse obrigação nenhuma.” (Mulher, casal 7)*

*“ O X tem um padrão de comportamento... que não é o padrão... geral, masculino. Ele... cozinha... Ele ajuda a cuidar do filho... entendeu? Ele tem tanta importância na criação do x(filho) quanto eu. E, faz trabalhos... que seriam femininos, né? E... que a maioria dos homens não faz. Né? E ele faz isso com a maior naturalidade. Não... tem nenhum peso... porque é coisa de mulher e eu tô fazendo. Não. Ele faz... numa boa.” (Mulher, casal 4)*

Apesar de as mulheres, geralmente, se encarregarem mais das tarefas domésticas, o desempenho dessas atividades exige delas uma certa “preparação”,

uma adaptação ao “papel”. O discurso das mulheres demonstra que, aprender a ser “dona de casa” é, muitas vezes, um processo difícil, que é vivenciado como uma verdadeira transformação.

*“ Eu mudei muito também a relação com a casa... Eu passei a ser dona de casa. Eu fui criada... com uma mãe que... não gostava de cozinhar... uma mãe, num clima feminista... Então, assim, essa parte doméstica, da administração doméstica... compras, cozinha, empregada... eu achava isso menor... Eu não queria tomar conhecimento.” (Mulher, casal 4)*

*“ Mas, enfim, eu aprendi. Tive que aprender a ser dona de casa... Né? Principalmente com a chegada do filho. No começo foi muito difícil. Eu odiava! Uma coisa que era um tormento, era uma... era uma coisa assim... muito desagradável. Hoje em dia já tá... tem que ser feito... já que tem que ser feito, vamos tratar com leveza... É, isso pra mim foi o que veio mais forte, assim no casamento, a administração... Quer dizer ter que conciliar... minha vida profissional... E agora... é... um monte de gente, uma família... Entendeu?” (Mulher, casal 4)*

As falas femininas indicam, ainda, que as mulheres assumem mais o lado doméstico porque consideram que esse é um comportamento que delas se espera. Assumem a gerência desse espaço porque isso encontra-se culturalmente arraigado.

*“ (...) essa divisão maior... eu acho que é uma coisa que... que é até difícil de... de discutir... porque eu acho que é uma coisa que os homens, de maneira geral, não percebem. (...) é uma coisa meio intrínseca, sabe? (...) entre o jornal e a criança que tem que comer, eu tenho que olhar primeiro a criança que vai comer, entendeu? Isso eu acho que na cabeça das mulheres... esse lado assim do ter que cuidar da cria, o ter que cuidar das coisas da casa, do ter que botar uma comida na mesa... eu acho que isso tá mais... arraigado na gente. Tá assim mais... é... dentro. Por mais que você saia, que você trabalhe, que você tenha a sua vida... Do que nos homens. Eu acho que os homens esperam, né? (...) esperam, de uma maneira geral, que a gente tome as atitudes pra fazer as coisas, entendeu? (...) A casa como é que vai ser, a empregada, as crianças, o que tem que fazer.” (Mulher, casal 1)*

*“ Eu acabo aharcando muito mais... as coisas relativas aos filhos, do que ele. Até por uma questão de tempo, ele tá muito*

*mais tempo fora de casa do que eu. Enfim. Por uma questão de educação também, eu assumo. Entendeu? Essa coisa mais ligada aos filhos.” (Mulher, casal 13)*

Mas, muitas mulheres demonstram, em suas falas, uma insegurança quanto ao seu “bom” desempenho no papel de donas de casa.

*“ Quando você casa, você tem que fazer as coisas acontecerem... né, na sua casa. Isso você sente uma diferença assim brutal. Quando você mora na casa dos pais, a geladeira tá cheia, a mesa tá posta... Você chega em casa você quer... dormir, quer sair, não sei o que. Mas tá tudo funcionando. A partir do momento que você casa, você é responsável por tudo que tá acontecendo. A geladeira não vai tá cheia se você não fizer as compras, a mesa não vai tá posta se você não botar... O cano não vai tá consertado se você não chamar o bombeiro. Quer dizer... muda muito, né?” (Mulher, casal 3)*

*“ (...) às vezes eu ficava pensando assim muito em... como é que eu... do jeito que eu era comodista... como é que eu ia administrar uma casa? Então, era uma expectativa... acho que talvez, de repente, muito com relação ao meu papel nessa história. Assim, como é que eu ia dar conta de, de repente, ter a minha casa pra administrar, né? (...) eu não gosto de cozinhar... Ter que botar roupa pra lavar, ter que cuidar da casa, limpar... sabe? Como é que vai ser essa coisa do dia a dia? Essas coisas... chatas, às vezes, né? E, de repente eu vi, me apaixonei por essas coisas. Não gosto de cozinha, essa coisa eu continuo não gostando. Mas... eu curto a minha casa... tenho prazer em arrumar. (...) não gosto de cozinhar... mas hoje em dia eu vou pra cozinha com uma outra cara. Não fuço comida, mas... quebro um galho pra fazer algumas coisas. Isso também foi uma coisa legal, o X nunca me cobrou. Então, assim... aquelas comidas meio... práticas, já meio prontas. Às vezes comida congelada... faço um lanche... preparo um jantar... mas, assim... dentro do meu limite, né? E as coisa foram se ajeitando, assim... eu vi que o X não era muito exigente com relação a isso... É... nunca me cobrou, nunca me senti cobrada nesse sentido, né?” (Mulher, casal 12)*

Comparando a fala de uma mulher com filhos com a de uma sem filhos, podemos perceber que o desempenho das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos acabam sendo uma prioridade, mesmo para aquelas que trabalham fora. A

administração da dupla jornada de trabalho é sentida como um peso e uma dificuldade para o pleno desenvolvimento profissional.

*" (...) eu acho que ainda é uma coisa complicada... essa... essa divisão, eu acho que ela não existe. Eu acho que... nisso a mulher... de hoje, a mulher casada, com filhos e que trabalha fora... eu acho que... sofre um pouco mais com isso, porque a gente tem uma dupla jornada mesmo, entendeu? Não é só uma coisa intelectual dizer: oh, a dupla jornada. Não. Eu sinto isso na pele. Porque a hora que tem que levar o filho pro médico... eu posso tá trabalhando, mas quem tem que encaixar um horário no dia pra levar sou eu. (...) Então... acaba realmente é... esse lado... é... doméstico, lado... né... mesmo... é... com os filhos... nesse ponto, eu acho que sobra um pouco mais... pra mim." (Mulher, casal 1, com filhos)*

*" A profissão sempre foi a coisa mais importante da minha vida. E, eu achei que não ia conseguir... realizar as coisas que eu queria, na minha vida profissional, porque eu ia ter um marido. (...) o grande entrave na minha vida seria o marido. Isso pra mim era uma coisa muito clara. Porque é o que você vê nos casamentos. É mais difícil você ver uma mulher deslanchar profissionalmente... quando... uma vez ela casada, com filhos e tal. Porque ela tem outras... ela tem outra demanda, tem outra... outras necessidades. Ela tem até outras prioridades, de repente, o filho e tal. E eu não tive filhos. E... e o nosso... é... o X não, não... não me enche o saco, não me cobra nada. O casamento... não me impediu... de fazer... tudo o que eu queria em termos profissionais. (...) eu faço as coisas sem encher tanto o saco... porque eu tenho um homem que vai chegar em casa e não vai me cobrar que eu não... que eu não fiz o jantar. E eu não faço jantar, eu não faço almoço, eu não faço nada. Eu tenho uma empregada que faz pra mim. Eu pago ela pra fazer pra mim. (...) Porque eu... eu sou... péssima dona de casa." (Mulher, casal 8, sem filhos)*

As mulheres sem filhos consideram que preocupar-se com a conciliação da vida profissional e a administração da vida doméstica cria uma dificuldade a mais para ser manejada no dia a dia do casamento. Além disso, a concepção de que os filhos podem atrapalhar o desempenho profissional leva algumas mulheres a adiarem os seus projetos de maternidade.

*" Conciliar... a carreira da mulher com... com o casamento. Acho que essa deve ser... a dificuldade mais... gritante. Porque... eu vejo assim: o homem vai, trabalha e ninguém*

*discute. Mas se a mulher... se a criança tá pouco tempo com os pais... quem tem que diminuir a carga horária de trabalho é a mulher. Nunca o homem. Né? (...) E a mulher, hoje em dia, ela vê muita importância na sua vida profissional. Tanto quanto... ter filhos. Né?" (Mulher, casal 7, sem filhos)*

*" (...) a vida profissional hoje talvez... seja assim... pra algumas pessoas... uma coisa que dificulte essa coisa do casamento, né? Pras pessoas que priorizam a ... a vida profissional. (...) algumas pessoas preferem adiar determinados planos, assim como, casar, ter filhos e tudo... em função de uma realização profissional, né?" (Mulher, casal 12, sem filhos)*

*" Eu acho que é muito difícil... a atividade de hoje é muito grande... todo mundo... é a sua carreira... sabe? (...) A nossa geração é pra... carreira... é... ter filho com 30 e tantos anos... Assim... quanto mais velho procriar melhor, né?" (Mulher, casal 7, sem filhos)*

O discurso das mulheres ressalta que conciliar organização doméstica e atividade profissional pode tornar o dia a dia do casamento mais difícil para as mulheres, porque, de um modo geral, os casais dividem as preocupações profissionais e financeiras, mas não as tarefas domésticas. A mulher não se ocupa mais só dos filhos e dos afazeres domésticos, está em busca, também, do seu desenvolvimento profissional. O homem, aceita cuidar dos filhos, mas não se mobiliza na mesma medida para outras atividades domésticas.

*" Eu acho que o dia a dia de um casal hoje... ele é mais complicado. Na medida que a mulher... na sua maioria... divide também a questão... da vida... é... profissional, né... de sair, de trabalhar, de ir a luta também buscar dinheiro." (Mulher, casal 1)*

*" (...) antigamente, a mulher não tinha muito essa, né, se ocupava mais de filho. E atualmente não tem isso. A mulher tem uma vida profissional... é... de correr atrás, de trabalhar, de seguir carreira, de... enfim. (...) que viajam, que tem compromissos... e que largam a casa mesmo." (Mulher, casal 12)*

*" (...) alguém tem que botar o café, alguém tem que fazer... Então lá vou eu fazer. É essa coisa que eu discuto um pouco. Eu acho que... essa participação... maior, isso não é uma*

*coisa que eu vejo só nele não. Nele eu vejo, cobro e a gente discute. Tudo bem. Mas eu vejo em outro homens, na maioria aliás... dos casais. (...) ainda não é uma divisão realmente. (...) principalmente em relação as crianças... eu acho que nesse ponto, principalmente, o X é super... companheiro... Em relação as crianças. Mas eu acho que essa divisão... ainda não é o que seria ideal." (Mulher, casal I)*

Pelo discurso dos entrevistados a respeito da organização do espaço doméstico, podemos perceber que a mudança nos papéis conjugais é mais uma possibilidade do que uma realidade nos relacionamentos contemporâneos. Embora alguns casais consigam, de fato, construir um relacionamento mais flexível com relação ao desempenho dos papéis de gênero, a grande maioria se depara com dificuldades para manejar as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos.

## Capítulo 5

### Conclusão

## 5 - Conclusão

Nosso objetivo, ao longo desse trabalho, foi discutir as peculiaridades das relações conjugais contemporâneas, especialmente, no que se refere às suas tentativas de conciliar demandas contraditórias, tais como apoiar os indivíduos em seus processos de desenvolvimento e criar condições para o estabelecimento de uma vida compartilhada. Partimos da premissa de que as relações conjugais, na atualidade, são constituídas em torno dos indivíduos e da construção de suas identidades, sendo o seu princípio básico apoiar o crescimento e o desenvolvimento de cada parceiro. Contudo, entendemos, também, que a constituição de um casal requer a construção de estruturas comuns, o que faz com que a busca de individualização dos parceiros e a necessidade de integração da relação sejam um desafio constante para os relacionamentos contemporâneos.

A partir da pesquisa de campo que realizamos, pudemos constatar que os casais entrevistados também enfrentam, em seus relacionamentos, o desafio de tentar conciliar as demandas de autonomia e realização dos parceiros com a construção de um universo comum. Os entrevistados entendem que o casal deve dar suporte ao desenvolvimento dos indivíduos, mas estes devem se desenvolver como membros de um casal, conciliando os seus interesses com as demandas da relação. Para os casais, os indivíduos se transformam em parceiros, quando aceitam compartilhar interesses e adaptar as suas demandas às necessidades conjugais. Tornar-se um casal implica, necessariamente, uma construção comum e requer a “substituição” de objetivos individuais por propostas conjuntas. Assim, a valorização excessiva do indivíduo e da satisfação de seus objetivos e desejos são fatores que dificultam a vida em comum.

O casamento cria demandas que diminuem a atuação do indivíduo e favorecem o contexto compartilhado. De um modo geral, existe uma tendência na relação de os parceiros privilegiarem o espaço conjugal, direcionando os seus desejos e interesses para aqueles compartilhados pelo casal. Contudo, existe também uma busca de delimitação de espaços individuais, para que cada um possa dar vazão à sua singularidade. Entretanto, o manejo da individualidade na relação

conjugal exige alguns cuidados, para que a sua preservação não desestabilize o casal. A delimitação de espaços na relação deve ser equilibrada, pois universos muito separados dificultam a cumplicidade do casal e uma certa "mistura" é necessária à conjugalidade. Assim, o desafio dos casais é preservar o espaço de expressão da individualidade sem prejudicar a manutenção da conjugalidade. A convivência exige uma disposição permanente dos parceiros para superarem as suas dificuldades e encontrarem um equilíbrio entre os seus interesses individuais e as peculiaridades de uma vida compartilhada, de modo que o relacionamento possa acompanhar as necessidades de realização dos indivíduos e apoiar as demandas da relação.

Os casais entrevistados valorizam tanto a construção de um universo compartilhado quanto a preservação da individualidade dos parceiros e estruturam a sua relação tentando integrar aspectos que privilegiem o comum sem anular o particular, o que aumenta as suas áreas de possíveis conflitos. Os casais querem criar um espaço comum de interação, mas querem também manter as suas diferenças individuais. Na dinâmica relacional desses casais, a necessidade de integração dos cônjuges e a percepção de suas diferenças criam uma tensão constante. O casamento é concebido como uma relação de concessões e de delimitações de espaços, onde os parceiros se tornam mais disponíveis para "curtir" o que têm em comum quando respeitam a maneira de ser de cada um e criam espaços para expressar as suas singularidades.

O respeito às diferenças individuais é um pressuposto básico na construção do relacionamento conjugal. Para os entrevistados, os parceiros vão construindo o seu modo de se relacionar baseado no conhecimento das peculiaridades de cada um e no respeito às suas diferenças, o que requer uma disposição permanente para observarem a si mesmos, ao outro e, a partir disso, construir o seu relacionamento. Os entrevistados se mostram preocupados em aprender a lidar um com o outro, estando atentos às suas características de personalidade e aos seus estados emocionais. Consideram que o relacionamento existe na medida em que é construído pelos parceiros e a sua continuidade depende da qualidade da interação estabelecida. Por isso, os cônjuges têm que estar atentos às suas características

individuais e às suas oscilações emocionais. Assim, o auto-conhecimento e a troca entre os parceiros são condições essenciais para a construção do relacionamento.

O relacionamento é concebido como um espaço de aprendizagem e de crescimento comum, onde cada parceiro se enriquece como pessoa e um ajuda o outro no seu processo de desenvolvimento individual. Os entrevistados entendem que, através da convivência e das trocas afetivas, os cônjuges vão aprendendo novas formas de lidar consigo mesmo e com o outro. Assim, o relacionamento torna-se um espaço de crescimento, pois proporciona aos cônjuges a possibilidade de aprenderem com as suas diferenças e se transformarem por essa interação. Além disso, a relação fornece um suporte emocional para os parceiros atuarem no mundo com mais tranquilidade, pois a intimidade e a cumplicidade geram a segurança de um apoio mútuo. Desse modo, os casais podem construir um relacionamento onde o compartilhar proporcione a segurança necessária ao desenvolvimento dos parceiros.

Os casais desejam construir um relacionamento que seja pautado no respeito às diferenças individuais e que seja capaz de dar suporte aos indivíduos, proporcionando uma troca entre os parceiros. Contudo, a constituição do casal contemporâneo aparece nas falas dos entrevistados ressaltando alguns dilemas peculiares. Os dilemas mais marcantes são os que dizem respeito a aspectos como: renovação/ estabilidade e companheirismo/ erotismo.

O dilema renovação/ estabilidade é expressado pela concepção de que a vida a dois é um espaço de apoio e de suporte emocional. Entretanto, a segurança proporcionada pelo convívio não deve paralisar os parceiros nas suas buscas de renovação do relacionamento. Os entrevistados entendem que o casal deve manter uma convivência transformadora, sem cair na estagnação da rotina, nem se fechar em padrões rígidos de comportamentos, para que a relação não se perca nas acomodações e nos problemas cotidianos. Essa idéia está ligada ao princípio de que a relação deve se constituir como um espaço de crescimento e, portanto, precisa estar em constante transformação. Embora a tendência dos parceiros seja encontrar um ponto de equilíbrio no relacionamento e se acomodar, a relação é concebida como um processo em andamento que, para se manter, depende da disponibilidade dos cônjuges para estarem, continuamente, envolvidos num movimento de

construção e reconstrução da relação. Isto torna a manutenção do relacionamento um desafio constante, que depende de um verdadeiro engajamento dos parceiros.

Para os casais entrevistados, o dilema do companheirismo/ erotismo se estrutura em torno da premissa de que, na convivência cotidiana, é o companheirismo que constrói a relação, mas o casal, para se manter enquanto tal, precisa preservar o erotismo e o prazer na relação. Na verdade, esse dilema não se mostra, inicialmente, tão problemático para os entrevistados, porque o que é privilegiado, de fato, é o sentimento amoroso, que, nesse caso, se traduz pela cumplicidade e pela preservação do carinho entre os parceiros. A intensidade erótica, que inevitavelmente diminui no casamento, é substituída, segundo eles, pelo prazer de estar junto e de se sentir amado. A sensação de segurança e apoio mútuos gerados pela cumplicidade da convivência parecem, a princípio, suprir as necessidades afetivas dos casais entrevistados. Mas, a longo prazo, esse pode se tornar um ponto de tensão para o relacionamento, uma vez que a busca de renovação é uma premissa básica. E, o prazer, inclusive o sexual, é considerado, por eles, uma condição essencial para a manutenção do casal enquanto par amoroso. Nesse sentido, as premissas de busca de renovação e de estabilidade, que estruturam esse tipo de relacionamento, podem, ocasionalmente, se conflitar na dinâmica do companheirismo/ erotismo.

Uma das formas de os casais entrevistados, sobretudo daqueles que têm filhos, atenuarem a força do dilema companheirismo/ erotismo é focalizar suas energias nas preocupações com a família em construção, já que, uma mudança qualitativa se processa na sua identidade conjugal com o nascimento dos filhos. O fato de se tornarem uma família produz uma transformação na maneira como os cônjuges vêem o seu relacionamento e de como se vêem diante do mesmo. O nascimento dos filhos altera a relação do casal e os parceiros se percebem como não sendo mais só um para o outro. Geralmente, o casal se deixa absorver pelas dificuldades que a adaptação a essa fase comporta. Muitas vezes, a realidade familiar torna-se tão prenhe para os entrevistados que eles não conseguem nem separar os filhos do cônjuge, formando um todo sem delimitações. Nesse caso, a identidade conjugal se confunde com a família constituída. E o casal, apesar de muitas vezes querer manter-se enquanto tal, percebe-se mais como uma família do

que como um par e tende a privilegiar mais as demandas do núcleo familiar do que as necessidades conjugais. Isto altera, consideravelmente, a sua concepção de casal, uma vez que essa passa a abranger mais a noção de família do que a de relação amorosa. Passa, portanto, a ser mais importante para o casal valorizar o companheirismo do que o erotismo.

O discurso dos entrevistados mostrou que homens e mulheres buscam o desenvolvimento de um relacionamento pautado mais na "conscientização" das dificuldades de uma vida a dois do que nas fantasias românticas e apaixonadas. Preferem construir o relacionamento a partir da convivência e dos conhecimentos mútuos e procuram não se apoiar em expectativas idealizadas ou em modelos prévios. Os entrevistados consideram que as possibilidades do relacionamento vão sendo construídas na interação do dia a dia. Na convivência os parceiros, vão "equilibrando" as suas expectativas e aprendendo a lidar um com o outro sem idealizações. Assim, a relação vai se construindo a partir das situações vividas no cotidiano e à medida que os parceiros vão se conhecendo melhor.

Contudo, as mulheres expressam em seus discursos alguns conflitos com relação à superação dos ideais românticos na construção do relacionamento. As mulheres enfatizam que é necessário superar o modelo idealizado de casamento e encarar as dificuldades do relacionamento, pois a dinâmica da relação não corresponde à imagem que foi idealizada. Entretanto, simultaneamente, parecem sentir uma nostalgia pela perda do ideal de amor eterno. As mulheres ressaltam que, mesmo sabendo que o casamento pode não durar e que, certamente, não será sempre romântico, desejariam que o relacionamento fosse eterno e apaixonado. Todavia, as mulheres se mostram cautelosas quanto às suas expectativas de continuidade do relacionamento e precavidas quanto à vivência de um modelo excessivamente romântico. Elas sinalizam em seus discursos o desejo de viverem uma relação intensa e apaixonada no casamento, mesmo considerando que isso não será possível, porque as dificuldades enfrentadas pelo casal no cotidiano impedem a manutenção da paixão.

As mulheres vinculam a continuidade do relacionamento aos seus sentimentos pelo parceiro e à sua satisfação com o relacionamento. Este é um ponto bastante enfatizado em seus discursos. Elas querem que o casamento seja uma

escolha amorosa e não uma relação de acomodação. Os homens não se referem tão enfaticamente a esse aspecto; apenas acentuam que a relação deve ser satisfatória para ambos, mas não demonstram querer discutir a sua opção conjugal ou os seus sentimentos pela parceira. Afirmam, também, que não gostariam de se separar e, até, não saberiam mais viver sem a estrutura familiar que se criou à sua volta. Os homens consideram que os casais têm que lutar para superar as suas dificuldades. As mulheres concordam com isso, mas, desde que ainda haja amor e prazer em estar junto. Homens e mulheres concordam que, para superarem suas dificuldades, é importante que ambos gostem de estar casados e estejam dispostos a enfrentarem juntos as adversidades.

No discurso dos entrevistados, pudemos perceber que homens e mulheres se engajam no relacionamento conjugal de maneiras diferenciadas. Enquanto as mulheres entendem o casamento como um bem-estar comum e um comprometer-se com a vida do outro, os homens o concebem como um compartilhar o que se gosta ao lado do outro. O que, em si, já implica diferenças significativas, uma vez que, nessa concepção, as mulheres vão se engajar no relacionamento buscando uma integração maior do que os homens. Nesse sentido, podemos entender por que as mulheres buscam compartilhar no relacionamento até o que não têm em comum, deixando-se invadir pelas solicitações constantes do marido e dos filhos e pensando mais em conjunto do que individualmente. Ao passo que, os homens consideram a esposa e os filhos companheiros em sua jornada, o que dá uma conotação inteiramente diferente ao compartilhar.

Por deixarem-se invadir pelos espaços compartilhados, as mulheres apresentam demandas maiores de delimitação de espaços individuais no relacionamento conjugal. O que faz com que estejam, constantemente, lutando com as suas necessidades de individualização, tentando resgatar a si mesmas, e suas atitudes de integração, priorizando a família e a relação conjugal. As mulheres enfatizam em seus discursos a sua disposição para não se anularem em função do marido, dos filhos ou da manutenção da relação, ressaltam estarem constantemente lutando pela preservação de sua individualidade, embora, na maioria das vezes, se sintam "misturadas" com a sua identidade conjugal e familiar.

As mulheres entrevistadas procuram manter espaços para o casal e a família, mas querem, também, poder ter os seus espaços individuais e expressarem a sua individualidade num contexto que não seja tão compartilhado. Contudo, a busca pela maior delimitação de espaços individuais é um processo conflitante para elas, pois, ao mesmo tempo em que desejam mais autonomia, sentem dificuldades em se verem como indivíduos e se definem como um *eu* atrelado a um *nós*, o que as faz privilegiar mais as demandas do *nós*.

Os homens entrevistados não demonstram ter muitos conflitos na delimitação de espaços na relação, pois não consideram que o casamento tenha trazido modificações para os seus interesses e atividades, nem para a expressão da sua individualidade. Eles entendem as delimitações de espaço no relacionamento como um processo de negociações, mas, sobretudo, de concessões. Para os homens, a capacidade de ceder é um aspecto fundamental no relacionamento, uma vez que, este se mantém na medida em que cada um aprende a ceder e abdica de determinadas atividades em favor do outro e da relação. Contudo, ressaltam que as renúncias devem ser recíprocas para que ninguém se sinta prejudicado.

Na fala dos entrevistados, os homens mantêm no relacionamento uma postura de ir lidando com as situações conforme estas se apresentam, enquanto que as mulheres, se preocupam mais em refletir sobre a relação e se sentem mais pressionadas a considerar a sua posição no relacionamento. Por outro lado, as mulheres estão constantemente mobilizadas para "agir", logo que detectam algo que possa interferir no relacionamento, enquanto que os homens não se mobilizam com "pequenos sinais". As mulheres parecem estar sempre dispostas a analisar as situações e questioná-las, já os homens, resistem um pouco a esses questionamentos frequentes.

As mulheres entrevistadas se interessam mais em observar o relacionamento e em promover o "bem-estar" dos parceiros, buscando soluções para os conflitos ou, simplesmente, conversando sobre a relação. Elas se questionam, frequentemente, sobre o relacionamento e sobre os seus sentimentos pelo parceiro, mas isso não significa que queiram terminar a relação; pelo contrário, consideram esses questionamentos um procedimento importante para reorganizar a relação e reavivar as emoções. Já os homens entrevistados ressaltam em suas falas que se aborrecem

um pouco com essa “excessiva” necessidade das mulheres de estarem constantemente avaliando as coisas. Elas se dispõem a conversar sobre as insatisfações na relação, sobretudo, quando algum fato, efetivamente, ocorreu, embora divirjam das mulheres quanto ao momento mais apropriado para essa discussão. Geralmente, as mulheres querem discutir o assunto no momento em que o fato está ocorrendo, enquanto que os homens preferem deixar os ânimos serenarem primeiro.

O discurso dos entrevistados demonstra que, na maioria das vezes, os homens são instigados ao diálogo pelas mulheres, pois estas consideram que os parceiros devem estar sempre dialogando e compartilhando um com o outro os seus sentimentos e as suas insatisfações. As mulheres entendem que o acúmulo de mágoas e ressentimentos, decorrentes da falta de diálogo, é um dos fatores que dificulta a continuidade da relação; por isso, valorizam tanto a conversação. Os homens concordam com esse argumento, mas discordam da dimensão dada pelas mulheres ao diálogo.

O discurso de homens e mulheres ressalta que a relação conjugal se constitui como um espaço fundamental na estruturação de suas vidas, mas sua manutenção depende da satisfação que proporciona aos parceiros. Para os entrevistados, o importante é estar junto enquanto for bom para ambos, enquanto houver amor e prazer no relacionamento, enquanto valer a pena superar as divergências e enquanto o relacionamento estiver propiciando o crescimento dos parceiros.

As falas dos entrevistados nos permitiram destacar os pontos desenvolvidos nessa conclusão como as principais características dos seus relacionamentos conjugais. O grupo estudado se contextualiza dentro de um segmento das camadas médias urbanas, com um universo de valores e práticas específicas. Portanto, não pretendemos que as suas considerações possam ser generalizadas para todos os casais contemporâneos. Entendemos que, acima de tudo, as relações na contemporaneidade são plurais e admitem uma infinidade possibilidades. A realidade atual é bastante complexa e as relações entre homens e mulheres ainda passam por transformações, o que, certamente, se refletirá na constituição dos seus relacionamentos conjugais. No entanto, esperamos que esse estudo possa ter contribuído para lançar luz sobre algumas características das relações conjugais

contemporâneas e estimule outros trabalhos sobre o tema, ampliando, assim, o nosso conhecimento sobre esse complexo universo e sobre as soluções encontradas por homens e mulheres para viabilizar os seus relacionamentos.

## Bibliografia

ANGELO, C. A escolha do parceiro, em: ANDOLFI, Maurizio., ANGELO, Claudio. e SACCU, Carmine. (Org.). *O casal em crise*, São Paulo: Summus, 1995, p.47-57.

ALMEIDA, Angela Mendes de. (Org.). *Pensando a família no Brasil*, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. *Masculino/ Feminino: tensão insolúvel*, Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ALMEIDA PRADO, Maria do Carmo. C. de A. Uma introdução aos quiproquós conjugais, em: FÉRES CARNEIRO, T. (Org.). *Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal*, Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia, 1996, p.17-24.

ALVARENGA, Lidia. L. de. *Na escuta do laço conjugal*, Rio de Janeiro: UAPÊ, 1996.

ANDOLFI, Maurizio., ANGELO, Claudio. e SACCU, Carmine. (Org.). *O casal em crise*, São Paulo: Summus, 1995.

ANDOLFI, M. Crise de casal e família trigeracional, em: ANDOLFI, M., ANGELO, C. e SACCU, C. (Org.). *O casal em crise*, São Paulo: Summus, 1995, p. 105-119.

BARDIN, Laurence. (1977) *Análise de conteúdo*, Lisboa: Edições 70, 1991.

BERGER, Peter e KELLNER, H. Le mariage et la construction de la réalité, Paris: *Dialogue - Recherches Cliniques et Sociologiques sur le couple et la famille*, n. 102, 1988, p. 6-23.

BERTAUX, D. Fonctions diverses des récit de vie dans le processus de recherche, *Societes*, n. 18, Mai. 1988, p. 18-22.

BLASSEL, Jean-Maurice. Le couple, épanouissement ou évanouissement personnel? Paris: *Dialogue - Recherches Cliniques et Sociologiques sur le couple et la famille*, n. 102, 1988, p. 80-85.

BRITO, Leila Maria Torraca de. *Ser educado por pai e mãe: utopia ou direito de filhos de pais separados*. Tese de Doutorado, Departamento de Psicologia, PUC-Rio, 1999.

CAILLE, Philippe. e HARTVETT, Hakon. Difficultés de la relation de couple ou le visage sombre de Janus, em: REY, Yveline. (Org.) *La thérapie familiale telle quelle...*, Paris: Les Édition ESF, 1983, p. 30-42.

- CAILLE, Philippe. *Um e um são três: o casal se auto-revela*, São Paulo: Summus, 1994.
- CARTER, Betty. e MCGOLDRICK, Monica. (1989) *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CHARNY, Israel W. An existential/ dialectical model for analyzing marital functioning and interaction. *Family Process*, v.25, Dec. 1986, p. 571-585.
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DIAS, Monica de V. *Casamento e Coabitação: Imaginário e Cotidiano*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, FUC-Rio, 1995.
- DEAL, James E.; WAMPLER, Karen S.; HALVERSON, Charles F. The importance of similarity in the marital relationship. *Family Process*, v. 31, n.4, Dec. 1992, p. 369-383.
- DÉCHAUX, Jean-Hugues. Orientations théoriques en sociologie de la famille, Paris: *Revue Française de Sociologie*, Jul.- Set., XXXVI - 3, 1995, p.525-550.
- DOHERTY, William J. Private lives, Public values. In: *Psychology Today*, May-June, 1992, p.32-37.
- DUMONT, Louis. *O individualismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- ECO, Humberto. (1977) *Como se faz uma Tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1991.
- FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. O casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: reflexão e crítica*, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1988, p. 379-394.
- FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. (Org.) *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- FIGUEIRA, S. A. (Org.) *Uma nova família?* Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- FONSECA, Cláudia. Amor e família: vacas sagradas da nossa época, em: RIBEIRO, Ivete e RIBEIRO, Ana Clara (Orgs.) *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995, p. 69-87.
- FRAENKEL, Peter. Time and Rhythm in couples. *Family Process*, v.33, n. 1, Mar. 1994, p. 37-51.
- GIDDENS, Anthony. *Modernity and self-Identity*, Cambridge: Polity Press, 1991.
- GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*, São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

GOLDANI, Ana Maria. As famílias brasileiras: mudanças e perspectivas, *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, Nov. 1994, p. 7-22.

GOLDENBERG, Miriam. *Ser homem, ser mulher: dentro e fora do casamento*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

GOLDENBERG, M. Do casamento ao casal. Em: ALBORNOZ, C. e KÜHNER, M. H. (Orgs.). *Homem, mulher: uma relação em mudança*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 1994, p. 97-104.

GUILLOT-MARCHI, Caroline. Et chez toi, qui fait quoi? In: NEYRAND, G. (Dir). *La Famille Malgré Tout*. Paris, Panoramiques, n.25, 1996, p. 162-167.

HEILBORN, Maria Luiza. O que faz um casal, casal? Conjugalidade, igualitarismo e identidade sexual em camadas médias urbanas, em: RIBEIRO, I. e RIBEIRO, A. C. (Orgs.) *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, 1995, p.91-106.

JABLONSKI, Bernardo. *Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

KAUFMANN, Jean-Claude. Que serais-je sans toi? L'individuel et le conjugal dans le processus d'identification de soi-même. Paris: *Dialogue - Recherches Cliniques et Sociologiques sur le couple et la famille*, n. 102, 1988, p.24-32.

KAUFMANN, J. C. *Sociologie du couple*, Paris: PUF, 1995.

KAUFMANN, J. C. Les deux vies du couple. In: NEYRAND, G. (Dir.). *La Famille Malgré Tout*. Paris, Panoramiques, n.25, 1996, p.90-93.

KELLY, George. *The psychology of personal constructs*, New York: W. W. Norton & Company. Inc., 1955.

KNUDSON-MARTIN, Carmen, e MAHONEY, Anne Rankin. Gender dilemmas and myth in the construction of marital bargains: issues for marital therapy, In: *Family Process*, v. 35, n. 2, June, 1996, p. 137-153.

LACH, Christopher. (1932) *Refúgio num mundo sem coração*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

LEMAIRE, Jean. Du Je au Nous, ou do Nous au Je? Il n'y a pas de sujet tout constitué, In: Paris: *Dialogue - Recherches Cliniques et Sociologiques sur le couple et la famille*, n.102, 1988, p. 72-79.

LERIDON, Henri et VILLENEUVE-GOKALP, C. Les nouveaux couples, *Population*, n. 2, 1988, p. 331-374.

MENACHEM, Georges. "Je veux" mais "nous pouvons": création conjugale et renaissance du moi, In: Paris: *Dialogue - Recherches Cliniques et Sociologiques sur le couple et la famille*, n.102, 1988, p. 33-43.

MENGHI, Paolo. O casal útil, em: ANDOLFI, M., ANGELO, C. e SACCU, C. (Org.) *O casal em crise*, São Paulo: Summus, 1995, p. 58-66.

MINAYO, Maria Cecília de S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasço, 1993.

MINUCHIN, Salvador e FISHMAN, Charles S. *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Questões metodológicas sobre a análise de discurso. Trabalho apresentado na 40ª reunião anual da SBPC, Julho 1988. Original datilografado cedido pela autora.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Teorias lingüísticas, concepções de língua(gem) e concepções de análise de discurso, *Original datilografado cedido pela autora*.

NICOLÓ, Anna. O modelo psicanalítico de funcionamento do casal, em: ANDOLFI, M., ANGELO, C. e SACCU, C. (Org.) *O casal em crise*, São Paulo: Summus, 1995, p.75-90.

PERELBERG, Rosine J. e MILLER, Ann C. (Orgs.) *Os sexos e o poder nas famílias*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

POIRIER, Jean; CLAPIER-VALLADON, Simone; RAYBAUT, Paul. (1983) *Les récit de vie: théorie et pratique*. Paris: Press Universitaires de France, 1996.

PREUSS, Miriam Raja Gabaglia. *Emprego doméstico e domínio simbólico*, Tese de Doutorado, Departamento de psicologia, PUC-Rio, 1995.

PUGET, Janine. Psychanalyse de couple: l'objet-couple de chacun et l'objet-couple partagé, In: *Dialogue - Recherches Cliniques et Sociologiques sur le couple et la famille*, n.102, 1988, p. 87-91.

QUEIROZ, Maria. Isaura. P. de. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

ROMANO, Elida. e BOULEY, Jean-Clair. O casal: terapeuta do indivíduo, em: ANDOLFI, M., ANGELO, C. e SACCU, C. (Org.) *O casal em crise*, São Paulo: Summus, 1995, p. 120-132.

SAGER, Clifford (1976) *Contrato matrimonial y terapia de pareja*, Buenos Aires: Amorrortu editores, 1980.

SAIEM, Tânia. O casal igualitário: princípios e impasses. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 9, v.3, Fev. 1989, p. 24-37.

SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno, em: CARVALHO, Maria do Carmo B. (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Educ/ Cortez, 1995, p. 39-49.

SEGALEN, Martine. *Sociologie de la famille*, Paris: Armand Colin Editeur, 1981.

SINGLY, François de. Un drôle de Je: le moi conjugal, In: *Dialogue - Recherches Cliniques et Sociologiques sur le couple et la famille*, n.102, 1988, p. 3-5.

SINGLY, F. (Dir.) *La famille l'état des savoirs*, éditions de la découverte, Paris, 1992.

SINGLY, F. *Sociologie de la famille contemporaine*, Paris: Nathan, 1993.

SINGLY, F. Le modèle singulier de la famille contemporaine, In: NEYRAND, G. (Dir.). *La Famille Malgré Tout*. Paris, Panoramiques, n.25, 1996, p. 29-35.

SOARES, B. M. Novas perspectivas no relacionamento amoroso, em: *Ciência Hoje*, São Paulo, v. 10, n. 58, Out. 1989.

THÉRY, Irene. Le probleme du "démariage". In: NEYRAND, G. (Dir.). *La Famille Malgré Tout*. Paris, Panoramiques, n.25, 1996, p. 19-22.

THÉRY, I. Différence des sexes et différence des générations. In: *Malaise dans la Filiation. Esprit*, Paris, Déc. 1996, p.65-90.

VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VAITSMAN, J. Indivíduo, casamento e família em circunstâncias pós-modernas, em: *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, 1995, p. 329-353.

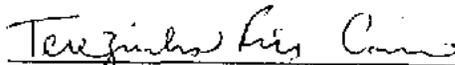
VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

WHITE, Barbara B. Gender differences in marital communication patterns, *Family Process*, v. 28, Mar. 1989, p. 89-107.

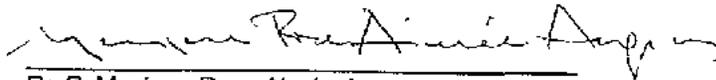
WILLI, Jürg. A construção diádica da realidade, em: ANDOLFI, M., ANGELO, C. e SACCU, C. (Org.) *O casal em crise*, São Paulo: Summus, 1995, p.38-46.

WILLI, Jürg; FREI, Robert; LIMACHER, Bernhard. Couple therapy using the technique of construct differentiation, *Family Process*, v.32, Set. 1993, p.311-321.

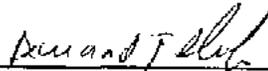
Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Monica de Vasconcelos Dias, intitulada "A construção do casal: Um estudo sobre as relações conjugais contemporâneas", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



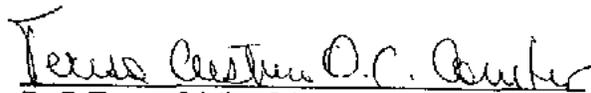
Profª. Terezinha Féres-Carneiro  
(Orientadora) PUC-Rio



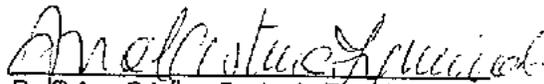
Profª. Monique Rose Aimée Augras  
PUC-Rio



Prof. Bernardo Jablonski  
PUC-Rio

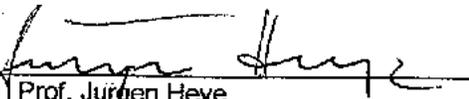


Profª. Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreteiro  
UFF



Profª Ana Cristina Costa de Figueiredo  
UFRJ

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, 25.1.2000.



Prof. Jürgen Heye  
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas